

M.W. CRAVEN

Vencedor do **Prémio CWA Gold Dagger** Melhor Policial



VERÃO NEGRO

TOP
SEL
LER

«Brutal e de leitura compulsiva.»

THE SUN

VISIT...

LANZAROTE
Caliente.COM

M.W. CRAVEN

Vencedor do **Prémio CWA Gold Dagger** Melhor Policial



VERÃO NEGRO

TOP
SEL
LER

«Brutal e de leitura compulsiva.»

THE SUN

*Para a Jo,
a minha melhor amiga e a minha alma gémea.*

A autofagia tomou conta do meu corpo.

Não consigo travá-la.

Estou demasiado fraco para me mexer. Os meus músculos foram decompostos em aminoácidos de que o meu corpo necessita para sobreviver. As minhas articulações estão rígidas e doridas devido à falta de lubrificação. Sinto picadas de agulha e um formigueiro nos pés e nas mãos à medida que os vasos sanguíneos sob a minha pele se contraem para proteger os meus órgãos principais. Os meus dentes abanam com o mirrar das gengivas.

O fim está próximo.

Consigo senti-lo.

A minha respiração é rápida e entrecortada. Sinto uma tontura. Pela primeira vez em vários dias, quero adormecer. Um sono do qual não voltarei a acordar.

Já não estou zangado.

Mas dantes estava. Durante dias, gritei e praguejei contra a injustiça de tudo aquilo. Contra o facto de, precisamente quando estava prestes a deixar a minha marca, tudo me ter sido tirado pelo homem com os olhos de tubarão.

Porém, já aceitei o meu destino.

Afinal de contas, a culpa é minha. Vim até aqui voluntariamente, ansioso por mostrar aquilo que tinha descoberto.

Já devia saber que ele não queria saber disso. Não estava

interessado na minha descoberta. Ele só estava interessado na outra coisa.

Por isso, vou ficar aqui deitado e descansar os olhos.

Durante um minuto.

Ou talvez um pouco mais...

Capítulo 1

No sul de França existe uma ave canora chamada sombria.

Mede 15 centímetros de comprimento e pesa menos de 30 gramas. Tem a cabeça cinzenta, o peito amarelo-pálido e a plumagem de um laranja encantador. Tem um bico cor-de-rosa atarracado e os seus olhos têm o fulgor de pequenas contas de vidro. O seu chilrear em *staccato* coloca um sorriso no rosto de todos aqueles que o ouvem.

É um ser de uma enorme beleza.

A maioria das pessoas, quando vê uma sombria, quer ficar com ela como animal de estimação.

Mas não todas.

Algumas pessoas não veem a sua beleza.

Algumas pessoas veem outra coisa.

Porque o outro aspeto notável em relação à sombria é o facto de ser o principal ingrediente do prato mais sádico do mundo. Um prato que exige que a pequena ave canora seja não só morta como torturada...

Um mês antes, a *chef* tinha comprado duas. Não é possível caçar sombrias a tiro sem as destruir por completo, por isso ela pagara a um homem para as caçar com rede. Cobrara-lhe 100

euros por cada uma. Um preço elevado, mas as coimas que ele teria de pagar se fosse apanhado seriam ainda mais altas.

Ela levava-as para casa para as engordar ao modo dos cozinheiros dos banquetes da Roma Antiga: arrancando-lhes os olhos com uma faca. Para as duas sombrias, o dia deu lugar à noite.

E era à noite que elas se alimentavam.

Durante um mês, devoraram milho-miúdo, uvas e figos. Quadruplicaram de tamanho. Engordaram até ficarem boas para serem comidas.

Um prato digno de um rei.

Ou de um velho amigo.

Quando recebeu a chamada, decidiu que ela própria as levaria até ao outro lado do Canal da Mancha.

Desembarcou em Dover e conduziu a noite toda até um restaurante em Cúmbria chamado Bullace & Sloe.

Os seus dois convivas não podiam ser mais diferentes.

Um dos homens usava um fato de bom corte com uma camisa de colarinho subido — um modelo oriental. A camisa branca estava bem engomada, e os botões de punho eram de ouro. Parecia culto e transmitia um à-vontade natural. Tinha um sorriso afável e teria enaltecido qualquer sala de jantar do mundo.

O outro homem usava calças de ganga sujas de lama e um impermeável. As suas botas pingavam água lamacenta para o chão da sala de jantar. Aparentava ter sido arrastado por um tojo de costas. Mesmo à meia-luz das velas bruxuleantes, parecia nervoso e agitado. Desesperado.

Um empregado aproximou-se da sua mesa e apresentou as aves nos tachos de cobre onde haviam sido assadas.

— Creio que vai gostar deste prato — disse o homem de fato. — É uma ave canora chamada sombria. A *chef* Jégado trouxe-as ela própria de Paris, e há coisa de 15 minutos afogou-as em brandy...

O seu interlocutor olhou fixamente para a ave: era minúscula e ainda crepitava na sua própria gordura. Ergueu os olhos.

— Como assim, «afogou»?

— É assim que o brandy entra nos pulmões.

— Isso é bárbaro.

O homem de fato sorriu. Já ouvira aquela conversa quando trabalhava em França.

— Atiramos lagostas vivas para dentro de água a ferver. Arrancamos as pinças a caranguejos vivos. Alimentamos gansos à força para obter *foie gras*. Há sofrimento em cada dentada que damos num animal, ou não?

— Seja como for, não é legal — contrapôs o homem de calças de ganga.

— Todos temos problemas legais. E estou em crer que os seus são mais graves do que os meus. Coma a ave ou deixe-a no prato, é-me indiferente. Mas, se decidir comer, faça como eu. Vai criar uma estufa de aromas e ocultar a sua gula dos olhos de Deus.

O homem de fato pegou no seu guardanapo vermelho-sangue bem engomado, colocou-o sobre a cabeça e introduziu a ave na boca, deixando apenas a cabeça de fora. Trincou e a cabeça caiu no prato.

A sombria estava a escaldar. Durante um minuto, o homem de fato mais não fez do que mantê-la na língua e sorver golfadas de

ar curtas e rápidas para a arrefecer. Aquela gordura deliciosa começou a deslizar pela sua garganta.

Exalou um suspiro de puro contentamento. Há seis anos que não comia assim. Começou, então, a mastigar a ave. Uma explosão de gordura, entranhas, ossos e sangue preencheu o seu palato. A mistura do doce da carne com o amargo das vísceras era sublime. A untuosidade que lhe cobria o céu da boca era avassaladora. Os ossos afiados perfuravam-lhe as gengivas, e o seu próprio sangue temperava a carne.

Um verdadeiro arrebatamento.

Por fim, os seus dentes rasgaram os pulmões da sombria. A sua boca foi inundada pelo delicioso *Armagnac*.

O homem de calças de ganga não tocou no repasto. Não conseguia ver a cara ao homem de fato — ainda escondida pelo guardanapo —, mas ouvia o triturar dos ossos e os suspiros de puro deleite.

O homem de fato demorou 15 minutos a comer a ave. Quando, finalmente, tirou o guardanapo, limpou o sangue que lhe escorria pelo queixo e sorriu para o convidado.

O homem das calças de ganga molhadas falou e o homem de fato ouviu. Passado algum tempo, e pela primeira vez naquela noite, o homem de fato revelou indícios de agastamento. O medo assomou ao seu rosto perfeitamente composto.

— É uma história interessante — concluiu o homem de fato. — Mas, infelizmente, vamos ter de ficar por aqui. Parece que temos companhia.

O homem de calças de ganga virou-se para trás. Reparou numa figura de fato parada à porta, com um polícia fardado ao seu lado.

— Foi por pouco. — O homem de fato abanou a cabeça e instou os agentes a entrar.

O polícia à paisana aproximou-se da mesa.

— Vou pedir-lhe que me acompanhe, senhor.

O homem de calças de ganga, aturdido, procurou uma saída. O empregado e a *chef* estavam na cozinha, por isso travariam a sua fuga.

O polícia fardado levou a mão ao bastão.

— Não faça nenhum disparate — disse o polícia à paisana.

— Tarde demais — rosnou o homem de calças de ganga. Agarrou numa garrafa de vinho pelo gargalo e brandiu-a como um bastão.

O vinho que estava na garrafa escorreu-lhe pela camisa ainda molhada.

Era uma situação de impasse.

O homem de fato assistia a tudo aquilo serenamente, sem nunca perder o sorriso.

— Têm de me deixar explicar! — sibilou o homem de calças de ganga.

— Terá oportunidade de explicar tudo amanhã — respondeu o agente à paisana.

O polícia fardado deslocou-se para a esquerda do homem.

A porta da cozinha abriu-se. O empregado entrou na sala, segurando uma bandeja de ostras. Viu aquela cena e deixou cair a bandeja de metal com o susto. Cubos de gelo e moluscos espalharam-se pelo piso de mosaico.

Ali estava a distração de que eles precisavam. O polícia fardado atirou-se às pernas e o agente à paisana atirou-se à cara. O

bastão ceifou-lhe os joelhos e o punho do agente à paisana acertou-lhe no queixo.

O homem de calças de ganga tombou no chão. O polícia fardado cravou-lhe um joelho nas costas, comprimiu-lhe a cabeça contra os mosaicos e algemou-o.

— Washington Poe — disse o agente à paisana —, está detido por suspeita de homicídio. Pode permanecer em silêncio, mas tenha em consideração que será prejudicial para a sua defesa se não referir, quando interpelado nesse sentido, factos que venham a ser provados em julgamento. Tudo o que disser pode ser considerado prova em tribunal.

DUAS SEMANAS ANTES

Dia 1

Capítulo 2

As luzes azuis desapareceram da Inglaterra rural. As imponentes esquadras da polícia vitorianas foram votadas à História, reduzidas em número e substituídas por centros de excelência modernos, bem equipados e desprovidos de alma.

Desapareceu também o guarda local, uma figura que agora existe apenas no imaginário daqueles que anseiam por um idílio campestre. Nos dias que correm, os agentes da polícia cumprem o seu turno praticamente a partir da janela do carro-patrulha.

Os supermercados Tesco têm duas vezes mais lojas abertas 24 horas por dia do que a polícia tem esquadras abertas 24 horas por dia.

Nenhuma região sofreu mais com a situação do que Cúmbria. Um condado com mais de 7500 quilómetros quadrados — em termos geográficos, o terceiro maior de Inglaterra — tem apenas cinco esquadras a tempo inteiro.

Alston, em North Pennines, a vila mercantil mais elevada do país, seguiu obviamente pelo mesmo caminho. A sua esquadra, um enorme e lindíssimo edifício independente, foi vendida em 2012 e substituída por um posto de polícia. Todas as quartas-feiras de cada mês, um elemento da equipa de policiamento local Eden Rural — os chamados «solucionadores de

problemas» — desloca-se até à vila, senta-se a uma secretária na biblioteca e regista as queixas dos cidadãos.

O agente solucionador de problemas Graham Alsop detestava as quartas-feiras de cada mês. Também detestava que lhe chamassem solucionador de problemas. Algumas das queixas que tinha de ouvir eram tão enfadonhamente insignificantes, tão desesperadoramente insolúveis que muitas vezes pensava que a vila tinha a inteligência coletiva de um balde de isco.

Não precisava de recuar mais de um mês para encontrar um bom exemplo daquilo que tinha de aturar. Um senhor de idade avançada aproximara-se dele e despejara um saco cheio de excrementos de cão em cima da sua secretária. Poias de cão. O homem disse que estava farto de as encontrar junto das suas galardoadas rosas Lady Penzance. Alegava que a sua vizinha permitia que o seu *dachshund* coxo defecasse nas suas rosas para se vingar do facto de ele ter ganhado o concurso da vila. Exigia que Alsop levasse os excrementos para o «laboratório» para determinar o ADN do autor. Ficou espantado ao descobrir que não existia nenhum «laboratório», nem tão-pouco uma base de dados canina que pudesse comparar duas poias de cão. Era uma questão do foro cívico, e o agente aconselhou-o a procurar um advogado. E, por favor, que levasse consigo o seu saco de merda. É claro que, se a questão se agravasse para um infame homicídio de dejetos de cão, o agente solucionador de problemas Alsop teria contas a prestar, mas há riscos que vale a pena correr.

Não obstante, foi um dia calmo. A biblioteca abria às 9 horas, e, até à chegada do primeiro grupo de leitura, cerca de uma hora depois, Alsop e os funcionários da biblioteca costumavam ter o

espaço por sua conta. Havia tempo suficiente para um chá e torradas antes da chegada dos maluquinhos.

Naquela manhã, ele até tinha um plano. Tencionava ler o jornal e depois seguir para a charcutaria para comprar um pedaço de queijo Alston. Uma das bibliotecárias ia ensiná-lo a fazer um *soufflé*. Alsop acreditava que preparar um *soufflé* de queijo para a sua pobre mulher seria a forma perfeita de a amolecer antes de lhe falar da proposta que recebera para fazer uma viagem de golfe a Portugal.

Era um bom plano.

O problema dos planos é que podem transformar-se num saco de merda em menos de nada.

De início, ele pensou que a rapariga estava a arrastar-se para casa após uma noite de borgia que acabara numa cama que não a dela. Trazia um gorro de lã, uma camisola lisa de mangas compridas e *leggings* pretas. Vinha a coxear, avançando de forma irregular e titubeante. Os seus ténis baratos arrastavam-se pela alcatifa.

Parou a meio da biblioteca e olhou em volta. Não parecia ter um livro específico em mente. Os seus olhos passaram pela secção de livros infantis, depois pela de história local e, por fim, pela secção de autobiografias. Provavelmente, um estratagema para poder usar a casa de banho. Passar água pelo corpo, talvez cheirar uma linha de coca e depois apanhar um táxi para Carlisle. Alston não tinha população estudantil residente, mas mesmo assim havia festas ocasionais.

Porém... Alsop fizera a sua carreira quase toda como polícia de

giro no centro de Carlisle, e não tinha perdido os seus instintos.

Algo não batia certo.

A sua avaliação inicial não correspondia à verdade. A rapariga não parecia estar envergonhada; parecia assustada. O seu olhar galgava de um lado para o outro, em busca de alguma coisa. Depois, semicerrou os olhos através do pó que pairava languidamente no ar, sem nunca os incidir numa única coisa mais de um segundo. Mas não eram os livros — cuidadosamente arrumados, com as lombadas para fora e dispostos por ordem alfabética — que mereciam a sua atenção. Não... O seu olhar percorria os funcionários da biblioteca, descartando-os sucessivamente assim que se fixava neles.

Quando ela o viu, Alsop percebeu que a sua manhã já não seria dedicada a aprender a fazer o *soufflé* perfeito. Era por ele que ela estava ali. Coxeou até à sua secretária, a cara num esgar de esforço. Parou à frente dele, o braço esquerdo sobre o peito magro e a mão pousada no ombro direito. A cabeça pendia para o lado. Seria uma imagem amorosa se não fosse tão inquietante.

— É a polícia? — perguntou, num tom neutro.

— Toda, toda, não — respondeu ele.

Ela não sorriu ao ouvir o gracejo. Não reagiu minimamente. Alsop observou-a, à procura de um sinal, de um prenúncio do que aí vinha. Porque ele não tinha ilusões: alguma coisa estava prestes a acontecer.

A rapariga estava exausta. Uns olhos castanhos cansados assentavam sobre as órbitas pisadas e encolhidas. Os fiapos de cabelos que espreitavam por baixo do gorro estavam emaranhados, baços e sem vida. Emolduravam um rosto severo.

Tinha umas maçãs do rosto pálidas e pronunciadas, e a sujidade da sua pele estava serpenteada pelo rasto de lágrimas. Uma viscosidade branca formara-se à volta de uma boca pontilhada por manchas. E ela era magra. Mas não magra como uma modelo. Esquelética. Subnutrida.

Alsop passou para a frente da secretária, puxou uma cadeira e instou-a a sentar-se. A rapariga aterrou na cadeira com gratidão. Ele voltou para a sua cadeira, uniu os dedos das mãos e pousou sobre eles o queixo.

— Diga-me, então: em que posso ajudá-la, minha querida? — Ele era um polícia da velha guarda, e não estava habituado aos formalismos neutros que sabia que devia empregar.

Ela não respondeu. Limitou-se a fitá-lo com o seu olhar perdido. Era como se ele não estivesse ali.

Mas não havia pressa. Ele estava habituado a lidar com o público e sabia que as pessoas tinham o seu próprio tempo para começar a falar.

— Fazemos assim, que tal começarmos por uma fácil? Comece por dizer-me o seu nome. — Ela pestanejou e pareceu despertar do transe em que estava mergulhada, mas aparentemente o conceito de nome era-lhe totalmente desconhecido. — Sabe o que é um nome? Todos temos um, certo?

Ela não sorriu.

Mas disse-lhe como se chamava.

E Alsop percebeu que estava em apuros.

Ele e todos.

Dia 4

Capítulo 3

Um velho índio Cherokee disse ao neto que veio ter consigo cheio de ódio por outra pessoa:

«Deixa-me contar-te uma história. Também eu já odiei aqueles que me fizeram mal. Porém, o ódio desgasta-nos, mas não magoa aqueles que nos magoaram. É como tomar veneno na esperança de que o nosso inimigo morra. Também eu já me debati com estes sentimentos amiúde. É como se tivesse dois lobos dentro de mim, a debaterem-se pelo domínio do meu espírito. Um lobo é bom e não magoa ninguém. Vive em harmonia com todos os que o rodeiam e não leva a peito ofensas que não são intencionais.»

«E o outro lobo, avô?»

«Ah», respondeu o velho. «O outro lobo é mau. Está cheio de raiva. A menor provocação desperta a sua cólera. Não consegue raciocinar porque o seu ódio e fúria são desmesurados. E é uma fúria vã, pois ela nada consegue mudar.»

O rapaz olhou fundo nos olhos do avô.

«Que lobo leva a melhor, avô?»

O velho esboçou um sorriso.

«Aquele que eu alimentar.»

Esta antiga fábula Cherokee não saía do pensamento do

inspetor Washington Poe nos últimos tempos. Ele passara toda a sua vida a alimentar o lobo mau. Pensava que sabia porquê. O abandono da mãe fizera dele uma criança irada, e o sentimento de abandono nunca desaparecera. Ocasionalmente, tornava-se mais ténue, mas quase nunca durante tempo suficiente para conseguir ter uma noite descansada sem acordar de repente e a tremer.

Agora ficara a saber que a sua fúria se baseara numa mentira.

Poe tinha sido concebido quando a sua mãe fora violada numa receção diplomática em Washington, DC. Ela não o abandonara. E, como um lembrete, batizara-o Washington para conseguir ter a coragem de virar costas. Tinha pavor de não conseguir esconder a repulsa quando a imagem do violador começasse a desenhar-se no rosto do seu filho.

O homem que o criara, o homem a quem chamara pai durante quase 40 anos, não era o seu pai biológico. Essa honra pertencia a outro.

Desde que descobrira a verdade que a sua fúria e ressentimento se tinham transformado numa raiva desmesurada, uma necessidade premente de vingança. O facto de a mãe ter morrido antes de ele descobrir a verdade só agravava o sentimento de injustiça. Recentemente, algo dentro de si desfizera-se em pó.

Durante algum tempo, teve a distração do caso do Imolador. Fora uma testemunha fulcral, passando vários dias a prestar depoimento perante comissões e em audiências públicas. Mas isso terminara. O depoimento de Poe, juntamente com as provas que ele e todos os envolvidos no caso haviam descoberto, garantira o resultado mais adequado: a história do Imolador fora

confirmada e era agora do domínio público. Poe ganhara; no entanto, fora uma vitória vazia. O que ele tinha descoberto em relação à mãe maculara qualquer satisfação derivada do dever cumprido.

Alguém lhe fez uma pergunta, e ele voltou subitamente ao momento presente. Tentou concentrar-se no que estava a acontecer. Estava a representar a Serious Crime Analysis Section numa reunião de orçamento departamental. Ocorria de três em três meses e, por motivos que já ninguém conseguia recordar, calhava sempre a um sábado. Regra geral, contava com a presença dos diretores de departamento, mas durante o seu cargo temporário como inspetor-chefe delegara a incumbência na inspetora Stephanie Flynn.

Quando tomou as rédeas de inspetora-chefe em permanência e os papéis de ambos foram invertidos, ela tirou prazer em retribuir-lhe na mesma moeda. Agora, era ele que tinha de se deslocar a Londres todos os trimestres, não ela.

Ele não apreciou a ironia, apesar de ter gostado de voltar a ser apenas um mero inspetor. Era o equilíbrio perfeito entre poder e responsabilidade. E a verdade é que o cargo de inspetor-chefe nunca lhe assentara bem.

— Desculpe, importa-se de repetir?

— Estávamos a tratar das projeções trimestrais, inspetor Poe. A inspetora-chefe Flynn solicitou um aumento de 3 por cento no orçamento de horas extraordinárias da SCAS. Sabe porquê?

Poe sabia. Normalmente, não sabia. Normalmente, mantinha a boca fechada e confiava que a papelada de Flynn fosse suficientemente minuciosa para não necessitar de verificação

adicional. Pegou no documento. As folhas separaram-se todas. Poe amaldiçoou em silêncio a assistente administrativa que lho tinha preparado. Se os papéis deviam estar juntos, então que fossem agrafados. Os cliques eram para *hippies* e pessoas que tinham problemas em assumir compromissos. Voltou a juntá-los, mas sem saber se estavam na ordem certa. As palavras e os números das páginas eram uma mancha desfocada. Retirou os óculos do bolso da camisa. Eram uma novidade. Um lembrete de que já não era um jovem. Não que ele precisasse de lembretes — por aqueles dias, até a andar fazia barulhos estranhos. Quando deu por si a segurar nas folhas cada vez mais longe dos olhos, decidiu atirar-se de cabeça e fazer o exame. Agora, não conseguia beber café sem que os óculos ficassem embaciados. Não conseguia ler na cama deitado de lado. Esquecia-se de que os tinha postos e atirava-os ao chão inadvertidamente. Esquecia-se de que não os tinha postos e enfiava o dedo no olho quando tentava ajustá-los. E, por mais que tentasse, não conseguia mantê-los limpos.

Limpou-os à gravata. Foi como se o tivesse feito a um punhado de batatas fritas. Semicerrou os olhos através do borrão e começou a ler o documento.

— Tem que ver com o caso do Imolador. Eu, a analista Bradshaw e a inspetora Flynn passámos algum tempo em Cúmbria e gastámos a maior parte do orçamento. A intenção dela foi diluir os custos ao longo dos trimestres em vez de apresentar um défice elevado no final do ano fiscal.

— Faz sentido — concordou o presidente da mesa. — Alguém tem algo a acrescentar? Presumo que podemos argumentar que

se enquadra no âmbito das provisões LOOB.

Quando Poe percebeu que não conseguia localizar LOOB na sua base de dados interna para acrónimos disparatados, a discussão já tinha avançado para um pedido de alocação de fundos adicionais da unidade de crime organizado transnacional. Estavam com dificuldade em lidar com a ameaça da Entity B. Não se sabia muito sobre eles. Não contratavam capangas ou mulheres. Não tinham traficantes de droga nas esquinas. Porém, controlavam as rotas de abastecimento que eram usadas pelo submundo. Se uma chinesa ilegal estava a pagar a sua dívida num bordel do sul de Londres, o mais certo era ser a Entity B a ficar com a maioria dos proventos dela. Se um traficante de heroína de média dimensão de Arbroath cortasse o produto com pó de tijolo, o mais certo era que o produto puro fosse proveniente da cadeia de distribuição da Entity B. Se ocorresse mais um homicídio encomendado pelo Estado russo em solo britânico, o mais certo era o assassino ter entrado e saído do país pela Entity B.

Mas... lidar com a Entity B era da competência de outros. A ele, cabia-lhe apanhar assassinos em série e ajudar a solucionar crimes sem móbil aparente. Algo em que não tinha passado muito tempo a pensar ultimamente. Impediu-se de voltar a cair em pensamentos de vingança e retaliação. Não queria continuar a alimentar o lobo mau. Em vez disso, ligou o telemóvel para ver se havia novos alertas sobre a tempestade Wendy. Nas notícias não se falava noutra coisa. Uma tempestade de verão era uma ocorrência rara. Uma tempestade daquela presumível magnitude ocorria uma vez numa geração.

Enquanto esperava que o seu *BlackBerry* ligasse, avaliou o seu

reflexo no ecrã escuro. Um rosto taciturno e macilento com olhos encovados e raiados de sangue — o resultado inevitável do desleixo, das insónias e da autocomiseração.

O ecrã passou de espelho negro para o mar de cores das aplicações, a maioria das quais não reconhecia, e tão-pouco usaria se reconhecesse. Tinha três chamadas não atendidas e uma mensagem de texto, todas de Flynn. Ele estava de serviço, por isso devia ter mantido o *BlackBerry* ligado, mas na National Crime Agency, se se ganhasse o hábito de atender o telemóvel, então nunca parava de tocar. Leu a mensagem: «Liga-me assim que vires esta mensagem.»

Não parecia coisa boa. Poe pediu licença e abandonou a sala. O agente responsável indicou-lhe uma secretária vazia. Ele ligou para Flynn e ela atendeu após o primeiro toque.

— Poe, tens de entrar imediatamente em contacto com o superintendente Gamble. Ele aguarda a tua chamada.

— O Gamble? O que quer ele?

Gamble trabalhava para a esquadra de Cúmbria, e tinha sido o agente responsável no caso do Imolador. Fora despromovido quando a poeira assentara e começara a atribuição de culpas. Poe sabia que Gamble se considerava um sortudo por não ter sido despedido. Apesar de nem sempre se terem entendido, haviam mantido uma boa relação. Os seus caminhos tinham-se cruzado ocasionalmente durante o inquérito, mas isso fazia parte do passado. Não havia motivos óbvios para que voltassem a falar.

— Ele não me quis dizer de que se tratava, o que me leva a pensar que pode não estar relacionado com o caso do Imolador — respondeu Flynn.

Poe saíra da esquadra de Cúmbria há cinco anos. Ainda tinha lá a sua casa, mas, se lhe tivesse acontecido alguma coisa, a chamada teria vindo de um agente da esquadra de Kendal, e não do superintendente dos Crimes Graves. Fosse como fosse, a sua casa não passava de uma estrutura simples de quatro sólidas paredes de pedra de Lakeland, encimadas por um telhado de ardósia e pouco mais. Não havia nada de muito grave que pudesse acontecer-lhe.

— Está bem, eu vou ligar-lhe.

Ela deu-lhe o número de Gamble.

— Depois diz-me o que se passa.

— Fica descansada.

Poe desligou e marcou o número de Gamble. Tal como Flynn, ele atendeu ao primeiro toque.

— Superintendente, fala o inspetor Poe. Recebi o recado para lhe ligar.

— Poe, temos um problema.

Capítulo 4

«Poe, temos um problema.» Quatro palavras que ele nunca se cansava de ouvir.

Flynn efetuara diligências para que ele apanhasse o primeiro comboio disponível para Cúmbria. Faltava uma hora para a partida. Os bilhetes estariam à sua espera em Euston. Ele não fazia ideia do que se passava; Gamble preferira não adiantar mais nada pelo telefone.

Poe entrou no comboio 15 minutos antes da partida. A viagem de Londres a Penrith demorava pouco mais de três horas, e ele passou esse tempo agarrado ao telemóvel, à procura de algo nas notícias que pudesse fornecer uma pista para aquilo que ia encontrar. Não encontrou nada fora do vulgar. A tempestade Wendy continuava a dominar a imprensa local e nacional. Ainda estava a uma semana de distância, mas já causara estragos avultados do outro lado do Atlântico.

Um agente fardado esperava por ele em Penrith, e ele foi levado diretamente para Carleton Hall — o edifício da sede da polícia de Cúmbria. Cerca de dez minutos depois, foi conduzido até à sala de reuniões B — uma sala ampla e com muitos traços arquitetónicos distintivos. Poe imaginou-a como sendo a antiga sala de jantar da família Carleton. Mantinha a lareira

ornamentada original e janelas altas e pouco práticas. Uma longa mesa de reuniões dominava a divisão.

O superintendente Gamble já se encontrava lá dentro. Ao seu lado estava um agente de quem Poe julgava lembrar-se dos seus dias na polícia local.

Ambos olharam para ele. Poe ficou com a impressão de ter interrompido algo. A expressão do inspetor era impávida e neutra. Tinha um processo volumoso à sua frente. Fechou-o e virou-o para baixo.

Poe acenou em forma de cumprimento. Gamble correspondeu; o outro homem não. Gamble levantou-se e apertou-lhe a mão. Poe reparou que ele olhou para baixo.

— Que tal está isso? — perguntou Gamble.

A pele na mão direita de Poe estava luzidia e cicatrizada. Um lembrete permanente do que acontece quando agarramos num radiador de ferro fundido durante um incêndio, o que aconteceu efetivamente quando tentou tirar o Imolador de uma quinta em chamas. Fletiu a mão e disse:

— Não está mal. Já recuperei quase toda a sensação.

— Café? — Poe recusou. Já bebera demasiado café e sentia-se um pouco agitado. — Creio que já conhece o agente Andrew Rigg. Tem algumas perguntas sobre um dos seus antigos casos.

Rigg era um polícia fardado quando Poe trabalhava no departamento de investigação criminal.. Era um homem alto e desengonçado, com dentes salientes que, ocasionalmente, lhe valiam a alcunha Favolas. Poe lembrava-se dele como um polícia competente.

— O que se passa?

Rigg parecia incapaz de o olhar nos olhos, o que era estranho. Nunca tinham sido amigos, mas também nunca houvera hostilidade entre ambos.

— Fale-me do caso Elizabeth Keaton, inspetor Poe — disse ele.

Elizabeth Keaton...

Porque é que aquilo não o surpreendia?

— Foi o último caso grave em que trabalhei aqui — respondeu Poe. — Começou por ser um caso de desaparecimento de alto risco. O pai dela ligou do seu restaurante para o 999. Estava histérico e disse que a filha não tinha voltado para casa.

Rigg consultou os seus apontamentos.

— Suspeitaram de rapto?

— Não de imediato.

— Não é o que diz aqui. O que consta do processo é que a possibilidade de rapto ficou em cima da mesa desde cedo.

Poe assentiu.

— Bem... é isso que consta do processo porque foi o que o Jared Keaton disse.

Gamble franziu o sobrolho.

— Na altura, eu estava destacado na Polícia Metropolitana, e não quero pôr em causa o que se passou, mas é possível que tenha havido favorecimento? Não costumamos permitir que os familiares determinem os procedimentos.

Poe encolheu os ombros e disse:

— A maioria dos familiares não cozinha para o primeiro-ministro.

Por altura do desaparecimento da filha, Jared Keaton era o proprietário do único restaurante de três estrelas Michelin de

Cúmbria: o Bullace & Sloe. Era um *chef* famoso cuja clientela incluía estrelas de cinema, ícones do *rock* e antigos presidentes. Tinha cozinhado para a Rainha e para Nelson Mandela. Quando um *chef* com três estrelas Michelin falava, as pessoas importantes ouviam.

— Então, houve favorecimento?

— Não. O processo continha o que o Jared Keaton queria que contivesse. Investigámos o desaparecimento da Elizabeth Keaton tal como investigáramos o de qualquer outra jovem: de forma séria e de mente aberta.

Gamble acenou, satisfeito com a explicação de Poe.

— Continue.

— Ela devia ter-lhe ligado para o pai lhe dar boleia do restaurante, mas ele adormeceu a ver televisão e só acordou já de madrugada. Foi quando reparou que ela não tinha voltado para casa.

— Ela trabalhava lá?

— Trabalhava na sala e tratava da contabilidade. Lidava com fornecedores e pagamentos, esse tipo de coisas. Também era responsável por fechar o restaurante no fim do expediente.

— Ainda era adolescente. Não seria demasiado nova para tamanha responsabilidade?

— Sabe que a mãe dela morreu num acidente de viação? — Rigg assentiu. — Ela assumiu as responsabilidades da mãe.

— Então, nunca ligou ao pai para a ir buscar?

Poe sabia que o processo era metódico. Sabia que Rigg estava a fazer o que qualquer bom polícia faria: perguntas para as quais já tinha as respostas. Porém, não deixava de ser irritante. O

inquérito podia ter seguido um rumo errado inicialmente, mas encarreirou rapidamente.

— Segundo o Keaton, não. Ele disse que teria acordado com o telefone.

— O Bullace & Sloe ficava a uma curta distância da casa dos Keatons. Porque precisaria ela de boleia?

— Presumo que por ser nova e serem altas horas da noite — respondeu Poe, com um encolher de ombros.

— Foi nessa altura que foi chamado?

— Sim. Admira-me que não tenha sido chamado também. Havia centenas de agentes à procura dela.

— Também fui — admitiu Rigg. — Integrei o grupo que bateu o caminho compreendido entre o restaurante e a M6, em busca de indícios de confronto.

A M6 era a espinha dorsal de Cúmbria, dividindo o condado perfeitamente ao meio. Poe lembrava-se de ver polícias a vasculhar as bermas, a mandar parar carros e a mostrar fotografias.

— Apesar de a M6 ter sido considerada o caminho de fuga mais provável do raptor — disse Poe —, fizemos o nosso trabalho e não descartámos nenhuma hipótese.

Rigg voltou a consultar os apontamentos.

— Foi o inspetor quem solicitou uma análise forense à cozinha.

Poe assentiu.

— Apesar de os inspetores que trabalharam no caso não terem encontrado nada, pedi que o responsável pelo local do crime colaborasse com o CSI e confirmasse que a Elizabeth não tinha sido raptada no local. Queria poder descartar essa possibilidade.

— Porque seguiu outra linha de pensamento? Mais ninguém suspeitava que pudesse ser outra coisa que não aquilo que aparentava ser.

— Os mais próximos são suspeitos até prova em contrário — replicou Poe. — Pensei que pelo menos alguém devia fazer a pergunta.

— Foi quando o CSI fez a descoberta?

— Na altura, era o SOCO, mas, sim, foi quando fizeram a descoberta — confirmou Poe. — Na cozinha.

Capítulo 5

Por descoberta, referia-se a uma mancha de sangue. Não muito grande, mas quando o CSI encontrou os primeiros vestígios, a cozinha do Bullace & Sloe passou de local de excelência gastronómica a local de crime. Poe contou-lhes o que acontecera a seguir, sentindo um reavivar dos detalhes do caso enquanto o fazia.

— A estratégia forense inicial passava por descobrir exatamente o que tinha acontecido na cozinha. O CSI usou luminol e descobriu mais sangue. Muito. No teto e em alguns dos candeeiros mais baixos. Foi determinado que a quantidade de sangue perdido era incompatível com a sobrevivência da vítima.

— Poe parou para beber um gole de água do copo que tinha à frente. — Com a confirmação do sangue, eles utilizaram fotografia a 360 graus e análise de respingos de sangue para criar um cenário.

— E que cenário era esse?

— Ocorrera uma agressão brutal e contínua em mais de um local, e tinham sido envidados esforços para ocultar o crime.

— Uma limpeza?

— E não particularmente sofisticada. O suficiente para ludibriar um exame visual, mas não um exame científico. Na verdade, terá

sido pouco mais do que uma limpeza corriqueira.

— O sangue correspondia ao da Elizabeth? — Poe assentiu. — E foi então que o inquérito mudou de desaparecimento de alto risco para homicídio? — perguntou Rigg.

— Exatamente. Foram alocados recursos adicionais, foram pré-aprovadas horas extraordinárias e canceladas todas as licenças dos funcionários dos Crimes Graves.

— Baseado em que hipótese?

— As linhas de inquérito iniciais apontavam para um vagabundo que tivesse aparecido na porta das traseiras em busca de comida ou trocos, ou um perseguidor ainda desconhecido.

— Qual era a sua opinião?

— Não tinha bem a certeza. Não acreditei na teoria do vagabundo. Não em Cotehill; teria chamado tanto a atenção como uma poia num bolo. Teria certamente sido visto por alguém.

— Um perseguidor?

— Era essa a opinião do responsável pelo inquérito. A Elizabeth tinha 18 anos e parecia uma jovem Audrey Hepburn. Era popular e levava uma vida social ativa. Examinámos todos os seus pertences. Telemóveis, computadores, diários. Não encontramos nada. Realizámos buscas de dados passivas e revimos as imagens de videovigilância das últimas vezes que ela tinha saído em Carlisle. Mais uma vez, nada. O responsável pelo inquérito expandiu as buscas para incluir todos os homens com quem ela tinha entrado em contacto. Antigos colegas de escola, homens das suas relações sociais, por mais efémera que fosse a sua interação, funcionários do Bullace & Sloe. Basicamente, toda a gente.

- E o inspetor?
- Eu comecei a investigar o Jared Keaton.

Capítulo 6

— E porquê, inspetor Poe? — perguntou Rigg.

Poe recompôs-se. Na verdade, inicialmente, Keaton não fora considerado um suspeito. Nem mesmo para ele. Houvera, contudo, uma inquietação, a sensação de que algo não batia certo.

— Havia discrepâncias no seu depoimento.

— Continue.

— Alguém da aldeia tinha passado pelo restaurante a caminho do Aeroporto de Manchester. Disse que o carro dele ainda estava lá às duas da madrugada.

— As testemunhas oculares são muito pouco fiáveis — retorquiu Rigg.

Poe assentiu. Era verdade. De acordo com o *Innocence Project*, os depoimentos das testemunhas oculares eram incorretos 75 por cento das vezes.

— Mas havia mais — prosseguiu Poe. — O Keaton disse que foi para casa ver o *Match of the Day*, mas era um dia de jogos internacionais. O *Match of the Day* não passou na televisão.

— Um erro facilmente compreensível.

— Concorde. É transmitido quase todos os sábados à noite, por isso podemos partir do princípio de que vai dar na televisão. Mas

difícilmente se esqueceria se tivesse ido para casa com o intuito específico de o ver.

— Foi só isso?

— O Keaton teve a noite toda. Na verdade, ele apareceu apenas 20 minutos antes do primeiro turno para começar a preparar o serviço de almoço.

— Ele argumentou que foi quando acordou.

— A ser verdade, se ele acordou e reparou que a filha não estava em casa sete horas depois da hora em que disse que estaria, porque seguiu logo para o restaurante? Porque partiu do princípio de que ela estava lá? Porque não ligou primeiro aos amigos dela?

— Então, suspeitou dele?

— O suficiente para não o descartar.

— Mas, se fosse ele o assassino, onde a teria escondido? — perguntou Gamble. — Sei que não pôs a hipótese de ele a ter enterrado.

Poe abanou a cabeça.

— Não. Estávamos a atravessar uma vaga de frio. Há quase um mês que se registavam temperaturas negativas. O perito em ciência geoforense que consultámos disse que a linha de gelo, a profundidade a que os lençóis freáticos congelam, estava em cerca de um metro. Só com ferramentas mecânicas teria sido capaz de a enterrar.

— Não podia tê-la levado de carro para algum sítio para se desfazer do corpo?

Mais uma vez, Poe abanou a cabeça.

— Examinámos o *Range Rover* dele à lupa. Não encontrámos

vestígios de sangue, e, acreditem, a Elizabeth Keaton não morreu bem; teria deixado muito sangue no veículo onde foi transportada. Mesmo que tivesse sido embrulhada em sacos do lixo fechados com fita-cola, teria havido transferência forense. O corpo estaria demasiado molhado.

— Mas examinaram-no à mesma?

Poe acenou com a cabeça.

— Sim. Chamámos uma geocientista com experiência no terreno de Preston. Ela examinou a zona circundante e indicou os locais de enterramento mais prováveis. Realizou uma análise aérea para determinar a existência de perturbações recentes no solo e recolheu amostras de todos os lençóis de água circundantes, para o caso de a Elizabeth ter sido enterrada junto a um lençol freático. Mas não obtive resultados positivos. Procurámos, mas não encontramos nada.

— Até me custa dizer isto, mas, se acreditava que o homicídio tinha ocorrido na cozinha, considerou a hipótese de ter sido processada? Enfiada na trituradora e descartada como lixo orgânico? — perguntou Gamble.

— Sim. Todos os utensílios e máquinas naquela cozinha que fossem capazes de desmembrar um animal foram analisados ao microscópio. Virámos a cozinha do avesso. Verificámos a carne nos congeladores. Não encontramos nada que sugerisse que tivessem usado alguma coisa para se desfazerem do corpo.

— Portanto...

— Portanto, se não podia ter sido ele, porque continuava eu a pensar o contrário? — Gamble acenou com a cabeça. O ambiente estava carregado com as palavras que ficavam nas entrelinhas.

Poe ponderou se tinham finalmente concedido a Keaton autorização para recorrer da condenação. — Porque, entretanto, já tinha deixado de me concentrar em quem o Jared Keaton era para me concentrar *naquilo* que ele era.

— Ou seja? — perguntou Rigg.

Poe fez um longo silêncio antes de responder.

— Alguma vez viu uma lista das profissões mais populares dos psicopatas, agente Rigg? — Este abanou a cabeça. — Não? Mas devia ver. Posso dizer-lhe que a terceira está relacionada com a comunicação social. Essa é de caras, certo? É impossível ligar a televisão ou abrir um jornal sem ver pessoas que se consideram tão importantes que acham que tudo o que dizem ou fazem deve ser exposto ao público. Faz sentido?

— Julgo que sim. Mas o que tem isso que ver com...?

— Consegue adivinhar qual é a número nove? — Rigg, sem grande vontade para jogos de adivinhas, nada disse. — *Chef* — revelou Poe. — A nona profissão na lista é *chef*. — A sala permaneceu em silêncio. — E o Jared Keaton não era apenas um *chef*, era uma *celebridade*. A *terceira* e a *nona* da lista. Para todos os efeitos, era também o diretor-executivo da sua empresa. A profissão número *um* da lista. Um trio tóxico. Por isso, decidi examiná-lo meticulosamente. Tracei o perfil completo. Falei com os seus amigos e colegas, velhos e novos. Desmontei a sua vida, peça por peça. E cheguei à seguinte conclusão, meus senhores: ele pode não ter chifres, mas, em todos os outros aspetos, Jared Keaton é a mais perfeita encarnação do mal.

Capítulo 7

Como descrever Jared Keaton a alguém que não o conhece?

Charmoso. Carismático. Altamente inteligente. Um *chef* genial. Totalmente desprovido de consciência. O homem mais perigoso que Poe alguma vez conhecera. Antipatizara de imediato com ele. Era demasiado superficial, demasiado arranjado, demasiado polido. Fez lembrar a Poe uma reprodução de um *pub* irlandês. Bonito, mas sem substância.

— Deparei-me com uma pessoa diferente daquela que vemos nos programas de culinária aos sábados de manhã — explicou Poe. — O *chef* feliz, atrevido e brincalhão é uma farsa. Um papel que se via na obrigação de representar. Longe das câmaras, era distante, inflexível e manipulador. Não me pareceu que ele gostasse do estilo de vida das celebridades, mas era um *chef* a sério. Todas as pessoas com quem falei disseram que o Jared Keaton era um homem focado e brilhante. Intuitivo no que diz respeito a tendências gastronómicas, vanguardista em termos de novas técnicas, um perfeccionista na harmonização com vinhos. A sua hospitalidade era ímpar. Sob todos os aspetos, ele era o melhor que o país já tinha produzido. Colocou o Reino Unido no mapa gastronómico. *Chefs*, celebridades e críticos de todo o

mundo continuam a ir comer ao Bullace & Sloe.

— É o que leio aqui, sim — disse Rigg, enquanto passava os olhos por uma página com partes sublinhadas a marcador cor-de-rosa. — Os depoimentos dizem que ele era espirituoso, inteligente, genial, dedicado, lindo.

— Mas nunca ninguém disse que ele era simpático — retorquiu Poe. — E isso porque ele não o era. Era um homem cruel. Tinha um prazer sádico em causar dor. Era capaz de guardar rancor, executar vinganças excessivas contra desprezos imaginários e castigar *chefs* que cometiam erros.

— Explique-se melhor — instou Gamble.

— Um *chef* contou-me um episódio em que tinha exagerado no tempero de um caldo. O Keaton obrigou-o a beber água salgada durante o resto do dia. Passou três dias no hospital com problemas nos rins.

Rigg folheou o processo, franzindo o sobrolho.

— Isso não está aqui, inspetor Poe.

— Não. Há muitas coisas que não estão. Têm de compreender que o Jared Keaton era considerado um deus vivo por quase todos os *chefs* do país. Uma palavra negativa dele podia dar cabo de uma carreira. Ninguém queria falar oficialmente.

— Mais alguma coisa? — perguntou Gamble.

— Muitas coisas, agente, mas posso contar-lhe uma que mostra bem o tipo de pessoa que ele era. Ouvi isto de três fontes diferentes, e, na minha opinião, é credível. O Jared Keaton tinha uma cozinha tradicional, o que significa que estava dividida em diferentes secções. Secções de quentes, como peixe, sopas e molhos, e secções de frios, como acepipes, saladas e peças de

assinatura. Pastelaria e sobremesas. Pesagem e verificação, preparação de vegetais, lavagem de tachos e empratamento.

— E então? — perguntou Rigg.

— Uma cozinha é como qualquer outro local de trabalho. Alguns trabalhos são mais apetecíveis. Têm um estatuto mais elevado e são mais bem remunerados. Por outras palavras, os *chefs* e o pessoal de cozinha podem ser promovidos. — Rigg e Gamble aguardaram pela explicação. — Na polícia, existem quadros de promoções. Temos a formação necessária e concorreremos aos cargos quando são abertos concursos. Vamos a entrevistas. O Jared Keaton fazia as coisas de forma diferente. Organizava o chamado desafio da chapa. Se duas ou mais pessoas queriam o mesmo cargo, ele obrigava-as a pôr as mãos sobre uma chapa quente. O que aguentasse mais tempo, aquele que estivesse disposto a sofrer queimaduras graves pelo cargo, conseguia a promoção.

— Isso tem tudo para ser um mito urbano — disse Rigg.

— As três pessoas com quem falei tinham mãos como as minhas. — Virou as palmas para cima, mostrou as cicatrizes e esperou pelo efeito das suas palavras. — Era esta pessoa que tínhamos pela frente, meus senhores. Nunca conhecerão homem mais inteligente e maléfico. — Fez uma pausa e bebeu mais um gole de água. — Mas a sua inteligência era também a sua maior fraqueza. Julgo que ele não considerava possível que alguém não acreditasse nele. Tinha passado a vida a vergar e a moldar as pessoas segundo a sua vontade, e não concebia que alguém pudesse ser imune. Quando realizei um exame forense ao restaurante, descobri que ele tinha adquirido recentemente

vários artigos.

— Que artigos?

— Um serrote de talhante, um cutelo europeu e um cutelo chinês, e uma faca de desossar.

— Presumo que o que acaba de descrever sejam as ferramentas do seu ofício.

— De facto, são. E o Bullace & Sloe compra peças de carne inteiras para desmanchar no local. É um método mais económico. Mas há duas coisas que devem saber: por norma, o Jared Keaton não faria tarefas de somenos importância como encomendar equipamento (isso competia à Elizabeth), e as facas e os cutelos que ele encomendou correspondem aos que usavam na cozinha.

— E então?

— Eu estava convencido de que ele tinha matado a Elizabeth com esses utensílios.

— Com todos?

Poe encolheu os ombros.

— Sabemos que houve uma luta. Ele pode não ter conseguido dominar a situação por completo. Não tinha ferimentos defensivos, mas isso não significa que a Elizabeth não tenha pegado em algo para se defender. Julgo que os utensílios originais estão onde ela está.

— Mas continuava sem saber como é que ele transportou o cadáver ou como se desfez dele — insistiu Rigg. — Não é uma tese perfeita, Poe.

— Não há teses perfeitas. E, seja como for, a perfeição é a inimiga do bom.

— Chegou a determinar o móbil do crime? — perguntou Rigg. —

Mesmo que não o tenha revelado?

— À exceção de ele ser um psicopata, não — admitiu Poe.

— Um palpite?

— Os palpites são um perigo para os investigadores. Tento não ir por aí.

Rigg corou com aquela farpa. Voltou a concentrar-se no processo.

— Acredita que ele planeou o crime?

Poe fez uma pausa.

— Sem dúvida que é suficientemente inteligente para escapar incólume a um crime. O facto de isso não ter acontecido faz-me acreditar que não, que ele não planeou o homicídio.

— Terá sido um crime passional?

— Provavelmente. Mas, se tentar aplicar o raciocínio de uma pessoa normal ao que o Jared Keaton pode ter feito sob pressão, nunca vai conseguir acertar.

— Portanto, não tinha os meios nem o móbil, e havia apenas uma ténue janela de oportunidade — concluiu Rigg. — Admira-me que o Ministério Público tenha avançado com a acusação.

Não se tratou de uma pergunta, por isso Poe manteve-se em silêncio. A decisão do Ministério Público de acusar Keaton de homicídio tinha tido por base duas premissas: a sua recusa categórica em explicar as discrepâncias e o facto de ser quase certo que tivesse ocorrido um homicídio.

Rigg esboçou um esgar perante o silêncio de Poe.

— Admira-me que ele tenha sido condenado — acrescentou Gamble. Parecia estar cansado.

— A mim, não — ripostou Poe. — O Ministério Público fez um

bom trabalho a convencer os jurados, mas a verdade é que o Keaton foi prejudicado pelo seu próprio ego.

— O seu ego? — perguntou Rigg.

— O advogado não queria que ele testemunhasse, mas ele insistiu. Julgo que ele pensava que bastava sorrir e piscar o olho às duas juradas.

— O júri tinha apenas duas mulheres? — perguntou Rigg. — É uma improbabilidade estatística.

— Foi um daqueles caprichos do destino. E o seu charme não foi muito eficaz nos homens da classe operária de Cúmbria.

— Mas bastaria que as duas juradas o considerassem inocente.

— Pois, mas o porta-voz tinha uma personalidade forte — disse Poe. — E demoraram muito tempo a deliberar. Quase dois dias. Quando o veredito foi lido, o Keaton ficou revoltado. Não queria acreditar que tinha sido considerado culpado. Mas foi a decisão certa, e eu dormi bem nessa noite. Não é todos os dias que tiramos um verdadeiro psicopata das ruas.

Rigg não comentou. Em vez disso, virou-se para Gamble à procura da deixa.

— Senhor superintendente?

Gamble acenou uma vez com a cabeça.

— Então, como reagiria, inspetor Poe, se eu lhe dissesse que a Elizabeth Keaton entrou na biblioteca de Alston há três dias e está salva?

Capítulo 8

Poe ficou hirto. O bronzeado de verão desapareceu do seu rosto. O suor despontou na sua nuca. A sala de reuniões B estava mergulhada em silêncio.

— Impossível — sussurrou Poe. O ribombar do sangue nos seus ouvidos era ensurdecador. Mal conseguia ouvir o som da sua voz.

Não podia ser verdade. Elizabeth Keaton estava morta. Tinha sido morta por Jared Keaton. Sabia disso no mais íntimo do seu ser. Só podia ser uma brincadeira. Mas... Gamble não o teria chamado de volta a Cúmbria sem mais nem menos.

O que estariam a esconder-lhe?

— Contem-me o que sabem — pediu.

— O inquérito foi mal conduzido desde o início, inspetor Poe — disse Rigg. — Não havia um corpo, não havia forma de o Keaton se ter desfeito do corpo e tão-pouco havia um móbil. Mas, em vez de fazer o que devia ter feito, que era procurar uma rapariga raptada, ficou obcecado com a primeira solução que lhe apareceu à frente. — Com isto, esticou o dedo na direção de Poe. — Só porque não gostava dele.

Poe olhou fixamente para o agente alto. Os olhos de Rigg expeliam raiva.

Rigg folheou o processo e retirou uma fotografia. Fê-la deslizar

na mesa. Era a foto de uma jovem numa sala de interrogatório. Provavelmente, a impressão das imagens de videovigilância.

Poe limpou os óculos na fralda da camisa e colocou-os no nariz. Observou a mulher na fotografia. Sentiu os ácidos gástricos às voltas no estômago. A idade parecia bater certo. Elizabeth Keaton tinha 18 anos quando foi assassinada, e a rapariga da fotografia teria uns 25. E, apesar de estar muito magra e desgrenhada, o seu aspeto parecia ser o que Elizabeth Keaton teria se tivesse vivido mais seis anos.

— A Elizabeth Keaton foi raptada por um homem que entrou pela porta de serviço da cozinha — disse Rigg. — Julga que pode ter sido um cliente que se escondeu na casa de banho dos deficientes até ela ter ficado sozinha no restaurante. — Poe não conseguia tirar os olhos da fotografia. — Acertou numa coisa: houve de facto uma luta violenta na cozinha. O homem, de quem ao fim de seis anos temos finalmente uma descrição, amarrou-a antes de lhe cortar uma das suas veias principais com uma faca. A Elizabeth disse-nos que ele encheu uma frigideira com o seu sangue e que depois o espalhou por toda a parte. A cozinha mais parecia um matadouro. E depois limpou tudo.

— Mas... porquê?

— Porquê? Também quero perguntar-lhe isso. Presumimos que ele montou o cenário para que você... perdão, o inquérito se concentrasse na pista errada. Procurar um corpo é totalmente diferente de procurar uma pessoa. A estratégia junto da comunicação social é diferente, o apoio técnico é diferente, os peritos convocados são diferentes. Enquanto estava ocupado a culpar o Jared Keaton, a Elizabeth Keaton era violada numa cave.

Poe estremeceu. Se aquilo fosse verdade, ele seria responsável por um erro catastrófico. Um erro do qual sabia que nunca iria recuperar.

— Diga-me como determinou a correspondência entre o sangue encontrado na cozinha e o da Elizabeth Keaton — exigiu saber Rigg.

— Recolhemos uma amostra e traçámos um perfil de ADN. Em seguida, recolhemos mais amostras de uma série de fontes para confirmar que o sangue era da Elizabeth. Usámos cabelos encontrados no quarto dela e na farda. Recolhemos amostras de saliva da sua escova de dentes e de uma lata de *Coca-Cola* que encontrámos no caixote do lixo. Todas as correspondências eram perfeitas. O sangue que estava na cozinha pertencia à Elizabeth Keaton. Sem a menor dúvida.

— Tem a certeza?

— Absoluta.

— A médica-legista foi chamada quando a levámos para Penrith, inspetor Poe — disse Rigg. — A Elizabeth não permitia que ninguém lhe tocasse... E quem a poderia recriminar por isso?... Mas precisávamos de saber se ela necessitava de cuidados médicos imediatos. Demorámos algum tempo, mas a Elizabeth aceitou finalmente que a Dra. Jakeman recolhesse uma amostra de sangue.

Poe manteve-se em silêncio. Os médicos forenses eram técnicos qualificados com formação em patologia forense. Devido à extensão territorial e à baixa densidade populacional, em Cúmbria havia sido instituído um sistema de médicos de plantão, e não de médicos em permanência no local.

— Tenho a certeza de que querera ver as imagens, mas a cadeia de custódia foi irrepreensível. A Dra. Jakeman recolheu quatro amostras. Gravámos a agulha a penetrar na pele, e os tubos Vacutainer foram imediatamente selados em sacos de provas. Enviámos uma amostra para o nosso laboratório.

Poe sabia o que Rigg estava prestes a dizer, mas mesmo assim fez a pergunta.

— E?

— E obtivemos uma correspondência, Poe. Não há dúvida de que a mulher da fotografia é a Elizabeth Keaton. Há seis anos, o inspetor mandou um homem inocente para a prisão.

Capítulo 9

— Vai querer ver as gravações — disse Gamble, levantando-se. — O agente Rigg vai arranjar-lhe um computador.

Obviamente, sabia que, quando um homem via ser estilhaçada uma das suas crenças fundamentais, a transição de descrente para convertido não era instantânea. Há alturas em que impera a máxima do ver para crer.

O superintendente deixou Poe por sua conta enquanto Rigg foi buscar um portátil. Poe bebeu o resto da água. Estava tépida e coberta por uma película de pó, mas isso não lhe fez diferença; a sua boca estava completamente ressequida. Sentia um nó no estômago e não conseguia parar de mexer a perna. Tudo indícios do nervosismo que se apoderara dele. Não fazia sentido. Elizabeth Keaton estava morta. Ele estava certo disso.

Ou não estava?

Ele estivera certo disso. Disso, lembrava-se bem. Mas também se lembrava de sentir uma imediata e profunda antipatia por Jared Keaton. Assim que o conhecera, percebeu que ele era um homem desonesto e manipulador. Mas também sabia que, quando contamos com o logro, vemo-lo em toda a parte. Teria sido isso que acontecera naquele caso? A sua antipatia por Keaton tê-lo-ia feito ver coisas que não existiam? Tê-lo-ia feito

interpretar as provas de uma só forma, construir uma narrativa que só tinha em consideração os factos que a sustentavam, descartando como irrelevantes os factos contraditórios? Não lhe parecia que o tivesse feito, mas aí é que estava: nunca ninguém pensa que está perante um caso de confirmação preconcebida — o mais fiável dos bloqueios mentais.

Além disso, o facto de não saber como Keaton se conseguira desfazer do cadáver de Elizabeth sempre o perturbava. Convencera-se de que Keaton tinha conseguido enganá-los; de que, um dia, o corpo de Elizabeth seria descoberto algures. A lei contemplava condenações por homicídio na ausência do cadáver precisamente para casos como o de Keaton.

A sua mente estava a mil. Ele era um bom polícia, mas não era infalível. Se ficasse provado sem sombra de dúvida que se enganara, ele seria o principal causador de seis anos de terror absoluto para Elizabeth Keaton. E de seis anos não muito melhores para Jared.

Como poderia ele pedir desculpa por algo dessa dimensão? Como poderia emendar tal erro?

Rigg voltou a entrar na sala, trazendo um portátil. Pousou-o diante de Poe e abriu-o. Já estava no sítio certo.

— As conversas estão configuradas para serem reproduzidas por ordem cronológica. O primeiro ficheiro contém as imagens de videovigilância da biblioteca de Alston. Pode assistir ao primeiro contacto.

Poe não se mexeu.

— Se tiver cometido um erro, admiti-lo-ei, Rigg. Não me furtarei às consequências.

Rigg abandonou a sala sem responder.

O ficheiro da biblioteca de Alston não era particularmente útil. A imagem era nítida, mas não tinha som. Mostrava a jovem a entrar na biblioteca, a hesitar como se estivesse a ganhar coragem para fazer alguma coisa, e a aproximar-se da secretária onde estava sentado um polícia fardado com ar de enfado.

Era indesmentível — a jovem era mesmo muito parecida com Elizabeth Keaton. Estava magérrima e imunda, mas as semelhanças eram extraordinárias.

Depois de se sentar, ela articulou algumas palavras. Deve ter dito o seu nome, visto que o polícia reagiu de imediato. O homem pegou no rádio (Poe percebeu que os seus lábios se mexeram) e depois contornou a secretária para consolar a rapariga. Gritou qualquer coisa. Fora do plano, alguém teria preparado um chá, visto que poucos minutos depois chegava uma chávena de chá e um prato com bolachas pela mão de uma mulher de meia-idade. O polícia dispensou-a assim que ela pousou a bandeja.

A jovem não esboçou o menor gesto na direção da chávena ou da comida.

Não aconteceu nada de muito relevante nos 30 minutos que se seguiram; ainda assim Poe não se sentiu tentado a pôr as imagens a andar mais depressa. O polícia e a jovem aguardaram sem trocar uma palavra. Poe alcançou o processo que tinha sido deixado para que o pudesse consultar. Encontrou os apontamentos que o solucionador de problemas Alsop tirara. Se atualmente chamavam solucionadores de problemas aos polícias, então o mundo estava definitivamente perdido... Eram anotações apressadas, mas davam conta do que se tinha passado. A rapariga

dissera chamar-se Elizabeth Keaton, e, a partir desse momento, ele passara a tratá-la como uma vítima de crime. Contactara o seu superior, que lhe dissera para se manter junto dela e não fazer perguntas, mas para anotar tudo o que ela dissesse. Deveria aguardar pela chegada de reforços.

Os reforços assumiram a forma de dois agentes. Um deles era Rigg. Não admira que estivesse tão zangado; tinha estado envolvido desde o início. Rigg e o outro agente falaram com Elizabeth durante algum tempo. Em seguida, conduziram-na para fora da biblioteca, e não mais foram vistos.

Poe abriu o ficheiro com o nome «Interrogatórios policiais». Tinha três vídeos no total.

O ficheiro identificava o local das conversas como sendo a esquadra de Penrith. Eram imagens de boa qualidade — daquelas que são admissíveis como prova em tribunal —, e Poe assistiu ao desenrolar da conversa.

Na primeira conversa, ela ainda tinha a roupa que usava quando entrou na biblioteca de Alston. Poe ficou surpreendido ao constatar que não lhe tinham dado um fato forense descartável, para preservação das provas. Rigg referira que ela não queria que lhe tocassem, pelo que despir-se em frente a estranhos teria sido ainda mais difícil para ela. Apesar do calor que se fazia sentir por ser verão, mantinha o gorro bem enfiado na cabeça. O queixo tocava o peito e os braços envolviam o tronco. Parecia estar aterrorizada.

Rigg, apesar da sua abrasividade inicial, sabia o que estava a fazer. Mostrara-se empático, mas focado. Quando a jovem se desviava do essencial, ele voltava a encarreirá-la com delicadeza.

Ao longo de uma hora, conseguira montar uma narrativa coerente — desde o desaparecimento até ao ressurgimento. Os pormenores ficariam para mais tarde. A primeira conversa servia sempre para definir os traços gerais.

Ela explicara-lhes o que tinha acontecido na noite do rapto. O homem entrara na cozinha vindo do restaurante. Ela ficara surpreendida, mas não assustada. Não era a primeira vez que um cliente sucumbia à excelência da sua carta de vinhos e acabava por adormecer na casa de banho. Tinha havido uma luta que ele vencera, maniatando-a depois com um cordel de talhante. Em seguida, tudo se passara como Rigg descrevera anteriormente. O homem recolhera parte do sangue dela, que espalhara pela cozinha, antes de passar algum tempo a limpá-lo.

Ela fora encaminhada para uma carrinha e atirada para a parte de trás. O homem pressionara-lhe um objeto que não identificara contra a cara, e ela acordara mais tarde numa sala subterrânea. Pensava tratar-se de uma adega, mas não tinha a certeza.

Fora um relato emocionalmente extenuante, pelo que Rigg insistira, e bem, que todos fizessem uma pausa. A câmara não fora desligada, e Poe continuou a ver as imagens — queria ver tudo. A jovem ficara sentada a olhar para o vazio durante quase 20 minutos. Não tocara em nada.

Por fim, a conversa retomara, e Rigg avançara para a questão do raptor. Ela não se lembrava de alguma vez o ter visto a comer no Bullace & Sloe. Em seguida, fizera uma descrição dele — que seria indubitavelmente trabalhada mais tarde por um retratista da polícia —, explicando depois como tinham sido os últimos seis anos. O cenário era tão horrível como se poderia esperar em tais

circunstâncias. Quando acordara na primeira manhã de cativeiro, ansiara por algo, mas não sabia o quê. Quando o homem entrara com comida e uma seringa, ela pegara na seringa primeiro; soubera instintivamente que era aquilo de que precisava. Bastara um dia para estar viciada. Era assim que o homem a controlava, que garantia que ela fazia o que ele queria quando a visitava.

Faz o que eu quero e eu dou-te a seringa. Se me fizeres frente, não levas nada...

Fora nessa altura que ela se desfizera em lágrimas. A conversa fora interrompida e a médica-legista chamada. Poe consultou o processo. A médica-legista chamava-se Felicity Jakeman e estava de serviço quando a jovem chegou à esquadra de Penrith. Aparentava ter 40 e poucos anos e tinha o aspeto pragmático e atormentado que todos os médicos têm. Examinara os sinais vitais da jovem: pulsação, tensão e temperatura, e dera o interrogatório por terminado. Informara os agentes de que iria enviá-la para o hospital para fazer um exame médico completo. Rigg concordara. Nesse momento, olhara para a câmara, e a ansiedade dele era notória — acreditava na história dela sem sombra de dúvida.

A bem da verdade, Poe também.

O vídeo seguinte fora gravado mais tarde nessa mesma noite. Ainda era Rigg quem conduzia a entrevista. A médica-legista não estava presente, mas informaram a jovem de que ela estava no exterior da sala, para o caso de ser necessário. Para registo, Rigg explicara que a jovem tinha acabado por não ir para o hospital. Recusara-se a deixar a esquadra. Ainda não se sentia em segurança. Para chegarem a um meio-termo, a médica-legista

examinara a rapariga no seu gabinete.

Ela prosseguira com o relato da sua história. Os seis anos que passara em cativeiro foram descritos num tom de voz monocórdico e frio. Não foi agradável de ouvir. No final, Rigg tivera mais uma vez o bom senso de fazer uma nova pausa.

Quando voltaram, ela falara sobre a sua fuga. À semelhança da maior parte das suas provações, levantara mais perguntas do que respostas. As visitas do homem haviam parado inexplicavelmente, e, passados quatro dias, quando a compulsão pela heroína a obrigara a agir, ela conseguira finalmente arrombar a porta e fugir. Dera por si numa casa no meio do nada. Num local montanhoso.

Caminhara a noite toda, mantendo-se afastada das estradas, não fosse o homem ter regressado e andar à sua procura. Pelos seus cálculos, teria caminhado uns 15 quilómetros antes de amanhecer e ela conseguir perceber onde estava. Vira as tabuletas da aldeia de Alston e lembrara-se de que ia lá em criança. Sabia que tinham uma esquadra da polícia. Quando pedira indicações a alguém, disseram-lhe que a esquadra tinha fechado há vários anos. Passara a ser um posto da polícia mensal, mas ela estava com sorte: era a quarta quarta-feira do mês...

Rigg fizera-a recuar um pouco e perguntara-lhe o que achava que tinha acontecido ao raptor. Ela não fazia ideia.

«Acha que ele morreu?»

Ela achava que não. Não era um homem de idade, e, a julgar pelo seu apetite sexual, parecia ser saudável.

Rigg inclinara-se e sussurrara algo ao ouvido da outra agente. Esta acenara com a cabeça e saíra da sala. Poe consultou as

anotações para saber o que tinha sido dito. Rigg pensara que o homem podia ter sido acusado de um qualquer crime que implicasse uma possível detenção. A linha de inquérito atual passava por verificar todas as residências e locais frequentados por todos os habitantes da zona que tivessem estado detidos ou sido condenados na última semana.

Poe resmungou. Era o que ele teria feito. Assistiu ao resto do vídeo, que revelava pouco mais do que a rotina normal daqueles procedimentos. Fez uma pausa para esticar as pernas. Deambulou até ao refeitório. Tinha um cartão de visitante, mas não sabia o código da porta. Mostrou o cartão da National Crime Agency a dois polícias aos risinhos que o deixaram entrar. Pagou uma sandes de atum ressequida e tirou uma lata de Coca-Cola e uma embalagem de *Quavers* da máquina de venda automática.

Enquanto comia, refletiu naquilo que vira até então. Não era nada que não lhe tivessem já relatado. A jovem era parecida com Elizabeth Keaton... E então? Muitas raparigas o seriam. Ainda não tinha visto o último vídeo — aquele em que Rigg certamente conseguiria sacar provas de como ela era Elizabeth Keaton —, mas a verdade é que só uma coisa interessava. Teria o sangue sido manuseado corretamente? Gamble afirmara que a cadeia de custódia (a forma como se comprova que as provas apresentadas em tribunal são as mesmas que foram recolhidas no local do crime; uma cadeia de custódia inviolável que não possibilitasse a oportunidade de alteração ou substituição) era irrepreensível, mas Poe precisava de ver com os seus próprios olhos. O primeiro elo da cadeia de custódia era sempre o mais fraco; era aquele que envolvia os intervenientes menos familiarizados com os

procedimentos.

Rigg estava à espera de Poe quando este regressou à sala.

— Primeiras impressões? — Parecia agora menos ríspido.

— É demasiado cedo — respondeu Poe, sentando-se à frente do portátil. — Não me lembro da Elizabeth Keaton tão magra e pálida, mas se esteve trancada numa adega durante seis anos...

Rigg não comentou.

Poe reproduziu o vídeo.

Tal como Poe pensara, Rigg interrogara a jovem a respeito da sua identidade. Pedira desculpa por isso. Dissera que compreendia que ela tivesse passado por um verdadeiro inferno, mas que o pai havia sido condenado pelo seu homicídio e que, para que a Criminal Cases Review Commission — a organização que investigava os erros judiciais — pudesse encaminhar o seu caso para o Tribunal da Relação, a sua identidade teria de ser comprovada incontestavelmente.

A jovem assentira com a cabeça. Não parecera perturbada, e não tinha quaisquer dúvidas de que o pai não seria libertado enquanto ela não fizesse o que lhe pediam. Fornecera todos os pormenores possíveis sobre a sua antiga vida: quem eram os seus amigos, quais eram os seus passatempos, quais as suas funções no Bullace & Sloe. Revelara episódios da vida na cozinha e falara dos funcionários. Contara-lhes como tinha sido crescer com um pai famoso e que a mãe havia morrido num acidente de viação.

Fora bastante convincente. Mais ninguém teria conhecimento de algumas coisas que contara, e Rigg confirmara que haviam sido verificadas desde então. Ela estava a dizer a verdade, ou

então tinha sido muito bem informada.

Enquanto falava e a sua voz sumida cativava os interlocutores, as dúvidas de Poe intensificavam-se. Sempre se orgulhara da sua capacidade de identificar um mentiroso, e não via isso nela. Via apenas uma vítima.

E depois receberam o resultado das análises ao sangue.

Não eram provas circunstanciais ou corroborantes.

Eram provas *concretas*.

Capítulo 10

Rigg chamara Felicity Jakeman, a médica-legista. Recolher sangue era um procedimento médico, e as regras da polícia eram claras: o procedimento tinha de ser realizado por um médico. Mas não foi problemático. Jakeman não saíra do edifício desde a chegada da jovem. Não tanto para a proteger como uma mãe, mas porque, sendo sua paciente, o seu bem-estar era uma prioridade.

Poe perguntou a Rigg porque tinham usado o sangue e não a saliva para traçar o perfil de ADN.

— Para fazermos simultaneamente um despiste de doenças venéreas e infeções no sangue. Como a Elizabeth não quis ir para o hospital ou para o Centro para Vítimas de Agressão Sexual, a médica quis examiná-la sem que ela soubesse que estava a ser examinada.

Muito inteligente, pensou Poe. Porquê preocupar uma pessoa sem necessidade?

— E também para garantirmos que não estava grávida — acrescentou Rigg. — Engravidar do violador é uma das experiências mais traumatizantes por que uma vítima pode passar.

Poe estremeceu. A sua mãe tinha sido essa vítima. Ele era esse filho. Um feto que, em muitas culturas, teria sido abortado.

Metade dos seus genes eram provenientes do monstro que lhe roubara a infância. Teve vontade de consultar o telemóvel para ver se o seu pai — o seu verdadeiro pai, o homem que o criara, o homem que casara com a sua mãe e mantivera o seu segredo durante tantos anos — já o contactara de volta. Poe enviara-lhe um e-mail semanas antes, mas ainda não obtivera resposta.

O queixo de Poe ficou mais rígido. Inclinou-se e olhou fixamente enquanto Felicity Jakeman levantava a manga direita da rapariga. Além de marcas de agressões, tinha linhas ténues junto à zona inferior do antebraço e ao pulso. Algumas eram recentes e vermelhas, outras mais esbatidas e cor-de-rosa. Poe pôs o vídeo em pausa.

— Automutilação?

Rigg anuiu.

— A Flick diz que nas coxas também tem.

— A Flick?

— A médica-legista. Não gosta que a tratem por Felicity. Diz que a faz parecer velha.

Poe retomou a reprodução do vídeo. A médica-legista, em consideração pelas marcas de automutilação, levantara a manga da jovem apenas o suficiente para expor uma veia. Após desinfetar o local escolhido e aplicar um torniquete, procurara uma veia viável e enchera quatro tubos de colheita de sangue a vácuo Vacutainer, colocando-os depois em cima da mesa.

Assim que soltara o torniquete e retirara a agulha, a jovem puxara a manga para baixo antes de abraçar os joelhos contra o peito. Um exemplo clássico de linguagem corporal defensiva. Poe não a reprimiu — os procedimentos médicos invasivos como a

recolha de sangue costumavam ser feitos em privado. Por motivos óbvios, isso não acontecia com o sangue recolhido para traçar um perfil de ADN. A agente fizera uma piada sem graça sobre o facto de ela agora já ter direito a chá e bolachas. A jovem não se rira. Ninguém se rira.

Poe recusava-se a tirar os olhos do ecrã do portátil. Como um homem hipnotizado por um mágico a fazer um truque de magia, assim estavam os seus olhos — presos nas amostras de sangue. Em momento algum os tubos Vacutainer saíram do ecrã. Não foram tapados pela manga de ninguém e nunca saíram do campo de visão. A médica-legista enchera-os e colocara-os em cima da mesa, nada mais. Foram cumpridos todos os requisitos das boas práticas forenses. Poe não esperaria menos do que isso. A forma como determinada amostra de sangue tinha sido recolhida já fora muitas vezes contestada em tribunal, por isso o procedimento era simples e não dava azo a interpretações. A haver truques de prestidigitação, estes só podiam ter ocorrido através de micromagia ao nível de David Blaine.

Mas a cadeia de custódia não se ficara por ali. A médica-legista mostrara para a câmara uma folha A4 que continha etiquetas impressas com a identificação da jovem — provisoriamente designada por «Desconhecida» — e com números de série. Poe observou enquanto ela colava uma etiqueta a cada um dos tubos Vacutainer. Mais uma vez, os tubos nunca saíram do seu campo de visão.

O terceiro e último passo foi a colocação das amostras em sacos de provas selados. Tal como anteriormente, cada um dos sacos cuidadosamente numerados fora mostrado para a câmara

antes de receber cada um dos tubos. Os sacos usados pela polícia de Cúmbria eram iguais aos usados a nível nacional. Fabricados em plástico transparente resistente com um selo não removível, continham uma tabela de cadeia de custódia na parte da frente. Rigg assinara e colocara a data na primeira linha dos quatro sacos.

Um seguiria para o laboratório em Cúmbria que a polícia usava atualmente, outro seguiria obviamente para um laboratório escolhido pela equipa de advogados de Jared Keaton e dois ficariam guardados no arquivo das provas, para o caso de serem necessários mais tarde.

Poe anotou os quatro números de série.

Quando chegou ao final das gravações, a sua mente já estava a divagar. A única coisa que interessava era o sangue. Se o sangue pertencia a Elizabeth Keaton, então aquela jovem era Elizabeth Keaton. Era a única explicação viável. E isso significava que não tinha sido morta por Jared Keaton. Esse facto era incontornável.

Seis anos antes, ele garantira a condenação de um inocente. Poe decidiu ver os vídeos uma vez mais.

Após o segundo visionamento, Poe levantou-se e esticou o corpo. Estar debruçado sobre o computador valera-lhe uma dor no pescoço e nos ombros. Estudou tudo ao pormenor até os seus olhos parecerem lixa, mas não viu nada que pudesse considerar incorreto. Absolutamente nada.

Ainda queria verificar outros elos na cadeia de custódia, mas era apenas um tiro no escuro, uma entrada no reino da fantasia. Depois de garantida a segurança do sangue, só mesmo com uma

teoria da conspiração de proporções e complexidade épicas é que se seria capaz de manipular as quatro amostras. Havia demasiadas pessoas envolvidas.

— E então? — perguntou Rigg.

Poe tinha-se esquecido de que ele ainda estava na sala. Rigg estivera a ler um processo em silêncio. Ou pelo menos a fingir que o lia. Poe pegou na chávena de café, mas este já estava frio. Contorceu a cara num esgar, mas bebeu-o na mesma.

— Parece ser conclusivo — respondeu.

Rigg aproximou-se da mesa de Poe e, entendendo o braço à sua frente, desligou o computador.

— Foi um embuste, Poe. É tão simples quanto isso. — O seu tom de voz era seguro e controlado. — O raptor teve a clarividência de fazer com que o rapto parecesse um homicídio, e o inspetor caiu na esparrela. Caíram todos! — Poe engoliu em seco. Aquela conclusão tomara conta da sua mente nas últimas horas, e as palavras de Rigg feriram-no como punhais. Este caminhou em direção à porta. Antes de sair da sala, virou-se. A raiva voltou a tomar conta de si. — Todos vocês deviam ter vergonha do que aconteceu.

E com isto apagou as luzes, mergulhando a sala na escuridão.

Capítulo 11

Poe deixou-se ficar sentado no escuro durante bastante tempo. Isso ajudava-o a raciocinar.

Como podia ter-se enganado daquela maneira em relação a alguém?

Em toda a sua carreira, nunca tivera tanta certeza em relação a uma coisa como em relação à culpa de Jared Keaton. E, no entanto... o sangue não fora falsificado. Elizabeth Keaton estava viva.

Há anos que Poe sabia um facto interessante sobre estátuas de homens a cavalo. Se o cavalo tivesse uma pata levantada, o cavaleiro teria sido ferido no campo de batalha, acabando por morrer como consequência dos ferimentos. Se o cavalo tinha duas patas levantadas, o cavaleiro teria morrido durante a batalha. Se tivesse as quatro patas no chão, o cavaleiro teria morrido de outras causas. Era uma trivialidade de cultura geral que repetira ao longo dos anos. A sua colega e melhor amiga, a analista de dados Tilly Bradshaw, dissera-lhe recentemente que era um perfeito disparate. Mesmo quando soube da verdade por si próprio, teve dificuldade em pôr de lado aquilo em que acreditara durante anos a fio. Chegara a defender a sua posição sem qualquer tipo de facto que a corroborasse.

Era exatamente isso que sentia agora — que precisava de um verdadeiro realinhamento mental. Depois de tantos anos, Keaton estava inocente.

Ponderou ir buscar outro café enquanto pensava no que fazer a seguir, mas o excesso de cafeína estava a causar-lhe dor de cabeça. Esfregou as têmporas numa tentativa vã de afastar a dor. Olhou para o *BlackBerry* e reparou que tinha mais uma chamada perdida de Flynn. Ligou-lhe, mas foi diretamente para o atendedor de chamadas. Não gostava de deixar mensagens de voz. Balbuciava sempre como se o inglês não fosse a sua língua materna. Decidiu enviar uma mensagem de texto.

Um minuto depois, ela respondeu: «Não vou escrever 200 mensagens de texto, Poe.» Incluía ainda uma hiperligação para uma chamada de videoconferência. Ele ligou o portátil que Rigg desligara e digitou o URL.

O ícone de um telefone começou a piscar. Alguém em Hampshire atendeu, uma vez que a sala de reuniões da SCAS surgiu no ecrã. Flynn estava sentada à mesa... e com cara de poucos amigos.

— Steph.

— Poe, não te vejo.

Havia um pequeno retângulo preto no canto superior direito do ecrã. Ele sabia, por já ter feito outras videoconferências, que era ali que devia aparecer a sua fotografia.

— Vou tentar escrever novamente o URL — disse.

Ela arregalou-lhe os olhos através do ciberespaço.

— Não mexas em nada, Poe. A Tilly vai juntar-se a nós. Ela trata disso.

Dois minutos depois, Bradshaw juntou-se a eles. Era uma mulher magra com cabelo castanho fino e uma pele que nunca via a luz do Sol. Óculos grossos ao estilo de Harry Potter aumentavam os seus olhos cinza. Usava uma t-shirt com o símbolo «&» e as palavras «Phone Home» por baixo. Poe conhecia aquela t-shirt. Aparentemente era um trocadilho com o símbolo do «e» comercial, que representava a conjunção copulativa «e», e um filme sobre um astronauta ou coisa parecida. Ou pelo menos era o que ele pensava que ela dissera. Na verdade, deixara de a ouvir passado algum tempo...

— Desculpe, inspetora-chefe Flynn, estava na casa de banho — disse ela.

Flynn ignorou o excesso de informação.

Poe sorriu. Bradshaw passara a maior parte da sua vida adulta, e grande parte da sua infância, imersa no ambiente académico a estudar matemática. Por mais brilhante que fosse, até se juntar à National Crime Agency, nunca tivera necessidade de desenvolver as competências sociais que todas as outras pessoas consideravam um dado adquirido, as competências que todos começaram a dominar no recreio da escola.

Tendo em conta que a matemática é uma ciência binária pouca dada à interpretação seletiva, ela nunca chegara a dominar o conceito de expressar um argumento. A matemática não era dada a subtilezas. Não requeria descrição ou empatia. Havia apenas certo ou errado. A matemática dizia a verdade, e, por conseguinte, também ela. Nunca lhe passaria pela cabeça que fosse de outro modo.

Não obstante, estava a melhorar... Poucos meses antes, ter-

lhes-ia dito o que fizera na casa de banho.

— Onde está o Poe? — perguntou Bradshaw.

— Ele consegue ver-nos, mas nós não conseguimos vê-lo.

Bradshaw assumiu as rédeas. Orientou Poe por uma série de verificações e reinícios. Por fim, ficou exasperada.

— Destapaste a câmara?

— É claro que destapei a câmara. — Poe verificou a parte superior do portátil. Uma pequena tampa de plástico cobria a lente da câmara. Ele retirou-a. O pequeno retângulo preto desapareceu e deu lugar à sala de reuniões B.

— Pateta — murmurou Bradshaw, abrindo a mala. Olhou para Flynn e copiou a forma como ela dispusera a caneta e o caderno.

Flynn cruzou os braços e ficou a observar, com um sorriso no canto dos lábios. Um mês após o desfecho do caso do Imolador, Bradshaw surpreendera tudo e todos ao candidatar-se a uma promoção interna. Assim que o fez, todos os outros candidatos desistiram. Quando foi confirmada no cargo, pediu conselhos a Poe quanto à melhor forma de gerir uma equipa. Ele dissera-lhe que Flynn não seria um mau exemplo a seguir. Ela levou o conselho ao pé da letra, e agora copiava tudo o que Flynn fazia. Se Flynn anotava alguma coisa, Bradshaw fazia o mesmo. Se Flynn consultava o telemóvel para ver se tinha mensagens, Bradshaw consultava o dela. Chegava ao ponto de arrumar a caneta e o caderno rigorosamente da mesma maneira.

Poe considerava tudo aquilo ternurento. Flynn achava irritante.

— Prontos? — perguntou Flynn.

Bradshaw comparou a sua parte da mesa com a de Flynn e acenou com a cabeça.

— Poe, o que se passa?

— Não quero chatear-te, chefe.

— Porque não fazes um esforço? — disse ela, rispidamente.

Poe conteve uma resposta torta. Há semanas que Flynn disparatava com toda a gente. Ninguém sabia porquê. Ao invés, explicou-lhe o que se passara. Ela ouviu sem o interromper.

— Precisas da minha ajuda, Poe? — perguntou Bradshaw, quando ele terminou. Parecia ansiosa. Ficava sempre ansiosa quando julgava que ele estava em apuros.

— Eles estão apenas a rever o inquérito original, Tilly. Não me vão querer por perto a atrapalhar. Vou voltar para aí muito em breve.

— Está bem. Mas envia-me tudo o que tiveres para eu dar uma vista de olhos.

— Não posso. Não estamos oficialmente envolvidos.

— O que pretendes fazer? — perguntou Flynn. Conhecia-o suficientemente bem para saber que, se ele tivesse cometido um erro, havia de querer repará-lo.

Poe fez uma pausa. Era esse o problema... O que podia ele fazer? Foi poupado a uma resposta constrangedora quando a porta da sala de reuniões de Carleton Hall se abriu e as luzes foram acesas. Poe pestanejou e protegeu os olhos.

Era Gamble. Não parecia estar zangado. Parecia, sim, resignado e preocupado.

— Dás-me cinco minutos, chefe? — perguntou Poe. — Julgo que o superintendente Gamble quer dar-me uma palavrinha.

Flynn pressionou um botão e o ecrã ficou às escuras.

— Era a inspetora-chefe Flynn? — perguntou Gamble.

— Sim.

— Ligo-lhe mais tarde.

Gamble dirigiu-se à máquina de café. Serviu-se de uma chávena, pegou numa vazia e fez sinal a Poe.

Um pouco a contragosto, Poe aceitou. Gamble levou as duas chávenas até à mesa. Puxou uma cadeira, deixou-se cair e entregou-lhe a bebida. Poe bebeu um gole. O café estava queimado e amargo, encaixando perfeitamente no seu estado de espírito. O vapor embaciou-lhe os óculos. Ele tirou-os e guardou-os no bolso do casaco. Durante um minuto, ficaram ambos a soprar as suas bebidas e a sorver pequenos goles.

— Como está a inspetora-chefe Flynn?

— Está bem, senhor superintendente. Ser a inspetora-chefe permanente é um cargo que lhe assenta bem.

Gamble sorriu.

— E a Tilly?

— Também está bem. Na verdade, está ótima. O caso do Imolador fê-la crescer, mas ela não se ficou por aí. Tirou a carta e comprou um *Ford Ka*. Dirige um departamento de analistas. E, se achava que ela era estranha, espere até ver a equipa dela. Todos eles precisam de coletes de alta visibilidade com a mensagem «Cuidado! Ainda estou a aprender a interagir com outras pessoas» escrita à frente e atrás. Autodenominam-se Scooby Gang, nome baseado numa série infantil com vampiros que todos eles veem. *Buffle, a Matadora de Vampiros*, ou lá o que é. Todos os outros lhes chamam o Povo Toupeira. Mas eles sabem o que fazem. Ouviu falar daquele homem em Scarborough?

— Os esfaqueamentos que supostamente não tinham ligação?

Poe acenou com a cabeça.

— Solucionaram o caso recorrendo apenas à análise de dados. Estudaram as imagens de videovigilância e perceberam que as três agressões tinham sido cometidas pela mesma pessoa.

— Foi ela? Ena, a Tilly está de parabéns! O agressor disfarçava-se de mulher, verdade?

— De diferentes mulheres — confirmou Poe. — Fizeram um trabalho deveras extraordinário. Traçaram um perfil, e a polícia de North Yorkshire apanhou-o no mesmo dia.

Seguiu-se um período de silêncio. Poe terminou o café e levou as duas chávenas para tornar a enchê-las. Quando voltou, Gamble estava pronto para falar.

— O que pensa de tudo isto, Poe? — perguntou. — Aquela é a Elizabeth Keaton?

Poe observou o superintendente, já com alguma idade. Parecia muito abalado. Desde a última vez que o vira, as rugas à volta dos olhos tinham-se expandido e aprofundado. O seu cabelo era agora de um grisalho mais claro. Poe sabia que a sua reforma estava à porta. Após a sua despromoção no rescaldo do caso do Imolador, Poe presumira que ele tentaria passar despercebido. Porém... ele parecia ainda mais desafiador.

Fez-se luz na cabeça de Poe. Gamble precisava dele.

— O que estou eu aqui a fazer, senhor superintendente? — Gamble manteve-se em silêncio. Poe prosseguiu: — Podia ter falado com o Rigg por telefone. Eu não precisava de ter vindo ao Norte. — Gamble manteve-se em silêncio. Bebeu um gole de café e fechou os olhos. — E, à exceção de alguns pormenores sobre o próprio Keaton, tudo o que vos contei hoje já constava do

processo. — Gamble abriu os olhos e olhou para ele. — O superintendente não tem a certeza, pois não?

Gamble exalou um longo suspiro em surdina. Parecia que estava a perder ar.

— Não sei o que pensar, Poe. Posso estar a lutar contra moinhos de vento, mas também sei que, se lhe tivesse dado ouvidos no caso do Imolador, o resultado podia ter sido diferente.

Poe não respondeu. Gamble estava a ser injusto consigo próprio. O caso do Imolador não tinha precedentes na história da polícia. Gamble nunca tivera a menor hipótese de sucesso. Nenhum responsável pela investigação teria tido.

— Vou ligar à inspetora Flynn e solicitar o apoio da Serious Crime Analysis Section — anunciou Gamble. — Oficialmente, será para ajudar com o inquérito ao rapto da Elizabeth Keaton, e, tendo em conta o seu envolvimento no inquérito original, vou solicitar que seja o meu contacto.

— E oficiosamente?

— Quero ter a certeza. Preciso de ter a certeza de que aquela rapariga é a Elizabeth Keaton. Não quero que a minha última contribuição na polícia passe por ajudar um assassino a escapar.

— Gamble levantou-se, pousou a chávena em cima da mesa e estendeu-lhe a mão. Poe estendeu a sua e deram um aperto de mão. Os seus olhares cruzaram-se. — E só terei essa certeza quando o Poe também a tiver.

Capítulo 12

Poe restabeleceu a ligação da videoconferência. Gamble permaneceu na sala. Após algumas palavras de circunstância, Gamble foi direto ao assunto.

— Estou a solicitar formalmente a intervenção da SCAS no inquérito relativo ao rapto e detenção ilícita da Elizabeth Keaton. Ainda esta noite terá consigo toda a papelada.

Houve um silêncio do outro lado do ecrã. Por fim, Flynn disse:

— Superintendente Gamble, a SCAS não pode ser usada para atenuar a culpa do Poe.

— Não se trata disso, inspetora Flynn. Se cometemos um erro, aceitaremos as consequências. Tenho a certeza de que o Poe é da mesma opinião.

— Como assim, «se» cometeram um erro? — perguntou Flynn.

— A jovem é a Elizabeth Keaton ou não?

— Tenho quase a certeza de que sim, chefe — respondeu Poe. Não valia a pena mentir.

— Mas?

— Mas o Jared Keaton é o homem mais inteligente que conheço. Se alguém conseguisse fazer isto, seria ele.

Não dourou a pílula. Flynn aceitaria ou não. Tinham falado sobre Keaton há algum tempo — uma daquelas conversas pela

noite fora à volta do tema «qual foi o pior caso que já investigaste?» —, por isso ela sabia o que ele pensava sobre ele.

Passaram 30 segundos até Flynn voltar a falar. Como Poe esperava, tomou uma decisão pragmática e justificável.

— Muito bem, senhor superintendente. Um rapto desta natureza recai sob a alçada da SCAS. Autorizo a nossa intervenção no caso durante o tempo que julgar necessário. Para já, contará apenas com o inspetor Poe, mas ele terá à sua disposição todos os recursos que considerar necessários.

Depois de tratarem de algumas questões administrativas, puseram fim à videoconferência.

Gamble olhou para Poe e perguntou:

— Por onde quer começar?

— Pelo sangue. Quero saber se o teste de ADN é tão infalível como apregoam.

— Foi-me assegurado que sim.

Poe assentiu. Ele era da mesma opinião. Não era possível «dar» a alguém o sangue de outra pessoa, de modo a alterar o seu ADN. As coisas não funcionavam assim. Mas... também sabia que os progressos médicos eram uma constante. As coisas podiam ter evoluído desde a última vez que se debruçara sobre a questão do ADN.

— Seja como for, faço questão de aprofundar essa questão — anunciou Poe. — Conheço uma patologista que poderá dar-me uma resposta definitiva.

— Não parece muito animado. Qual é o problema?

Poe suspirou.

— Ela é estranha como tudo.

Dia 5

Capítulo 13

Apesar de as provas biológicas poderem ser armazenadas nas câmaras frigoríficas de qualquer arquivo do departamento de investigação criminal, iam todas parar a Carleton Hall. O sangue da jovem — recolhido na esquadra de Penrith — já lá estava. Poe combinou encontrar-se com Gamble à porta, às 9 horas do dia seguinte.

O dia já dera lugar à noite quando ele se despediu de Gamble, mas sentiu-se tentado a ainda ir até à sua pequena quinta em Shap Fells. Aparentemente, ia ter de ficar em Cúmbria durante algum tempo e, como não ia a casa há algumas semanas, teria à sua espera algumas tarefas imediatas para voltar a torná-la habitável. O gerador precisaria de uma mudança de óleo e filtros, a bomba de água precisaria de ser ajustada para os níveis mais baixos dos meses de verão, e tudo o resto precisaria de uma boa limpeza.

Seria uma trabalhadeira, mas a verdade é que ele já tinha saudades de casa. Era o seu lar. A casa já estava totalmente paga, e o terreno também era seu. Antes de o Imolador o ter arrastado de volta para o SCAS, ele construía uma vida ali. Também tinha saudades de *Edgar*, o seu *springer spaniel*. *Edgar* ficara com Thomas Hume, o seu vizinho, enquanto Poe estava mais para sul,

mas, recentemente, ele andava a estudar a possibilidade de o ter consigo de forma mais permanente.

No final, o bom senso acabou por imperar e ele reservou um quarto no North Lakes Hotel & Spa, em Penrith. A ideia de uma cama de casal, lençóis de algodão bem engomados e uma ceia no bar revelou-se uma tentação impossível de resistir.

Poe encontrava-se à porta do CSI cerca de 15 minutos antes de este abrir. Gamble chegou cinco minutos depois, vindo diretamente de uma reunião com a nova chefe da polícia — o anterior caíra na obscuridade após a tentativa de encobrimento do caso do Imolador —, que não estava contente, e não só por estar a trabalhar a um domingo.

«Estava a cinco minutos de se pôr em frente à maior câmara de televisão que conseguisse encontrar para condenar publicamente o inquérito original», foi como ele descreveu o estado de espírito da chefe.

— Acha que o fará? — perguntou Poe. Não conhecia a nova chefe da polícia. Tinha sido superintendente na região oeste do país quando ele estava em Cúmbria. Era uma figura respeitada e não aceitava desaforos do comissário da polícia.

Gamble abanou a cabeça.

— Duvido. Tem de fazer alguns joguinhos políticos, mas numa situação de aperto não vai deixar de apoiar os seus agentes.

A diretora do armazém do CSI, uma jovem chamada Angie Morrison, interrompeu a conversa. Abriu a porta e recebeu-os num átrio semelhante a uma jaula, avançando depois para o armazém principal. Gamble explicou que tinham ido buscar uma

das duas amostras de sangue.

Depois de ter assinado o pedido de requisição, Poe despediu-se de Gamble no estacionamento e entrou no carro que a SCAS alugara para ele — o seu BMW X1 ainda estava em Hampshire. Dois minutos depois, estava na M6, e 20 minutos mais tarde já estava na A69 a caminho de Newcastle.

Poe percorreu Newcastle com o à-vontade de um turista nervoso. O centro da cidade era compacto, com um sistema complexo de vias de sentido único e um manancial de condutores sempre de mão na buzina. Só quando desligou o rádio — porque, quando se perdia, era isso que Poe fazia — é que descobriu que o carro tinha um sistema de navegação integrado. Pouco depois já estava na estrada certa e a seguir na direção correta.

Entrou na roleta russa que é o parque de estacionamento do Royal Victoria Infirmary, mas teve sorte e encontrou logo um lugar vazio. Um condutor que também tinha visto o cobiçado lugar pressionou furiosamente a buzina, mas Poe ignorou-o.

O RVI é o hospital da Universidade de Newcastle, e a pessoa que Poe ia visitar dividia o seu tempo entre o hospital, a sala de aulas e os Newcastle Laboratories. Além de ser a patologista da zona nordeste, Estelle Doyle era professora de Patologia Forense. As suas aulas eram cobiçadas por patologistas de todo o mundo. Quando não estava a dar aulas, podiam encontrá-la nas entranhas do RVI.

Enquanto pagava o estacionamento, Poe sentiu o nervosismo tomar conta de si.

Era esse o efeito que Estelle Doyle exercia nele.

Ela era, sem dúvida, uma profissional brilhante. Mas... Estelle Doyle tinha outra faceta.

Poe sabia que as pessoas que ganhavam a vida a retalhar cadáveres não podiam ser muito alegres, mas, mesmo para os seus padrões, Estelle Doyle era um pouco soturna. Enquanto avançava ao longo da cave e pela morgue, recordou as outras vezes em que trabalhara com ela.

Certa vez, ela oferecera-lhe vinho de uma garrafa que estivera a refrescar na câmara frigorífica dos cadáveres infantis, aquela que estava tristemente identificada com o estilo de letra Comic Sans. Dissera-lhe que era o melhor frigorífico do hospital. Ele agradecera, mas recusara. Noutra ocasião, pedira-lhe para segurar no braço de um homem obeso que estivera a dissecar.

«Puxe esse tendão», dissera-lhe ela, apontando para uma cavidade do braço enquanto lhe passava uma pinça cirúrgica. Ele fizera conforme ela indicara. O cadáver esticara-lhe o dedo do meio. Poe caíra ao chão com o choque. Estelle Doyle nem sequer esboçara um sorriso.

A porta da morgue tinha uma folha de papel A4 colada ao vidro fosco, na qual se lia o seguinte: «Os patologistas têm os pacientes mais silenciosos.»

Poe suspirou, respirou fundo, bateu à porta e entrou.

Estelle Doyle estava curvada sobre um cadáver. Sem transmitir o menor indício de o ter visto, disse:

— Poe, ainda bem que chegou. O que acha disto?

Poe abriu a boca, incrédulo.

Capítulo 14

O cadáver em cima da marquesa parecia pálido e manchado sob as luzes fortes. Tratava-se de uma mulher idosa: magra e definhada, com unhas retorcidas e amareladas. A sua cara estava vincada pelas rugas, e os seus olhos encovados e baços.

Estelle Doyle estava a pintar as unhas dos pés da mulher.

Cada uma tinha um tom de púrpura diferente. A justaposição dos tons góticos contra a pele descolorada do cadáver formava um contraste gritante.

Poe continuava perplexo.

— Hoje vou jantar fora. Antes, lembrei-me de experimentar estes vernizes. Diga-me lá, Poe, qual é que combina melhor com os meus sapatos?

Ela levantou a bainha da sua saia comprida e justa e revelou um par de sapatos de salto alto. Eram de um preto brilhante com solas de um vermelho-vivo. Pareciam ser caros.

— Hum... Aquele — disse Poe, apontando para o dedo mais próximo.

— Ah, Frosted Tulip. Boa escolha. — Um sorriso assomou aos seus lábios. — Ora bem, o que posso fazer por si desta vez, Poe? É sempre um prazer receber uma visita sua.

Terminou de pintar a última unha, pegou no pé da falecida e

soprou suavemente para as unhas. Aquele gesto tinha tanto de íntimo como de sinistro.

Poe tinha a certeza de que ela esperara por ele para ser apanhada a fazer aquilo.

Ela virou-se e encarou-o, olhando-o de cima a baixo. Passou a língua pelo lábio inferior. Poe contorceu-se perante o seu olhar.

Considerava Estelle Doyle uma mulher incrivelmente sensual e espantosa. Mesmo sem os saltos altos, era tão alta como ele. Os seus olhos azul-escuros estavam realçados pelo lápis preto e pela sombra vermelha. A base contrastava com os lábios carmesins. Os cabelos negros espalhavam-se como tinta contra o seu longo pescoço alvo. As maçãs do rosto eram elevadas e salientes. Os braços estavam totalmente cobertos por tatuagens, desde os ombros até aos pulsos.

— Está mais magro, Poe. Fica-lhe bem.

— Tive um ano complicado.

— Li sobre isso nos jornais. As suas proezas à Capra acabaram por vir ao de cima.

— O quê? — Sempre que ficava diante de Estelle Doyle, tinha dificuldade em formar uma frase coerente.

— É o eterno desfavorecido, Poe. É o que o impulsiona, o que o motiva a fazer aquilo que os outros não fazem.

Poe não respondeu. Não fazia a mínima ideia do que ela estava a falar.

Doyle suspirou.

— O caso do Imolador já está resolvido, verdade? — Ele acenou com a cabeça. — Mas está outra vez em apuros?

Poe voltou a acenar com a cabeça. Precisava de tempo para se

recompor. Apontou para a manicure do cadáver.

— Tem autorização para fazer isto?

— Pinto-as todas da mesma cor antes de ela sair daqui — limitou-se ela a responder, com um encolher de ombros.

Poe manteve-se em silêncio. Na escala de estranheza de Estelle Doyle, aquilo mal fazia moossa.

Ela levantou o braço da falecida para ele ver o interior do pulso.

— Está a ver isto?

Ele debruçou-se a medo. Era uma pequena tatuagem num estilo antigo, um símbolo que ele não reconheceu — um padrão labiríntico contido num círculo.

— O que é?

— A roda de Hécate. Representa as três vertentes da deusa: a donzela, a mãe e a anciã — esclareceu Doyle, afagando o cabelo da idosa. — Quase de certeza que ela era uma Wicca. Desconfio que aprovaria as unhas novas. — Ela fixou o olhar no cadáver. — Já imaginou a vida que ela deve ter tido? Os problemas que a tatuagem deve ter causado...

Poe observou atentamente a tatuagem, dominado pela sua curiosidade natural. Tinha um ar amador, e pelo menos 50 anos.

— Terá causado algumas chatices.

— Como sempre, um mestre do eufemismo, Poe. — Doyle cobriu a mulher com um lençol. — O que aconteceu desta vez?

— Tenho um problema. Um problema insolúvel.

— Ena, um quebra-cabeças! — A sua voz era monocórdica e hipnótica. — Gosto de quebra-cabeças. Continue, por favor.

Ele corou. Nem conseguia acreditar que estava prestes a perguntar aquilo.

- Preciso de saber como é que os mortos podem ressuscitar.
- Ah, até que enfim uma coisa interessante!

Poe pô-la a par da situação. Ela pediu-lhe para recuar ainda mais e descrever o local do crime no Bullace & Sloe. Ele explicou como tinham determinado que a quantidade de sangue era incompatível com a sobrevivência da vítima.

— Esse foi o vosso primeiro erro. Tinha o meu número de telefone, devia ter-me consultado. Os vossos cientistas forenses calculam sempre por cima a quantidade de sangue num local de crime. Até mesmo uma pequena quantidade, sobretudo quando derramada em superfícies de absorção reduzida como os azulejos de cozinha, faz com que um local de crime pareça um matadouro. A menos que o sangue permaneça no local, é impossível determinar quanto foi derramado. Quem lhe disser o contrário é mentiroso ou incompetente. Escrevi um artigo sobre isso há uns anos. Devia lê-lo.

— E vou ler — respondeu Poe. Gostaria de ter tido a clarividência de ter levado uma cópia do processo. Ter Estelle Doyle a ver as fotografias do local do crime era mais valioso do que ter a maioria dos patologistas no local.

— E a rapariga é parecida com a Elizabeth Keaton?

— Sim.

— E não é uma irmã gémea? Verdadeira ou falsa?

— Que saibamos, não. — Ela ergueu uma sobrancelha fina. — Não, Estelle, não é uma irmã gémea.

Em toda a sua carreira, nunca investigara um crime que envolvesse um irmão gémeo.

— E assistiu à recolha de sangue?

— Pessoalmente, não, mas vi o vídeo, e a cadeia de custódia não foi comprometida. A médica-legista e os investigadores estavam cientes da importância da recolha de sangue, e, desde a veia até ao saco, o sangue nunca saiu da vista de ninguém.

— Usaram sacos à prova de manipulação? — Poe assentiu. — E foi o mesmo saco que chegou ao laboratório?

Desta vez, Poe encolheu os ombros.

— Vou confirmar, mas parece-me improvável que tenha sido outro. Foi entregue pela empresa transportadora habitual, e todos os protocolos foram devidamente seguidos. É um sistema à prova de manipulação.

— Que laboratório é usado pela polícia de Cúmbria?

Poe disse-lhe. O laboratório servia todas as forças policiais na região noroeste. Ela fez um aceno de aprovação.

— Têm boa reputação. Sabem o que fazem. Presumo que não acredite que uns quantos indivíduos se tenham organizado e substituído uma amostra por outra? — Poe abanou a cabeça. — E a amostra de ADN original, aquela que serve de termo de comparação com o sangue dela, é fiável?

— Sim, fui eu que a colhi.

Doyle acenou com a cabeça. Ela era boa a esse ponto. Se acreditasse na competência de alguém, essa pessoa não teria de justificar as suas ações.

— Nesse caso, ainda bem que veio ter comigo. — Apontou para o seu gabinete. — Tenho só uns assuntos a resolver e depois sou toda sua. Porque não se senta ali?

Poe assim fez. Ficou a observá-la enquanto trabalhava, mas,

quando ela começou a remover coágulos de sangue das veias da idosa, virou a cara. A morgue de Doyle era usada em aulas práticas, por isso havia uma galeria protegida por acrílico por cima da marquês onde ela estava a trabalhar, mas, como era domingo, estava vazia. De resto, a morgue era o que seria de esperar. Um pouco mais moderna, mas basicamente igual a todas as outras onde já estivera. As câmaras frigoríficas vibravam como diapasões. Algumas estavam reguladas para menos 20 graus: a temperatura à qual os cadáveres podiam ser preservados indefinidamente. O ar condicionado — que ele poderia descrever como um trabalhador ávido — gelava-lhe o suor que se lhe formava na testa. Um cheiro químico a limão pairava no ar. Não era desagradável, mas picava-lhe as narinas e fazia-o lacrimejar. Grandes lavatórios, ralos e calhas estavam montados contra paredes de azulejo adornadas com avisos de higiene e segurança plastificados. Era uma sala que respeitava os mortos, mas nunca em sacrifício da verdade. Poe detestava morgues. Sempre detestara. Pôr os pés numa morgue significava que a polícia deixara alguém ficar mal.

Doyle juntou-se finalmente a ele. Não perdeu tempo com conversas de circunstância.

— Não percebo em que posso ajudá-lo, Poe. Parece que sabe o que aconteceu.

— Só quero a sua opinião, Estelle. Sei que vai parecer um disparate, mas é possível que alguém tenha o ADN de outra pessoa? Fazer um procedimento capaz de enganar um laboratório?

Para sua surpresa, ela não desatou a rir na sua cara. Pior,

ergueu o sobrolho.

— Recentemente, uma equipa de cientistas israelitas provou que é tecnicamente possível manipular um local de crime. Foram capazes de eliminar todos os vestígios de ADN de uma amostra de sangue e substituí-lo pelo de outra pessoa. — Poe olhou fixamente para ela. O que acabara de dizer era extraordinário. — E conseguiram ludibriar cientistas forenses — rematou ela.

Os seus olhos abriram-se ainda mais. A National Crime Agency devia estar na vanguarda do combate ao crime. Porque é que ele nunca ouvira aquilo? Tomou nota para alertar Flynn.

Doyle prosseguiu:

— Além disso, num laboratório de biologia molecular totalmente equipado, qualquer biólogo digno desse nome é capaz de sintetizar ADN.

Poe refletiu por instantes. Apesar de a ciência estar rapidamente a aproximar-se do mundo retratado em *Blade Runner*, isso não pareceu relevante para o caso em questão.

— Presumo que isso não resultasse com uma pessoa de carne e osso. É impossível sintetizar ADN num ser vivo, digo eu.

— Ainda não. Estava só a dar um exemplo, Poe. Preciso que compreenda o sangue. — Doyle não desperdiçava palavras: se achava que ele tinha de compreender o sangue, então, ele tinha de compreender o sangue. — Sangue é vida. É o líquido mais perfeito e diferenciado que alguma vez existiu. Engenharia orgânica ao mais alto nível. Faz tudo aquilo que precisamos que faça. Alimenta-nos e protege-nos. Transporta oxigénio através do corpo e elimina o dióxido de carbono. Regula a nossa temperatura e ajuda na reprodução. — Poe manteve-se em

silêncio. — Basta olharmos para a cor vermelha, para o nosso coração bater mais depressa. Isso deve-se ao facto de associarmos essa cor a sangue, e, quando vemos sangue, é porque aconteceu algo de errado. — Poe não sabia isso. Não sabia que tinha tão pouco controlo sobre o seu corpo. E disse-o. — Não se preocupe, Poe. Tenho a certeza de que chegamos a um ponto em que já vimos tanto sangue que deixamos de ter uma reação tão visceral. Na verdade, talvez coloque essa hipótese para ser provada ou contestada na minha próxima aula. — Pegou numa caneta e tomou nota.

— Imaginemos que alguém tinha uma grande quantidade do sangue da Elizabeth Keaton. Seria possível fazer uma transfusão para outro corpo e alterar o ADN?

Doyle abanou a cabeça.

— Não é assim que funciona. O ADN é criado através da fusão dos gametas dos nossos pais. — Poe suspirou. Ouvir Doyle era um pouco como ouvir Bradshaw; tinha o mesmo dom de complicar o que já de si era complicado. Doyle era uma catedrática de Medicina, e ele chumbara a Biologia. Não havia qualquer base de compreensão. A sua confusão deve ter parecido óbvia. — Os gametas são as nossas células reprodutoras, Poe. Herdamos... — Ela calou-se perante a sua expressão vazia. — Ouça, posso explicar-lhe, mas não posso fazê-lo *compreender*.

Ou melhor, era *mesmo* como ouvir Bradshaw.

— Desculpe. — Ele concentrou-se e fez os possíveis por acompanhar o que ela estava a dizer.

— O sangue tem origem na medula óssea, não o contrário. Mesmo que fosse feita uma transfusão total, o ADN da pessoa

nunca seria alterado. E como o corpo produz 100 mil milhões de células vermelhas e 400 mil milhões de células brancas por hora, uma amostra de sangue que ludibriasse um teste de ADN sofisticado teria de ser recolhida quase em simultâneo com a transfusão.

— Então... está a dizer que não é possível?

— Nem por sombras.

Primeiro falhanço.

Pegando no que Doyle acabara de dizer e para provar que estivera a prestar atenção, Poe perguntou:

— E os transplantes de medula óssea? Podem alterar o sangue de uma pessoa?

— Está a falar de uma quimera. Uma pessoa que tem dois tipos de ADN.

— Ah, estou?

— Está. Nos primórdios da oncologia, com alguns tipos de leucemia, por exemplo, a medula óssea dos pacientes ficava totalmente destruída, sendo posteriormente substituída pela de um dador. Teoricamente, isso podia alterar o ADN do sangue de uma pessoa. Mas o resto do ADN não muda. Todas as outras células do corpo teriam o ADN original da pessoa. — Poe semicerrou os olhos. Estaria a chegar a algum lado? — Mas — continuou ela, deitando água na fervura —, atualmente, os médicos não precisam de destruir toda a medula óssea de um paciente. Uma quimera é, portanto, alguém que tem uma mistura do seu ADN com o de outra pessoa.

Segundo falhanço.

— Então, esta rapariga só podia ter o sangue da Elizabeth

Keaton se fosse a Elizabeth Keaton?

Doyle encolheu os ombros.

— Nunca digo nunca. Se me desse um dador vivo e olhasse para o lado, talvez eu conseguisse ludibriar um teste. Mas apenas em condições laboratoriais.

Poe suspirou.

— Há outro problema. O único dador vivo que o Jared Keaton teria à disposição seria a filha e...

— E, se ele a tivesse, de que serviria esta farsa?

— Exatamente.

Ficaram ambos em silêncio.

Por fim, Doyle falou e, quando o fez, provou que mantinha a sagacidade de sempre.

— Não veio só para conversar, pois não, Poe? Podíamos ter feito isto pelo telefone. Desembuche. O que veio aqui fazer? — Poe levou a mão à mala e retirou duas coisas, que pousou em cima da secretária dela. — Que presentes é que me trouxe?

— O primeiro é o relatório de ADN da Elizabeth Keaton. Consta do inquérito original. Tem por base três fontes distintas, e tenho a certeza absoluta de que é o ADN dela.

— E o segundo?

— O segundo é uma amostra do sangue colhido na esquadra de Penrith há menos de uma semana. O laboratório usado pela polícia de Cúmbria fez a correspondência com o da Elizabeth Keaton.

— O que quer que faça com isto?

— Quero que faça um teste cego. Sei que os Newcastle Laboratories fazem trabalhos fora do âmbito do serviço nacional

de saúde. Quero que faça um teste no seu laboratório. Sem nomes nos sacos de provas, apenas um número de série que só a Estelle conhece. Completamente anônimo.

A resposta de Doyle surgiu num tom calmo e rouco.

— E porque faria eu tal coisa, Poe?

Poe lembrou-se do que Gamble lhe dissera na noite anterior.

— Porque enquanto *a Estelle* não tiver a certeza de que este é o sangue da Elizabeth Keaton, *eu* não terei a certeza de que este é o sangue da Elizabeth Keaton.

Capítulo 15

A caminho de Cúmbria, Poe ligou a Gamble e disse-lhe que Doyle aceitara dar prioridade a mais um teste de ADN.

— Pode estar em Carleton Hall às 15 horas? — perguntou Gamble. — Marquei uma reunião de estratégia. Assim terá oportunidade de conhecer a equipa toda.

Poe consultou o relógio. Passava pouco do meio-dia. Precisava de comer e dispensava a comida do refeitório. Felizmente, a A69, uma das principais artérias que cruzavam o país na direção este-oeste tinha muitos sítios onde ele podia parar para comer qualquer coisa. Hexham tinha um bom restaurante de fritos, e apetecia-lhe uma salsicha panada empurrada por uma *Sprite* bem fresquinha.

— Lá estarei.

A pré-reunião — aquela em que os polícias espalham rumores até que um agente graduado os mande calar — estava no auge quando Poe entrou na sala de reuniões A. Ninguém lhe prestou atenção. Com aquele fato, podia ser qualquer pessoa.

Aproximou-se da máquina de café e serviu-se de uma chávena. Levou-a para a mesa de reuniões e sentou-se ao lado de uma mulher que não conhecia. Ela sorriu educadamente e, em

seguida, virou-se para a pessoa com quem estava a falar.

— Vejam — gritou alguém —, temos cá a Agência Nacional do Caos.

A sala ficou rapidamente em silêncio. Todos olharam para Poe enquanto este bebia um gole de café. Ele pousou calmamente a chávena em cima do pires e olhou fixamente para a pessoa que gritara. Era um homem atarracado com olhos encovados e braços gordos.

Rigg estava sentado ao seu lado. O agente alto teve a decência de parecer constrangido.

— Mas que raio está aqui a fazer, Poe? — perguntou o homem atarracado. — Pensei que tinha sido escorraçado daqui.

Poe pegou na sua chávena e bebeu lentamente o café até ao fim. Quando terminou, disse:

— E quem é você?

— Responda à merda da pergunta, Poe! Isto é um assunto de Cúmbria. O que faz você na minha sala de reuniões?

— Na sua sala de reuniões, inspetor Wardle? — disse Gamble. Entrara na sala sem que o homem atarracado desse por isso. — Não que seja da sua conta, mas o inspetor Poe está aqui a meu convite.

— Posso perguntar porquê, senhor superintendente? — O tom de voz de Wardle era monocórdico e indignado.

— Não.

A cara pálida de Wardle ruborizou.

Gamble virou-se para Poe.

— Aqui o Wardle é um dos nossos inspetores que teve promoção direta, inspetor Poe. Por vezes, esquece-se de que há

quem faça por merecer o cargo que ocupa.

Wardle esboçou um esgar. Obviamente, preferia que os colegas pensassem que era inspetor por mérito, e não por ter sido promovido diretamente sem nunca ter servido como polícia fardado. Eram conhecidos por estarem mal preparados; Poe nunca conhecera um que fosse competente. Ao referir aquilo em público, Gamble estava a avisar Poe para ter cuidado.

— Aperte a mão do inspetor Poe, inspetor Wardle — disse Gamble. O seu tom de voz não dava abertura a contestações.

Wardle estendeu a mão de forma relutante a Poe. Este apertou-a por breves instantes. Estava pegajosa como um peixe. À vista de todos, limpou a mão às calças.

— Excelente — concluiu Gamble. — Parece que vamos todos dar-nos lindamente. Passemos ao que interessa. Como era expectável, os advogados do Jared Keaton encaminharam o caso para a Criminal Cases Review Commission.

Poe sentiu um nó no estômago. A CCRC, o organismo independente com poderes para investigar casos suspeitos de erro judicial, não tinha legitimidade para reverter sentenças, mas, se encaminhasse o caso para o Tribunal da Relação, este era legalmente obrigado a reabrir o processo.

— Não é possível — disse Rigg. — A CCRC só pode aceitar casos que perderam o recurso. O Keaton ainda não interpôs recurso.

— É possível, se eles alegarem circunstâncias excepcionais — esclareceu Poe.

Gamble assentiu.

— E foi precisamente isso que fizeram. O pedido alega que se justificam as circunstâncias excepcionais, tendo em conta que foi

cabalmente provado que a vítima do crime está viva. Estive ao telefone com o membro da CCRC responsável pelo caso, que me disse que o pedido foi aceite. Vão abrir o seu próprio inquérito, mas não vejo outro resultado possível que não o envio imediato para o Tribunal da Relação. — Poe concordou. A CCRC não tinha alternativa. — Do modo como as coisas estão, o Ministério Público não apresentará quaisquer provas na audiência de recurso. — Gamble fez uma pausa para que todos pudessem digerir o que ele acabara de dizer. Por momentos, o seu olhar deteve-se em Poe. — O responsável da CCRC disse que estão a processar o pedido do Keaton como urgente, e podemos contar com uma decisão dentro de duas semanas. Se o Ministério Público não levantar objeções, o Tribunal da Relação pode decidir na semana seguinte. — Rigg e Poe trocaram olhares. Rigg acenou ligeiramente. Poe devolveu o gesto. — E, pronto, minhas senhoras e meus senhores — concluiu Gamble. — Daqui a três semanas, o Jared Keaton estará de novo cá fora.

Capítulo 16

Poe achou que três semanas era uma estimativa otimista. O mais certo era os advogados de Keaton solicitarem uma audiência em privado — um pedido de fiança que o juiz considera em privado.

Keaton podia voltar à cozinha do Bullace & Sloe dentro de poucos dias.

Poe tinha muito que fazer antes disso. Queria falar com o polícia que estava de serviço na biblioteca de Alston. Por vezes, os polícias omitiam determinados pormenores propositadamente para o caso de fazerem má figura mais tarde. Poe precisava de saber se o solucionador de problemas Alsop sabia de alguma coisa que não tivesse relatado. Também tencionava falar com a médica-legista. Estava de serviço quando a jovem fora levada para a esquadra, e ele queria saber o seu parecer médico em primeira mão. Falaria ainda com a pessoa que entregara as amostras à empresa transportadora e, caso fosse necessário, deslocar-se-ia até ao laboratório para falar com o analista e com todos os envolvidos no manuseamento da amostra.

Todos os elos da cadeia de custódia tinham de ser minuciosamente escarpelizados.

Todavia, primeiro, tinha de ir para casa. O dia estava a passar depressa e ele tinha coisas a fazer.

À exceção de algumas regiões remotas da Escócia, Herdwick Croft era do mais isolado que se podia encontrar na Grã-Bretanha continental. A casa ficava situada na antiga charneca de Shap Fell, e Poe não podia levar o carro até lá. O seu vizinho mais próximo — um hotel que chegou a ser usado como campo de prisioneiros de guerra alemães — ficava a mais de três quilómetros de distância, e ele tinha um acordo com a gerência que lhe permitia estacionar o carro no parque do hotel. Por norma, a sua moto-quatro — o único veículo capaz de transpor o terreno agreste — estaria à sua espera no estacionamento do hotel, mas ele estivera fora algumas semanas e não queria abusar. A moto-quatro estava em Herdwick Croft.

Teria de percorrer a distância a pé.

Não costumava ser problemático; pelo contrário, era mesmo um prazer, mas ele tinha de comprar alguns mantimentos. A eletricidade do chalé era fornecida por um gerador, e, quando estava fora durante um período alargado, desligava sempre tudo. Como os alimentos frescos apodreciam, ele esvaziava o frigorífico — normalmente com a ajuda de *Edgar* — antes de partir.

Carregar sacos de carne, tubérculos e outros bens essenciais ao longo de três quilómetros de charneca era uma verdadeira prova de esforço, e, quando chegou a Herdwick Croft — uma construção medonha que mais parecia ter-se erguido do solo em vez de ter sido construída em cima dele —, estava coberto de suor. Pousou as compras na mesa do pátio e passou cinco minutos a descontraír os músculos. Depois, abriu a porta e entrou.

Estava em casa. Finalmente.

Apesar do crepúsculo, o ar em Herdwick Croft estava quente e parado. Uma fina camada de pó cobria todas as superfícies. Poe abriu as portadas e deixou entrar a brisa da noite. Trataria das limpezas mais tarde.

Depois de beber uma garrafa tépida de *Spun Gold*, vestiu um par de calções velhos e debruçou-se sobre o gerador. Pouco depois, já estava completamente desmanchado. Um dos vedantes revelava indícios de corrosão. O mais certo era ainda aguentar umas semanas antes de começar a vazar, mas ele tinha um sobresselente, por isso decidiu substituí-lo. O filtro também precisava de ser mudado, mas isso era um procedimento de rotina. Sorria enquanto trabalhava. Há dois anos, as suas competências técnicas resumiam-se a colocar uma folha de papel dobrada por baixo da perna bamba de uma mesa. Tinha tantas probabilidades de reparar um gerador como de lambear o cotovelo. Agora, fazia aquilo em piloto automático.

Assim que o gerador ficou novamente montado, ele pressionou o botão da ignição. Pegou à primeira. A seguir ligou o rádio DAB que Bradshaw lhe oferecera. O noticiário estava prestes a começar e, à semelhança do resto do país, ele queria saber qual era o ponto da situação relativamente à tempestade Wendy. Abasteceu o frigorífico enquanto ia ouvindo. Não havia informações novas. A tempestade Wendy estava a caminho, mas não sabiam quando chegaria. Ele mudou de posto para a BBC Radio 6 Music. A *playlist* era uma miscelânea de estilos — desde *punk* a canto mongol —, mas ele encontrava sempre algo de que

gostava.

Com a questão da eletricidade resolvida, Poe voltou-se para a bomba de água. O único verdadeiro problema de Herdwick Croft havia sido a água potável, mas ele teve sorte. A empresa que contratara para fazer o furo encontrara água imediatamente. Nem sequer estava a grande profundidade, por isso não precisara de uma bomba cara para a trazer à superfície. Poe examinou o motor da bomba. Deu à manivela algumas vezes e não detetou nenhum problema premente. Conetou o cabo de alimentação ao gerador e ligou-o. Pouco depois, voltou a ter água corrente.

A última coisa que fez foi acender a salamandra. A noite estava quente e agradável, mas a salamandra também aquecia a água. E Poe precisava de tomar um duche.

Decidiu que iria buscar *Edgar* no dia seguinte. Duas horas depois, estava sentado no bar do Hotel Shap Wells a desfrutar de uma empada e de uma caneca de cerveja. Levara o portátil consigo e, finda a refeição, enviou um e-mail a Bradshaw com o ponto da situação.

Ela respondeu de imediato.

Não eram boas notícias. Os advogados de Jared Keaton já haviam interposto o pedido de fiança numa audiência privada. Bradshaw enviou-lhe uma hiperligação. Poe leu o pedido. Frases como «incompetente», «investigação negligente» e «erro judicial sem paralelo» surgiam alternadamente e com pouca consideração pela exatidão. Era sensacionalista, como era expectável. A mensagem era muito clara: estavam à mercê deles, que falariam com a comunicação social se não fizessem o que

exigissem. Poe tinha razão: o prazo de três semanas de Gamble fora demasiado otimista. Agora, tinham dias, não semanas.

Bradshaw devia ter um aviso de receção configurado no seu e-mail, pois voltou a enviar outro dez minutos depois de ele ter lido o primeiro: «Estás bem, Poe?»

Ele procurou e pressionou as teclas enquanto compunha uma resposta. Escolheu as palavras cuidadosamente; caso contrário, ela ficaria mais ansiosa. Bradshaw ainda só estivera no terreno uma vez e já lhe salvara a vida. Ficava preocupada quando ele estava sozinho ou quando não conseguia contactá-lo. Decidiu que lhe diria apenas que era uma situação aborrecida, mas nada de que não estivesse à espera. Assim que ele enviou o e-mail, o seu *BlackBerry* tocou. Era um número desconhecido.

— Inspetor Washington Poe? — Era uma voz de homem. Tinha um sotaque escocês andrógino e estridente.

— É o próprio.

— Inspetor Poe, fala Graham Smith. Sou jornalista e gostaria de saber se quer fazer algum comentário face às novas provas que vieram a lume. — Poe não disse uma palavra. — É verdade que cometeu um erro grosseiro há seis anos, inspetor Poe?

— Vá-se lixar! — replicou, atirando com o telemóvel para cima da mesa. Foi chocar com a caneca de cerveja já meio bebida.

Raios! Já tinham divulgado informações à imprensa e ele ainda nem sequer começara a investigar.

Como teria Smith conseguido o seu número de telemóvel?

Dia 6

Capítulo 17

Gamble combinara com o solucionador de problemas Alsop que este estaria na esquadra de Kendal às 8 horas. Era a esquadra mais próxima de Herdwick Croft, e, na última vez que ali estivera, Poe não tinha sido bem recebido. Uma combinação dos problemas que causara com alguma animosidade persistente — um legado do tempo que passou na polícia de Cúmbria.

Desta vez, não foi muito melhor. Uma semana antes podia ter sido bem acolhido. Afinal de contas, era o homem que conseguira que a verdade sobre o Imolador tivesse vindo ao de cima — uma verdade bem recebida por todos os homens, mulheres e cães da polícia.

Mas se uma semana é muito tempo em política, é ainda mais em Cúmbria. Apesar de ninguém afirmar explicitamente que o culpava pelos erros no inquérito do caso Keaton, o motivo da receção gelada era evidente. Por fim, alguém decidiu remar contra a corrente e fazer-lhe um café.

Alsop chegou alguns minutos depois.

Poe simpatizou de imediato com ele. Era um polícia à sério, sem grandes floreios. Brusco e preparado para fazer o que lhe fosse pedido. Poe perguntou se havia alguma coisa que ele não tivesse considerado relevante de ser registado no seu caderno, por mais

trivial que lhe parecesse na altura.

Nem precisava de o ter feito. Alsop era um veterano e suficientemente inteligente para saber que não era por ele não considerar algo importante que outra pessoa não o faria. Recordou os acontecimentos daquela manhã, consultou o seu caderno apenas uma vez e não disse a Poe nada que ele não soubesse já.

Poe entregou-lhe um dos seus cartões da NCA e agradeceu a sua disponibilidade.

Tencionava conversar com todos os intervenientes pela ordem com que tinham falado com a jovem. A pessoa que se seguia era a médica-legista.

Os médicos forenses integram as forças policiais há mais de cem anos. As suas funções são variadas, sendo os principais motivos por que são chamados a certificação dos óbitos, examinar e proporcionar tratamento a indivíduos lesionados sob custódia policial e recolher amostras de sangue de condutores embriagados. A formação dos médicos forenses é muito abrangente. Inclui medicina legal e forense, o *Police and Criminal Evidence Act*, consentimento e confidencialidade, e apresentação de provas em tribunal e ao médico-legista.

É um cargo especializado, e Cúmbria — como todas as forças policiais de pequena dimensão — contratava vários médicos desta especialidade em regime de freelance. Por isso, em vez de se encontrar com Felicity Jakeman numa esquadra, Poe teve de se deslocar até ao seu consultório em Ulverston, a sul.

Poe gostava de Ulverston. Era a terra natal de Stan Laurel e a

autodesignada capital dos festivais de Cúmbria. Desde gigantescos festivais gastronómicos até pequenos concertos de música *folk*, a cidade recebia visitas de todos os cantos do mundo. Conhecida por ter o canal mais curto, largo e profundo do mundo, a cidade era uma miríade de edifícios antigos e estradas de calçada labirínticas.

Felicity Jakeman era uma de oito médicos que exerciam no seu consultório. Poe contactou-a previamente para lhe dizer que a ia visitar e combinaram reunir-se no final do expediente da manhã. A menos que tivesse alguma consulta domiciliária urgente, ela contava estar livre por volta do meio-dia.

Faltava uma hora, por isso Poe decidiu tomar café num estabelecimento ali perto. Assim que entrou, o cheiro a canela, caramelo e bolachas ainda quentes tomou de assalto as suas narinas. O seu estômago roncou, mas ele resistiu à tentação. Encontrou uma mesa à janela e pediu um café longo a um adolescente que usava um avental de atilho à moda antiga. O café foi servido numa chávena de porcelana, e era delicioso. Com o dedo, Poe desenhou círculos nalgumas gotas de água que pontuavam o tampo da mesa e deixou-se ficar simplesmente a contemplar o bulício de Ulverston.

Recapitulou aquilo que já sabia. Não era muito e, em última análise, tudo se resumia à amostra de sangue que entregara a Estelle Doyle. Se o laboratório dela confirmasse o resultado de Cúmbria, estava tudo acabado. Jared Keaton não tinha matado a filha. Poe pedir-lhe-ia desculpa pessoalmente.

O sino da porta deu sinal de vida e o campo de visão de Poe foi preenchido por laranjas e castanhos. Alguns membros femininos

do templo budista da cidade, um centro de meditação de renome internacional, tinham acabado de entrar para almoçar. Em qualquer outra parte de Cúmbria, um grupo de mulheres de cabelo rapado e vestes garridas teria atraído olhares curiosos e suspeitas, mas os budistas já andavam por Ulverston há tanto tempo que faziam parte do colorido da cidade.

O budismo afigurava-se-lhe uma religião pacífica. Poe não conhecia a definição concreta de *zen*, mas em Herdwick Croft, sem televisão e em perfeita sintonia com a natureza e a terra, houvera alturas em que teria estado muito perto de atingir esse estado mental.

Uma das mulheres percebeu que ele estava a olhar para ela e sorriu. Poe retribuiu o sorriso. Consultou o relógio; tinha dez minutos para chegar ao consultório de Felicity Jakeman. Bebeu as borras de café — escuras e viscosas, um autêntico shot de cafeína —, deixou uma moeda de duas libras de gorjeta em cima da mesa e saiu.

Ulverston era uma cidade próspera — sem dúvida por comparação com a cidade mais próxima e de muito maior dimensão, Barrow-in-Furness —, e essa realidade estava plasmada na decoração da sala de espera do consultório: cores neutras, plantas verdadeiras e revistas atuais. Cadeiras confortáveis em vez de instrumentos de tortura de plástico moldado. Tinha inclusivamente um dispensador de água.

Poe avisou a rececionista da sua chegada e sentou-se. Como o expediente da manhã estava quase a terminar, o número de pessoas que aguardavam a sua vez era muito reduzido. Uma

senhora já com alguma idade que se encontrava sentada com algumas cadeiras de intervalo tossiu delicadamente para o seu lenço.

— A Dra. Jakeman está à sua espera, inspetor — informou a rececionista. — Está no gabinete três, junto ao dispensador de água.

Poe agradeceu.

Felicity Jakeman estava vestida de forma informal, com calças de ganga e uma camisola desbotada com o logótipo do London's University College Hospital na frente. Usava maquilhagem discreta, e o seu cabelo ruivo, que lhe dava pelos ombros, estava apanhado num rabo de cavalo.

Já começara a almoçar e, enquanto mastigava uma salada asiática, informou Poe de que só lhe podia dispensar 20 minutos, no máximo. Não pareceu impressionada por vê-lo. O mais certo era ser adepta da tese «a culpa é toda do Poe». Algo que iria ouvir muitas vezes nos dias seguintes...

Era um consultório típico de clínica geral: mobiliário funcional, alguns cartazes de anatomia, um computador ligado a uma impressora de receitas médicas e uma marquesa coberta por papel azul. Na secretária tinha uma fotografia sua a fazer uma caminhada em Cat Bells. O formato distinto da montanha não deixava margem para dúvida. Cat Bells ficava perto de Keswick, e Poe não gostava da zona. Mesmo durante a época baixa, estava sempre cheia de gente.

Poe sentou-se na cadeira ao lado da secretária. Jakeman inclinou-se para a frente e olhou para Poe como se ele tivesse

acabado de pedir um atestado médico de duas semanas.

Era uma mulher atraente, provavelmente três ou quatro anos mais velha do que Estelle Doyle, mas, enquanto a Patologista Soturna trabalhava com pacientes que não podiam piorar, o stress de trabalhar com pacientes a quem isso podia acontecer estava patente em Felicity. Tinha a fadiga inerente que todos os médicos parecem ter. Os contornos dos seus olhos estavam marcados por rugas e o seu cabelo exibia laivos de prateado.

Engoliu aquilo que estava a mastigar e continuou a avaliá-lo. Pouco depois, encolheu os ombros e esboçou um meio sorriso. Provavelmente, terá percebido que ele não era o inimigo.

— Não se importa que coma, pois não? Depois de um turno de 12 horas, é difícil resistir aos menus de takeaway, por isso tento tomar uma refeição saudável durante o dia.

— Esteja à vontade. Dra. Jakeman, será que podia...

— Por favor, trate-me por Flick. Esse apelido faz-me lembrar o meu ex-marido.

Poe nunca gostou de alcunhas — conferiam um tom de intimidade que não o deixavam à vontade —, mas também não podia recusar. Olhou para a mão esquerda dela. Não conseguia evitar; pagavam-lhe para ser um sacana intrometido. A marca da aliança era visível, mas tinha a mesma cor do resto do dedo. Aparentemente não a usava há algum tempo. Pelo menos um ano, pensou ele.

— Lamento — disse ele, automaticamente.

Ela encolheu os ombros e pousou a salada.

— Por vezes, inspetor, não é o Sr. Certo que conhecemos no liceu; é o Sr. Errado.

— Foi por isso que se mudou para aqui?

— Ah... Andou a investigar-me. — Os seus olhos brilharam de entusiasmo.

— Nem por isso, mas está a usar a camisola de um hospital londrino e o seu sotaque não é local.

— Trabalhei num hospital em Londres, mas apeteceu-me mudar quando nos separámos. Costumávamos vir passar férias para a região dos lagos, por isso decidi arriscar e mudar-me para cá permanentemente. Estou aqui há alguns anos, e adoro as pessoas e a paisagem.

Poe podia ter continuado com aquela amena cavaqueira — ela era uma mulher interessante —; porém, estava consciente de que os seus 20 minutos já tinham começado.

— Fale-me do dia em que a Elizabeth Keaton foi trazida para cá. Ela cruzou os braços.

— Não acha que ela já sofreu bastante?

— Acho. E lamento imenso pelo meu papel em toda esta situação. Mas o que me interessa agora é apanhar o homem que a raptou.

Flick soltou um suspiro.

— O que quer saber?

— Tudo — respondeu Poe.

Flick fora chamada por volta das 10h30. Não estava a par do significado do nome que a jovem dizia ter e, pelo menos durante o primeiro exame, tão-pouco estava interessada. Teria prestado o mesmo tipo de cuidados a qualquer pessoa — vítima, testemunha, criminoso ou polícia. A sua função principal era ser médica.

A rapariga recusara-se a ir ao hospital e, quando se tornara evidente para Flick que os seus colegas da polícia iriam interrogá-la durante algum tempo, ela decidira examiná-la no gabinete médico da esquadra.

— Ela estava fragilizada e subnutrida, mas não corria perigo imediato. E, apesar de já ter passado pelo pior, estava a enfrentar uma ressaca de opiáceos. Como já deve ter percebido pelas marcas de automutilação, ela ficou com cicatrizes psicológicas que vão requerer anos de terapia.

— Alguma lesão recente?

Ela assentiu.

— Cortes e escoriações nos tornozelos, mãos e cara. Algumas unhas partidas. Tudo indícios de ter andado a correr pela floresta sem proteção. Retirei alguns espinhos, tratei-lhe das feridas e pu-la a soro.

— Acreditou na história dela?

— Isso não é da minha competência. Só estava ali para prestar cuidados médicos.

— Por que motivo recolheu uma amostra de sangue?

— Em vez de saliva? — Poe assentiu. — Acordei com o agente responsável que seria a opção menos traumática.

— Para verificar se ela estava grávida? — Fora essa a informação que Rigg lhe dera.

— Correto. As análises ao sangue têm uma fiabilidade de 99 por cento e conseguem detetar a hormona da gravidez hCG numa fase inicial, até sete dias após a conceção.

— Mas ela não estava grávida.

— Não.

— E não detetou doenças venéreas ou viroses associadas a consumo intravenoso de heroína?

— Não — respondeu, abanando a cabeça.

— E não havia qualquer irregularidade com os sacos de provas?

— Todas as pessoas que estavam naquela sala sabiam o que estava em jogo, inspetor Poe. Presumo que tenha visto as gravações. A cadeia de custódia não foi violada. Se tiver de ir a tribunal testemunhar nesse sentido, assim farei.

— Porque é que ela não quis ir ao hospital? Ou a um Centro para Vítimas de Agressão Sexual?

— Recusou terminantemente qualquer uma dessas hipóteses. Disse-me mais tarde que só queria estar sozinha. Nem sequer quis ir ao restaurante antes de o pai ser libertado. Só ficou tanto tempo para garantir que a polícia tinha tudo aquilo de que necessitava.

— Solicitou uma análise ao sangue para despistar a presença de opiáceos?

— Sim, apesar de já sabermos que seria em vão.

— Então, porquê?

— A heroína só permanece no organismo durante algumas horas. A Elizabeth não tinha tomado nada nos quatro dias que antecederam a sua fuga, e o teste deu negativo. Isso aconteceu com todos os testes. Não estava grávida, não tinha infeções e não tinha drogas no organismo.

Poe tomou nota mentalmente de que devia ligar a Estelle Doyle. Queria repetir todos os testes. Não duvidava que Flick tivesse razão, e sabia que os novos testes confirmariam o resultado dos primeiros, mas não queria deixar pontas soltas.

Fez mais algumas perguntas, mas não descobriu nada que não constasse já do processo. Agradeceu a Flick e deixou-lhe um cartão. Quando chegou à porta do gabinete, já ela estava a pressionar o botão do intercomunicador e a chamar o paciente seguinte.

E ele que pensava que os agentes da polícia tinham uma vida atarefada...

Capítulo 18

Poe ligou a Estelle Doyle a caminho do carro alugado. Ela atendeu ao quarto toque.

— Nem os vivos recebem os resultados do perfil de ADN tão depressa, Poe. Ligo-lhe quando o tivermos. Mas não vai ser hoje.

— Não foi por isso que liguei. Usou o sangue todo?

— É claro que não.

— Nesse caso, pode fazer mais uns testes, por favor?

— Presumo que Cúmbria não se importe de os pagar.

— Bem visto. Pode faturar diretamente à NCA? Se colocar a inspetora-chefe Stephanie Flynn na fatura, eu digo-lhe por e-mail para onde a pode enviar.

— De que precisa? — Ele debitou os mesmos testes que Flick Jakeman pedira. — Doenças venéreas, gravidez e opiáceos — repetiu Doyle. — É tudo?

— Quais são as minhas opções?

— Cara ou muito cara.

— Qual é a muito cara?

— Cromatografia líquida acoplada à espectrometria de massa.

Poe sempre fora daqueles que prefere «saber o que faz e não como faz». Seja como for, desconfiava que Doyle optara propositadamente por aquela algaraviada científica só para o

aborrecer. Optou por dizer apenas:

— E isso é bom?

— Não há melhor. Vai analisar todos os componentes químicos da amostra.

— Quanto?

Ela disse-lhe. Poe estremeceu. Era muito dinheiro. Teria de falar primeiro com Flynn; os inspetores da SCAS não podiam autorizar despesas daquele montante. Mas... o mais certo era ela recusar. Que se lixasse. Fingiria que tinha havido um mal-entendido com Cúmbria quando a fatura caísse na sua secretária.

— Avance — disse-lhe.

— Tem a certeza?

— Não. Mas avance mesmo assim.

— Qual é a sua ideia, Poe?

— São tiros no escuro, Estelle. Tiros no escuro.

Poe ligou a Gamble e indicou-lhe o que precisava a seguir: o nome do agente que entregara a amostra de sangue à empresa transportadora. Gamble disse que lhe pediria para se deslocar à esquadra de Kendal. Poe agradeceu a atenção, mas, como ia falar com a empresa transportadora em Penrith, poderia encontrar-se com ele na sede.

Poe traçou caminho para a M6. Quando chegou finalmente à autoestrada, ligou a Thomas Hume, o agricultor que cuidava de *Edgar* na sua ausência. Tencionava ir buscar *Edgar* ao fim da tarde.

Foi uma mulher quem atendeu o telefone, o que era uma estreia. Hume era um agricultor montanhês irascível, e Poe

partira do princípio de que ele levava uma existência monástica em tudo semelhante à sua.

— Posso falar com o Thomas, por favor?

— Quem fala?

Poe identificou-se. Pausa. Então, a mulher lá continuou:

— Posso perguntar de que se trata?

— Quero ir buscar o meu cão. O Thomas cuida do *Edgar* quando eu estou fora.

— Oh, claro. Sim, tudo bem. Depois das 17 horas?

— Depois das 17 está ótimo.

Poe desligou a chamada. A reação da mulher fora estranha; parecera preocupada quando ele se apresentara. Quando Poe dissera que só queria ir buscar o cão, já parecera aliviada. Tentou esquecer isso; tinha coisas mais importantes com que se preocupar.

O agente responsável pela sala das provas chamava-se John Langley. Era um homem anafado com um joelho lesionado. Vê-lo levantar-se da cadeira era como contemplar um pêndulo de Newton. Balançava-se para trás e para a frente até ter impulso suficiente para se levantar da cadeira reforçada. Coxeou até à porta e deixou Poe entrar.

— Uma antiga lesão de rãguebi — anunciou.

Poe não acreditou. O joelho humano é, basicamente, uma dobradiça de suporte, e Langley consubstanciava uma carga muito pesada. Gamble informara-o de que, de momento, ele estava a fazer tarefas limitadas até que o joelho recuperasse ou até ele ser dispensado. Estava há mais de um ano na sala de

provas, e sabia o que fazia. Não admirava, portanto, que não gostasse de ser interrogado.

Isso não incomodou minimamente Poe. A entrega do sangue à empresa transportadora era um elo na cadeia de custódia. Ele estava a verificá-la, e não queria saber quem melindrava pelo caminho.

— Elizabeth Keaton. Embalou o sangue dela e entregou-o à empresa transportadora?

Langley não respondeu.

Poe aguardou.

Langley lá cedeu.

— Tenho de ir ver.

— Se não se importar.

Arrastou-se até um computador em modo de suspensão e tocou no rato. O ecrã ganhou imediatamente vida. Por milagre, já estava na página pretendida.

Tens de ir ver, o tanas!, pensou Poe. Langley devia ter ficado ansioso mal Gamble lhe dissera que Poe estava a caminho para falar com ele.

— Sim, fui eu. — Ele imprimiu a página e entregou-lha.

Poe comparou o número de série com aquele que constava do seu caderno. Correspondiam.

— Explique-me o processo. Do princípio ao fim; não omita nada.

Langley começou a teclar. Durante alguns instantes, Poe foi obrigado a ouvir o som solitário do homem a escrever com um só dedo. Por fim, a política de manuseamento, embalagem, etiquetagem e transporte de provas forenses biológicas surgiu no

ecrã do computador.

Durante meia hora, Langley explicou-lhe todos os passos do processo.

Era gerado um pedido por parte de um investigador autorizado — neste caso, o agente Rigg — sempre que era necessário enviar amostras para o laboratório. Langley enviara um e-mail para a empresa transportadora e agendara o levantamento. Também tinha enviado um e-mail para o laboratório para os avisar do que estava a chegar, indicando o número de série do saco de prova. Quinze minutos antes da hora acordada, ele registara a expedição do sangue do armazém do CSI. Em seguida, levava o sangue para a sala de provas e pedia a um segundo funcionário que assinasse e confirmasse se o número de série era o correto e que o saco não havia sido violado. Como se tratava do envio de material biológico, Langley acondicionara o saco de prova numa embalagem secundária — um saco transparente e impermeável fornecido pelo laboratório. O saco fora selado e identificado com um sinal indicativo de perigo biológico.

Quando a carrinha chegara, o condutor verificara o número de série e assistira enquanto Langley colocava o saco numa caixa de poliestireno. A caixa fora selada e identificada com sinalética de perigo biológico em todos os lados. O condutor assinara o formulário de expedição e levava a caixa.

— Muito bem — disse Poe, quando ele terminou. — Agora que já me disse o que *devia* ter acontecido, que tal contar-me o que aconteceu *realmente*?

Era uma pergunta agressiva, que foi encarada como tal.

Langley rosnou:

— Vou fingir que não ouvi isso, meu rapaz. — Poe não respondeu. — Trabalho numa sala de provas, seu imbecil! Olhe para cima. — Poe assim fez. Havia três câmaras, incluindo uma mesmo por cima da porta. — Agora, olhe para ali. — Langley apontou para a parede ao fundo. Mais uma câmara. — Não é o primeiro agente a tentar atirar as culpas de uma burrada para cima da sala de provas. Estas gravações são guardadas durante cinco anos, e o superintendente Gamble autorizou-o a ver a gravação em questão. Somos como um casino de Las Vegas: todas as transações são feitas diante das câmaras. Se alguém fez asneira, não fomos nós.

Poe pediu desculpa. A polícia de Cúmbria cumpria padrões de excelência; não poriam um idiota à frente da principal sala de provas, evidentemente.

Langley abriu outro ecrã e recostou-se enquanto Poe via o condutor a recolher a amostra de sangue. Tudo decorrera conforme a descrição de Langley.

Mais um elo riscado.

Próxima paragem: ANL Parcels, em Carlisle.

Kingmoor Park — um antigo complexo de armazéns do Ministério da Defesa com mais de 185 mil metros quadrados de escritórios e armazéns — era, segundo o site, o melhor parque empresarial de Cúmbria. Ficava localizado a norte da cidade. Poe saiu da M6 pela saída 44 antes de entrar na Carlisle Northern Development Route, também conhecida como A689 (W). O parque empresarial tinha mais de cem locatários, um dos quais era uma empresa transportadora local designada por ANL

Parcels.

Poe deu facilmente com a empresa. Não anunciou a sua visita propositadamente. Queria que parecesse uma auditoria de rotina, e sabia que a sua identificação da NCA seria suficiente para conseguir uma conversa com o condutor, assim como para ter acesso aos seus sistemas de localização de encomendas.

Estacionou no lugar reservado para o subgerente e entrou na zona de receção. Uma mulher alta levantou os olhos do computador. Usava uns auscultadores *bluetooth* e um blazer escuro com o logótipo dourado da ANL Parcels no bolso. A primeira impressão de Poe foi que a ANL era uma empresa muito profissional.

A mulher fez-lhe um gesto com a mão a indicar dois minutos e voltou para a sua chamada. Parecia estar a receber um pedido. Ele sentou-se e aproveitou para folhear um catálogo impresso num papel acetinado de qualidade. Segundo o que estava a ler, a ANL era uma transportadora local com contratos com as autoridades locais, os North Cumbria University Hospitals, a polícia de Cúmbria e inúmeras pequenas empresas.

A rececionista chamou-o. Poe mostrou-lhe a sua identificação e pediu para falar com o chefe de operações.

Pouco depois, já estava numa sala de comando junto de uma mulher que era demasiado entusiasta em relação ao serviço de transportes para o gosto de Poe. Chamava-se Rosie e estava mais do que disposta a ajudá-lo com a sua «auditoria».

Três minutos mais tarde, Poe estava prestes a riscar a empresa transportadora da sua lista. Parecia impossível que alguém tivesse violado a caixa. Rosie explicou que, visto que eram uma

empresa ágil e flexível, os condutores eram destacados para rotas aleatórias todos os dias. Poe perguntou se uma encomenda podia ser desviada durante meia hora enquanto alguém acedia a ela.

— É possível — admitiu ela. — Mas, como só sabem qual é a rota de recolha ou entrega quando chegam à empresa, não vejo como poderia ser feito. Nenhum condutor pode «escolher» recolher uma determinada encomenda. O sistema foi concebido para evitar exatamente esse problema.

Poe tirou o telemóvel e leu o número de localização da ANL que Langley inserira no registo de provas.

— Pode dizer-me quem entregou esta encomenda?

— Isto não é uma auditoria, pois não? — perguntou Rosie.

— Não.

Ela dedilhou o teclado e deslocou o rato ergonómico.

— Martin Evans. Fez um meio turno simpático. Uma recolha no Furness General Hospital, em Barrow, uma entrega em Lancaster e, por fim, a sua encomenda nos Combined Science Services.

— E está convosco há algum tempo?

— Pelo menos há dez anos.

— Acha que ele seria capaz de mexer numa encomenda?

— O Martin Evans?! Nem pensar! — exclamou ela, rindo-se. — Como é que hei de explicar isto? Nós não empregamos génios, inspetor Poe. Se tiver carácter e uma carta de condução válida, está contratado. O Martin não tem astúcia suficiente para estar envolvido em algo mais elaborado do que encomendar batatas fritas.

Poe inspirou, desalentado, e riscou a ANL Parcels da sua lista mental.

Próxima paragem: Combined Science Services. A última paragem.

Mas não agora.

Agora, estava na altura de ir buscar o cão.

Capítulo 19

Poe tivera um cão em criança — um cão pastor com artrites que alguém impingira ao seu pai. Poe levava Tess com ele quando ia com os seus amigos à caça de esquilos. O esforço de percorrer os cerca de 500 metros que separavam a sua casa do parque local faziam com que o cão aterrasse em frente à lareira durante o resto do dia.

Ser dono de um *springer spaniel* era uma experiência totalmente diferente.

Poe nunca vira tanta energia concentrada. No seu primeiro ano, *Edgar* só fazia três coisas: comer, dormir e correr. Quando saíam de Herdwick Croft, a viagem de Poe era sempre cinco vezes mais longa do que o esperado, porque *Edgar* parecia ser incapaz de correr em linha reta. Ao invés, seguiam por desvios sinuosos, por vezes quilómetros, na direção oposta àquela que deviam seguir.

Durante 12 meses, *Edgar* dera água pela barba a Poe.

Por fim, e felizmente, ele acalmara, e Poe percebera finalmente porque é que os donos de *springer spaniels* eram viciados nos seus cães. *Edgar* era uma companhia encantadora. Roía as mangas de Poe, seguia-o por todo o lado e ladrava ao menor ruído. Mergulhava sem hesitar em regatos cobertos de gelo, mas

recusava-se a entrar na banheira. Poe ainda não descobrira nada que ele não comesse, mas já percebera que *Edgar* tinha um apreço especial por queijo e dejetos de ovelha. Passava dois minutos a sujar-se e depois lambia-se durante dez horas. Bebia água da sanita e depois babava a cara de Poe. Roubava-lhe comida do prato e rosnava se Poe a quisesse de volta.

Poe não mudaria nada naquele cão.

Em linha reta, a quinta de Thomas Hume ficava a cerca de cinco quilómetros de Herdwick Croft, mais longe ainda se fosse pela estrada. Habitualmente, Poe teria levado o seu BMW X1 mesmo até ao interior da propriedade e recolhido *Edgar* sem importunar o velho agricultor rabugento. As comadres do Shap já lhe deviam ter dito que Poe estava de volta a Cúmbria. Mas, desta vez, ele estava a conduzir um carro alugado todo finório e não queria ficar com o para-brisas cheio de chumbo grosso — Hume assustava-se facilmente e andava sempre com a sua caçadeira.

Então, estacionou à beira do caminho que tinha a largura de um trator e percorreu o resto do percurso a pé. Assim que fez a curva, percebeu que se passava qualquer coisa.

Na quinta, que costumava estar mergulhada no caos com cães a ladrar e galinhas a cacarejar, reinava agora o silêncio. O *Mercedes* escavacado de Hume estava estacionado no sítio do costume, mas ao seu lado estavam três outros carros, todos eles pequenos e todos eles imaculados. Utilitários, não carros do campo. Regra geral, os carros da Cúmbria rural estavam sujos e eram suficientemente potentes para lidar com os caminhos de terra batida.

Poe lembrou-se da mulher que atendera o telefone. Não se apresentara e mostrara-se receosa quando ele se identificara. Na verdade, parecera aliviada quando Poe lhe explicara por que motivo estava a ligar. Questionou-se se Hume estaria em apuros. Provavelmente, teria problemas financeiros, tendo em conta a miséria que os agricultores da montanha ganhavam por aqueles dias. Talvez a mulher fosse uma das filhas de Hume e tivesse confundido Poe com um credor.

Entrar à socapa e levar *Edgar* não parecia a melhor coisa a fazer. Poe hesitou, sem saber como agir. *Que se lixe*, acabou por decidir. Não ia fazer nada que não tivesse já feito inúmeras vezes. Aproximou-se da porta da casa.

A casa e os barracões haviam sido erguidos com recurso à mesma pedra cinza pintalgada que compunha as paredes de Herdwick Croft — os edifícios naquela zona de Cúmbria caracterizavam-se pela escolha limitada de materiais de construção. Só as estruturas mais recentes da quinta — o barracão da tosquia, os cercados e a zona do banho de desinfestação das ovelhas — eram feitas de materiais mais modernos, como aço e chapa ondulada.

Na ausência de campainha, Poe bateu da forma menos agressiva que conseguiu. Ninguém abriu, e ele não ouvia um som. Encostou o ouvido à madeira quente e voltou a bater, desta vez com mais força. Ouviu sussurros, choro abafado e passos. Deu um passo atrás e aguardou.

Uma mulher veio abrir a porta, ficando a observá-lo em silêncio. Era mais ou menos da idade de Poe, e o seu rosto estava molhado e manchado. A maquilhagem escorria-lhe pela cara em

veios escuros, e os seus olhos estavam inchados. Estivera a chorar.

— Posso ajudá-lo? — A voz saiu-lhe entrecortada e rouca, como se tivesse estado a fumar cigarros russos uns atrás dos outros.

— Olá... — Poe nunca sabia o que fazer perante as emoções de terceiros. — Chamo-me Washington Poe; liguei há algumas horas. O Thomas toma conta do meu cão quando estou fora. Foi consigo que falei? — A mulher assentiu. — O Thomas está? Seria possível falar com ele? — Ela abanou a cabeça, mas não se explicou. — Ele não está em apuros, pois não?

Poe já vira atores a chorar na televisão, mas nunca adequadamente. As pessoas raramente «desatam num pranto». É quase sempre um crescendo lento. Há algo que acontece, e elas passam da fase do controlo precário das emoções para a fase do descontrolo total.

Como naquele caso.

O nariz da mulher ficou vermelho na ponta. A boca contorceu-se. Os olhos incharam. Uma lágrima solitária deslizou-lhe pela cara, logo seguida por outras duas. Pouco depois, já todo o seu corpo se contorcia com tremores e soluços silenciosos.

Poe desviou o olhar. A dor não era um passatempo voyeurista. Um minuto depois, o choro acalmou e ele sentiu confiança suficiente para erguer os olhos. Olhos vermelhos e esborratados pelas lágrimas encaravam-no de forma resoluta. Nesse momento, ele já sabia o que ela ia dizer.

— O meu pai morreu, Sr. Poe.

Ele acenou com a cabeça.

— Os meus sentimentos, Sra...

— Hume. Victoria Hume. Sou a filha mais velha.

Um silêncio constrangedor instalou-se, quebrado uns momentos depois por Poe.

— Não fazia ideia. Ele estava doente?

— Um enfarte.

— Os meus sentimentos — repetiu.

Não podia simplesmente pedir que lhe devolvessem o cão, mas ficar ali a fazer conversa de circunstância era um castigo. Desejou ter Bradshaw ao seu lado — ela limitar-se-ia a dizer o que tinha de ser dito. Provavelmente, teria acrescentado dados estatísticos sobre o número de vítimas mortais de enfartes todos os anos. Foi salvo de mais constrangimentos pelo som de latidos. *Edgar* apareceu a correr vindo de trás de um pequeno celeiro, sendo imediatamente seguido por dois *border collies*. Um *Jack Russell*, com as patas a moverem-se ao dobro da velocidade dos restantes cães, fechava o cortejo. Quando *Edgar* viu Poe, os seus latidos entusiastas transformaram-se em ganidos ensurdecedores da mais pura alegria.

O animal não tinha mesmo sentido de oportunidade.

Victoria Hume conseguiu esboçar um sorriso ténue.

— Alguém está contente por vê-lo.

Poe percebeu o «pelo menos» tácito. Passava-se mais alguma coisa. Ele lembrou-se de como ela fora evasiva ao telefone. Havia algo que não lhe estava a contar, e não tinha nada que ver com a morte do pai.

— Ouça — disse ele, decidindo que não era altura de tentar sacar informações —, vou deixá-la em paz. Os meus mais sinceros sentimentos. Sempre me dei muito bem com o Thomas, e ele

ajudava-me imenso com o *Edgar*.

Ela fez-lhe um sorriso tenso, mas não comentou. E muito menos se ofereceu para dar continuidade à tradição. Isso ainda havia de trazer algumas complicações para Poe, mas aquela não era a altura para pedir favores.

Como Poe não virou logo costas, Victoria Hume terá pensado que ele queria mais alguma coisa. Cerrou o queixo e cruzou os braços. Fixaram os olhos um do outro.

— Lamento, Sr. Poe, mas agora não lhe posso dizer mais nada. — Poe não desviou o olhar. Não fazia ideia do que ela estava a falar. — Tenho de ir — disse, voltando para dentro de casa e fechando a porta.

Poe ficou a olhar por instantes para a porta de carvalho antes de se baixar e passar a mão pelas orelhas de *Edgar*.

— Bem, meu velho, aquilo foi muito estranho. Estás com fome? — O *spaniel* olhou para ele, com os olhos de um castanho líquido, feliz por ouvir a voz do dono. Solto um ligeiro ganido. — Anda daí, vamos para casa.

Dia 7

Capítulo 20

A Combined Science Services tinha sede em Preston. Abriam às 8 horas, e Poe tencionava ser o primeiro a chegar. Os escritórios ocupavam uma área de grandes dimensões, por isso Poe decidiu levar *Edgar* consigo. Bem vistas as coisas, não tinha alternativa; não podia abusar da boa vontade de Victoria.

A reunião com a diretora-executiva só estava marcada para as 9 horas, mas Poe queria dar uma vista de olhos primeiro, para determinar possíveis pontos fracos nos seus procedimentos.

A M6 não estava mais congestionada do que o habitual, e ele chegou ao local 15 minutos antes do pretendido. Decidiu dar um curto passeio com *Edgar* pelo terreno, o que lhe permitiu observar o complexo. Não viu nada fora do normal.

Reviu mentalmente a estratégia que havia delineado para a conversa com a diretora-executiva. O mais certo seria ela assumir uma postura defensiva. Os contratos com a polícia representavam mais de 30 por cento da faturação da CSS, e uma falha que tivesse permitido a contaminação de provas seria desastrosa para eles. A diretora-executiva também não se podia fechar em copas e esconder-se atrás dos advogados; a menor suspeita de encobrimento teria o mesmo impacto que um encobrimento efetivo. Todos os contratos com a polícia seriam

cancelados. Não, Poe contava que a diretora-executiva tivesse montado uma ofensiva de charme. Sublinharia os seus pontos fortes e ocultaria os fracos. Poe não estava preocupado. Já investigara grandes empresas.

O seu telemóvel tocou. Era Estelle Doyle.

— Recebi o seu perfil ontem a altas horas da noite, Poe — disse ela.

— E?

Ela fez uma pausa. Ninguém faz uma pausa quando tem boas notícias. Ele ficou com a boca seca.

— Enviei o relatório completo por e-mail, mas lamento dizer-lhe que são más notícias, Poe. A amostra que me forneceu é idêntica à amostra de referência. O sangue pertence à Elizabeth Keaton.

Gamble pediu a Poe para entrar no seu gabinete. O superintendente tinha um olhar cansado e a barba por fazer. Recostou-se na cadeira e esfregou o pescoço e os ombros.

— Não há qualquer dúvida?

— Não. Eu estava na Combined Science Services quando a Estelle Doyle me ligou, mas fiquei por lá na mesma para despachar o assunto.

A notícia de Doyle tornara a visita à CSS a propósito da cadeia de custódia desnecessária, mas ainda assim ele optara por manter o plano original. A sua visita só confirmara o que Estelle Doyle lhe dissera: a CSS era uma empresa respeitável e profissional. Foi o que transmitiu a Gamble.

— E, mesmo que não fosse, isso seria irrelevante — disse-lhe

Gamble. — A rapariga é a Elizabeth Keaton, e o Jared Keaton foi condenado injustamente. — Poe assentiu. Não havia outra explicação possível. — Não se recrimine, Poe. Estas coisas nunca são da responsabilidade de uma só pessoa. A polícia, o Ministério Público, os advogados do Keaton... todos fizeram asneira.

Gamble tinha razão, evidentemente. Poe não passara de uma pequena roda dentada numa grande máquina; no entanto, não seria essa a opinião da comunicação social. Não seria essa a opinião das hierarquias de Cúmbria. E sem dúvida que não seria essa a sua opinião.

— Eu falo com o Keaton, senhor superintendente. Devo-lhe isso.

Gamble assentiu. A sua mente parecia estar longe. Como se ouvisse uma música que não era audível para mais ninguém.

— Os serviços prisionais já o transferiram para Durham. Devem estar a contar com a sua libertação iminente. — Fazia sentido. Sempre que possível, os serviços prisionais transferiam os reclusos para o estabelecimento prisional mais próximo da sua área de residência durante os últimos dias da pena. — Tem um encontro marcado com o Keaton amanhã — prosseguiu Gamble. — Será acompanhado pelo agente Rigg.

— Sabia que eu pediria para ir?

— Nem por isso.

— Então, porquê marcar o encontro?

Os olhos de Gamble voltaram a ganhar vida e cravaram-se nos de Poe.

— Porque, por motivos que me escapam completamente, Poe, o Jared Keaton pediu para falar consigo.

Dia 8

Capítulo 21

Poe dormiu mal. Dormiu, mas estava ciente de estar a dormir. O facto de Keaton querer falar consigo ficou a pairar no seu consciente e no seu inconsciente. Se a intenção era vangloriar-se, porquê fazê-lo na privacidade de uma sala de reuniões na prisão? Jared Keaton adorava a atenção pública; envergonhar Poe perante a comunicação social de todo o mundo fazia mais o seu estilo.

Não fazia sentido. E isso deixava-o nervoso.

Porque Jared Keaton não dava ponto sem nó.

Poe levantou-se cedo e tomou o pequeno-almoço em pé e directamente da frigideira. *Edgar* tratou de limpar os restos. Com Hume morto, e sem ter caído nas boas graças da sua filha, Poe viu-se na obrigação de fazer algo que sempre dissera que nunca faria: deixar *Edgar* num hotel. Sabia que precisava de arranjar uma solução a longo prazo, mas para já não tinha outra opção.

Oficialmente, tratava-se de uma visita da polícia de Cúmbria, por isso foi Rigg quem levou o carro. Apanhou Poe junto à porta principal de Carleton Hall às 7 horas. Não desligou o motor e arrancou ainda antes de Poe fechar a porta.

O percurso até ao estabelecimento prisional de Durham

implicava percorrer a montanhosa A66 e ainda um pequeno troço da A1. Rigg não falou, nem sequer virou a cabeça na direção de Poe, antes de passarem pela carreira militar de Warcop, meia hora após o início da viagem. E mesmo aí foi apenas para responder com maus modos a uma pergunta de Poe.

— Porque é que acha que o Keaton quer falar comigo? — Rigg não respondeu logo. Cerrou mais o queixo e fez um trejeito. — Para lhe ser sincero, estou meio preocupado — prosseguiu Poe. Foi quando Rigg murmurou algo por entre dentes. — Desculpe, não percebi.

— Eu disse que estou cheio de pena de si.

Poe ignorou a insubordinação. A raiva tinha razão de ser, e, apesar de não saber porquê, queria Rigg do seu lado.

Provavelmente porque o fazia lembrar de si mesmo.

Sendo um dos poucos estabelecimentos prisionais do século XIX ainda em funcionamento, a prisão de Durham estava degradada. Ao longo dos anos, albergara alguns dos piores criminosos do Reino Unido. Assassinos como Rose West, Myra Hindley e Ian Brady, e mafiosos como Ronnie Kray, John McVicar — que conseguiu fugir — e Frankie Fraser, todos eles passaram uma temporada atrás dos muros lúgubres de Durham. O edifício com duzentos anos albergava mais de mil reclusos. Sobrelotada e mal financiada, a prisão era extremamente quente no verão e perigosamente fria no inverno, e já devia ter sido demolida há 50 anos. Poe sempre achara que o estabelecimento prisional de Durham simbolizava a decadência do próprio sistema de justiça penal do Reino Unido.

A prisão tinha sido considerada de alto risco, o que significava que as medidas de segurança à entrada eram das mais avançadas. Após a verificação das suas identificações, da impressão dos passes e de uma revista minuciosa, avançaram para o salão oficial das visitas. «Salão» era um termo grandioso para designar o que era pouco mais do que um corredor com oito cubículos sujos de cada lado. Mais parecia um call center de um qualquer país subdesenvolvido. Daqueles que vendiam fármacos falsificados. As paredes eram de acrílico transparente, a decoração era deprimente, e o cheiro a lixívia, avassalador.

Foi-lhes atribuído o cubículo número três, o segundo a contar da esquerda. O cheiro a lixívia misturava-se com o odor corporal do último ocupante da sala. Poe e Rigg contorceram-se com o cheiro. Tudo o que continha era quatro cadeiras e uma mesa, fixas ao chão de betão pintado. Além disso, havia um cinzeiro de lata baratucho.

O corredor do salão tinha entradas nas duas extremidades. Poe e Rigg haviam entrado pela porta das visitas. A outra porta dava acesso ao interior da prisão. Poe não conseguia desviar os olhos da silenciosa porta de metal. Como os outros cubículos estavam vazios, a próxima pessoa a entrar por lá seria Jared Keaton.

Com um baque sólido, a porta de metal abriu-se, e Poe viu o homem que atormentara o seu sono na noite anterior.

Keaton aproximou-se do cubículo três e entrou sem esperar que o convidassem, sentando-se numa das duas cadeiras vazias. Durante algum tempo, Poe e Keaton olharam fixamente um para o outro. Era como se Rigg não estivesse ali.

Poe não via Keaton desde o dia da leitura da sentença. Embora não estivesse tão composto e aprumado como durante o julgamento, os seis anos passados na prisão não lhe haviam diminuído a imponência. Os seus dentes eram de um branco menos imaculado e o seu cabelo louro tinha sido cortado pelo barbeiro da prisão e não por um qualquer cabeleireiro das estrelas, mas ainda assim não perdera o ar de galã de cinema. Tinha o rosto perfeitamente simétrico. As maçãs do rosto distintas e o queixo angular. A barba impecável. Os seus famosos olhos azul-claros. Austero a ponto de não parecer efeminado, mas sensível a ponto de captar a atenção de todos. Não admirava que todas as produtoras de televisão e editoras andassem de roda dele.

Antes da sua detenção, Jared Keaton corria oito quilómetros por dia e passava uma hora no ginásio antes do pequeno-almoço. Agora, apesar de a sua musculatura já não estar tão definida devido à falta de equipamento desportivo, o modo como a camisola da farda lhe assentava no peito e nos bíceps não deixava dúvidas: continuava musculado. Cheirava a cigarros, apesar de Poe saber que ele não fumava. Era normal — todos cheiravam a tabaco na prisão.

Rigg pigarreou, mas Keaton levantou a mão e impediu-o de falar, esboçando um sorriso matreiro ao agente. O mesmo sorriso que exibia perante as câmaras quando explicava uma técnica complicada a uma das celebridades bajuladoras que convidava para o seu programa de culinária semanal. Simultaneamente desarmante e arrogante. O mesmo que mostrara em inúmeras capas de revista e reportagens. Nas palavras de um jornal, «um

sorriso vencedor».

Virou-se para Poe.

— Antes de começarmos, tem alguma coisa para me dizer, inspetor Poe? — O seu sotaque francês afetado conseguira sobreviver às agruras do sistema prisional.

Poe não respondeu. Pensara em começar com um pedido de desculpa e aceitar o que viesse a seguir. Prejudicara Keaton, e este tinha todo o direito de estar zangado. Com pouco mais do que um palpite, Poe roubara-lhe seis anos de vida, a ele e à sua filha.

Porém, havia algo de errado na sua postura.

Keaton devia estar roxo de fúria. Uma ira fervilhante, impossível de conter. Mas não estava. Olhava para Poe como uma cascavel pronta a atacar.

Durante alguns instantes, fitaram-se a avaliaram-se mutuamente.

Quando se tornou evidente que nenhum dos dois ia falar, Rigg fez-lhes a vez. Durante 30 minutos, explicou em que ponto se encontravam as buscas pelo raptor de Elizabeth Keaton, o inquérito policial a um possível erro judicial e referiu o pedido de recurso do seu caso por parte da Criminal Cases Review Commission ao Tribunal da Relação.

Os olhos de Keaton nunca deixaram de fixar os de Poe.

Por fim, Rigg deu por concluída a descarga de informação, da qual Keaton já estaria certamente a par através dos seus advogados. Expectante, olhou para Keaton, mas este não revelou o menor indício de ter sequer ouvido a sua exposição.

— Tem alguma pergunta a fazer, Sr. Keaton? — indagou.

Sem olhar para Rigg, Keaton repetiu a pergunta que fizera meia hora antes:

— Tem alguma coisa para me dizer, inspetor Poe?

Poe tinha de dizer alguma coisa.

— Teve uma experiência e tanto, Sr. Keaton. — Algo lhe dizia que não devia pedir desculpa.

Jared Keaton ergueu as sobrancelhas e esboçou um sorriso mais rasgado.

Rigg fez um esgar.

— Decerto que o que o meu colega quis dizer...

Keaton mandou-o calar com um gesto. Manteve os olhos fixos em Poe e disse:

— O seu colega tem toda a razão, agente Rigg. Tive uma experiência e tanto. — Rigg engoliu em seco. — Imagina o que é ser acusado de homicídio? Ter os seus amigos a pensar o pior de si? Ver a sua reputação na lama? Perder tudo aquilo por que trabalhou toda a vida? Imagina o que isso é, agente Rigg?

Este abanou a cabeça.

Poe assistia fascinado a tudo aquilo. A forma como Keaton conseguia controlar as pessoas era extraordinária.

Rigg, um veterano de inúmeros interrogatórios, foi dominado por completo. Estava de queixo caído. Parecia não acreditar no que se estava a passar. Por fim, lá encontrou a voz.

— Mas está a sorrir, Sr. Keaton.

Keaton virou-se para ele.

— Estou?

— Está.

— Presumo que seja porque estou feliz, agente Rigg. A justiça,

mesmo depois de seis anos, não deixa de ser justiça.

Rigg não reagiu.

Keaton virou-se para Poe e, sem disfarçar minimamente, piscou-lhe o olho.

— Ou talvez seja por saber o que vai acontecer a seguir.

Capítulo 22

— Está anormalmente calado, inspetor Poe.

Poe podia ter dito o mesmo. Estavam novamente na estrada, já a meio caminho, e era a primeira vez que Rigg se pronunciava. Há meia hora que deitava olhares a Poe, como se procurasse algumas garantias. Os seus dedos tamborilavam no volante desde que tinham entrado na A1. Era evidente que o comportamento de macho alfa de Keaton o deixara perturbado. O mau humor inicial fora substituído pelo que parecia ser uma reflexão. Poe sabia bem do que se tratava — sentira o mesmo quando conhecera Keaton. O homem tinha a estranha capacidade de dominar qualquer espaço onde entrasse. Estivesse onde estivesse ou fizesse o que fizesse. Não fizera a menor diferença que ele fosse um criminoso condenado e que Rigg fosse um agente experiente e empedernido; com um gesto do pulso, tornara-o irrelevante. Tornara-o impotente.

— Não pode permitir que ele o afete, Andrew.

Rigg apertou o volante com mais força.

— Ele quem, Poe?

— O Keaton. Não se deixe manipular por ele. Se o fizer, nunca mais se livra dele. Vá por mim.

Rigg virou-se para Poe. Os seus olhos estavam semicerrados.

— Quem é que você pensa que é, Poe? — Este não respondeu. Rigg espetou-lhe um dedo na cara. — O Jared Keaton não me manipulou. Estamos entendidos?

— Perfeitamente, agente Rigg.

— E você também não.

Rigg agarrou novamente no volante e olhou em frente, com uma contração muscular no queixo.

— Como queira.

Se Rigg precisava de salvar a face, Poe não se importava de ser o saco de pancada momentâneo. Abriu o caderno e apontou os seus pensamentos. No final, leu-os para si. Algo não batia certo, mas ele não sabia o quê. Era uma sensação bem no fundo da sua mente. Voltou a ler os apontamentos, esforçando-se por encontrar o que faltava.

E ali estava. Como lhe podia ter escapado? Keaton não fizera o menor esforço para o esconder. Olhou para Rigg. Ele continuava zangado, mas aquilo não podia esperar.

— Lembra-se de o Keaton perguntar pela filha?

Rigg virou a cabeça. Porém, em vez de vociferar contra ele, foi o polícia em si que respondeu.

— Na verdade, não.

Poe tinha a certeza de que ele não o fizera. Não de uma forma significativa. Não perguntara como a filha estava. Rigg fizera um ponto da situação relativamente às buscas pelo raptor, mas Keaton não tinha feito perguntas adicionais. Parecera entediado com tudo aquilo.

— E isso não lhe parece estranho?

— Há dias, falaram ao telefone — disse Rigg. — Talvez tenha

ficado satisfeito com isso.

— Talvez.

Poe dissera a Rigg e a Gamble que *chef* e celebridade representavam a terceira e a nona escolhas de carreira mais populares dos psicopatas, mas isso fora apenas uma forma loquaz de demonstrar a psique invulgar de Keaton. Tanto quanto ele sabia, Keaton não fora formalmente diagnosticado. Recusara-se a fazer qualquer tipo de testes antes de o juiz proferir a sentença de prisão perpétua com possibilidade de liberdade condicional aos 25 anos.

Talvez Keaton tivesse recusado fazer os testes por saber qual seria o resultado.

E então? Sendo um agente da SCAS, Poe sabia que quase um por cento da população cumpria os critérios, mas como Hollywood se apropriara do termo e usara um diagnóstico de saúde mental como estratégia de marketing, a maioria das pessoas partia do princípio de que todos os psicopatas eram assassinos em série. A verdade, no entanto, era muito diferente. A maioria eram cidadãos cumpridores da lei, que viviam e trabalhavam integrados na comunidade como todos os outros.

O facto de Keaton ser um psicopata era um dado adquirido para Poe. Tudo apontava nesse sentido. Provavelmente, era a isso que se devia o seu sucesso — tinha a falta de escrúpulos necessária para suplantar os seus concorrentes.

Mas... para atingir os seus intentos, Keaton teria tido de esconder a sua condição, de se tornar exímio a replicar emoções que seria incapaz de sentir. Como um daltónico que não distingue o vermelho, mas que sabe que a primeira luz do semáforo obriga

a parar, Keaton teria praticado as suas emoções até estas se tornarem naturais. Podia não saber o que era a empatia, mas saberia quando a demonstrar. Teria aprendido a rir com os outros e a prestar atenção quando lhe falavam dos seus filhos; a falar sobre o tempo e os planos para as férias. Saberia fingir interesse numa conversa fiada, mesmo que visse os interlocutores como mero gado; irrelevantes, a menos que precisasse deles para alguma coisa. Se demonstrasse algum interesse por alguém, seria porque essa pessoa representava os meios para alcançar um determinado fim.

Keaton era excecional a fazer isso, como nunca Poe tinha visto. Compreendia o que as pessoas queriam ver e ouvir, e satisfazia-lhes essas necessidades.

O que tornava ainda mais implausível que se tivesse esquecido de fingir empatia pela terrível experiência por que a filha passara. Onde estava a raiva fingida? As juras vazias de vingança contra o seu raptor? E onde estava a sua indignação com a polícia pelos seus fracassos catastróficos?

Porque não tinha ele usado a máscara?

A resposta era óbvia: não quis fazê-lo.

Mas porquê?

Os pensamentos de Poe foram interrompidos por um som de vibração abafado proveniente do porta-luvas. Tinha-se esquecido do telemóvel — nem mesmo a NCA podia entrar com telemóveis na prisão — e este estava agora a vibrar.

Olhou para o número. Era Estelle Doyle.

— Poe — disse, ao atender.

— Recebi os testes do despiste de drogas, Poe — disse Doyle

numa voz rouca.

— Obrigado, chefe. — Não queria que Rigg percebesse que Gamble lhe pedira que confirmasse as suas descobertas. Já estava suficientemente zangado com ele.

— Não pode falar?

— Exatamente.

— O que anda a tramar, Poe?

Ele percebia que ela estava a sorrir.

— O que tens para mim, chefe?

— O teste deu negativo para heroína. Só permanece no organismo durante algumas horas, por isso não me surpreendeu.

— Já se contava com isso. Obrigado...

— Poe, meu querido, deixe-me continuar. Não detetámos heroína, mas encontrámos uma anomalia relativamente àquilo que me contou da experiência da vítima.

Poe sentiu um aperto no estômago.

— Continua.

— Se tivéssemos utilizado qualquer outro processo que não a técnica da cromatografia líquida acoplada à espectrometria de massa, não teríamos detetado. Mas como a NCA estava disposta a gastar quatro mil libras — Poe engoliu em seco; já se esquecera do valor do teste —, encontrámos algo que não batia certo. A princípio, julgámos que se tratasse de tetraidrocanabinol, que, pelo menos, teria sido consistente com o que me contou.

— Ah, sim?

— O tetraidrocanabinol, ou THC, indica vestígios de cânabis, e é claro que a cânabis permanece no organismo durante muito mais tempo do que a heroína. Se detetássemos alguma droga, seria

essa.

— Mas não foi... essa?

— Não, Poe. Um patologista qualquer podia não ter reparado, mas, como todos sabemos, eu não sou uma patologista qualquer. Não era THC; era algo muito diferente. Quando decompusemos as proteínas e voltámos a fazer o teste, descobrimos que se tratava de um químico que só existe em *Tuber aestivum*.

— *Tuber aestivum*? — Não se importou que Rigg ouvisse. Não significaria nada para ele.

— Trufas de verão, Poe. Peso por peso, são mais valiosas do que o ouro.

— Então, estás a dizer...

— Sabe bem o que eu estou a dizer, Poe. Antes de aparecer na biblioteca de Alston, Elizabeth Keaton comeu um dos ingredientes mais caros do mundo.

Capítulo 23

Poe conseguira manter a compostura diante de Rigg. Consequira também manter a conversa unilateral. Não sabia muito bem como agir.

Só havia duas explicações plausíveis para o facto de Elizabeth Keaton ter comido trufas antes de se apresentar na biblioteca de Alston: ou fora raptada pelo gastrónomo mais excêntrico do mundo, ou... não fora sequer raptada.

No entender de Poe, Elizabeth Keaton não tinha sido raptada por um gastrónomo.

O motivo para Keaton não ter perguntado pela filha era óbvio: ele sempre soubera onde ela estava.

Tal pai, tal filha...

Mas se ela não fora raptada, o que andavam eles a tramar? Porque tinham sacrificado seis anos das suas vidas? Que motivo podiam eles ter para tal? E qual era o seu papel?

Por algum motivo, Poe assumira que tinha qualquer coisa que ver diretamente com ele. Keaton pedira para falar com ele e fizera um aviso críptico. O que lhe estava a escapar? Que peça do quebra-cabeças é que ele não estava a ver?

Precisava de falar com Elizabeth Keaton. E anunciou essa intenção a Rigg.

— Porquê?

Poe já tinha uma mentira preparada.

— Para lhe pedir desculpa por tudo o que passou. E também para ver se consigo perceber porque é que o Keaton não perguntou por ela.

Contava que Rigg recusasse, argumentando que Elizabeth estava demasiado vulnerável para falar com o homem que fora responsável pelos seus seis anos de inferno.

Porém, Rigg não o fez. Não podia fazê-lo.

— Ela desapareceu.

— Como assim, «desapareceu»?

— Não temos conseguido entrar em contacto com a Elizabeth Keaton. Dispensou o agente que a acompanhava depois do último interrogatório e faltou a todas as sessões subsequentes com o Apoio à Vítima. Também não apareceu na residência familiar de Bullace & Sloe. Sinto muito, Poe, mas não fazemos ideia do seu paradeiro.

Rigg continuou a falar, mas Poe deixou de prestar atenção. Não fazia sentido. Porque voltaria Elizabeth a desaparecer? A menos que... a menos que aquilo também fizesse parte das insinuações de Keaton. O que também não fazia sentido. Mas a verdade é que se tratava de um plano que já estava a ser delineado há seis anos — porque pensava ele que seria capaz de compreender o que se passava?

Porém, Poe estava certo de uma coisa: fosse qual fosse o plano, duvidava que acabasse bem para si. A ameaça estava presente, qual crocodilo submerso em águas turvas, só não conseguia vê-la.

A descoberta de que Elizabeth consumira trufas antes de voltar

a aparecer em Alston fora um golpe de sorte. Desconfiava que ela cometera um erro. Mas era de somenos importância e, legalmente, era irrelevante. Keaton tinha sido condenado pelo seu homicídio e ela estava comprovadamente viva. O facto de não ter sido raptada não fazia a menor diferença. Era evidente que ele não a matara.

Keaton *seria* libertado. E, quando isso acontecesse, Poe ficaria em apuros. Tinha a certeza.

Sabia o que tinha de fazer. Estava na altura de acabar com as brincadeiras. Tinha de jogar o seu trunfo. A sua opção nuclear. Pegou no *BlackBerry*, escreveu uma mensagem de quatro palavras e enviou-a.

Quatro palavras que Keaton não podia ter antecipado: «Tilly, estou em apuros.»

Capítulo 24

Poe tinha de voltar ao início. Já investigara Jared Keaton, mas desta vez utilizaria a metodologia da SCAS. Iria ainda mais fundo. Traçaria um perfil psicológico completo. Determinaria exatamente quem ele era. O que o motivava. Quem prejudicara na sua ascensão até ao estrelato culinário. Convenceria essas pessoas a contarem-lhe o que só elas sabiam.

Faria o mesmo em relação à filha. Na última vez, Elizabeth fora investigada enquanto vítima, não como cúmplice. Um dos lemas de Poe era «todos têm segredos», e era óbvio que Elizabeth tinha vários.

O que iria descobrir?

A caminho de Herdwick Croft, interrogou-se a que horas Bradshaw chegaria. Não tinha dúvidas de que ela apareceria. Eram 14 horas, e ele enviara a mensagem há meia hora. Estimou que, se ela a lesse assim que a recebesse — o que poderia bem acontecer, visto que ela tinha sempre o telemóvel consigo —, o mais certo era chegar na noite seguinte. Ela já não podia arrancar quando quisesse, teria de redistribuir a sua carga de trabalho. O mais cedo que conseguiria sair seria pela hora de almoço do dia seguinte; daria tempo suficiente para ele se reabastecer de pão

esquisito e chá com cheiro estranho.

Foi buscar *Edgar* ao hotel e voltou para o chalé. Antes de ter saído de Carleton Hall, fizera uma cópia do processo original, aquele que Rigg consultara durante a sua primeira reunião. Gamble dera-lhe o seu próprio código para aceder à fotocopadora. Não sabia se era uma daquelas que registavam tudo no disco rígido, mas também não se preocupara com isso. Se o pior que lhe podia acontecer era ser apanhado a violar as normas de segurança relativas a dados, podia dar-se por muito contente. Passaria o tempo até à chegada de Bradshaw a reavivar a investigação original.

Poe chegou a Herdwick Croft pouco depois das 16 horas. Preparou uma sandes de ovo estrelado para si e mexeu os restantes para *Edgar*. Afinal, até já estavam a passar da validade.

Ainda não havia indícios da tempestade Wendy. Alguns raios de Sol começavam a dar lugar a um fim de tarde glorioso, e o ar estava carregado com os aromas de verão. Fins de tarde como aquele eram raros, pelo que Poe decidiu trabalhar no jardim. Dispôs a mesa e as cadeiras de modo a aproveitar o sol e sentou-se. Quando o comprou, o mobiliário de exterior pesado e compacto tinha um tom verde-pálido; agora, após quase dois anos de exposição ao sol e aos elementos, tinha a cor da madeira flutuante: um belíssimo cinza-prateado.

Pegou nas pedras que usava como pisa-papéis e espalhou o conteúdo do processo em cima da mesa. *Edgar* perdeu o interesse e decidiu ir dar um passeio. As ovelhas que estavam por perto observavam-no com cautela.

Poe limpou os óculos na manga e começou a filtrar os

conteúdos das folhas que tinha à sua frente. As fotografias do local do crime eram interessantes, mas, agora que sabia que tinham sido encenadas, resistiu à tentação de se fixar nelas. Olhou uma vez mais para elas para reavivar a memória e pô-las de lado.

Optou por ignorar o relatório do patologista sobre o sangue encontrado no local. Quando ainda era investigado como um caso de rapto, o patologista dissera que não havia sangue em quantidade suficiente para ter causado uma morte por hemorragia, mas, quando o caso de desaparecimento de alto risco se transformara num caso de homicídio, ele mudara de opinião e dissera que era. Poe não tinha tempo para um patologista que se limitava a dizer aos agentes da polícia aquilo que eles queriam ouvir. Se Estelle Doyle tivesse analisado o local do crime, ter-lhes-ia apresentado os factos conforme os via, sem se importar se eles se coadunavam com quaisquer teses emergentes.

Analisou as informações meteorológicas da semana anterior ao desaparecimento de Elizabeth. Pediria a Bradshaw para confirmar essas informações. Fosse qual fosse o plano, Poe desconfiava que não ocorrera exatamente como esperavam naquela noite, e era possível que o frio intenso tivesse tido influência no resultado.

Acrescentou mais dois documentos à lista «a confirmar»: o pedido de requisição da faca de desossar, cutelos e serrote de talhante que tinha sido feito por Keaton, e a discrepância na sua cronologia. Era possível que Keaton tivesse cometido aqueles erros de forma deliberada, mas Poe pediria a Bradshaw que os confirmasse. Olhos novos em provas antigas podiam ser uma

ajuda.

No entanto, o que mais lhe interessava eram os depoimentos das testemunhas. Era essa a parte mais sumarenta. Com quem tinham falado? Com quem não tinham falado? A quem tinham feito as perguntas erradas? Quem tinha dado as respostas erradas às perguntas certas?

Não contava obter nenhuma informação tangível do processo — se houvesse alguma coisa, ele já o teria detetado há seis anos —, mas esperava ter uma lista de pessoas com quem queria falar.

Depois de filtrar os documentos por documentos que podia descartar para já, documentos que queria voltar a ler e documentos que já conhecia, começou a ler a última pilha: documentos que ainda não vira.

Tinham surgido sobretudo após a sentença. Leu de imediato as minutas do MultiAgency (Lifer) Risk Assessment Panel, normalmente abreviado para MALRAP. Davam conta da reunião que decorrera imediatamente após a sentença de prisão perpétua de Keaton, no estabelecimento prisional de Durham, e dela tinham participado pessoas que teriam estado e que estariam envolvidas no caso. Poe reconheceu alguns nomes, outros não. Acrescentou o nome do agente de ligação de Keaton à lista de pessoas com quem queria falar. Apesar de Durham ser uma prisão de alta segurança e de Keaton não ter passado lá muito tempo, o agente destacado poderia dizer-lhe como se haviam desenrolado os seus primeiros dias de reclusão. Tomou nota para solicitar acesso ao registo prisional de Keaton. Seria útil saber quem o visitara nos últimos seis anos.

Leu até ficar com os olhos cansados. Precisava de fazer uma

pausa. Deixando o processo desconstruído onde estava, entrou em casa, encheu a tigela de comida de *Edgar* e serviu-se de um copo de cerveja.

Voltou lá para fora e sentou-se a ver o pôr do Sol. À medida que o Sol ficava mais baixo e a luz do dia começava a desaparecer, o céu começou a assumir tonalidades de cor-de-rosa. Poe acendeu um charuto. Era isso que mais apreciava em Herdwick Croft: a tranquilidade e a sensação de pertença. Noites como aquela eram um bálsamo para a alma. Quando a linha do horizonte da antiga charneca que era o seu lar bissetou o círculo perfeito do Sol, Poe prometeu deixar de alimentar o lobo mau. Autocomiseração não teria sido algo que agradasse à sua mãe, e era uma forma menos digna de homenagear o seu sacrifício.

À medida que o charuto foi sendo consumido e a cor do céu mudou dos tons que refulgiam no coração da sua salamandra para uma escuridão que ocultava tudo à exceção da silhueta da charneca irregular, Poe reuniu as folhas e entrou em casa.

Após uma refeição ligeira composta por uma tosta de queijo, Poe esticou-se no sofá e releu alguns dos documentos que assinalara como essenciais. *Edgar* saltou para junto dele, deu três voltas sobre si mesmo e deitou-se numa almofada. Pouco depois, o *spaniel* já ressonava.

— Não é para todos — resmungou Poe.

Mas não recriminava *Edgar*. Os seus próprios olhos estavam a ficar pesados. Com o aproximar da meia-noite, a sua cabeça começou a cambalear. Desligou o candeeiro. Não queria incomodar *Edgar* e não lhe apetecia subir as escadas. Lavar os dentes teria de ficar para de manhã.

As condições eram sublimes: uma brisa a soprar pelas portadas abertas, o som dos roncos leves de *Edgar* e um sofá confortável. Poe fechou os olhos e, apesar do emaranhado que era a sua mente, adormeceu em poucos segundos.

Três horas depois, *Edgar* começou a rosnar.

Assaltar casas na Cúmbria rural não era fácil. Teoricamente, devia ser. As propriedades estão isoladas. Algumas ficam a mais de uma hora de caminho de uma esquadra da polícia. Uma aproximação furtiva é simples. Raras têm segurança moderna. Algumas nem sequer estão trancadas.

Mas há dois problemas.

O primeiro são os cães.

A maioria das casas rurais tem pelo menos um, e, como no campo o som percorre uma distância maior do que nas vilas e cidades, quando os assaltantes se aproximam a ponto de conseguirem arrombar uma janela, alguém pode estar à espera com uma caçadeira carregada.

Esse é o segundo problema de assaltar casas na zona rural de Cúmbria: muitos proprietários são portadores de armas registadas.

Se assaltarem a casa errada em Cúmbria, podem acabar com o traseiro cravejado de chumbo grosso e com um *border collie* agarrado aos tornozelos.

Mas *Edgar* não era um bom cão de guarda. É raro encontrar um *springer spaniel* que o seja. Cães como os *dobermanns* e os pastores-alemães começaram por ser criados para atacar e afastar os predadores, mas os *spaniels* foram criados para

espantar e ir buscar a caça. São pequenos e ágeis, mas, para um lobo ou um urso, minimamente assustadores. Porém, isso não fazia diferença — *Edgar* compensava a ausência de instintos de guardião com o facto de ser um sacaninha barulhento.

Poe já perdera a conta às vezes que acordara com o seu rosnar. O motivo costumava ser as ovelhas. Soltava alguns latidos à laia de aviso, mas raramente saltava do sofá ou da cama. Fazia o suficiente para anunciar que era ele quem mandava naquele território, não elas.

Mas naquela noite, quando Poe acordou, *Edgar* estava de pé e rígido. Tinha os olhos cravados na porta, e o seu rosnar era baixo e contínuo. As orelhas estavam levantadas e a cauda tensa. Tinha o pelo espetado e os dentes expostos. Poe nunca o vira assim. Tremia com a energia acumulada. Estava alguém lá fora.

— Quem é, *Edgar*?

O *spaniel* virou-se por instantes, mas rapidamente voltou a fixar-se na porta.

Poe levantou-se em silêncio. Não queria anunciar que estava acordado, por isso encaminhou-se para a cozinha às apalpadelas. No lava-louça estava a faca que usara para fatiar o queijo ao jantar. Avançou em silêncio para a porta. Baixou a mão livre e pousou-a na cabeça de *Edgar*. O *spaniel* parou imediatamente de rosnar.

Poe tentou estabilizar a respiração. Não fazia ideia se a pessoa do outro lado da porta estava perto — a audição de *Edgar* era quase tão sensível como o olfato. Podia estar do outro lado da porta ou a um quilómetro de distância.

Sem avisar, *Edgar* levantou a cabeça e soltou um ganido sumido.

Ergueu o focinho e farejou em busca de um odor. A cauda começou a abanar. Era alguém que ele conhecia.

Poe olhou para o relógio. Quem é que fazia visitas às 3 da madrugada? Com a morte de Thomas Hume, só havia outra pessoa em Cúmbria que *Edgar* conhecia: Gamble. Ou a filha de Hume, Victoria. Poe duvidou que fosse qualquer um dos dois.

Ouviu-se um estrondo súbito. Parecia que uma das pedras que serviam de pisa-papéis fora arremessada contra uma das cadeiras. Quem estava lá fora acabara de embater na mesa.

— Au!

Não acredito...

Poe sorriu. *Edgar* desatou numa euforia própria dos *springers*. Começou a correr às voltas e a ladrar como um louco.

— Poe? Poe? Estás acordado, Poe?

Edgar ladrou ainda mais alto.

Uma pausa.

— Olá, *Edgar*. Trouxe guloseimas.

Bradshaw chegara 15 horas antes.

Capítulo 25

— Olá, Poe. Recebi a tua mensagem. — O rosto de Bradshaw denotava timidez e esperança.

Poe ligou o interruptor junto à porta. Bradshaw tapou os olhos. Vestia o habitual conjunto de calças largas e ténis. Por cima da inevitável t-shirt de super-herói, trazia uma camisola que parecia nova. Quando começou a trabalhar para a NCA, Flynn falara-lhe do código de indumentária. Bradshaw achara tudo aquilo um disparate e não se coibira de lho dizer.

Flynn decidira, e bem, que havia discussões que eram perfeitamente inúteis. Não contratara Bradshaw pelas suas capacidades sociais nem pela sua elegância a vestir — contratara-a porque ninguém traçava perfis como ela e porque ela conseguia fazer o que mais ninguém fazia.

Alguns agentes exigiam uma abordagem diferente.

Bradshaw segurava uma lanterna e um mapa dentro de uma mica. Às costas tinha uma mochila grande e na cabeça um gorro de lã. O cabelo estava apanhado em tranças.

Enquanto Poe olhava para ela, confuso, *Edgar* lançou-se para os seus braços.

Bradshaw guinchou de alegria, ajoelhou-se, agarrou-o pelo pescoço e deu-lhe um forte abraço. Levou a mão ao bolso e

entregou-lhe um brinquedo para roer.

— Tive saudades tuas, *Edgar*!

— Mas que raio fazes aqui, Tilly?!

O sorriso morreu-lhe nos lábios.

— Não querias que viesse?

— É claro que sim! Mas não às 3 da manhã. Está escuro como breu. Qual foi a ideia de vires a caminhar pelo escuro? — Poe conhecia o terreno. Criara um mapa mental e conhecia cada buraco, cada falha, o formato de cada rocha. Se a charneca era perigosa durante o dia, à noite era traiçoeira. — Nem eu ando por aí durante a noite, Tilly.

— És tão mentiroso, Poe — disse, rindo-se. — Vens sempre a pé para casa à noite. E quase sempre bêbedo.

Maldita memória de elefante.

— Mas eu conheço o caminho, tu não — contrapôs. — E se te perdesse?

Ela lançou-lhe um olhar que ele conhecia bem. Agarrou na lanterna e no mapa, levou a mão ao bolso e tirou uma bússola.

— Não sou idiota, Poe.

Só *podia estar a gozar com ele*. Um mapa e uma bússola? As montanhas de Cúmbria já tinham matado centenas de pessoas equipadas com mapas e bússolas. O tempo mudava, caíam, perdiam-se... Apercebeu-se de uma coisa.

— Há quanto tempo sabes ler mapas, Tilly?

Ela sorriu.

— Desde hoje à tarde. Pesquisei no Google o que fazer e comprei uma bússola a caminho daqui. Já tinha a lanterna; estava incluída no meu carro novo.

Ele suspirou e amaldiçoou em silêncio todas as lojas de material de sobrevivência no campo e todos os oportunistas desavergonhados que enviavam qualquer um para aquele que era um dos ambientes mais hostis do Reino Unido munidos de uma bússola e a convicção de invencibilidade.

— Não me digas. — O QI de Bradshaw era mais elevado do que o de Stephen Hawking, por isso, se alguém conseguia aprender a ler mapas na Internet, esse alguém seria ela. A lealdade absoluta que lhe dedicava significava que, por vezes, se sujeitava a situações de perigo desnecessário.

— Digo, sim, Poe. E antes que comeces a resmungar, aprendi a ler mapas só para o caso de vir a precisar. Pus uma *geotag* de Herdwick Croft no meu telemóvel há que séculos, e foi com ela que cheguei aqui, não com o mapa.

— No teu telemóvel?

— Sim, Poe, no meu telemóvel. Ponho uma *geotag* em todos os sítios que visito. Tu não?

Ele abanou a cabeça. Mesmo se soubesse o que era uma *geotag*, duvidava que tivesse as competências técnicas para fazer o que ela fez.

— E porque trazes o mapa na mão se não precisas dele?

A expressão no seu rosto tornou-se evasiva.

— Porque sim.

Poe ficou com a ideia de que ela lhe estava a esconder alguma coisa, mas decidiu não aprofundar a questão. Não valia a pena discutir — Bradshaw era tão lógica que ganhava sempre, mesmo quando estava enganada.

— Não ficaste chateado, pois não? Vim o mais depressa que

consegui. Fiz o *check-in* no hotel e depois vim logo para cá.

Poe não estava zangado. Isso era impossível. Pedira a ajuda dela e ela largara tudo. No entanto, sabia de uma pessoa que ficaria zangada. Aparentemente, Bradshaw arrancara sem mais. Flynn teria um fanico, e ele sabia que ela lhe atiraria as culpas para cima. E fê-la saber disso.

— A inspetora Stephanie Flynn passou o dia numa formação, por isso deixei recado a dizer que precisavas da minha ajuda.

— Mas não podes simplesmente...

— Ela não se importa, Poe. Ligou-me quando eu estava na loja a comprar o gorro.

— A sério? — Esta informação apanhou-o de surpresa. Bradshaw era um dos principais ativos de Flynn; essencial para a maioria dos casos nos quais a unidade estava envolvida.

— O que ela me disse literalmente foi: «Por favor, vai até Cúmbria e ajuda o meu inspetor a sair da m-e-r-d-a em que está metido, Tilly.» Só que ela não soletrou o palavrão como eu fiz.

Aquilo parecia bater certo. Desconfiava que Bradshaw não dera grande margem de manobra a Flynn. À semelhança da questão da indumentária, essa era outra batalha que não valia a pena travar. Não quando Bradshaw metia algo na cabeça. Ela limitar-se-ia a ignorá-la e depois ficaria a braços com o problema de decidir como discipliná-la.

Poe percebeu que estavam na rua há quase cinco minutos.

— Entra, sua tola. Vou pôr a chaleira ao lume. Espero que tenhas trazido o teu chá; só contava contigo amanhã; ainda não tive oportunidade de ir às compras.

— Porquê, Poe?

— Bem... porque não. Mas devem ter ficado aí algumas coisas da tua última visita. Não vai ser muito fácil encontrar...

— Não. Porque é que só contavas comigo amanhã? Recebi a tua mensagem hoje à tarde.

— Parti do princípio de que tinhas de atar algumas pontas soltas no escritório.

Ela cerrou os lábios e resfolegou.

— Se eu te tivesse enviado aquela mensagem, terias esperado?

Ela tinha razão. Se os papéis se tivessem invertido, o mais certo era ele ter ligado a Flynn já a caminho. Bradshaw era a melhor amiga de Poe; por vezes, esquecia-se de que ele era também o seu.

— E então? — perguntou ele.

— Então, o quê?

— Trouxeste um dos teus saquinhos de chá malcheirosos?

Bradshaw esboçou um sorriso.

— Trouxe, Poe. Podes contar-me tudo enquanto a água está a ferver.

Poe pôs Bradshaw ao corrente do que se passara na prisão e do comentário críptico de Jared Keaton. Falou-lhe de Estelle Doyle e da anomalia com o teste de despistagem de droga. E disse-lhe que Elizabeth Keaton voltara a desaparecer.

Bradshaw não o interrompeu. Ouviu e tomou notas num portátil que tirara da mochila. Não o contestou em nada. Poe sabia que era a primeira parte do seu processo: reunir todos os dados disponíveis.

Depois de voltarem a encher as chávenas, e com base no

pressuposto de que às 4 da manhã só se tomam más decisões, concordaram que o melhor era montarem o equipamento de Bradshaw.

— O que tens aí, Tilly? Parece ser pesado.

Ela parecia contente consigo mesma enquanto abria a mochila. Retirou mais dois portáteis, vários cabos de cores e espessuras diferentes e algo semelhante a um projetor em miniatura. Colocou todo o material em cima da bancada da cozinha e voltou a enfiar a mão na mochila.

— Aqui está! Encontrei.

Pousou uma caixa pequena e achatada azul-escura na mesinha ao lado do sofá e acendeu o candeeiro para que ele pudesse ver em condições. Os olhos dela brilhavam de entusiasmo.

— Tcharan! — Poe não respondeu. — O que achas?

Ele olhou para o objeto, confuso. Tinha entradas em aço para a fixação de cabos e a parte de cima era estriada, com entradas de ar de 2,5 centímetros de profundidade. Poe desconfiava que podia passar o resto do dia a tentar adivinhar que mesmo assim nunca descobriria para que servia aquela caixa. Se fosse em caqui, teria dito que se assemelhava às baterias sobresselentes que tivera de transportar para o Clansman — o rádio militar que o oficial de comunicações usava — quando pertencera aos Black Watch. Quando ela lhe mostrou duas antenas — uma grande e uma extensível —, ficou ainda mais confuso. O melhor que podia fazer era encolher os ombros. Ela ficou de queixo caído.

— Não sabes o que é isto?

— Não.

Bradshaw riu-se, e Poe percebeu que estava a brincar com ele.

Sabia que ele não fazia a menor ideia.

— Qual foi o maior problema de trabalhar aqui da última vez?

— Não tínhamos uma caixa azul?

Bradshaw acenou com a cabeça.

— Exatamente! Isto é um amplificador de sinal de telemóvel. Quando o colocar no exterior do edifício mais próximo da antena de telemóvel mais próxima, ele vai captar e enviar um sinal para este amplificador aqui — disse, enquanto segurava noutro equipamento —, que, por sua vez, vai amplificar o sinal do meu telemóvel quando estiver aqui.

— Ah, sim? — Poe valorizava os conhecimentos técnicos de terceiros; isso significava que ele não precisava de os ter.

— Sim, Poe.

— E quanto é que isso custou?

— Comprei tudo por menos de 600 libras.

— Uma pechincha.

— Ah, pois é!

— E precisamos disso para quê?

Bradshaw abanou a cabeça.

— Não me chamaste aqui pelas minhas capacidades sociais, Poe.

Portanto, a caixa azul estava relacionada com o acesso à Internet. Da última vez que tinham trabalhado em Herdwick Croft ela fizera uma coisa chamada «vinculação» — um processo complexo que, de alguma maneira, conseguira transferir a Internet do telemóvel para o portátil. Contudo, a velocidade não era a melhor — aparentemente, Herdwick Croft tinha «rede fraca» — e, sempre que precisavam de aceder a algo mais pesado

do que um documento de texto, ela tinha de ir ao Hotel Shap Wells para usar o wi-fi gratuito.

— Significa que posso trabalhar aqui, Poe. Tenho uma impressora no hotel, assim como outras coisas, mas isto chega para começar. Sei que disseste que devíamos esperar até amanhã de manhã, mas... Poe, já amanheceu! — Ela consultou o telemóvel.
— São 4h22.

Ela recebera a mensagem às 14 horas. Treze horas depois, estava em Herdwick Croft. Durante esse tempo, redistribuíra os seus casos ativos, comprara equipamento elétrico e de sobrevivência, aprendera a ler mapas e fizera uma viagem de 565 quilómetros para norte. A seguir, carregara uma mochila e percorrera cerca de três quilómetros a pé através de uma charneca de terreno agreste e perigoso.

De noite.

E queria deitar mãos à obra imediatamente.

Incrível.

Os Keatons mal sabiam o que os esperava.

Dia 9

Capítulo 26

— Poe... Poe... Poe...

A voz penetrava nos seus sonhos. Era insistente e repetitiva. Já a ouvia há algum tempo. Abriu os olhos remelosos e olhou fixamente para a silhueta desfocada que pairava sobre ele.

A cara de Bradshaw estava a menos de 15 centímetros da sua. Ele estremeceu para trás com a surpresa, e ela também.

— Mas que raio...?

— Acorda, dorminhoco. — Sentou-se ao seu lado no sofá.

Ele recolheu as pernas para lhe dar mais espaço. *Edgar* saltou para o sofá e cheirou-lhe o pescoço.

— Tilly... que horas são?

Ele lembrava-se de estar sentado no sofá enquanto ela fazia diagnósticos e testes de acessibilidade nas bases de dados que tencionava usar. Pouco depois, estavam a ter uma das suas conversas unilaterais nas quais o seu único contributo era manter-se acordado. Obviamente, falhara nesse aspeto. Perguntava-se quanto tempo teria dormido. Réstias de luz solar irrompiam pelas frestas estreitas das portadas de madeira. Metade do chalé estava iluminado como um palco. Sendo o pico do verão, àquela altitude, amanhecia muito cedo.

— São 5h36, Poe. — Este brindou-a com um grunhido. Dormira

menos de uma hora. Bradshaw parecia revigorada. — Tenho andado a pensar em regras e padrões definidos.

— Tu e todos.

— O problema é que, apesar de termos dados, temos o tipo de dados errado.

— Por amor de Deus, Tilly. Deixa-me acordar e beber um café.

Ela esbugalhou os olhos e ele pediu desculpa. Tilly não tinha culpa de que ele tivesse adormecido.

— Não tem importância, Poe. Sei que isto deve ser muito stressante para ti. — Ela esticou o braço e fez-lhe uma festa constrangedora na cabeça.

— Pois... Presumo que sim.

— E sabia que ias querer café, por isso... preparei-o de antemão.

Ela entregou-lhe uma caneca. Estava cheia e bem quente.

— És a maior, Tilly.

Ela não bebia café, por isso não sabia dosear a intensidade, mas acertara na perfeição. Enquanto ele beberricava a bebida a ferver, traduziu mentalmente o que Bradshaw acabara de dizer. Qualquer coisa como ter o tipo de dados errado. Estava prestes a perguntar-lhe o que queria dizer com aquilo quando ela disse algo que lhe deu a volta ao estômago.

— Agendei uma videoconferência com a inspetora Flynn para as 11 horas, Poe.

— Fizeste o quê?!

— Eu disse que agendei uma...

— Porque fizeste tal coisa?! — Ele tencionava ligar a Flynn primeiro para lhe explicar o que se passara. Agora, ia parecer que andava a evitá-la.

— Foi a condição da chefe. Temos de fazer relatórios diários. Ela disse que precisava de controlar os parâmetros do inquérito de modo a garantir que cumprimos os protocolos da SCAS.

Poe fez uma pausa. Aquilo soava a discurso de Bradshaw, não de Flynn.

— O que disse ela ao certo, Tilly?

Bradshaw corou.

— «Se o Poe pensa que pode fazer o que quiser sem a supervisão de um adulto, está muito enganado.»

— Ela disse isso?

— Sim. Mas com palavrões à mistura.

— Que indelicada.

— Já podemos começar?

— Podemos, Tilly. Vamos revirar umas pedras e encontrar o que não quer ser encontrado.

Bradshaw assentiu.

— Bem dito, Poe.

Quando estavam sentados a beber chá e a comer torradas, Poe fez a pergunta que receava fazer desde que Bradshaw chegara.

— A tua mãe sabe onde estás, Tilly? — Sentiu-se um pouco parvo por estar a fazer aquela pergunta, mas não tinha alternativa. A Sra. Bradshaw sabia o número de telefone dele. Bradshaw era apenas alguns anos mais nova do que Poe, mas, para a mãe dela, ela nunca devia ter largado o mundo académico para enveredar por uma carreira na NCA.

— Sabe, Poe.

Reparou que ela não dissera que a mãe não se importava que a

sua única filha tivesse arrancado para o norte em mais uma missão de duração indeterminada. A última vez que haviam trabalhado em Cúmbria tinha sido... desnecessariamente estimulante. Bradshaw acabara por ter de ir buscá-lo ao interior de um edifício em chamas. Ambos tinham as cicatrizes que os lembravam disso mesmo.

— E?

— Não ficou contente, Poe.

— O que disse ela ao certo?

— Disse que não tinhas o direito de me pedir para vir e que o mais certo era voltares a pôr-me em perigo.

— E o que disse o teu pai?

— Ora... «Fez o Washington Poe muito bem, porra!» — respondeu Bradshaw. — A minha mãe repreendeu-o pela linguagem.

Poe sorriu. Só falara com o pai de Bradshaw uma vez. Era soldador. Um operário até ao tutano. Um tipo às direitas. Amava a mulher e a filha. Poe não fazia ideia de como é que os seus genes se combinaram com os da Sra. Bradshaw para gerar a pessoa que estava à sua frente em Herdwick Croft.

Contudo, Bradshaw estava diferente. Quando se conheceram, houvera uma antipatia imediata entre os dois: ele era o Ludita e ela era o génio idiota. Mas... acabaram por encaixar na perfeição. E, como isso aconteceu, as atitudes dos dois tornaram-se mais brandas. Bradshaw já não se sentia frustrada com a sua indiferença relativamente a questões matemáticas e científicas, e ele deixou de corrigir todas as suas gafes sociais. Ao invés, começou a apreciá-las. Enternecedora e constrangedora, era

assim que ela era. Poe já não conseguia imaginá-la de outra forma. E parte da sua inaptidão desaparecera. Ela já não mantinha os olhos fixos nos seus enquanto conversavam, já não falava tanto dos seus movimentos intestinais e deixara de começar todas as frases com «Adivinha-me isto, Poe». Até começara a reconhecer a altura durante os seus monólogos em que o olhar dele ficava vazio. Por mais de uma vez, acontecera ele adormecer e perceber, ao acordar, que ela continuara a falar.

Capítulo 27

Bradshaw tinha os três portáteis abertos. Um estava ligado à intranet da NCA, outro estava dividido entre a página inicial do Google e uns quantos apontamentos que ela fizera, e o último mostrava um motor de busca obscuro que Poe não reconheceu. Provavelmente, utilizado em buscas na *darknet*. Tomou nota mental para reabastecer o gerador. Bradshaw estava a usar todas as tomadas disponíveis, e a tempestade Wendy estava a aproximar-se.

— Antes de falarmos com a inspetora Flynn, podemos resumir o que julgamos saber, Poe?

— Boa ideia. — Era preferível que discordassem agora a fazerem-no diante da chefe.

— Pensas que o Jared e a Elizabeth Keaton estão a planear alguma coisa?

— Sim, mas já me enganei antes.

— E, como parte desse plano, encenaram a morte da Elizabeth.

— Poe assentiu. — Mas algo correu mal e o Jared Keaton foi condenado pelo homicídio dela.

Poe encolheu os ombros.

— Assisti ao julgamento dele. Ele não contava ir preso, disso estou certo.

— Mas, por motivos que desconhecemos, tiveram de esperar seis anos antes de a Elizabeth poder regressar e provar que não tinha sido assassinada. — Poe não abriu a boca. Ouvir aquilo em voz alta fez tudo parecer ainda mais inverosímil. — E agora ela voltou a desaparecer.

— É o que parece — disse Poe.

— Isso foi antes de saberes da anomalia no sangue? — Ele confirmou com um aceno, e ela não desviou o olhar do dele. — É melhor deitarmos mãos à obra. Temos muito que fazer.

— Ah, temos?

— Perguntas, Poe. Temos muitas perguntas.

Bradshaw tinha razão. E as perguntas acarretavam pesquisas de dados. Com os dados corretos, Bradshaw conseguiria encontrar a resposta a quase todas as perguntas que lhe fossem feitas.

— Para mim, há cinco perguntas principais; o resto é acessório. Cada uma tem um caminho direto e indireto para obter as informações de que necessitamos. Posso obter algumas agora, para outras precisaremos de autorização, e outras ainda terão de ser encontradas.

Poe recostou-se com um caderno na mão.

— Venham elas.

Bradshaw levantou um dedo.

— Queremos saber onde é que a Elizabeth Keaton esteve nestes seis anos.

— Concorde.

Ela esperou um segundo.

— Queremos saber onde está ela agora. Estará no mesmo sítio,

ou terá escolhido outro? — Poe desconfiava que, se um esconderijo havia sido bom durante seis anos, seria bom para mais uns dias, mas não disse nada. — Terceira: o Keaton já tinha um ódio de estimação por ti? Por outras palavras, já se tinham cruzado antes do inquérito?

Poe não pensara nisso. Julgava que não, mas não podia descartar essa possibilidade. Ao longo dos anos, ele irritara muitas pessoas. Era possível que uma delas tivesse sido indiretamente Jared Keaton.

Bradshaw mostrou quatro dedos.

— O que seria tão importante que os levasse a abdicar de 12 anos no total?

— E a quinta?

— Há mais alguém envolvido?

Poe acenou com a cabeça. Já acreditava que a conspiração ultrapassava os Keatons. Passar mensagens ao pai na prisão acarretava para Elizabeth um elevado fator de risco. As chamadas eram gravadas e os e-mails eram interceptados. Seria preferível que outra pessoa servisse de elo de ligação.

— Precisamos dos registos do tempo que passou na prisão — disse ele. — Quem é que o visitou? Com quem falou? Quem foram os seus companheiros de cela?

— Eu posso aceder a essa informação — anunciou Bradshaw. — Não a partir daqui, e não sem autorização.

— Daí a videoconferência com a Steph.

Bradshaw assentiu.

Ele estava disposto a apostar que poucos minutos depois de receber a mensagem «Tilly, estou em apuros», ela já compilara

aquilo que sabia da videoconferência, mensagens e e-mails trocados, e filtrara tudo isso através da sua mente brilhante. Já devia ter uma série de cenários, e todos eles com um plano associado.

Era por isso que Bradshaw precisava da videoconferência tão cedo: os seus planos de ação teriam necessariamente de incluir o acesso aos registos prisionais de Keaton. E, enquanto fonte de informação, seriam imensos. O serviço prisional de Sua Majestade era um mastodonte. Todas as prisões por onde Keaton passara teriam gerado vários conjuntos de registos. Guardas de ala, guardas pessoais, disciplina, a unidade de segurança secreta, educação, formação, trabalho, finanças do recluso, gestão do agressor, dados médicos — uma lista quase interminável. Era muita informação para processar.

Mas Bradshaw adorava mananciais infindáveis de dados. Quanto maior fosse a amostra de informação, mais precisa era a análise. Já o dissera: com dados corretos suficientes, ela encontraria um padrão em tudo. Não era gabarolice, ele já tinha visto isso em primeira mão.

Além disso, como mais ninguém tivera motivos para analisar esses dados, estariam intocados. Todos os outros continuavam a acreditar nas patranhas de Keaton. E isso não tinha mal nenhum: significava que, se encontrassem informações que pudessem ser úteis, podiam utilizá-las antes que mais alguém tivesse oportunidade de deitar tudo por terra.

Poe questionava-se sobre o que mais teria Bradshaw feito antes de sair de Hampshire. Já chegara mais longe do que ele.

Lembrou-se de algo que Bradshaw desconheceria.

— Temos de acrescentar mais uma coisa, Tilly. — Ela ajeitou os óculos no nariz e aguardou com expectativa. — O fator de extrema importância que é o ego do Jared Keaton — esclareceu. Observou-a enquanto ela abria um novo ficheiro e escrevia «Ego». — O Keaton não pensa da mesma maneira que os outros. Na sua opinião, para ganhar, o seu adversário tem de saber que perdeu. Tenho a certeza de que foi por isso que ele não resistiu a lançar aquelas pistas. Vai ser graças ao seu ego que vamos conseguir vencê-lo.

Bradshaw inseriu uma série de números e letras no software que estava a usar. Poe conseguia ver as linhas de código refletidas nos seus óculos.

— Vamos chamar a isso um *outlier*, já que se trata de um dado que se afasta do normal; afinal, é isso que esse ego exagerado é, Poe.

— Era exatamente o que eu ia dizer.

Bradshaw sorriu.

Uma das vantagens de Bradshaw o ter acordado tão cedo era o facto de lhe permitir cumprir as tarefas da tarde — nomeadamente, comprar provisões para a tempestade Wendy e para uma estranha convidada vegetariana — ainda de manhã.

Tinham um bom ponto de partida. Ou pelo menos Bradshaw julgava que sim. Já tinha uma enorme quantidade de dados inseridos num programa da sua própria lavra. Bradshaw recusava-se a usar o HOLMES 2 (a segunda versão do *Home Office Large Major Enquiry System*), o software que todas as forças policiais usavam na gestão de casos complexos.

«De que serve ter uma base de dados gigantesca se ela não consegue analisar e prever?», explicara em tempos.

Poe estava presente quando lhe disseram que o HOLMES 2 tinha capacidades analíticas e de previsão. O esgar de escárnio dela reduzira o técnico do HOLMES 2 a lágrimas.

Bradshaw informara-o de que o seu programa correria durante cerca de 90 minutos e que depois precisariam dos registos prisionais de Keaton. Poe decidira que era o suficiente para ir às compras e voltar a tempo para a videoconferência com Flynn. Mostrara a Bradshaw o que ia comprar e pedira-lhe para anotar tudo o que precisasse e não constasse da lista.

Ela assim fez. E, para espanto de Poe, demorou muito tempo a fazê-lo.

Poe levou a moto-quatro para Shap Wells, entrou no carro alugado e conduziu até ao Booths, em Kendal. Normalmente, abastecia-se na mercearia e no talho da aldeia de Shap, mas olhou para o que Bradshaw anotara e percebeu que precisava de ir a um sítio um pouco mais classe média. Além disso, não tinha vontade nenhuma de entregar ao merceeiro habitual uma lista com frutos pretensiosos, como romã e kumquats.

A secção de frescos do Booths estava disposta como uma banca num mercado, e Poe teve de perguntar a um funcionário tatuado onde encontrar os produtos que procurava. Assim que localizou os frutos de Bradshaw, Poe perguntou-lhe se tinham coisas como lentilhas de Puy, massa integral biológica e *tofu*. No final, rasgou a lista ao meio, entregou ao funcionário a parte de Bradshaw e disse-lhe para ir ter com ele à secção do talho quando estivesse

despachado.

O funcionário leu e esboçou um sorriso escarninho.

— Alguém vai ser mimado mais logo.

— Vá lá buscar essa merda, pode ser? — grunhiu Poe. Não estava a gostar da brincadeira, e tudo o que fazia parte da lista de Bradshaw parecia revoltantemente saudável. Já sabia que não ia gostar.

A sua boa-disposição regressou quando chegou à excelente secção de talho. Mimou-se com um belo bife do lombo marmoreado e reabasteceu-se de bacon, morcela e salsichas de Cumberland. Quando o funcionário tatuado chegou ao pé dele com um cesto de vime repleto de alimentos que ele não conhecia, Poe deu-lhe uma moeda de duas libras e pediu desculpa pelos maus modos.

— Não se preocupe com isso. — Olhou para o cesto cheio de alimentos ricos em fibra e depois novamente para Poe. — E os rolos de papel estão naquela secção...

Quando chegou a Herdwick Croft, depois de ter passado pelo hotel para ir buscar a impressora, Bradshaw já não estava a escrever ao computador, mas sim sentada no sofá com os pés levantados a beber uma chávena de chá verde. E a ver programas de culinária no YouTube.

Especificamente, o programa de Jared Keaton.

Capítulo 28

O Bullace & Sloe fora inaugurado em 2008 com aclamação da crítica, mas há muito que Jared Keaton pertencia à realeza da culinária. Ganhara um prémio importante quando ainda era adolescente e, pouco tempo depois, fora considerado por uma revista britânica consagrada um dos *chefs* com maior talento natural que o Reino Unido já produzira. Em vez de aceitar uma das muitas ofertas das grandes cozinhas em Londres, ele surpreendera toda a gente quando se mudara para Lyon, em França. Fora aí que prosseguira a sua aprendizagem culinária sob a alçada do famoso *chef* Gilles Garnier. A cozinha francesa não tinha segredos para o jovem Jared Keaton e, pouco depois, começara a trabalhar como *sous-chef* de Garnier. Num instante, dois dos pratos de assinatura do restaurante foram substituídos por criações de Keaton. Aprendera a falar francês fluentemente e arrendara um apartamento na margem do rio Saône.

Depois, despedira-se.

A primeira das suas autobiografias afirmava que acordara um dia e percebera que a cozinha já não o entusiasmava. Fosse qual fosse a razão, Jared Keaton só voltara a ser visto já casado, com uma filha pequena e a trabalhar no restaurante da célebre *chef* de cozinha de fusão Hélène Jégado. E aí redescobrira o amor pela

culinária. Em dez anos, o restaurante passara de zero estrelas Michelin para as cobiçadas três. Ele e H    ne Jégado tornaram-se grandes amigos. De Paris, mudara-se para Londres, onde não ficara muito tempo. Numa entrevista televisiva, afirmara que a comida na capital era demasiado conservadora. Queria sair da cena culinária bafienta que era Londres e fazer as coisas    sua maneira.

Isso traduzira-se no Bullace & Sloe. Com um empréstimo de H    ne Jégado, comprara uma azenha delapidada a um quil  metro e meio da pequena aldeia de Cotehill, em Cúmbria.

Quando recebera a primeira estrela Michelin, tornara-se presença assídua nos programas de culinária das manhãs de sábado. Quando fora galardoado com a segunda, tivera direito ao seu próprio programa. E quando o Bullace & Sloe se juntara    elite mundial dos restaurantes com três estrelas, ele começara a fazer apenas o que bem lhe apetecia e a viajar pelo mundo como uma celebridade.

Podia ter-se reformado. Tinha dinheiro para isso. Mesmo que o Bullace & Sloe não tivesse sido um sucesso, só os programas de televisão proporcionavam-lhe um rendimento anual na casa dos milhões. Os livros garantiam-lhe outro tanto.

Mas Jared Keaton adorava cozinhar.

Nos dias em que um menu de degusta  o de 200 libras era preparado por alguém que aprendera com alguém que, por sua vez, aprendera com o *chef* cujo nome agraciava a fachada do restaurante, as probabilidades eram ainda melhores no Bullace & Sloe; se não tivesse sido preparado por Jared Keaton, no mínimo ele verificara o prato antes de este chegar ao comensal.

— Alguma coisa?

Bradshaw levou um dedo aos lábios. Queria silêncio. Criara um pequeno ninho para si própria. Dispusera a mobília de modo que os monitores não fossem atingidos diretamente pela luz da manhã. O seu espaço de trabalho estava disposto em forma de crescente. Ela encontrava-se sentada no meio, como Kirk na ponte de comando da Enterprise. Enquanto assistia a vídeos no YouTube, escrevia num teclado portátil que equilibrava na barriga. O que teclava surgia no portátil à sua esquerda, para o qual nem sequer olhava. Poe leu parte e reparou que estava isento de erros e perfeitamente formatado. O portátil à direita estava preenchido pelas linhas ondulantes coloridas do equalizador gráfico de um programa de áudio, semelhante aos que estavam incluídos nas aparelhagens topo de gama de finais dos anos 80.

Pressionou o botão da pausa e tudo parou.

— Tens razão, Poe. Ele é o estereótipo de um psicopata. Narcisista psicopático seria um termo mais correto. As suas frases só contemplam «eu», «mim», «meu». Há pouca interação com os convidados. Quando eles falam, ele não os ouve; limita-se a aguardar pela sua vez de falar.

— É apenas um programa de culinária. Presumo que seja preciso ter em conta o elemento de competição. Ele deve ter recebido egos muito inchados no programa, que depois tinha de gerir ao vivo. — Poe não estava a defender Keaton, mas tinha de ser justo.

Bradshaw já tivera isso em consideração.

— A ferramenta de análise de texto que estou a usar concentra-se naquilo a que os linguistas chamam «palavras funcionais»: a

linguagem natural que usamos sem pensar. Excetuando o que está escrito no guião, o padrão das frases do Jared Keaton revela uma maior prevalência dos pronomes «eu», «mim» e «meu» do que o padrão de qualquer outro *chef*; e muito superior à da população em geral.

— Pelo menos, acertei em alguma coisa — grunhiu ele. Até então, tinha sido o único a diagnosticar Keaton como um psicopata. — Encontraste algo de novo?

— Só podemos começar quando tivermos os registos prisionais, mas... encontrei uma secção interessante. — Bradshaw voltou ao *YouTube* e seleccionou outro vídeo, que reproduziu. Surgiu no ecrã uma jovem Elizabeth Keaton. Tinha cerca de 15 anos e participava no programa de Jared. O outro *chef* também estava acompanhado da filha. Estavam a fazer um teste às cegas à comida dos pais numa espécie de competição.

Até então, Poe só vira fotografias de Elizabeth Keaton. Reparou que o programa de áudio estava a correr no outro portátil. A barra na parte inferior do vídeo do *YouTube* informava que se tratava de um programa de 27 minutos. Bradshaw pressionou o botão de pausa.

— Podemos vê-lo mais tarde, mas quero que ouças como ela fala. — Depois de ouvirem durante alguns instantes, Bradshaw fez uma nova pausa. — O seu padrão de fala não revela as mesmas características narcisistas do pai — concluiu.

— Não?

— Não há o menor indício disso.

— Ela ainda é jovem. Esse tipo de coisas não se desenvolve com a idade?

— No caso do discurso, é o contrário. As crianças ainda não aprenderam a esconder o que são, por isso o seu padrão de fala é natural, com muito pouca dissimulação.

Antes de Poe poder responder, o portátil do meio começou a emitir um som estridente. Bradshaw pressionou um botão e a cara de Stephanie Flynn surgiu no ecrã.

Há um tipo de cansaço que decorre de uma noite de farra bem regada. Custa-nos levantar de manhã, mas, depois de o fazermos, o cansaço desaparece. Pode ser colmatado com oito horas de sono na noite seguinte — é a forma que o nosso corpo tem de nos dizer que já não temos 21 anos.

Depois existe o outro tipo de cansaço. O cansaço que nos oprime como um casaco pesado, que nos faz doer os ossos. Não interessa quantas horas dormimos, a sensação que temos é de que estamos sempre com níveis de energia baixos, que nunca vamos deixar de sentir a fadiga.

Flynn parecia estar acometida por este último tipo de cansaço. O branco dos seus olhos estava amarelado, do tom da urina da ressaca, e tinha os ombros numa postura curvada. Estava desgrehada, como se tivesse dormido no carro. Andava assim há pelo menos um mês.

— Bom dia, inspetora-chefe Flynn — saudou Bradshaw.

Flynn atirou logo com uma pergunta dirigida a Bradshaw.

— Qual é o tamanho do monte de merda em que ele está metido?

Bradshaw corou.

— Não sei bem, inspetora Flynn. Em teoria, e depois de rever

atentamente o que a polícia de Cúmbria nos enviou, diria que a sua avaliação está correta. O relatório do Poe sobre a cadeia de custódia do sangue é minucioso, e ele tem razão: foi recolhido, transportado e testado em segurança. Por conseguinte, a Elizabeth Keaton está viva, e o Sr. Keaton não podia tê-la assassinado.

— Mas...?

— Mas há uma questão que o Poe ainda não abordou consigo. — Virou-se para Poe.

Poe contou a Flynn sobre os vestígios de trufas presentes no sangue de Elizabeth. Só não referiu que a conta iria cair em breve em cima da sua secretária.

— É possível que o raptor lhe tenha dado trufas? Já nos disseste muitas vezes que tentar adivinhar o que os criminosos fazem sob pressão é um exercício de futilidade.

— É possível — admitiu Poe.

Porém, tinha as suas dúvidas. A explicação mais plausível seria que, sem grandes surpresas tendo em conta a sua educação, Elizabeth Keaton tivesse desenvolvido um apreço por boa comida e não se tivesse privado dela durante o seu exílio.

Flynn não se pronunciou. Poe percebeu perfeitamente que ela não estava convencida.

— Não tens mais nada?

Antes que Poe pudesse admitir que não, Bradshaw interveio.

— Não é só isso que ele tem, inspetora-chefe Flynn. Há um problema com a questão do paradeiro da Elizabeth Keaton nestes últimos seis anos. E isso apoia a tese do Poe.

— Não acreditas no rapto? — perguntou Flynn.

— Acho que tem alguns problemas.

— Quais?

— Nem sequer vou falar do facto de ela ter aparecido no posto de polícia da biblioteca de Alston quando só está ocupado 3,29 por cento do tempo; o principal problema é ela ter dito que caminhou até lá. Cronometrei o tempo que demorei a chegar a casa do Poe ontem à noite e depois estabeleci uma correlação com a versão da Elizabeth Keaton.

Poe olhou fixamente para ela. Ele sabia que tinha de haver mais qualquer coisa. Além de querer meter logo mãos à obra, Bradshaw quisera determinar a rapidez a que Elizabeth Keaton conseguia caminhar à noite.

— Trouxe uma mochila com nove quilos às costas para compensar o facto de ela ter dito que não comia há quatro dias. Com recurso a uma variação da teoria da expansão assintomática, fiz os ajustes necessários.

Flynn cruzou os braços e fitou-a.

Por vezes, o que ia na cabeça de Bradshaw não se traduzia facilmente por palavras que algum deles conseguisse compreender. Antes de se juntar à NCA, ela só trabalhara com pessoas de QI muito elevado, pessoas que compreendiam e contavam com explicações puramente científicas. Ela não tinha tato para informar outro tipo de colegas sem parecer rude ou condescendente, e, apesar de Poe andar a treiná-la subtilmente na arte da diplomacia — que também não era o seu forte —, estava a revelar-se uma tarefa hercúlea.

— Podes traduzir por palavras que eu perceba, Tilly? — pediu ele.

Ela suspirou.

— Calculei a distância que ela podia ter percorrido e desenhei um círculo num mapa.

— Ah, como fizeram no filme *O Fugitivo* — disse Poe.

— É estatística elementar. Não sei como é que vocês se safam — murmurou Bradshaw.

— E? — instou Flynn.

— Transferi os meus cálculos para uma fotografia de satélite de Alston e da zona circundante — explicou Bradshaw. — É muito rural e há poucas coisas por perto. Se ela fugiu de um edifício, a polícia já o teria encontrado.

Flynn juntou os dedos das mãos num triângulo.

— É possível que estejamos a ver mal as coisas? Será que é a Elizabeth que está a punir o pai por algo que ele fez? Será que simulou a própria morte e depois ficou a apreciar o que lhe acontecia?

Poe pensara nisso. Teoricamente, fazia mais sentido. Atava mais pontas soltas, seguramente.

— Sem dúvida que é possível, chefe — disse ele.

— Mas não acreditas nisso, pois não?

— Não.

— Porquê?

— Porque o Keaton não estava zangado. Mal referiu a Elizabeth. Se ela estivesse por detrás de tudo aquilo, ele não teria conseguido esconder a raiva que sentia por ela. Só senti hostilidade em relação a mim.

— Muito bem — disse Flynn. — Tu é que estiveste presente, nós não.

Uma das coisas que faziam de Flynn uma inspetora-chefe tão competente era a capacidade de não se imiscuir em demasia ou pôr em causa a opinião dos outros. Tinha uma equipa em quem podia confiar, e era isso que fazia — confiava.

— Um de cada vez, o que julgam que aconteceu?

— Eles planearam isto em conjunto — disse Poe.

— Concordo, inspetora Flynn.

Flynn pareceu pensativa.

— Mas que confusão de merda — disse, por fim.

— Concordo, inspetora Flynn, é uma confusão... do caraças.

— De que precisam? — perguntou Flynn.

— De que a SCAS trace perfis completos do Jared e da Elizabeth Keaton — respondeu Poe.

— Ninguém traçou o perfil do Keaton há seis anos?

— Ninguém que soubesse o que estava a fazer.

— Muito bem.

— E teremos informações para analisar no local.

— Portanto...?

— Preciso da Tilly aqui comigo.

Para sua surpresa, Flynn concordou. Para sua surpresa ainda maior, ela não se disponibilizou para ir até lá ajudar. Eram amigos e ele estava em apuros — contava que ela apanhasse o primeiro comboio para ir ter com ele.

Mas que raio se passava com ela...?

— Também vamos precisar dos registos prisionais do Keaton — disse. — Temos poucas informações sobre as suas atividades desde que foi condenado. Não sabemos quem o visitou. Não sabemos quem é o seu agente de ligação. Além de Durham, nem

sabemos por que outras prisões é que ele passou.

Flynn tomou nota.

— Vou tratar disso ainda de manhã. Mais alguma coisa?

— Preciso de uma autorização *ad hoc* para aceder a determinadas bases de dados, inspetora-chefe Flynn — acrescentou Bradshaw.

— Envia-me uma lista assim que a tiveres — pediu Flynn. — Qual é a próxima jogada?

— Trabalho policial de sapa, chefe — informou Poe. — Desenvolver uma estratégia TIE e começar a unir os pontos das informações úteis de que dispomos.

Naquela altura, não havia muito mais que pudessem fazer. A investigação TIE — *Trace, Interview, Eliminate*¹ — estava no cerne de todo o trabalho de investigação. Identificar e localizar aqueles com quem tinham de falar, obter o máximo de informações possível e depois determinar a utilidade dessas mesmas informações. Tal como os anéis que se formam quando atiramos uma pedra à água, as investigações TIE geravam sempre mais investigações TIE.

Flynn aprovou com um aceno de cabeça.

— Tilly, precisas de mais alguma coisa para já, além dos registos prisionais e acesso a bases de dados?

Bradshaw negou com a cabeça.

— Confio no Poe, inspetora Flynn. Ele saberá o que fazer assim que deitarmos mãos à obra.

— Concordo contigo, Tilly. Muito bem, prestem atenção. Para já, não consigo sair de Hampshire, por isso estão por vossa conta. Por favor, *por favor*... não façam nada que nos envergonhe, a mim

ou à NCA.

Por instantes, nenhum dos dois respondeu.

— Porque olhaste para mim quando disseste isso? — acabou Poe por perguntar.

Flynn riu-se.

— Sabes bem porquê, Poe. — Inclinou-se para a frente, pressionou um botão e o ecrã do portátil de Bradshaw voltou a ficar preenchido com o logótipo da NCA.

¹ «Localizar, Interrogar, Eliminar.» [N. T.]

Capítulo 29

Flynn cumpriu o que prometera. Trinta minutos depois, começaram a cair ficheiros compactados no e-mail de Bradshaw. Registos de todos os departamentos do sistema prisional, de todas as prisões por onde Keaton havia passado. Além disso, ela enviara uma hiperligação para um programa de computador chamado P-NOMIS. Aparentemente, era a sigla de National Offender Management Information System. Tratava-se de uma base de dados ativa partilhada pelos serviços prisionais e de liberdade condicional. Segundo Bradshaw, que parecia conhecer todos os acrónimos do sistema penal, o «P» referia-se a prisão.

Ela ligou a impressora e começou a alimentá-la com resmas atrás de resmas. Poe preparou o almoço. Não sabia muito sobre as lentilhas de Puy, mas partiu do princípio de que seriam um bom ingrediente para um *dahl*. Ferveu-as em água, fritou algumas especiarias a seco e juntou-as ao guisado que estava a engrossar. Enquanto esperava que cozinhasse, dispôs num tabuleiro dois pedaços de pão branco para si e dois pedaços de uma coisa chamada pão de espelta para Bradshaw, e um jarro de água fresca. Levou tudo para a rua e encheu o peito de ar puro.

Semicerrou os olhos para contemplar o céu. O Sol refulgia num amarelo-vivo, e a única mancha no céu azul era a cicatriz solitária

deixada pelo rasto vaporoso de um avião. Apesar dos alertas, a tempestade Wendy parecia andar longe.

Estava calor. Demasiado calor para as ovelhas. A raça Herdwick era uma raça de ovelhas nortenhas, com milhares de anos, que se haviam afastado para zonas mais frias. Ali não tinham nada que comer: as ervas eram pálidas e raquíticas; as urzes, cinzentas e quebradiças. Não seriam grande alimento para as ovelhas.

Mas a charneca era de uma beleza assombrosa. Magnífica, mas infindável. *Edgar* podia desatar a correr durante uma semana sem que Poe o perdesse de vista. Uma rede granítica de muralhas de pedra era o único indício da presença do homem.

Poe avistou movimento. Pegou nos binóculos que guardava na moto-quatro para tentar ver mais de perto — era apenas um camião de caixa aberta a sair da pedreira. Seguia carregado, e Poe interrogou-se qual seria o destino das pedras. Virou-se e olhou para Herdwick Croft. As pedras usadas para construir a sua casa eram as mesmas que haviam sido usadas para construir a estação de St. Pancras e o Albert Memorial. Esta ligação pessoal com o legado do seu país fê-lo entufar o peito de orgulho.

Pela primeira vez, tinha uma casa que era mais do que um sítio físico; era um sentimento. Não conseguia explicar porquê, tal como não conseguia explicar a razão por que determinadas músicas o deixavam feliz e outras melancólico. De cada vez que voltava, era mais difícil partir. Quando estava em Hampshire, sentia falta das montanhas e do nevoeiro. Sentia falta das ovelhas e do silêncio. Sentia falta do ritmo daquele sítio quando não estava lá. A vida citadina já não era para ele. Não queria viver num sítio que não mudava com as estações; num sítio que não

permitia que as pessoas soubessem qual o seu lugar no ciclo da vida.

Certa vez, estava a ajudar Thomas Hume a reparar uma muralha quando o velho agricultor lhe perguntara se sabia o que era acomodar as ovelhas. Poe não sabia. Hume explicara-lhe que era uma antiga técnica de pastoreio em que as ovelhas eram persuadidas a não sair da mesma zona sem que para tal houvesse necessidade de erguer muralhas de pedra. O truque era deixar comida na mesma zona todas as noites, convencendo assim o rebanho a juntar-se ali ao entardecer. Durante a noite e no dia seguinte, não saíam dali. Quando essa noção se tornava intergeracional, o rebanho podia ser considerado acomodado. E era assim que Poe se sentia agora. Tinha-se tornado acomodado em Herdwick Croft. Já não queria sair dali.

— Estás bem, Poe?

Bradshaw estava agora ao seu lado, com um molho de papéis na mão.

— Estou ótimo, Tilly.

— Estavas a olhar para onde?

— Para lado nenhum em especial. Sinto falta deste sítio quando estou longe.

Bradshaw, que passava a vida em lugares fechados, seguiu a linha do seu olhar. Semicerrou os olhos e esticou o pescoço como se não conseguisse ver algo bom. Por fim, desistiu.

— Imprimi o nome das visitas do Keaton. Não sei se vais ficar contente ou triste.

Bradshaw dividira a lista em duas colunas: visitas oficiais e

visitas sociais. A lista de visitantes oficiais — pessoas que tinham questões legais a tratar com o recluso — não continha surpresas. A equipa de advogados reunira-se com ele muitas vezes quando começara a cumprir a pena, supostamente para discutir possíveis recursos da sentença, e também quando Elizabeth Keaton reaparecera e eles apresentaram o pedido ao CCRC. Poe descartou-os. Não seria inédito que os advogados fossem vasos comunicantes para atividades ilegais, mas Poe conhecia o escritório em questão, e eles eram demasiado conhecidos e respeitáveis para se envolverem em algo duvidoso. Não tinham nada a ganhar, mas tudo a perder com isso. Keaton também recebia visitas anuais da sua agente de condicional. Nada disso era novidade; ela tinha relatórios anuais para preencher. Poe tomou nota mental para a investigar, mas duvidava que ela estivesse envolvida. Havia mais alguns nomes, mas eram inconsequentes. Reparou que Graham Smith, o jornalista que lhe ligara há dias, tentara sem sucesso conseguir uma visita oficial. Devia ter sido a primeira vez na sua vida que Keaton havia recusado publicidade gratuita.

Quando Poe viu o tamanho da lista de visitas sociais — aqueles que precisavam de uma autorização de visita por parte do recluso —, percebeu que era possível ficar chocado e não surpreendido em simultâneo. Era incrivelmente reduzida.

Continha apenas um nome.

A condenação de Keaton por filicídio fizera dele, inevitavelmente, uma pessoa tóxica; ainda assim Poe não percebera até que ponto. No auge da fama, ele era bajulado por todos. Estrelas de cinema jantavam no restaurante e tiravam

fotografias com ele, ministros agendavam visitas nas redondezas para poderem jantar no Bullace & Sloe, até mesmo elementos da família real paravam em Cúmbria a caminho do Castelo de Balmoral. Apesar de Poe saber que Jared Keaton só tinha de autorizar as visitas das pessoas que queria efetivamente ver, e de não duvidar que um grande número dos *chefs* que o apoiavam antes da condenação tinham ficado secretamente encantados com o veredito de culpado dos jurados, partira do princípio de que um ou dois podiam ter ficado do seu lado. Aparentemente, não.

Seria essa a maldição dos psicopatas — a ausência de amigos.

O único nome da lista era Crawford Bunney.

Bradshaw pesquisara o seu nome no Google e havia alguns documentos anexos. Enquanto comiam o caril de lentilhas, Poe passou os olhos por eles.

Natural de Edimburgo, Bunney estava no Bullace & Sloe desde a sua abertura. Começara na zona dos vegetais e depois progredira para os molhos. Keaton devia ter percebido o seu potencial porque, no espaço de três anos, Crawford Bunney fora nomeado *sous-chef* — o seu braço direito. Numa entrevista para a *Carlisle Living*, Bunney havia descrito o seu desgosto em relação à condenação de Keaton e a sua crença em como a verdade havia de vir ao de cima. Falara igualmente das mudanças que ocorreriam no Bullace & Sloe até lá.

Poe tomou nota para descobrir que «mudanças» tinham sido essas. Pelo que Bradshaw já apurara, Keaton continuava a ser o único proprietário do Bullace & Sloe.

Concentrou-se num novo molho de documentos. Os registos

telefónicos de Keaton. Eram menos fiáveis porque os telemóveis ilegais imperavam nas prisões do Reino Unido. Incluía o mesmo escritório de advogados, mas sem nomes, apenas com os números. Keaton parecia manter conversas regulares com Crawford Bunney, algumas das quais tinham sido gravadas e transcritas. Poe estava a ler uma conversa sobre problemas com o fornecedor de peixe do Bullace & Sloe quando foi interrompido por um sinal sonoro.

Bradshaw consultou o relógio. Era um *smart watch*. Poe partiu do princípio de que estava ligado ao seu telemóvel. Ela pegou no copo de água e sorveu-o ruidosamente. Quando terminou, escreveu qualquer coisa no seu telemóvel.

— O que foi? — perguntou, quando percebeu que Poe estava a olhar para ela.

— Nada. Posso juntar natas às lentilhas se achares que estão muito picantes. — Não podia. Não comprara natas. Na verdade, não se lembrava de alguma vez ter comprado natas.

— Bebo seis copos de água por dia, Poe. Devias fazer o mesmo.

— Eu bebo muita água.

— Não acredito nisso. Desde que cheguei, bebeste quatro chávenas de chá, sete chávenas de café e duas cervejas. E vi a carne que compraste. Tens uma montanha de salsichas no frigorífico. Isso não te faz bem, Poe.

Ele sentiu-se ruborizar. Sabia que a sua dieta deixava muito a desejar e que só estava a acumular problemas de saúde que mais tarde viriam ao de cima, mas a verdade é que... uma boa salsicha de Cumberland era uma verdadeira obra de arte. Preferia ir desta para melhor a ter de abdicar delas.

— Quando estivermos perto de uma farmácia, vou comprar-te um teste para o colesterol — disse Bradshaw, pregando, sem dúvida, o primeiro prego no caixão da sua dieta carnívora.

— Olha que bom — respondeu ele. Não valia a pena discutir.

— Deixa-te estar aí sentado, meu menino — disse ela. — Vou fazer uma salada de fruta para nós.

Poe suspirou, pegou em mais um molho de papéis e começou a ler novamente. Após algum tempo, um sorriso assomou aos seus lábios. De vez em quando, sabia bem ser apaparicado.

Trabalharam até ao entardecer. Poe ficou a ler no pátio, mas, apesar do bom tempo, Bradshaw optou por não ficar no exterior; a luminosidade era demasiado intensa para os ecrãs dos seus computadores. Ele leu a pesquisa adicional que ela lhe levara sobre Crawford Bunney, mas não acrescentou muita coisa. Depois de ler tudo duas vezes e de preencher um caderno com perguntas, observações e tarefas, juntou-se a Bradshaw. Ela ainda não encontrara uma ligação entre Bunney e Jared Keaton. Porém, não tencionava desistir, e já enviara a Flynn outra lista de bases de dados às quais queria ter acesso.

Poe sugeriu que fizessem um intervalo, e tomaram uma refeição ligeira de massa integral com molho de tomate e manjerição pré-preparada. Ele acrescentou bacon ao seu prato, mas o sabor continuava intragável.

— Vou tratar do perfil da Elizabeth Keaton — anunciou, depois, Bradshaw.

Poe acenou com a cabeça. Um perfil da SCAS permitiria analisar as vertentes da vida de Elizabeth que não tinham sido

contempladas durante o inquérito original. Bradshaw também recolheria informações do processo da vítima e faria perguntas de outro ângulo.

Bradshaw deitou logo mãos à obra. Por contraste com a técnica de datilografia aponta-e-espeta de Poe, os seus dedos voavam sobre o teclado e os seus olhos nunca saíam do ecrã.

— Isto vai demorar algum tempo, Poe. É melhor ficarmos por aqui hoje; depois volto a pegar nisto quando estiver no hotel. Os amplificadores de sinal estão a funcionar bem, mas preciso de uma largura de banda mais eficaz para fazer isto em condições. Se formos já, terei alguma coisa para te entregar amanhã.

Fazia sentido. Além disso, ele estava cansado. Não quis dizer nada porque dormira mais do que Bradshaw, mas voltava a sentir picadas nos olhos. Uma boa noite de sono faria maravilhas pelos dois.

— Vamos lá. Traz aquilo de que precisas e eu levo-te.

O bar do hotel estava cheio e, embora a atitude que Poe tinha para com os turistas fosse tudo semelhante à de William Wordsworth — «Que a beleza não seja desfigurada» —, ele não se importava assim tanto com os de Shap Wells. Mesmo no pico do verão, as montanhas daquela região de Cúmbria só atraíam caminhantes a sério. A zona não tinha a beleza formatada do Parque Nacional. Não havia lagos nem montanhas altaneiras, não havia aldeias pitorescas nem locomotivas a vapor — nada que mantivesse os turistas do século *xxi* entretidos. Shap Fell era uma paisagem agreste e inóspita de encostas sem vegetação, colinas graníticas e vales pantanosos. Povoada por dezenas de milhares

de ovelhas e dezenas de pessoas, tinha a mesma beleza assombrosa de um ninho de víboras: bela de contemplar, mas um perigo para os mais incautos. O tempo estava agradável agora, mas podia mudar numa questão de minutos, mesmo naquela altura do ano.

Pedi uma *Spun Gold*, uma cerveja de malte e lúpulo feita na Carlisle Brewing Company, um refrigerante para Bradshaw e um pacote de batatas fritas para *Edgar*.

Poe bebeu metade da cerveja de um trago, e estava a pensar pedir outra antes de voltar para casa quando Bradshaw lhe perguntou:

— Porque não tens namorada, Poe?

Que diabo?...

A reclusão de Bradshaw explicava muito da sua personalidade, mas não era justificação para tudo. Não podia justificar a sua ausência de filtros. Por vezes, quando trabalhavam os dois em silêncio, ela saía-se com algo como: «Gosto de ti, Poe», e depois voltava ao que estava a fazer como se aquilo não fosse constrangedor. Se estivesse a nutrir sentimentos que fossem além da sua amizade, já lhe teria dito.

Então, a que se devia aquele interesse?

E como haveria ele de responder?

Não podia contar-lhe a verdade. Não podia contar a verdade a ninguém. Não podia dizer que o presumível abandono por parte da mãe inquinara todas as suas relações; que assim que conhecia uma mulher começava a pensar em motivos para aquilo não funcionar; que todas as falhas se tornavam motivo de obsessão até ao desfecho inevitável, que fazia com que deixasse de lhes

ligar. A sua relação mais longa durara seis meses, e apenas porque estivera infiltrado durante quatro deles.

Agora que sabia que a mãe não o abandonara — que, na verdade, sacrificara tudo por ele —, como poderia dizer a Bradshaw que voltara a concentrar as suas atenções nas mulheres? A assustadora Estelle Doyle, a divorciada e sensual Flick Jakeman e, para sua grande vergonha, a chorosa Victoria Hume... nenhuma delas lhe saía da cabeça nos últimos dias.

— Tilly?

— Sim, Poe?

— Lembras-te da conversa que tivemos sobre tato?

— Lembro-me, Poe. Tirei apontamentos no *iPad*. Queres que vá buscá-lo? Está no meu quarto.

Poe sorriu e abanou a cabeça. Bebeu o resto da cerveja e disse:

— Volta a lê-los um dia destes.

— Vou ler hoje à noite. — Foi então que percebeu. — Oh, desculpa, Poe.

— Tilly, nunca precisas de me pedir desculpa, lembras-te? Queres beber mais alguma coisa? Vou buscar uma para mim.

Ela olhou para o relógio.

— Não, obrigada, Poe. Bebo água quando lavar os dentes, mas não quero fazer chi... — Calou-se. — Não, obrigada, Poe.

Poe sorriu, impressionado com a sua contenção. Há um ano, ter-lhe-ia dito que não queria ir para a cama com a bexiga cheia. Já ele estava numa idade em que passar uma noite inteira sem se levantar para ir à casa de banho pelo menos uma vez era uma memória distante, e decidiu que mais valia aproveitar. Dirigiu-se ao bar e pediu outra cerveja.

— Acho que devias convidar a inspetora Flynn para sair, Poe — disse Bradshaw, quando ele voltou.

— E porque dizes isso, Tilly?

— Porque ela está triste.

Poe acenou em concordância. Flynn estava triste com alguma coisa. Ele ficou contente que mais alguém tivesse reparado. E se Bradshaw — cujo domínio da comunicação não-verbal podia ser descrito como um projeto em curso — percebera, isso significava que outros também reparariam. Na altura certa, interpelá-la-ia nesse sentido. Se os papéis estivessem invertidos, ele sabia que Flynn faria o mesmo.

— E tu também estás triste, Poe. Finges que não, mas eu percebo que estás. Desde o caso do Imolador.

Poe não gostava de ter segredos para Bradshaw, mas aquele era um segredo que ainda não podia partilhar. Só quando percebesse o que queria fazer em relação a isso. Nem sequer sabia se podia fazer alguma coisa em relação a isso.

— Eu estou ótimo — disse.

— Tu e a inspetora Flynn gostam um do outro. Deviam ir ao cinema um dia destes.

Poe bebeu a cerveja.

— Sabes que a inspetora Flynn é lésbica, não sabes, Tilly? — Não era um segredo, por isso não estava a trair a confiança de Flynn.

— Mantém uma relação há quase 15 anos, e ela e a companheira são muito felizes. E, mesmo que não fossem, não me parece que sair comigo fosse a melhor forma de a animar.

— Ah... — respondeu Bradshaw, com o rubor a assomar-lhe às faces.

Ele nunca a tinha visto corar. Os incidentes constrangedores perturbavam-na tanto quanto as ondas perturbavam as gaivotas.

— Mas tens razão, ela parece estar triste com alguma coisa.

Bradshaw não disse nada durante alguns instantes.

— Só pode ser algo que tenhas feito, Poe.

— Só pode... — Chocaram os punhos. — Seja como for, tens trabalho a fazer relativamente à Elizabeth Keaton e eu preciso de dormir. Venho buscar-te às 7 em ponto.

— Não queres que vá ter contigo?

— Amanhã, não. Amanhã, vamos fazer uma visita de estudo.

Ela ergueu as sobrancelhas.

— Aonde vamos?

Ele não respondeu de imediato, apesar de saber há já algum tempo. Desde que saíra do estabelecimento prisional de Durham. Havia uma inevitabilidade em tudo aquilo, como uma traça que é atraída pela luz.

— Vamos ao Bullace & Sloe.

Dia 10

Capítulo 30

Poe acordou e deparou com um céu azul e prateado: fileiras de nuvens ondulantes semelhantes a escamas de peixe. Ele não era pastor, não tinha um dom mágico para prever o tempo, mas já vivia há algum tempo nas montanhas e percebia quando as coisas estavam prestes a mudar. Ainda não ia começar a chover, mas as nuvens marcavam o início dos primeiros aguaceiros. A tempestade Wendy estava a caminho. Comeu uma torrada em pé, tomou um duche e vestiu-se. Como já não tinha Thomas Hume para cuidar de *Edgar* durante o dia, levaria o *spaniel* consigo. O Bullace & Sloe ficava situado numa zona longínqua no norte de Cúmbria; haveria certamente espaço para ele correr à vontade quando estivessem despachados.

Poe levou a moto-quatro até Shap Wells. Bradshaw estava à sua espera junto ao carro alugado. Tinha uma pequena mochila consigo e usava o que parecia ser uma t-shirt da Mulher-Maravilha, um dos poucos super-heróis que Poe reconhecia dos seus tempos de juventude. Não se recordava de nenhuma das histórias, apesar de se lembrar de ter tido uma paixoneta por Lynda Carter...

Poe saiu da M6 na saída 42 e apanhou a estrada de Wetheral,

virando à direita quando chegou à aldeia de Cumwhinton. Pouco depois, deu por si atrás de uma caravana a reboque de um Mercedes. Amaldiçoou a condução em modo de passeio do turista distraído.

— Bem-vindos a Cúmbria — murmurou. — Por favor, conduzam a 30 quilómetros por hora e não se esqueçam de parar para tirar fotografias a cada 100 metros.

Aproximou-se da caravana e buzinou. Por fim, eles encostaram numa secção mais larga da estrada e deixaram-no passar. Ele acelerou, e o vagaroso carro alugado lá aumentou as rotações.

— Estás bem, Poe? — perguntou Bradshaw. Estava agarrada ao puxador da porta do passageiro.

Poe pressionou levemente o pedal do travão e abrandou. Estava nervoso e não sabia explicar porquê. Não era por estar de volta ao Bullace & Sloe; só estivera lá uma vez e o restaurante não o assustava.

E não era por aquele ser o caso mais estranho que alguma vez investigara.

Havia de facto qualquer coisa que ele não conseguia identificar, e era isso que o preocupava.

Quando descreveram uma curva e entraram em Cotehill — um vilarejo com casas caiadas todas encostadas umas às outras —, deu um abanão mental a si próprio. As preocupações teriam de esperar. Tinham chegado.

O Bullace & Sloe ficava à entrada da aldeia. Tratava-se de uma azenha renovada e classificada como imóvel de interesse público. E era muito antigo. Segundo o site do restaurante, houvera uma

azenha nos limites de Cotehill desde o período do Domesday Book. Parecia de facto um pedaço da história da Inglaterra — um monumento aos dias em que os edifícios eram construídos para durar. Ficava situado na margem de um dos afluentes do rio Eden. O troço adjacente à azenha tinha sido alargado e aprofundado, de modo que a água conseguisse fazer girar a nora, apesar de atualmente não passar de uma peça decorativa.

Começara por ser um edifício retangular de dois andares — no piso térreo funcionava a mó e no primeiro andar era armazenado o milho —; porém, ao longo dos anos, os acrescentos tinham-no transformado num grande e pouco elegante complexo de edifícios. Fora construído com a mesma pedra cinzenta salpicada que o chalé de Poe. As vigas exteriores haviam sofrido o desgaste de inúmeros invernos e sido fustigadas por verões implacáveis. A madeira exposta estava rachada e empolada e dura como ferro forjado.

Os Keatons usavam o primeiro piso como residência, e a cozinha, laboratório gastronómico, despensas e armazéns ficavam no piso térreo. O restaurante ficava na antiga casa da mãe, e, como a classificação de imóvel de interesse público significava que Keaton tinha limitações relativamente ao que podia mudar, as traves originais em madeira, rodas, engrenagens e mós continuavam lá.

O parque de estacionamento localizava-se do outro lado da estrada. Poe saiu e esticou-se. Levou *Edgar* para um campo ali perto e deixou-o correr e explorar durante cinco minutos antes de o voltar a pôr no carro. Apesar de ter estacionado debaixo de uma árvore, abriu todas as janelas.

— Estás pronta? — perguntou a Bradshaw.

— Estou — respondeu ela, ajeitando os óculos no nariz, apertando os elásticos das tranças e puxando a mochila para cima. Ele não sabia o que ela carregava lá dentro, mas os seus primeiros dez palpites teriam sido «computador».

Poe atravessou a estrada e, ignorando a enorme porta de entrada, dirigiu-se para as traseiras do edifício. Havia uma pequena zona pavimentada onde estava estacionada uma carrinha. Tinha as portas abertas, por isso Poe conseguiu ver que estava cheia de vegetais. Um homem de jardineiras verdes seguia com uma caixa de madeira com cenouras na direção da porta das traseiras. Poe ultrapassou-o e abriu-lhe a porta. O distribuidor ofereceu-lhe um aceno de gratidão e entrou.

Poe segurou a porta e chamou Bradshaw. Reuniu o mandado e a identificação, e, juntos, avançaram para as entranhas do Bullace & Sloe.

Capítulo 31

— Onde está a merda das batatas? — gritou uma voz rápida e troante com sotaque escocês.

Poe e Bradshaw avançaram para a cozinha sem serem interpelados por ninguém. O distribuidor de vegetais passara por eles à saída, mas de resto não tinham visto vivalma. Avançaram na direção da voz, passando por expositores, salas apinhadas de toalhas e guardanapos brancos, e uma porta com a palavra «Adega» gravada. Por fim, viram uma porta de aparência moderna com um letreiro de plástico que sinalizava a «Cozinha Principal».

Poe abriu a porta e entrou.

Apesar de a azenha ter centenas de anos, a cozinha do Bullace & Sloe era moderna, elegante e espaçosa. Bancadas de aço inoxidável estavam carregadas de uma quantidade estonteante de equipamento. Conseguia ver blocos de facas e tábuas espalhados por toda a parte, mas num caos organizado. Recipientes de plástico cheios de vegetais, ervas aromáticas e centenas de outros ingredientes estavam alinhados em prateleiras de metal. Seis fogões, dispostos em duas filas de três como um dominó, suportavam um grande número de frigideiras crepitantes e tachos de cobre fumegantes. Havia utensílios pendurados em ganchos presos ao teto. As paredes estavam revestidas de

azulejos brancos. Tudo estava imaculado.

Apesar de terem passado seis anos desde a última vez que Poe pusera os pés naquela cozinha, era exatamente como ele se lembrava.

À exceção do calor. Da última vez tinha sido no pico do inverno e ninguém estava a cozinhar. Ao contrário do que acontecia agora. Mal passava das 8 horas, mas a cozinha já estava num corrupio. Poe presumira que a maior azáfama ocorresse quando o restaurante estivesse cheio de comensais, mas aparentemente estava enganado. Contava dez *chefs* a trabalhar intensamente.

Observou um deles a retirar as escamas e a filetar um salmão com mestria, antes de cobrir o peixe com fatias de limão envoltas com musselina. Outra *chef* dispunha carne — em princípio, peitos de pato ou pombo — em sacos de plástico transparentes e introduzia as pontas numa máquina que fazia lembrar uma engomadora quadrada. Ouvia-se um silvo de ar e logo de seguida ela retirava o saco, já selado. Poe viu-a depois a mergulhar o saco no interior de uma máquina de cozedura a vácuo. Ela verificou a temperatura e acertou o cronómetro antes de repetir o processo.

— Céus — disse Bradshaw.

— Pois — concordou Poe.

A cozinha funcionava como um relógio suíço: eficiente, ágil e otimizada. Poe passou os dedos pelo colarinho. Já estava húmido de suor. Perguntou-se como é que alguém seria capaz de trabalhar naquele ambiente todos os dias. Nem as selvas do Belize eram tão húmidas.

— Mas que merda é esta?! Quem são vocês e o que fazem na minha cozinha?

A mesma voz com sotaque escocês. A voz do homem que perguntara pelas batatas.

Poe virou-se. Reconheceu Crawford Bunney do artigo da revista. Vestia calças de ganga e t-shirt. Alto e desengonçado, tinha uns braços simianos pálidos, peludos e desproporcionalmente longos, e um nariz aquilino com poros grandes e visíveis. A cabeça rapada realçava-lhe a calvície masculina — luzidia em cima e com alguns tufo de cabelo de lado — e as suas faces estavam eivadas por derrames. Os olhos refulgiam, atentos e cautelosos.

— Crawford Bunney? — perguntou Poe.

Bunney ergueu o queixo e fez um aceno invertido.

— E quem é você? — Poe mostrou-lhe a identificação. Bunney examinou-a e encolheu os ombros. — O que querem de mim?

— Apenas conversar.

— Vou ser detido?

— Não.

— Então, não podia ter escolhido pior dia. — Voltou-se para a bancada. — Onde está a merda das batatas que eu pedi?

— Estão a sair, *chef* — ouviu-se alguém responder, ao longe.

— Temos menos dois *chefs*, razão pela qual tenho de ser eu a tratar dos molhos e da preparação dos vegetais hoje. Não posso fazer pausas, por isso ou dizem o que querem enquanto estou a trabalhar ou voltam amanhã.

Poe preferia tratar já do assunto. Quando ocupadas, as pessoas jogavam menos à defesa.

Uma jovem surgiu a correr com uma caixa de batatas ainda cobertas de terra. Envergava a jaleca branca dos *chefs* e calças

azuis e brancas axadrezadas. O seu cabelo louro estava colado à testa com suor. Ela olhou para Poe e Bradshaw e sorriu como fazem as pessoas quando não têm tempo para apresentações.

— O que é isto?! — explodiu Bunney. — Vai lavá-las, porra! Sou o *chef*-executivo, não sou a merda de um *plongeur*!

Poe sentiu Bradshaw a mexer-se ao seu lado. Estava a escrever ao telemóvel.

— Não tem rede aqui dentro — disse-lhe Bunney. — Tem de ir lá para fora.

— O que é um *plongeur*, *chef* Bunney? Estive a estudar a terminologia das cozinhas ontem à noite e não estou familiarizado com essa palavra.

— Lavador de tachos. — Os seus lábios tornaram-se mais finos e cerrados enquanto via a *chef* loura a correr para um lavatório, onde começou a esfregar as batatas. Enquanto esperava, vociferou uma série de instruções. Foram ditas em francês, e Poe não as compreendeu. Mas todas receberam como resposta um sonoro:

— *Oui, chef!*

— Peço desculpa — disse, virando-se para eles. — Atualmente, os *chefs* mais jovens não estão interessados em dominar as técnicas mais básicas. Só querem é aparecer na televisão. — Enquanto falava, despiu a t-shirt, atirou-a para o cesto da roupa e vestiu a jaleca. Quando terminou de apertar os botões, já a *chef* loura estava de volta. Com as batatas limpas. Bunney pegou numa e, no tempo que Poe demoraria a descascar uma cenoura, ele cortou-a em forma de um barril heptagonal perfeito. Atirou-a para dentro de uma tigela de água e pegou na seguinte. Em

menos de nada, a tigela ficou cheia de batatas, todas cortadas com precisão, todas do mesmo tamanho. Apesar de cada corte preciso e milimétrico que dava com a faca, nunca desviou a atenção da cozinha.

Reparou no olhar de Poe e fez um esgar.

— Tenho um *chef* que consegue cortar vegetais correta e rapidamente. Apenas um. Quando entrei para aqui, o *chef* Keaton obrigou-me a cortar sacas de batatas até sangrar dos dedos.

Poe lançou-lhe um olhar confuso. Quando ele descascava batatas, a maior parte acabava em lascas no lava-louça. Mas era um bom desbloqueador de conversa, por isso perguntou:

— E para quê tanto trabalho?

Bunney resfolegou.

— Quer a resposta oficial ou oficiosa?

— Oficial.

— Para que as batatas fiquem com tamanhos uniformes. Significa que vão cozinhar todas da mesma maneira, e o formato permite que sejam salteadas numa frigideira e que ganhem cor de todos os lados.

— E a oficiosa?

— Porque sempre o fizemos. Se dermos a um inspetor Michelin uma batata sem cor num dos lados, ele tira-nos uma estrela.

— Mas mantiveram as três estrelas — comentou Poe. — Quando Keaton foi preso, tenho a certeza de que as pessoas contavam que os padrões viessem por aí abaixo.

Bunney resmungou algo ininteligível.

— Não percebi — disse Poe.

— Disse que lhe devia isso.

— Ao Keaton?

— Ao *chef* Keaton, sim. — Bunney suspirou, pousou a faca, pegou numa toalha e limpou o suor da nuca. — Ouça, este negócio priva-nos de tudo. Trabalhava 70 horas por semana como *sous-chef* do *chef* Keaton. Agora que sou o *chef*-executivo interino, trabalho ainda mais, e nunca pensei que isso fosse possível. Ganho um salário de 50 mil libras, e, se fizer as contas ao que recebo por hora, duvido que vá além do salário mínimo. — Ele pegou na faca e cortou mais uma batata. — A maioria dos meus dias começa às 7 da manhã e termina depois da meia-noite. Hoje, estamos à espera de uma encomenda de caranguejos, que têm de ser escolhidos e desmanchados. Mais tarde, tenho uma reunião para debater a criação da nova ementa outonal do *chef* Keaton, e acabei de saber que perdemos um dos nossos fornecedores de carne, por isso ainda hoje... e sabe-se lá quando arranjarei tempo para isso... terei de encontrar um novo.

Mais uma batata atirada para uma tigela que já estava a transbordar. Um *chef* correu para a ir buscar. Bunney reiniciou o processo. Poe queria fazer perguntas sobre a ementa nova e sobre o porquê do envolvimento de Keaton, mas achou melhor deixar Bunney desabafar. Bradshaw aproveitou a pausa.

— Eu não gostaria de trabalhar tanto, *chef* Bunney. Porque continua a fazê-lo?

Bunney esboçou um breve sorriso.

— É um vício. É algo que ou se adora ou se odeia, e eu adoro o que faço. Tenho uma paixão por ingredientes locais frescos e tenho a sorte de trabalhar com eles todos os dias. — Abriu os braços para abarcar o espaço à sua volta. — E posso trabalhar

com esta malta. Só quem já trabalhou numa cozinha profissional percebe o laço que nos une aos nossos colegas. Como trabalhamos muitas horas juntos e de forma muito intensa, eles tornam-se a nossa segunda família. Estou mais tempo com eles do que com a minha mulher.

Bradshaw acenou de forma entusiasta. As estatísticas estavam prestes a dar um ar da sua graça.

— Sim, os pais que trabalham passam, em média, apenas 34 minutos com os seus filhos. Se partirmos do princípio de que um cidadão comum trabalha entre 30 e 38 horas por semana e extrapolarmos para o seu horário de trabalho excessivo, e tendo em conta o seu carácter antissocial, calculo que a sua média seja menos de metade da média nacional.

Ficou a olhar para ele, expectante. Poe sabia que ela só se interessava por números. Apesar de ser agora mais empática do que era há uns meses, a vertente humana ficaria sempre em segundo plano relativamente à ciência.

Bunney parecia atónito. Poe traduziu.

— Ela tem um processo de raciocínio singular. Não ligue.

O *chef* encolheu os ombros.

— Não posso dizer que esteja enganada. Vejo a minha mulher ao pequeno-almoço e nos poucos dias de folga. Felizmente, não temos filhos.

— Então, porque assumiu esta responsabilidade adicional? — perguntou Poe. — Trabalhou durante anos numa cozinha com estrelas Michelin. Decerto conseguiria arranjar emprego noutro sítio, onde a pressão não fosse tanta.

— Já lhe disse. Devo isso ao *chef* Keaton.

— Porquê?

— Quando lhe bati à porta do restaurante, era um puto bexigoso de 17 anos. Não fazia a menor ideia do que queria fazer na vida. O *chef* Keaton acolheu-me, deu-me trabalho como *plongeur* e guarida no alojamento do pessoal. Presumo que já me tenha investigado, por isso sabe que ele foi meu mentor desde que comecei a lavar pratos, até passar para a zona de preparação de vegetais e chegar depois a *sous-chef*. Não acumulei apenas cicatrizes de queimaduras ao longo dos anos, mas também uma noção de identidade. Se entrar em qualquer restaurante decente e perguntar quem é o *sous-chef* do *chef* Keaton, eles dir-lhe-ão o meu nome.

— Mesmo assim...

— Para mim, era inconcebível não manter o Bullace & Sloe a funcionar. E eu sabia que um dia ele voltaria a assumir os comandos e a aterrorizar o pessoal. Nenhum de nós acreditou que ele tivesse matado a Elizabeth.

Poe fez uma pausa. Até então, tudo o que Bunney dissera parecia ser genuíno. Aquela última parte soou a falsidade. Como se ele tivesse ensaiado as palavras. Poe questionou-se o que pensaria ele de verdade.

Bunney terminou de preparar as batatas e encaminhou-se para a máquina de cozer a vácuo. Usando uma pinça de metal, tirou um saco com carne e pressionou-a com o dedo indicador. Agora que estava mais próximo, Poe conseguia ver que não era pato ou pombo que estava nos sacos selados, mas sim barriga de porco. Bunney resmungou e voltou a colocar o saco dentro de água.

— Cozem os alimentos embalados? — Poe queria que Bunney

continuasse a falar.

— *Sous-vide*. Um método que permite que a carne cozinhe uniformemente sem queimar o exterior. Preserva a suculência. Mantemos a carne aqui até chegar a hora de a servirmos e depois é só caramelizar na placa com uma redução de vinagre de maçã e açúcar de cana. É servida com uma daquelas batatas que estive a descascar. — Apontou para as máquinas de cozedura. Eram seis. — Usamo-las mais do que qualquer outra máquina nesta cozinha. São uma dádiva dos céus. Esta — apontou para a maior — é o nosso burro de carga. Tem capacidade para 56 litros, uma hélice de circulação no interior e está ligada diretamente à canalização central, de modo a nunca ser necessário deslocá-la.

Poe acenou, sem se deixar impressionar. Lembrava-se da máquina grande da última vez que ali estivera. O CSI examinara-a, mas não encontrara nada.

Bunney acenou para o *chef* que estava a preparar a barriga de porco antes de avançar para uma panela gigante. Tirou uma colher do bolso e provou o que estava no interior. Pegou num frasco e atirou lá para dentro mais sal do que o que Poe usaria numa semana. Bunney vi-o a olhar fixamente e sorriu.

— Vou contar-lhe um segredo. Se quiser uma vida longa e saudável, reduza o consumo de sal. Se quiser uma vida com boa comida, use mais. O sal é a principal diferença entre a comida que fazemos em casa e aquela que comemos em restaurantes, inspetor Poe. Usamos o máximo que podemos sem que a comida fique salgada. Faz sobressair o verdadeiro sabor dos ingredientes.

Poe virou-se para Bradshaw.

— Eu bem te disse.

O telemóvel de Bunney tocou. Ele atendeu, ouviu e depois gritou:

— O Bullace & Sloe usa borrego local, porra! Não podemos ir buscá-lo à merda da Escócia. — Nova pausa. — Não, idiota de merda! Tem de ser de Cúmbria e tem de ser de Herdwick, foda-se! — Desligou e virou-se para eles: — Deem-me licença. Preciso de ir buscar a minha agenda. Se não conseguir resolver este assunto, vamos ter de alterar toda a ementa.

— Não se preocupe connosco — disse Poe. — Podemos ficar aqui?

Bunney assentiu.

— Só peço para não incomodarem a minha equipa. Têm muito que fazer.

Bunney voltou mais bem-disposto. Resolvera o problema do fornecedor e andava agora a cirandar pela cozinha a dar instruções e palavras de incentivo. Provava tudo amiúde. Mergulhava a sua colher em tudo aquilo que os *chefs* preparavam nas várias secções. Duas vezes.

— É assim que vemos como está de tempero — explicou.

Regra geral, depois de provar, ele costumava acrescentar qualquer coisa; ocasionalmente, anuíá apenas em aprovação. Poe reparou que os *chefs* ficavam sempre tensos antes de Bunney provar o que estavam a fazer. Mas a cozinha trabalhava bem, e, agora que terminara de preparar os vegetais, Bunney conseguiu descontraír um pouco.

Poe fez-lhe perguntas sobre Jared Keaton. Bunney semicerrou os olhos.

— Ouvi dizer que vai sair para a semana. Porque não lhe pergunta diretamente?

— Faça-me a vontade.

— Não me parece. Ele é meu patrão e, se a polícia anda a rondar para tentar salvar a face, isso só pode acabar mal para mim.

— Não andamos a rondar, Sr. Bunney — mentiu Poe. — Estamos a tentar criar um cenário para que erros como este não se repitam no futuro.

Bunney manteve-se em silêncio durante alguns segundos.

— Conhece aquele ditado que diz que a maneira mais fácil de fazer uma pequena fortuna na restauração é começar com uma *grande* fortuna?

— Conheço — disse Poe. Não conhecia.

— É o motivo por que 99 por cento dos restaurantes vão à falência. Não impressionam os comensais a ponto de quererem fazer uma nova reserva. Preparam os mesmos pratos que todos os outros, mas esperam resultados diferentes. O *chef* Keaton sabia que, para ter sucesso neste ramo, temos de saber a diferença entre cozinhar e criar. Cozinhar é seguir uma receita, e, apesar de requerer alguma capacidade para reconhecer o que se passa dentro da panela (quando acrescentar sal, quando acrescentar acidez, esse tipo de coisas), basicamente quase todas as pessoas podem ter formação para fazer isso.

Poe tinha as suas dúvidas. Já tentara muitas vezes seguir uma receita simples e fracassara. Atualmente, se não conseguisse fritar algo numa frigideira, apertar entre duas fatias de pão branco ou cozer durante dez horas numa caçarola, não estava interessado.

Bunney prosseguiu:

— Criar é imaginar um prato na cabeça e depois combinar diferentes sabores, texturas, temperaturas e técnicas para gerar algo que seja superior à soma das partes.

— E o Keaton conseguia fazer isso? — Poe não era capaz de usar o prefixo «*chef*» em relação a ele.

— O *chef* Keaton conseguia. Foi também o primeiro a forragear os seus próprios ingredientes, o primeiro a usar gastronomia molecular e o primeiro a definir a ementa diariamente consoante os produtos frescos que recebia. Também fomos os primeiros a disponibilizar a experiência sem ementa.

Poe sabia que o Bullace & Sloe não tinha ementas. Todos os comensais, à exceção daqueles que tinham requisitos dietéticos específicos, comiam o mesmo. Por vezes, a ementa era composta por nove momentos; outras vezes eram mais de vinte. Poe não sabia se era inovador ou pretensioso. Provavelmente, não passaria de pretensão, se bem que reconhecia que era um troglodita na matéria.

— Durante muito tempo — continuou Bunney —, o Bullace & Sloe foi o restaurante mais interessante do Reino Unido. O *chef* Keaton ignorou os modelos adotados pela Europa continental e que foram seguidos por Londres, em que o prazer do comensal era preterido em relação ao génio criativo do *chef*. Ele queria que o comensal se deixasse levar pela refeição. É por isso que só temos um turno por noite. Se aparecer às 18 horas, pode ficar até às 23 horas. A mesa só está reservada para si. Não há cá filosofias do género «o *chef* estabelece as regras e o cliente obedece», como existe por toda a parte. E é por isso que o Bullace & Sloe

continua a ser líder no seu segmento.

Poe ouvira o lirismo de Bunney em relação a Keaton, o *chef*. Mas ainda não o ouvira falar em relação a Keaton, o patrão, ou Keaton, o homem. Decidiu fazer a pergunta.

— Difícil — admitiu Bunney.

— Mas justo — rematou Bradshaw. Parecia estar contente por ter contribuído.

Bunney sorriu.

— Não. Só difícil. — Levantou as calças e mostrou-lhe uma cicatriz prateada numa canela. — Isto foi com uma concha. Estávamos a tentar manter a segunda estrela e a pressão era enorme. Os ânimos estavam em baixo. Eu tinha dado cabo de um esfarelado de pistácio... Usei os frutos secos errados e ninguém reparou até o borrego ter chegado à área de empratamento. O *chef* Keaton perdeu as estribeiras.

— Ui! — comentou Poe.

— Mas nunca mais me enganei nos frutos secos.

— Mesmo assim...

— Mesmo assim, nada. A segunda estrela estava em risco e não podíamos cometer mais erros.

— O que aconteceu para pôr em risco a estrela?

— Um erro de principiante — respondeu Bunney. — O quarto prato era um *gravlax* de cavala, e o inspetor teve direito ao fragmento de uma espinha.

— Isso não é picuinhice? — Poe nunca comera um peixe que não tivesse espinhas.

— A este nível, não.

— Mas não perderam a estrela, pois não? — Poe virou-se para

Bradshaw em busca de confirmação.

Ela abanou a cabeça.

— Não perderam, Poe.

Subitamente, Bunney pareceu evasivo. Os seus olhos percorreram a cozinha como se procurasse um motivo para terminar a conversa.

— *Chef* Bunney — disse Poe. Aguardou até o escocês alto olhar para ele. — O que aconteceu? Como é que o Bullace & Sloe manteve a estrela?

Bunney murmurou qualquer coisa.

— Desculpe, não percebi.

— Disse que quando a mulher dele morreu num acidente de viação, deram-nos uma prorrogação de três meses.

O seu olhar era de desafio.

E vergonha.

Capítulo 32

— Ele teve uma prorrogação de cortesia? — perguntou Poe. Tomou nota para pedir a Flynn uma cópia do auto do acidente de viação, que era a única coisa que sabia sobre a forma como Lauren Keaton morrera.

— Sim, foi mais ou menos isso — admitiu Bunney. — Era impossível retirarem-lhe uma estrela quando a mulher tinha acabado de falecer. Mas foi apenas um adiamento. O *chef* Keaton sabia que eles voltariam, e era por isso que estávamos sob tanta pressão.

— E mantiveram-na — concluiu Poe. Não o surpreendeu que Keaton tivesse tirado partido da morte da mulher. Era insensível, oportunista e perfeitamente consonante com o que conhecia dele.

— Não, inspetor Poe, ganhámos mais uma. A morte da Lauren afetou-nos a todos, mas fez o *chef* Keaton ir ainda mais além. Ele renovou a ementa, escolheu novos fornecedores e tornou a filha responsável pela sala.

Poe perguntou a Bunney se alguém falara com Elizabeth desde o seu regresso.

— Ela não voltou para aqui — respondeu Bunney. — Acho que está num hotel que a polícia arranjou para ela. O quarto dela lá de

cima não foi mexido, para que ela possa ambientar-se mais rapidamente quando regressar. Mudei a roupa de cama e abri as janelas para arejar o espaço.

— O pessoal deve estar entusiasmado, não?

Bunney abanou a cabeça.

— Eles ainda não sabem. Já têm muito em que pensar com o iminente regresso do *chef* Keaton. Só sabem que ele foi ilibado porque surgiram novas provas. Vou deixar que seja ele a contar-lhes.

Bradshaw queria despachar aquilo. Fechou o caderno e disse:

— Visitou o *chef* Keaton na prisão 36 vezes, *chef* Bunney. Porquê?

Ele franziu o sobrolho.

— É uma obrigação contratual. Parte de assumir a posição de *chef*-executivo implicava ter de visitá-lo sempre que queria fazer uma alteração relevante à ementa, além das alterações sazonais previamente acordadas. Também tinha de fazer um relatório trimestral sobre o negócio.

— Sabemos que o visitou três vezes num só mês — continuou Bradshaw. Não precisou de consultar os apontamentos. — No estabelecimento prisional de Pentonville. Porquê?

Era uma boa pergunta. A viagem de Carlisle até Londres era terrível. Poe não queria saber se Bunney estava muito grato a Keaton; três vezes num mês era de facto excessivo.

Bunney pensou durante alguns instantes.

— Deve ter sido depois de ele ter sido esfaqueado.

Poe e Bradshaw olharam um para o outro. Não constava nenhum esfaqueamento dos registos prisionais.

— Tem a certeza? — perguntou Poe.

— Ele esteve mais de um mês no hospital.

— Dê-me licença — disse Poe. Inclinou-se e sussurrou ao ouvido de Bradshaw. — Marca uma videoconferência com a inspetora Flynn para hoje à noite. Pede que investigue o esfaqueamento e o porquê de não constar do registo prisional dele. Aproveita e pede-lhe para enviar o auto do acidente da mulher.

— Vou até lá fora para garantir que tenho rede, Poe. Se me deres as chaves do carro, posso deixar o *Edgar* sair enquanto estiver por lá.

Assim que ela saiu, Poe virou-se para Bunney.

— Continue.

— Não há mais nada a dizer. Ele foi esfaqueado, e, enquanto esteve no hospital, pensei que teria tempo para pensar no seu legado. Pensei que conseguiria convencê-lo a alterar o meu contrato e a dar-me alguma autonomia. Talvez até a dizer-me onde ficava o maldito bosque das trufas. — Poe ergueu as sobrancelhas. Era a segunda vez que ouvia falar em trufas. — Uso-as em imensos pratos e custam uma fortuna. Diminui imenso a minha margem de lucro. O *chef* Keaton costumava apanhar trufas, mas não me dizia onde. Não admira! Esses locais são mais raros do que galinhas com dentes.

— Tem de as comprar?

— E são extremamente caras. Peso por peso, valem mais do que o ouro.

— Ouvi dizer que sim.

Bunney esticou a cabeça, interessado, mas Poe não disse mais

nada. Queria perguntar como é que um cidadão como Keaton descobrira um bosque com trufas, mas para já tinha de se concentrar no esfaqueamento. Eram informações novas e ele queria aprofundá-las.

— Ter estado hospitalizado deve tê-lo feito abrandar um pouco.

— Muito pelo contrário, inspetor. Estava cheio de energia. Tinha-o visitado no estabelecimento prisional de Altcourse no mês anterior e encontrara-o muito em baixo. Tinha acabado de sair mais um pedido de recurso para reavaliação da sua sentença, e acho que ele começava a resignar-se ao facto de ter de cumprir os 25 anos de pena, ou até mais. Chegou a aprovar um prato novo sem perguntar qual era a margem de lucro.

— O esfaqueamento animou-o? — Parecia pouco plausível.

— Não, o seu estado de espírito tinha melhorado antes do esfaqueamento. Na primeira vez que o visitei no estabelecimento prisional de Pentonville, estava animado. Tinha voltado a ponderar abrir um novo restaurante no centro da região dos lagos, talvez até um *pop-up* em Londres. Queria que eu ficasse à frente dos dois. Riu-se e fez piadas, um pouco gabarolas até. Muito estranho.

— E depois foi esfaqueado?

— E depois foi esfaqueado — confirmou Bunney.

— E isso não alterou o seu estado de espírito?

— De todo. Visitei-o duas vezes no hospital e das duas vezes encontrei-o animado.

Poe pediria a Flynn para investigar o período entre a última visita de Bunney à prisão de Altcourse e a primeira à prisão de Pentonville, para tentar perceber o que podia ter acontecido para

deixar Keaton animado a ponto de não se deixar abater por um esfaqueamento.

Bradshaw voltou a entrar na cozinha.

— A videoconferência está agendada para as 19 horas, Poe.

Bunney aproveitou a pausa na conversa para começar a vociferar instruções. Poe sabia que o seu tempo estava a chegar ao fim. Numa cozinha tão atarefada, tinha sido uma sorte conseguirem obter todas aquelas informações. Arriscou fazer mais uma pergunta.

— Fale-me da Elizabeth. Presumo que a conheça bem.

Bunney abanou a cabeça.

— Não tanto como seria de esperar. Ela trabalhava na sala e eu na cozinha. Num restaurante como este, não há muito contacto entre os dois espaços.

— Mas por certo que depois do serviço...?

— O *chef* Keaton era muito cioso da sua filha. E não podemos recriminá-lo. Está neste ramo há tempo suficiente para saber que os elementos da equipa, sobretudo os que partilham o alojamento do pessoal, acabam sempre por se meter em farras nos tempos livres.

— Sexo?

— E drogas. Trabalhamos num ambiente de pressão elevada, pelo que o *chef* Keaton sabia quando fechar os olhos. Desde que não afetasse o trabalho, não queria saber o que faziam depois do expediente.

— E alguma vez afetou?

Pela primeira vez desde que tinham chegado, Bunney pareceu inquieto.

— Eu não vi nada.

Era uma resposta inteligente. Não era um sim nem um não. Bunney escondia algo.

— Acha que eu devia falar com mais alguém?

— Lamento — respondeu ele —, mas estamos a entrar na fase do serviço. Tenho de ir trabalhar.

Poe apertou-lhe a mão.

— Acha que conseguimos mesa para um almoço antecipado?

Bunney olhou por cima do ombro.

— Jen! — gritou.

— *Oui, chef?*

— Como estamos de reservas para almoçar? Estamos cheios?

— *Oui, chef.*

— Não se arranja lugar para mais dois?

Uma breve pausa.

— *Oui, chef.* Posso transformar uma mesa de quatro em duas de dois.

— A Jen deve ter duas pessoas sentadas numa mesa de quatro — disse Bunney. — Ela vai separá-las e arranjar lugar para vocês. — Poe acenou com a cabeça, satisfeito por não ter de sair já do Bullace & Sloe. Sentira uma vibração em Bunney. Achava que o grande *chef* tentara dizer-lhe alguma coisa, mas não se sentia capaz de o fazer. Não numa cozinha movimentada. Poe tentaria falar com ele a sós após o final do serviço de almoço. — Pode estar aqui por volta do meio-dia? Tem muitos pratos pela frente.

Poe consultou o relógio. Tinham hora e meia até lá. Estavam perto de um parque protegido e podiam levar *Edgar* a dar um passeio no bosque, para que o *spaniel* pudesse ter contacto com

árvores normais. As poucas que subsistiam em Shap Fell eram pequenas, atarracadas e angulosas.

Capítulo 33

Regressaram ao Bullace & Sloe, mas desta vez entraram pela porta da frente. Depararam com uma mulher atrás de um balcão alto e estreito; o seu rosto refletia o brilho do computador. Depois de indicarem os seus nomes, foram encaminhados para uma zona de espera.

Um homem com uma camisa branca bem engomada, casaco preto e gravata com o símbolo do Bullace & Sloe sentou-se junto deles. Trazia consigo uma pasta de cabedal.

— Chamo-me Joe Douglass. Sou o chefe de sala. É a primeira vez que nos visitam? — Ambos assentiram, e Douglass explicou o conceito do restaurante. — A refeição de hoje é composta por um menu de degustação de 14 momentos. Os pratos serão servidos com intervalos de 12 minutos e a experiência terá a duração de aproximadamente três horas.

Isso era uma novidade para Poe. *Experienciar* uma refeição em vez de a comer. E demorar três horas em vez de uma — isso também era uma novidade. As refeições deviam ser tomadas à secretária, no carro ou em pé, junto ao lava-louças. Porém, se a sua intenção era entrar na mente de Keaton, provar a sua comida não seria a pior ideia do mundo.

— O senhor vai desejar falar com o nosso escanção, ou dá-nos a

honra de escolher a harmonização de vinhos?

Poe não percebeu o que ele quis dizer com «harmonização». Mas isso não tinha importância; ele não gostava de vinho.

— Eu bebo uma caneca de cerveja.

— E eu quero uma água com gás, por favor — disse Bradshaw.

Douglass fez uma vénia rígida e retirou um *iPad* mini da pasta de cabedal. Com alguns toques no ecrã, introduziu o pedido de bebidas.

— Existem algumas restrições alimentares de que o *chef* Bunney deva ter conhecimento?

Bradshaw disse que era vegetariana.

Douglass introduziu a informação no *iPad*.

— Muito bem. Queiram acompanhar-me, vou levar-vos à vossa mesa.

A sala de refeições do Bullace & Sloe era despojada. As lajes do piso eram as originais e a alvenaria das paredes estava exposta. O equipamento de moagem tinha sido preservado, mas não havia mais nada que distraísse o comensal. Não havia quadros, fotografias nem sequer cortinas na sala.

O espírito minimalista foi estendido às mesas. Guardanapos vermelhos engomados em cima de madeira exposta, talheres personalizados e uma rosa branca solitária numa jarra de latão com pátina foi tudo o que encontraram em cima da mesa. Não havia saleiro nem pimenteiro. Poe olhou em redor para ver se era apenas na sua mesa, mas parecia que ninguém tinha direito a temperar a comida.

Ainda era meio-dia e a sala já estava lotada. O ambiente era

silencioso e reverente. Empregados de mesa com fardas pretas e gravatas brancas impecavelmente engomadas movimentavam-se em silêncio em grupos de três: um para transportar a bandeja, outro para servir o prato e um terceiro para explicar o que o comensal estava prestes a provar. Um escanção observava atentamente, à espera da altura certa de voltar a encher os copos de vinho.

Apesar de o Bullace & Sloe ser amplo e de Poe não se sentir sufocado, ponderou no motivo para o homem desengonçado de Edimburgo ter sido tão solícito. Não tinha obrigação de ser. O restaurante tinha a lotação esgotada; ter recusado teria sido perfeitamente aceitável. Mas Bunney não o fizera. Seria este apenas um exemplo do excelente serviço que, supostamente, o Bullace & Sloe se esforçava sempre por proporcionar, ou tê-lo-ia ele feito por um motivo completamente diferente?

Uma empregada ruiva aproximou-se com uma cesta de pão e, usando uma pinça ornamentada, serviu um no pratinho de Poe e outro no de Bradshaw. Outra empregada pousou um recipiente de pedra com uma manteiga cremosa no centro da mesa.

Uma terceira empregada debitou um discurso ensaiado.

— O pão artesanal de hoje do *chef* Bunney é um pão de fermento natural biológico com tomilho selvagem. A manteiga é feita na casa com um leite proveniente de uma quinta em Cúmbria. — Foi dito de uma forma solene, como se a manteiga tivesse sido batida por Jesus Cristo Nosso Senhor.

Apesar do seu ceticismo, o cheiro a pão quente era um dos maiores prazeres da vida, e Poe inspirou-o profundamente. Bradshaw fez o mesmo. Partiu o pão ao meio, barrou uma dose

generosa de manteiga e deu uma dentada. Suspirou de prazer. Era delicioso.

O primeiro prato foi servido por um trio diferente de empregados. Era tudo o que Poe esperava que fosse. Minúsculo, um regalo para os olhos e extraordinariamente complexo.

— O que tem à sua frente é a versão do *chef* Bunney de uma *salade niçoise* — disse o terceiro empregado. — Sashimi de albacora, gema desidratada, sorbet de tomate e uma redução de azeite.

Um prato ligeiramente diferente foi colocado à frente de Bradshaw. Quando o empregado explicou que o seu atum tinha sido substituído por *tofu* escalfado, já Poe devorara o seu. Pelas suas contas, bastaram duas pequenas dentadas, ou uma média. Bom, sem dúvida, mas era algo que lhe passava ao lado. Não ficaria numa lista de espera de dois meses para o comer novamente. E não chegava aos calcanhares de uma salsicha de Cumberland.

Bradshaw fez um esforço por saborear o seu prato. Mordiscou cada um dos componentes isoladamente e depois comeu uma garfada em que apanhou todos.

— Delicioso — disse, quando terminou.

O prato seguinte era uma opção vegetariana, por isso ambos comeram o mesmo. Dentro de uma tigela branca do tamanho de um sombrero, encontrava-se um único *raviolo* no centro. Era do tamanho de um cartão de visita com extremidades frisadas. Estava coberto pelo que parecia ser saliva.

— Temos aqui um *raviolo* de cogumelos silvestres, servido com espuma de alho, lascas de parmesão maturado e finalizado com

pó de trufa.

O aroma intenso do prato invadiu as narinas de Poe, que fez um esforço para não se precipitar. Percebeu que, assim, conseguia apreciar aquele pequeno embrulho extraordinariamente fresco. A espuma, sendo desagradável à vista, complementava a massa na perfeição, e o sabor terroso da trufa proporcionava o contraponto ideal ao salgado do queijo.

— Está bem... estava muito bom — confessou.

Era a sua primeira experiência de alta cozinha e sentia-se um pouco como um peixe fora de água. Bradshaw, que não tinha noções de constrangimento, estava completamente alheia ao seu desconforto.

Seguiu-se uma sucessão de pequenos e delicados pratos, cada um mais complexo do que o anterior. Um ouriço-do-mar, servido na concha — o que Poe não pôde deixar de lamentar. Tinha a textura de um creme espesso e o sabor de uma ostra fresca. Sempre que dava uma dentada, Bradshaw dizia: «Que nojo.» A essência de cenoura — que incluía puré de cenoura, neve de cenoura e granizado de cenoura — era um exemplo perfeito do aforismo «só porque podes fazê-lo, não quer dizer que o faças». A versão crua era, de longe, a mais saborosa. Ao prato de cenoura sucedeu um tártaro de veado em cima de um rabisco de algo salgado.

O prato seguinte era em tudo semelhante a panados de frango. Poe ficou perplexo.

— Fritos de borrego servidos com *aioli* de alho-selvagem e um xarope de limão.

Poe olhou para o que Bradshaw ia comer e viu que ela tinha

direito a mais um prato «adaptado». Desta feita, de feijão borlotti. Era um prato bonito — os feijões eram rosados, com estrias vermelhas —, mas ele tinha borrego frito.

E era um prato soberbo. Um sabor delicado que perdurava no palato muito depois de ter sido deglutido. Parecia ter sido marinado em leite antes de ser passado por pão ralado e frito. A consistência era mais dura do que ele esperava encontrar num restaurante de três estrelas Michelin, mas o sabor compensava sobremaneira essa falha. A carne de borrego era a sua preferida, e a fritura era a sua técnica de eleição, por isso não ficou surpreendido.

Bradshaw terminou antes dele. Ficou a vê-lo limpar o prato. Nos seus lábios bailava um estranho sorriso. Dava a entender que lhe queria dizer qualquer coisa.

— O que foi, Tilly? — Passou os dedos pelo prato e lambeu o resto do molho.

— Sabes que fritos são esses, não sabes, Poe?

— É borrego frito, digo eu. — O sorriso de Bradshaw tornou-se mais rasgado, e ele deixou de ter tanta certeza. — Não é?

— Para todos os efeitos, sim. — Ela acedeu ao telemóvel e esperou até ter rede. Por fim, digitou qualquer coisa e passou-lhe o aparelho. Ele leu o artigo da Wikipédia sobre o prato e olhou para os dedos limpos e para o prato ainda mais limpo.

— Por favor, diz-me que isto é uma piada.

— Não é. São testículos. — O seu sorriso era maior do que a M6.

— Vou pedir a ementa. — Levantou o braço, e o chefe de sala aproximou-se da mesa.

— Há algum problema, senhor? — perguntou o empregado, num

tom contido.

— Quero ver a ementa — disse Poe. — Não vou comer mais nada sem saber o que é.

— Os comensais recebem uma ementa autografada após a terceira sobremesa, senhor. — Poe olhou fixamente para ele. — Mas vou perguntar ao *chef* Bunney se está disposto a abrir uma exceção.

— Faça isso, por favor.

— A comida aqui é um pouco ostentosa, não é, Poe? — perguntou Bradshaw, assim que o chefe de sala se retirou.

Poe resmungou. A comida do Bullace & Sloe era um pouco ostentosa, tal como os ouriços-do-mar tinham um sabor duvidoso.

O chefe de sala estava de volta. Trazia consigo dois cartões com a ementa. Entregou um a Poe e outro a Bradshaw.

— Obrigado — disse Poe.

O chefe de sala fez uma vénia e afastou-se.

Poe abriu a ementa. Um pequeno envelope caiu em cima da mesa. Olharam um para o outro. Poe perscrutou a sala para garantir que não estavam a ser observados e, com a ajuda da faca da manteiga, abriu o envelope.

No interior, encontrava-se um cartão. Poe leu a Bradshaw o que estava escrito.

— «Este homem foi despedido por “gestão desastrosa de tempo”. Desconfio que ele tenha uma versão diferente.»

Poe virou o cartão. No verso, encontrou um nome: Jefferson Black. Passou-o a Bradshaw. Ela leu e iniciou imediatamente a pesquisa no seu telemóvel.

Jefferson Black? O nome não constava do processo. Perguntou-se porquê. Mesmo que por vezes revelassem algum ressentimento, os antigos funcionários eram boas fontes de informação, desde que confirmássemos tudo aquilo que diziam.

— Já não tenho rede — anunciou Bradshaw, enquanto abanava o telemóvel no ar. Levantou o braço. Um empregado aproximou-se da mesa deles. — Sabe dizer-me qual é a senha do wi-fi?

— Minha senhora, o Bullace & Sloe é um restaurante com três estrelas Michelin.

Ela começou a escrever.

— É tudo em minúsculas?

Poe sorriu.

— Vamos pedir à inspetora Flynn para o encontrar, Tilly. Ligas-lhe no caminho. Desfrutemos apenas do resto da refeição.

— Está bem, Poe — disse ela, guardando o telemóvel no bolso.

O empregado afastou-se, perplexo.

Enquanto esperavam pelo prato seguinte, Poe pôs-se a pensar porque julgaria Bunney que *Jefferson Black* podia ajudá-los — o que seria tão misteriosamente importante para ele não se sentir à vontade para dizer na cozinha? Não se lembrou de nada que pudesse ser óbvio.

Pegou na ementa para ver o que se seguia. Era mais um prato de veado: bochechas de corça estufadas com compota de amoras silvestres. Poe achava a ementa irritante. Técnicas de confeção desnecessariamente complexas, peças de carne erradas e descrições grandiloquentes como «da quinta», «colhido localmente» e «desconstruído». A palavra «silvestre» aparecia em quase todos os pratos da ementa.

E Bunney tinha razão: as trufas eram um ingrediente recorrente — dos 14 pratos, seis deles incluíam aquele fungo ridiculamente caro. Não admirava que ele estivesse desejoso de saber onde é que Keaton as apanhava.

— Tilly, quando tiveres cinco minutos, podes fazer-me um relatório sobre trufas? Que variedades são usadas pelos restaurantes, quais delas são originárias do Reino Unido, onde podem ser encontradas... esse tipo de coisas.

— Está bem — disse ela, levantando os olhos da ementa. — Trato disso hoje à noite.

Poe agradeceu-lhe. Continuava sem perceber como é que Keaton encontrara um bosque com trufas.

Bradshaw passou-lhe a sua ementa por cima da mesa. Apontou para as letras miúdas ao fundo da página. Poe semicerrou os olhos, pôs os óculos e leu aquilo para que ela apontava.

Era uma lista dos fornecedores que abasteciam o restaurante. Estava escrita numa letra mais pequena e sumida do que a ementa. Parecia fazer parte do papel de estacionário do Bullace & Sloe, ao passo que a ementa mudava diariamente.

Poe percorreu a lista com o dedo até encontrar o que Bradshaw lhe assinalara. O seu coração parou momentaneamente. Estivera debaixo dos seus olhos toda a manhã. Bunney até gritara sobre isso.

De acordo com a ementa, Thomas Hume era o fornecedor de carne de borrego do Bullace & Sloe.

Capítulo 34

O resto da refeição passou num ápice. Poe nem sequer resmungou quando recebeu a conta. Noutra situação, se lhe tivessem cobrado quase 400 libras por um almoço, teria ficado furioso. Ao invés, pagou sem sequer tecer comentários.

O seu vizinho mais próximo fornecera carne ao restaurante que ele estava a investigar. Apesar de Thomas estar morto, a sua filha Victoria não estava. E já por duas vezes tinha sido evasiva com ele. Quando ele lhe telefonara e quando fora buscar *Edgar*. Lembrava-se do tom da sua voz quando lhe dissera que só ia buscar o cão. Ela parecera-lhe... aliviada. Estaria envolvida naquele caso? Não sabia ao certo, mas alguma coisa se passava. Algo que ele tinha de esclarecer.

Não demoraram muito a chegar a Shap Wells, mas já eram quase 18 horas quando montaram a moto-quatro e se dirigiram para Herdwick Croft. *Edgar* fez o caminho a correr ao lado deles. Poe precisava de uma solução alternativa para *Edgar*; hoje fora uma exceção.

Poe colocou a cafeteira em cima do bico do fogão e preparou um café forte. Pôs uma saqueta de chá de ervas numa caneca e cobriu-a com água a ferver. Enquanto esperava que o chá infundisse, Bradshaw tratou da videoconferência.

Às 19 horas em ponto, o ecrã do portátil ganhou vida e uma Flynn ainda com um aspeto cansado surgiu diante de si.

— O diretor Van Zyl vai juntar-se a nós. Neste momento, está numa chamada com a chefe da polícia de Cúmbria.

— Ah, sim? — admirou-se Poe. — Sabes do que se trata?

Flynn encolheu os ombros.

— Sinceramente, não. Acho que nem ele sabia qual era o motivo da chamada. Perguntou se podia juntar-se a esta reunião assim que terminasse a chamada.

— O Poe comeu testículos! — gritou Bradshaw, de repente. Era óbvio que estava mortinha por partilhar o episódio.

— Não me digas...

— Digo, sim, inspetora-chefe Flynn. Até lambeu o prato e tudo. E depois eu ri-me e o Poe reclamou com o empregado porque queria ver a ementa.

Flynn tapou a boca e tentou conter um sorriso. Era a primeira vez em semanas que ele lhe via um sorriso genuíno. Estava visto que ele teve de se sacrificar pela equipa.

— Pediste esta reunião, Poe — disse Flynn. — O que tens para mim?

Poe contou-lhe o que se passara no Bullace & Sloe, que Crawford Bunney lhe entregara um recado às escondidas com o nome de Jefferson Black e que Bradshaw não encontrara a sua morada nas bases de dados disponíveis. Flynn tomou nota e disse que ia indagar.

Disse-lhe que Thomas Hume fornecia carne de borrego e cordeiro ao Bullace & Sloe, e que a sua filha, Victoria, agira de forma suspeita.

— O que sabes sobre eles? — perguntou ela.

Poe não respondeu de imediato. O que sabia ele sobre Thomas Hume? Na verdade, quase nada. Nem sequer sabia que ele tinha filhos. No dia em que conhecera Hume, o homem vendera-lhe Herdwick Croft. Informara-o de que as autoridades locais queriam cobrar uma contribuição autárquica por um edifício no meio do nada. Poe ainda não recebera o documento para pagar, mas sabia que era uma questão de tempo — eles haviam de regularizar a situação.

— Pouca coisa — admitiu.

— Vou averiguar — disse ela. — Mais alguma coisa?

Poe estava prestes a dizer que não, mas lembrou-se de que o acidente de viação que havia vitimado a mulher de Keaton ocorrera numa ocasião conveniente. Não só permitira ao Bullace & Sloe manter uma estrela, como abrira o caminho para a conquista da terceira. Pediu-lhe se podia aceder ao auto do acidente.

— Só isso?

— Para já, sim.

— E o esfaqueamento, Poe? — perguntou Bradshaw.

Raios! Com a história de procurar a morada de Jefferson Black e a ligação a Hume, esquecera-se completamente do motivo principal da videoconferência. Relatou a Flynn que Bunney alegara que Keaton havia sido esfaqueado, mas que o incidente não afetara o seu bom humor.

— Tenho um contacto no Ministério da Justiça — respondeu ela, enquanto tomava nota. — Vou pedir-lhe para averiguar.

A porta atrás de Flynn abriu-se e a figura descomunal de

Edward van Zyl, o diretor dos Serviços de Informações da National Crime Agency, preencheu o espaço ao lado dela. A sua expressão era tão soturna como um diagnóstico de cancro.

— Temos um problema, Poe — anunciou de imediato.

Porque é que isso não me surpreende?, pensou ele. *É a banda sonora da minha vida...*

Capítulo 35

— Acabei de falar com a chefe da polícia de Cúmbria — disse Van Zyl —, mas, antes de falarmos sobre isso, podem pôr-me ao corrente da investigação?

Flynn fez um ponto da situação minucioso. Consultou os seus apontamentos apenas uma vez e, quando tinha dúvidas, pedia ajuda a Poe e Bradshaw.

Quando terminou, Van Zyl ficou em silêncio.

— Poe — disse ele, por fim —, amanhã à tarde, às 15 horas, deverá apresentar-se na esquadra de Durranhill para ser formalmente interrogado. — Consultou um papel que tinha na mão. — Tendo em conta o seu posto, será interrogado pelo inspetor-chefe Wardle. Conhece-o?

Poe assentiu. Esperava aquele desfecho desde que Keaton fizera a sua ameaça velada no estabelecimento prisional de Durham, mas não deixava de ser um choque.

— A chefe da polícia explicou porquê, senhor diretor?

— Não. Se precisar, posso tentar ganhar algum tempo. Posso dizer que o representante do sindicato da polícia só está disponível daqui a uns dias. Seja como for, estou com ganas de lhe ligar a dizer que não pode interrogar um dos meus inspetores sem me informar primeiro do que se trata. Não é de bom-tom.

— Não, senhor diretor. Eu vou. Isto é bom.

— Como assim?

— Mesmo que eu responda a tudo com um «sem comentários», eles terão de abrir o jogo. A partilha de informações beneficia os dois lados, e assim vamos ficar com uma ideia das intenções do Keaton.

— Muito bem. — Poe percebeu que Van Zyl já chegara à mesma conclusão. Se quisesse mesmo impedir o interrogatório, tê-lo-ia feito. — Mas tenha cautela, Poe — advertiu. — Preciso que faça isso como deve ser. Sem alaridos e sem artimanhas. É chegar, descobrir o que eles sabem e vir embora. A chefe da polícia garantiu-me que não será detido amanhã, mas, quanto menos disser, menos eles poderão descontextualizar mais tarde.

— Vou portar-me bem, senhor diretor.

— Ótimo. E quem é esse tal inspetor-chefe Wardle? Parece tê-lo tomado de ponta.

— É alguém com quem tive um mal-entendido, senhor diretor.

Van Zyl esfregou os olhos, esticou os braços atrás do pescoço e bocejou.

— Não sei como consegue arranjar inimigos assim.

— Estamos a falar do Poe, senhor diretor — esclareceu Flynn. — O mais certo é ele arranjar amigos assim.

Finda a videoconferência, e como nenhum queria deitar-se cedo, Poe e Bradshaw meteram mãos à obra. Poe aconchegou os óculos na ponta do nariz e concentrou-se nos registos prisionais.

Procurava qualquer coisa que sustentasse as alegações de Bunney de que Keaton fora esfaqueado. Não demorou muito a

encontrar: um período de três semanas em que não havia referência a Jared Keaton no P-NOMIS. Até então o agente destacado para acompanhar Keaton fora meticuloso no registro das interações, mas como lidavam sobretudo com ocorrências nas alas da prisão, se Keaton não estivesse na prisão — mas no hospital, por exemplo —, não haveria nada a registrar. E, se tivesse sido esfaqueado, Keaton seria suficientemente esperto para não apresentar uma queixa formal — ser rotulado de chibo na prisão era pior do que ser rotulado de pedófilo. Tudo aquilo teria sido resolvido sem grande alarido, daí não haver nada nos registros a que eles pudessem aceder. Teria ficado registado na sua ficha clínica, mas fora recusado o acesso à mesma a Flynn — o sigilo profissional também se estendia, e bem, aos reclusos a cumprir pena de prisão. O agente destacado para acompanhar Keaton registara por diversas vezes as alturas em que Keaton se dirigira ao hospital prisional, mas nunca por que motivo. Poe ficou com a ideia de que o agente pensava que Keaton inventava doenças para se afastar dos outros reclusos. Isso era comum em reclusos nervosos ou assustados. A ala hospitalar era mais segura, mas, apesar de Keaton ser o manda-chuva no Bullace & Sloe, a verdade é que numa prisão para adultos era apenas um tipo que ganhava a vida a polvilhar bolos com açúcar em pó. Isso, a sua fortuna e o crime que teria cometido faziam dele um alvo.

Poe escreveu uma mensagem a Flynn para a informar do que descobrira sobre o buraco negro nos registros de Keaton. As datas em que o agente não picara o ponto no P-NOMIS podiam ajudar na investigação àquilo que deixara Keaton de bom humor.

Olhou para Bradshaw. Ela estava invulgarmente calada. Por

norma, quando trabalhavam juntos, havia sempre um fluxo unívoco de tagarelice. Só nos últimos dias, já ficara a saber que o nome do meio do ator Michael J. Fox era Andrew, que um papel dobrado 42 vezes percorreria a distância até à Lua, e que 70 por cento dos animais selvagens sobrevivem com uma dieta à base de figos. Coisas que não precisava de saber, mas de que nunca se esqueceria.

Porém, hoje Bradshaw estava carrancuda em frente ao portátil. Enquanto a observava, ela tirou os óculos e limpou-os no pano especial que tinha sempre à mão. De repente, inclinou-se para diante e disse:

— C’um camandro!

Estudou a página que tinha à frente durante mais alguns instantes, acenou uma vez e depois virou-se para trás. Pareceu surpreendida por ver que ele a observava.

— O que se passa, Tilly?

— Tenho uma coisa para te contar, Poe.

— É algo que as outras pessoas guardariam para si?

— Engraçadinho... Isto é importante.

Poe sentou-se ao lado dela. O site que ela estava a consultar tinha que ver com o registo de propriedades. No ecrã estava uma morada de Kendal.

— O Jared Keaton tentou comprar esta loja, Poe. Queriam um restaurante-satélite no coração da região dos lagos.

— Que site é esse? — Ela não respondeu, e Poe decidiu não insistir. Havia coisas que era melhor ele não saber. Voltou a concentrar-se no que via no ecrã. Reconheceu a rua. Ficava numa zona agradável de Kendal. Suburbana, mas perto do centro da

cidade. — O que tem? — perguntou.

— A venda esteve para se concretizar, mas o proprietário voltou atrás à última hora. Segundo os comentários online, deveu-se a uma questão de princípios. Aparentemente, disseram ao proprietário que os Keatons queriam abrir um restaurante com uma componente social, mas quando ele descobriu que era mentira e que eles tinham agido de má-fé tirou o imóvel do mercado.

— Certo... Mas o que tem isso que ver comigo?

— O dono da loja é o teu pai, Poe.

A mente de Poe entrou em sobressalto. Antes de ter noção do que fazia, interrogou-se que pai seria: aquele que o criara com todo o amor e carinho, ou o que violara a sua mãe? Deu um abanão mental a si próprio — poucas pessoas sabiam do que acontecera à sua mãe, e Bradshaw não era uma dessas pessoas.

— Isso não é possível, Tilly — disse. — O meu pai não tem uma loja. Ele é o maior *hippie* que existe à face da Terra. Nem sequer acredita no conceito de propriedade... ou de desodorizante.

Ela imprimiu um documento e entregou-lho. Poe leu-o, atónito. O seu pai não tinha apenas uma loja. Tinha várias lojas. E casas. Contou-as. Eram 14 no total. Duas em Keswick, três em Windermere e uma em Ambleside. As restantes localizavam-se em Kendal. O portefólio valia milhões. As rendas que cobrava anualmente atingiam valores na casa dos seis dígitos. Poe olhou para Bradshaw.

— Mas como?

Ela encolheu os ombros.

— O dinheiro resultante das rendas é encaminhado para um fundo gerido com base em princípios éticos. Não consegui saber mais nada.

Poe não sabia o que dizer. O facto de o seu pai *beatnik* ser um homem de negócios astuto e milionário que tivera um desentendimento com os Keatons era quase inacreditável. Apesar de se questionar algumas vezes sobre a forma como o pai sustentava o seu modo de vida, partira do princípio de que ele andava sempre à boleia, pagava para dormir em beliches nos navios e trabalhava nos sítios para onde viajava. Nunca pusera sequer a hipótese de ele poder viajar em classe executiva.

Uma hora depois, Poe não chegara a conclusão nenhuma. Só conseguia pensar no pai. Era um milionário. Pelo menos, no papel. Perguntava-se se a sua mãe saberia. Provavelmente. Mas o mais certo era não dar grande importância a isso.

Por fim, regressou do seu passado. Algo mudara. Pôs-se à escuta, mas, além das ventoinhas dos três portáteis, o chalé estava em silêncio. Era isso mesmo: a impressora trabalhara ininterruptamente durante uma hora. Mas agora estava parada.

Sem perguntar a razão, ele pôs a chaleira ao lume e preparou um chá. Depois de ter infundido tempo suficiente, pegou nas duas chávenas e voltou para o seu lugar.

— Obrigada, Poe — agradeceu Bradshaw, soprando o vapor e bebendo um gole.

Ele folheou as primeiras páginas daquilo que ela estivera a imprimir. Eram perfis das redes sociais. Página após página de fotografias, comentários e publicações. Na sua maioria, contas

que pertenciam a jovens mulheres. Poe ergueu os olhos, perplexo.

— Poe, 76 por cento das mulheres e 82 por cento dos jovens dos 18 aos 29 anos usam redes sociais todos os dias. E 24 por cento fazem-no de forma quase constante. Se a Elizabeth Keaton esteve este tempo toda viva, seria uma improbabilidade estatística que ela tivesse ignorado as redes sociais por completo.

— Mas os perfis dela estão todos inativos — disse Poe. — Foi a primeira coisa que verificaste.

— Os dela sim, mas os dos amigos dela não. Pesquisei quem são e, com base na escola que a maioria frequentou, criei uma identidade e enviei alguns pedidos de amizade.

— Algum deles aceitou?

— Todos.

Ele franziu o sobrolho. Apesar de os adolescentes modernos não conseguirem fazer nada sem o vomitarem para as redes sociais, e apesar de estarem na idade em que ter «gostos» e partilhas é mais importante do que proteger a sua identidade, parecia implausível que todos tivessem aceitado o pedido de amizade de Bradshaw. Não obstante, ela era uma especialista na matéria, por isso talvez não fosse tão implausível. Ela tinha um intelecto ao nível de um génio, jeito para computadores e uma coleção de perfis prontos a usar. Na verdade, lendas. Havia-os construído ao longo do tempo. Tinham passatempos e amigos. Publicavam coisas. Aderiam a grupos. Interagiam com pessoas de carne e osso. Resumindo, faziam tudo o que uma pessoa real faria. Usar as redes sociais como uma ferramenta de investigação era agora uma parte essencial do que ela e a sua equipa faziam.

Mas os documentos impressos incluíam mais do que apenas os perfis dos seus novos amigos. Alguns continham mensagens privadas e informações de grupos fechados. Coisas às quais ela não devia ter tido acesso.

— Como conseguiste isto tudo, Tilly? — Ela fez um ar evasivo. — Tiiiiilly? — insistiu, arrastando o nome dela. — O que fizeste?

— Prometes que não te zangas, Poe? — Ele cruzou os braços. — Criei um questionário de personalidade «Se eu fosse uma professora de Harraby».

— E o que é isso?

— É um questionário criado por mim. Todos eles frequentaram Harraby, por isso enviei de uma conta que *pode passar* a ideia de que frequentei aquela escola.

Poe desconfiava que o que ela queria dizer era que enviara de uma conta que *dizia mesmo* que ela frequentara a escola.

— Presumo que tenhas um bom motivo para fazer isso... — Ela acenou vigorosamente. — Mostra.

Bradshaw abriu um ficheiro no computador. Tinha muitas indicações de código, mas ele conseguia descortinar texto simples. Eram as perguntas do questionário. Embora infantil, era o tipo de coisas que despertava o interesse nos jovens que passam a vida nas redes sociais.

O NOME DO TEU PRIMEIRO ANIMAL DE ESTIMAÇÃO É A TUA ALCUNHA
NA ESCOLA:

O NOME DE SOLTEIRA DA TUA MÃE É O NOME DO GERBILO DE
ESTIMAÇÃO DA TURMA:

A TUA COMIDA PREFERIDA É A NÓDOA QUE TENS NO TEU LENÇO:

O SÍTIO ONDE NASCESTE É ONDE VAIS LEVAR A TURMA NUMA VISITA DE ESTUDO:

E por aí fora.

Poe pegou num pedaço de papel e apontou quais seriam as suas respostas. Franziu o sobrolho. Tudo aquilo era familiar.

— Isto são...

— As respostas às perguntas de segurança mais comuns a que temos de responder quando queremos recuperar a nossa palavra-passe.

— E isto é legal? — Ela ignorou-o. — Tilly — insistiu ele, desta vez mais alto. — É legal?

Ele não via como pudesse ser. Bradshaw roubara as suas perguntas de segurança e pirateara as suas contas.

— É uma área cinzenta — admitiu.

Ele ponderou naquilo por alguns instantes e chegou à conclusão de que, se era uma área cinzenta, o tom de cinzento era mesmo muito escuro. Tão escuro que uma pessoa cínica podia mesmo pensar que era preto. Fez questão de lho dizer.

— Poe, estás em apuros — replicou ela, com firmeza na voz. — Quero que compreendas que sou capaz de tudo para te proteger. Agora, podemos avançar, por favor? Queres saber o que descobri ou não?

Ele cedeu. Nunca ninguém saberia. Bradshaw entrara e saíra sem deixar rasto.

— O que descobriste?

— É estranho, Poe. Não há nada. Desde o seu desaparecimento que ela não tinha publicado nada em nenhuma das principais

plataformas. Além disso, ela nem sequer acedeu para ver o que os amigos andavam a fazer. Nem sequer visitou a página de condolências que os amigos criaram.

— Isso requer... disciplina.

— Extrema, Poe. Todos os dados disponíveis sugerem que as redes sociais são uma parte tão integrante das vidas do grupo de amigos da Elizabeth que um afastamento total seria praticamente impossível.

— Qual era o comportamento dela nas redes sociais antes do desaparecimento? Há algo que te tenha despertado a atenção?

— Nada, Poe. Estava tudo normal. Muita interação com os amigos, muitas publicações sobre o Bullace & Sloe. Nenhuma inclinação política óbvia.

Poe analisou as fotografias que Bradshaw imprimira. Elizabeth Keaton sorria em todas elas e parecia ser aquilo que todas as pessoas tinham descrito: uma adolescente sociável e feliz. Algumas fotografias haviam sido tiradas em festas e outras em discotecas e bares. Outras ainda eram do trabalho. A dada altura, deve ter ido de férias com os amigos. À Madeira, em Portugal, a julgar pelos *tags*. Poe sabia que a Madeira era uma ilha vulcânica, o que explicava que todas as fotografias em biquíni tivessem sido tiradas em cima de rocha sólida e não em praias.

Franziu o sobrolho. Algo não batia certo. Verificou as fotografias duas vezes para ter a certeza.

— Tilly, o que usarias na praia? — O olhar dela ficou vazio. Era o mesmo que lhe perguntarem o que usava no ginásio. — Esquece — disse ele. — Olha para isto. Diz-me o que vês.

Bradshaw analisou as fotografias da Madeira. Não demorou

muito tempo até o seu rosto denunciar que tinha chegado onde ele pretendia.

— Ela não está a usar biquíni, Poe. Todas as amigas estão, mas ela tem sempre uma camisa ou camisola de mangas compridas.

— Exatamente. Acho que está a esconder as cicatrizes da automutilação. — Mostrou a Bradshaw mais fotografias de férias de Elizabeth tiradas quando ela tinha 15 anos. Estas não tinham tags, mas parecia estar em Allonby, na zona oeste de Cúmbria, num raro dia de sol. Nessas fotografias, ela estava de biquíni. — A automutilação deve ter começado entre estes dois períodos de férias — disse ele.

Qual teria sido a causa? Provavelmente, a morte da mãe. Estaria Jared Keaton a par? Se estivesse, sem dúvida que lhe teria dito para tapar as cicatrizes quando estivesse em público. Uma filha que se automutilava não se enquadrava na imagem que ele queria projetar.

Poe pousou as folhas. Se ficasse a olhar para miúdas em biquíni durante muito tempo, Bradshaw diria alguma coisa constrangedora.

Um dos seus computadores emitiu um sinal sonoro. Ela virou-se para ler o e-mail que acabara de entrar na caixa de entrada.

— É da inspetora-chefe Flynn, Poe. Ainda não tem a morada do Jefferson Black, mas sabe onde ele vai estar amanhã.

— Onde?

Ela disse-lhe.

Ele desejou não ter sabido.

Dia 11

Capítulo 36

Há uma zona semelhante a Botchergate em todas as cidades. Se Carlisle alguma vez se candidatasse a cidade anfitriã dos Jogos Olímpicos, as cidades concorrentes só teriam de mostrar ao Comité Olímpico um vídeo com imagens da economia noturna do centro de Carlisle. A rua estava alinhada com clubes de diversão noturna, discotecas, restaurantes de takeaway e máquinas de ATM que cobravam taxas. Era a zona da cidade que atraía todos aqueles que procuravam apenas shots baratos, cerveja forte e música eletrónica ensurdecadora. Nas noites de sexta-feira e sábado, a presença da polícia era constante em Botchergate.

Mesmo no centro, qual expoente máximo da miséria, estava um bar imundo chamado Coyote. O pouco crime organizado que existia em Cúmbria funcionava a partir dali. Era ali que as prostitutas pagavam aos proxenetas, que os traficantes de droga reabasteciam e que os recetadores vendiam a mercadoria. Era daqueles estabelecimentos que contribuíam para a redução da esperança média de vida a nível nacional.

Em Carlisle, o Coyote era conhecido como Dog. Nem os indivíduos mais perigosos lá punham os pés.

Poe estava à porta, a contemplar Botchergate, com os olhos postos na estação de comboios. A determinada altura, tirou a

identificação do casaco e ergueu-a no ar.

— O que estás a fazer, Poe?

— Vês aquele poste branco ao cimo da estrada?

— Sim.

— É o novo sistema de videovigilância, Tilly. Quero que um operador me veja a entrar.

— Mas deve estar a 200 metros de distância.

Poe sorriu. Estava mesmo a 200 metros de distância, mas isso não fazia diferença; as câmaras eram tão boas que o operador seria capaz de ver as horas no seu relógio. Apesar do adiantado da hora, Poe sabia que estava sempre alguém de olho na entrada do Dog. A câmara estava pré-configurada para tal. Manteve a mão no ar durante dois minutos. Tempo mais do que suficiente para o operador compreender que era um polícia que estava a entrar no Dog. Tempo mais do que suficiente para garantir que um carro-patrulha estaria por perto.

Um homem com uma monocelha entroncado passou por eles e cambaleou para o interior. Ótimo. Avisaria toda a gente de que ia entrar um polícia. Significava que Poe não teria de fechar os olhos a crimes mais evidentes. As drogas e a mercadoria roubada seriam arrecadadas. Pelo menos, assim o esperava. O que se podia encontrar no Dog era imprevisível.

Estavam prestes a entrar quando a porta se abriu de repente e uma mulher de minissaia saiu. Vomitou estrondosamente na calçada. Bradshaw saltou para trás para evitar os respingos. A mulher virou-se para ela e esboçou um meio sorriso em jeito de pedido de desculpa. Depois de limpar a boca com as costas da mão, disse:

— O sacana garantiu que tirava a tempo.

Bradshaw sorriu educadamente, mas por sorte não perguntou a que se referia ela. A mulher voltou a cambalear para o interior.

— Estás pronta?

Bradshaw hesitou e depois disse:

— Sim, Poe.

— Vai correr tudo bem — tranquilizou-a. — Pensa no que vais poder contar ao Povo Toupeira quando voltares.

— Ao Scooby Gang, queres tu dizer, Poe.

— Foi o que eu disse.

Poe empurrou a porta e entrou no bar. As suas narinas entraram em estado de choque. O Dog cheirava pior do que uma casa de banho pública. Nem queria imaginar ao que cheiravam os lavabos. O ar estava quente e pesado e tresandava ao odor inconfundível da canábis. As janelas e o teto estavam manchados de amarelo, da nicotina. Varejeiras gordas andavam de roda de uma mancha ainda molhada na alcatifa puída. Poe apostava que se tratava de sangue. Provavelmente, do homem em tronco nu que usava a sua própria t-shirt para travar o fluxo que jorrava do que parecia ser um traumatismo recente na cabeça. Apesar da lesão, continuava a beber e a conversar com o homem que estava ao seu lado.

Era esse tipo de estabelecimento.

— Céus — sussurrou Bradshaw.

Poe aproximou-se do bar, desviando-se dos pensos rápidos e das beatas que cobriam o chão pegajoso. A empregada encetava uma negociata com um magricela que estava na extremidade oposta do bar. Poe virou-se e tirou as medidas à clientela

enquanto esperava.

Embora pouco passasse das 10 horas, o Dog já estava cheio de elementos da comunidade de fatos de treino e mangas à cava, nenhum deles alheio aos infortúnios da vida. Era o grupo social com maior probabilidade de ver escrito «incinerado num incêndio numa lixeira» na sua certidão de óbito.

Uma mulher chorava baba e ranho enquanto se queixava dos «sacanas da Segurança Social» que lhe iam cortar nos subsídios, e que «raios a partissem se algum dia havia de ganhar a vida a limpar a merda dos outros». Um homem de óculos escuros olhou sub-repticiamente para o telemóvel como se fosse um agente do MI5 infiltrado. Outro, um gordo que parecia ter passado a noite a beber, tinha as calças todas manchadas da sua própria urina. Dois miúdos jogavam às setas. Poe não via nenhuma placa com o alvo. E desconfiava que ela não existisse. Havia uma mesa de *snooker*, mas estava um homem a dormir em cima do imundo feltro verde. Por motivos que não eram óbvios à primeira vista, alguém decidira cobri-lo com batatas fritas.

Dois cães, ambos de tipos ilegais de *pit bull*, rosnavam um para o outro e esticavam as trelas. A mulher de minissaia aproximou-se demasiado de um deles e foi mordida no tornozelo. Todos interromperam o que estavam a fazer e desataram a rir.

A empregada de bar concluiu o seu negócio e Poe chamou-a. Ela ignorou-o. Ele mostrou a identificação e ela aproximou-se a contragosto. Usava calções e uma t-shirt nojenta. Era tão magra que os cotovelos sobressaíam. A mão esquerda estava enfaixada. Teria uns 60 anos bem conservados ou uns 40 sovados pela vida. Esperou que fosse ele a falar.

— Jefferson Black. Onde está ele?

Bradshaw encontrara uma fotografia antiga de Black, por isso Poe fazia uma vaga ideia do seu aspeto, e tinha a certeza de que não se encontrava no Dog.

— Tem de pedir uma bebida primeiro — murmurou ela.

O Dog estava cheio de projetos de macho alfa, e acatar as ordens de uma empregada de bar era a maneira mais rápida de levar com um copo na cabeça. Ele ignorou-a e virou-se para os clientes habituais.

— Chamo-me Washington Poe — disse. — E se não me disserem onde está o Jefferson Black, vou aparecer aqui todos os dias até o encontrar. Todos os dias. — E com isto captou a atenção de quem o fitava.

Um homem de fato e pasta de executivo dera meia-volta e desaparecera assim que vira Poe junto ao balcão. A maneira mais fácil de conseguir o que queria era pôr em causa os seus negócios.

Ouviu a porta a abrir atrás de si. Um suspiro de alívio coletivo percorreu o Dog.

Poe virou-se.

Problema resolvido. Jefferson Black acabara de chegar.

Capítulo 37

Antes de ser *chef*, Jefferson Black fora paraquedista. Ainda caminhava como eles. Costas direitas, passadas largas, confiança inabalável. Com 30 e poucos anos, tinha o cabelo louro cortado rente, nariz de pugilista e mandíbulas de aço. Trazia calções de flanela largos, uma camisola com capuz do regimento de paraquedistas e uma expressão carrancuda.

Avançou pela alcatifa pegajosa até um canto vazio e sentou-se. De ambos os lados, as pessoas afastaram-se para lhe dar espaço. Os clientes habituais do Dog faziam os possíveis para não olhar diretamente para ele. Ainda não pedira nada, mas a empregada de bar levou-lhe de imediato uma caneca de cerveja e o que parecia ser um copo de brandy. Ele aceitou sem agradecer. Black olhou em volta como o soldado de elite que fora em tempos e viu logo Poe.

Poe fixou-lhe o olhar e Black pareceu ficar algo curioso. Poe aproximou-se e sentou-se ao lado dele. Bradshaw empoleirou-se no banco em frente aos dois e lançou um olhar nervoso em volta.

— Disseram-me que o encontraria aqui — começou Poe.

Black encarou-o. Um ligeiro sorriso assomou-lhe aos lábios.

Poe levou a mão ao bolso. Black retesou ligeiramente os músculos. Poe puxou da identificação e abriu-a em cima da mesa.

Black passou os olhos pela mesma por breves instantes.

— E aqui estou eu — disse Poe, consultando o relógio. — Está com fome? — perguntou. — O *brunch* fica por minha conta se não se importar de deixar aí a sua caneca. Cheira-me que ninguém lhe tocaria.

— Já comi — respondeu Black. — Tento começar o dia com comida a sério. Costumo ir a um sítio em Bank Street. É um café à antiga. O *chef* sabe preparar ovos como deve ser. — Poe conhecia o café. Chamava-se John Watts e vendiam café em grão de todo o mundo. Poe costumava lá ir muitas vezes. — Como sempre lá antes de entrar ao trabalho — prosseguiu Black.

— Que é...

— Levantamento da caneca.

Poe não respondeu. O comentário não lhe pareceu frívolo. Reparou que Black estava a transpirar. Estavam todos, com maior ou menor intensidade — o dia estava quente e o Dog era uma placa de Petri —, mas Black estava a pingar. A sua nuca refulgia e o suor corria-lhe pelo nariz. Black reparou que ele o olhava fixamente, mas não quis adiantar mais nada.

— Pois bem, inspetor Poe, da National Crime Agency, em que posso ajudar?

Poe ponderou se valeria a pena dizer a Black que também servira nas Forças Armadas, para ver se conseguia criar empatia, mas percebeu que seria em vão. Black fora paraquedista, e todos aqueles que não usavam a boina castanha eram relegados à sua insignificância. O facto de Poe ter servido nos Black Watch, um dos regimes de infantaria escoceses mais temidos, não adiantaria de nada. Black tanto podia ajudá-los como não, por isso mais valia

deixar-se de rodeios.

— Estou a investigar o Jared Keaton.

As narinas de Black dilataram-se e ele cerrou o queixo. Os nós dos dedos da mão que agarrava a caneca ficaram brancos com a pressão. A sua respiração tornou-se mais acelerada.

— Do que se trata? — grunhiu. — O que é que esse sacana fez agora?

Poe franziu o sobrolho. A iminente libertação de Keaton já era do domínio público, mas Black aparentemente ainda não estava a par. Decidiu não o informar, enquanto não soubesse o que se passara entre os dois.

— Só queremos saber o que se passou entre vocês — disse Poe cuidadosamente. Tinha a impressão de que Black estava a uma palavra de explodir.

— Está a ver isto? — exclamou Black, limpando a testa com as costas da mão e mostrando-lhe o suor. — Isto é culpa do cabrão do Jared Keaton.

Jared Keaton ser a causa da excessiva sudação de Jefferson Black era algo facilmente explicável, mas difícil de compreender. Um ano depois de Keaton ter sido condenado por homicídio, Black tomara três caixas de paracetamol com uma garrafa de vodka. A sua tentativa de suicídio não só falhara como lhe causara uma lesão cerebral permanente. Uma das manifestações físicas era hiperidrose secundária: a incapacidade de regular a temperatura corporal provocada por lesões no hipotálamo. Outros sintomas eram a diminuição acentuada do controlo dos impulsos — algo que, como ex-paraquedista, ele já não devia ter

em abundância — e o reavivar do seu stress pós-traumático.

Isso explicava porque é que até os malucos do Dog lhe davam espaço. Um ex-paraquedista com uma lesão cerebral que o tornava ainda mais agressivo era uma combinação volátil.

O motivo para a sua tentativa de suicídio não era o que Poe esperava. Presumira, erradamente, que iria ouvir histórias de maus-tratos na cozinha, de um *chef* sádico que tornava a vida dos seus funcionários um inferno, de turnos dobrados e noites a trabalhar, de consumo de drogas e sexo.

E havia de facto um pouco disso. Black também lhes contou alguns dos truques que Keaton usava para aumentar as margens de lucro. Alguns eram de dar a volta ao estômago, sobretudo a duas pessoas que tinham comido no restaurante no dia anterior. Alimentos com bolor usados na confeção das refeições do pessoal. Marisco pouco fresco mergulhado em sal e água com limão para disfarçar o cheiro. Reaproveitamento de restos.

— Aconselho-vos a nunca comerem sopa num restaurante — disse-lhes. — É como comerem as gomas pretas do pacote: estão a comer o que cai ao chão das fábricas. Tudo o que já não está bom marcha lá para dentro.

Nada que Poe não contasse ouvir.

No entanto, não contara ouvir uma história de amor. Não contara que Black lhe dissesse que suportara tudo aquilo para estar perto de Elizabeth Keaton.

Capítulo 38

— O Jared Keaton ficava ressentido com as coisas mais ínfimas — explicou Black. — No meu caso, não foi assim tão ínfima.

— O que fez? — perguntou Bradshaw.

Black virou-se para ela.

— Apaixonei-me pela filha dele.

Poe exalou um suspiro audível. O paraquedista e a filha do psicopata. Uma história que nunca teria um final feliz.

— E foi correspondido?

Black desenhou um círculo na condensação da sua caneca. Apontou o dedo ao centro e disse:

— Eu acredito que sim. — Inspirou fundo. — Eu sei que sim.

Bradshaw inclinou-se para a frente. Pouco dissera desde que haviam entrado no Dog — era notória uma sobrecarga sensorial no bar —, mas aquilo captara a sua atenção.

— Isso não pode ter sido fácil, Sr. Black.

— Não dávamos nas vistas — retorquiu ele. — Pelo menos, na medida do possível. A Elizabeth tinha um medo de morte do que o Keaton pudesse dizer, e eu dispensava levar nas orelhas do meu *sous-chef*.

— Crawford Bunney? — perguntou Poe.

— Exatamente. Um tipo às direitas. O típico escocês

carrancudo, mas um homem justo. Apertava connosco, mas só porque queria que o último prato a sair fosse tão bom como o primeiro. — Black terminou a cerveja e pediu mais uma. Poe não o vira pagar pela primeira. — Só nos encontrávamos quando tínhamos a certeza de que ninguém nos via — prosseguiu Black. — Mas era difícil. A Elizabeth trabalhava na sala e, quando a mãe morreu, também passou a controlar a contabilidade, por isso tinha pouco tempo livre. E, mesmo quando tínhamos folgas comuns, era frequente haver sempre qualquer coisa: uma técnica nova que o Keaton queria que os *chefs* aprendessem ou um evento com a imprensa para o qual contava com a presença da Elizabeth.

— Ela era ambiciosa? — perguntou Poe.

Black hesitou.

— Queria que o pai tivesse sucesso e sabia que teria de fazer alguns sacrifícios para que isso acontecesse. Gerir a sala pode ser um desafio. Chefiava os empregados mais mal remunerados com os trabalhos com mais visibilidade. Mantê-los felizes nem sempre era fácil, mas ela parecia não ter problemas.

— Intransigente?

Black abanou a cabeça.

— Não. Apenas uma miúda muito doce. Era impossível não gostar dela.

Ou talvez não tão doce assim... pensou Poe. Há seis anos que simulava o seu próprio rapto.

— Quando é que acabou?

— Não acabou — respondeu ele, simplesmente.

— Mas foi despedido — disse Poe. Consultou o seu bloco de

notas, mais para mostrar a Black que a informação provinha de outra pessoa do que para avivar a memória. — Por «gestão desastrosa de tempo».

Black resfolegou.

— Sim, foi isso que me disseram. Sou ex-paraquedista, Sr. Poe.

Não precisou de dar mais explicações.

— Cinco minutos antes de cada parada — murmurou Poe.

— Também serviu?

— Black Watch. Há muito tempo.

— Então, sabe do que falo.

Poe acenou com a cabeça. Chegar cinco minutos adiantado aos compromissos estava no ADN dos soldados. Poe continuava a adiantar o relógio cinco minutos.

— Acredita que o seu despedimento foi arquitetado? — perguntou.

A conversa foi temporariamente interrompida durante os segundos que a empregada levou a pôr a caneca em cima da mesa pegajosa. Aguardaram enquanto Black dava um bom gole na cerveja. Restava menos de metade do líquido quando ele pousou a caneca. Acendeu um cigarro e soltou uma densa baforada de fumo. Esta volteou e fundiu-se com a nuvem de nicotina que pairava junto ao teto. Poe pousou a mão no antebraço de Bradshaw; não era a melhor altura para debitar a lei antitabaco.

— Ser *chef* num restaurante com estrelas Michelin é uma profissão impiedosa — disse Black, por fim, com o olhar perdido noutro tempo e noutro lugar. — Como todos os *chefs* querem trabalhar num restaurante premiado, as oportunidades de promoção são raras e altamente competitivas. — Bebeu mais um

gole e puxou uma passa do cigarro. — Havia uma serpente — deixou sair pelos dentes cerrados. — Um covarde chamado Scotty. Entrámos os dois para o Bullace & Sloe mais ou menos na mesma altura e, apesar de trabalharmos em zonas distintas, éramos uma espécie de rivais. Uma noite, ele apanhou-me a dar um beijo de boa-noite à Elizabeth. Uma decisão precipitada da qual me arrependerei para sempre. Presumo que ele quisesse ver-se livre da concorrência.

— Ele contou ao Keaton?

Black acenou com a cabeça.

— Ao princípio ele ainda negou, mas quando lhe rebentei com o baço...

Esta informação esclareceu a relutância de Crawford Bunney em dizer o nome de Black em voz alta. O mais certo seria o tal Scotty estar na cozinha quando tiveram a conversa. Bunney já perdera dois *chefs* naquele dia; não devia querer perder mais um.

— Foi despedido — concluiu Poe.

— É uma maneira de dizer a coisa — retorquiu Black. — Seria difícil encontrar uma maior humilhação causada por um ser humano a outro. O Keaton convocou uma reunião com todo o pessoal: sala, cozinhas, até com um pacote que estava presente por acaso. Pensámos que ele ia anunciar que o restaurante tinha finalmente alcançado a terceira estrela. Em vez disso, durante quase 15 minutos, envergonhou-me perante todos. Gritou comigo. Disse que eu era o pior *chef* que eles já tinham tido. Acusou-me de roubar ingredientes, de roubar as gorjetas do pessoal. Não falou uma vez que fosse em gestão de tempo.

— Deve ter sido difícil — disse Poe.

— E depois de eu arrumar a minha trouxa e sair, ele falou com todos os restaurantes do norte de Inglaterra e sul da Escócia e fez de mim um pária no mundo da restauração. Deve ter pensado que eu não teria alternativa senão rumar para sul.

Isso explicava a razão por que o nome de Jefferson Black não surgira no inquérito original. Keaton devia ter pensado que ele iria para Londres e que estaria fora da vida da sua filha. No entanto, ao que parecia, Black não era um tipo que se deixasse abater facilmente. O baço de Scotty era prova disso mesmo. No que dizia respeito ao ex-paraquedista, os colegas deviam ter achado por bem que um surto de amnésia coletiva seria a melhor opção.

— Presumo que tenham continuado a encontrar-se — disse Poe. Pela primeira vez desde que entrara no bar, Black sorriu.

— É verdade. Gostava mais dela do que da minha carreira, por isso fiquei por aqui. Arranjei uns biscates. Não me importava com isso, desde que estivéssemos juntos.

— E como é que a Elizabeth reagiu?

— Ela adorava o pai, mas estava furiosa com o que ele tinha feito. Completamente fula! Não falou com ele durante três meses.

— Os encontros passaram a ser ainda mais difíceis, presumo — disse Poe.

— Por acaso, foi mais fácil. Não tinha um emprego fixo, por isso podia adaptar-me às folgas da Elizabeth. Víamo-nos pelo menos duas vezes por semana. Fizemos isso até...

— Até ao desaparecimento da Elizabeth. — Foi Poe quem finalizou a frase.

Black assentiu. Olhou fixamente para o que restava da sua

cerveja e fê-la rodopiar no fundo da caneca antes de a beber de um só trago. Limitou-se a levantar a mão uns meros centímetros e a empregada começou a servir outra.

— O que aconteceu a seguir?

— Isto — respondeu ele, batendo violentamente com a mão na têmpora. — Comecei a reviver o que aconteceu em Helmand. Enquanto ninguém sabia o que tinha acontecido à Elizabeth, ainda conseguia suportar, apesar de ter alguns terrores noturnos. Revivi algumas das piores partes. Companheiros mortos, membros decepados, sem sabermos se o intérprete que nos tinha ajudado num dia se tornaria um bombista suicida no dia seguinte.

— O rosto de Poe contorceu-se num esgar. O seu serviço militar não fora cumprido no Afeganistão. Não conseguia imaginar aquilo por que passavam os soldados atuais. Black prosseguiu: — Mas quando o Keaton foi considerado culpado pelo homicídio, perdi a cabeça. Não conseguia ver a luz ao fundo do túnel. Tentei pôr fim a tudo. Nem sequer isso consegui fazer. Acordei com um cérebro que está mais fodido agora do que nunca. Já nem consigo controlar o meu corpo. — Levantou o braço para mostrar as manchas de suor que tinham encharcado a camisola castanha.

Como se reage àquilo? Poe não sabia. Bradshaw também não. Esta tinha os olhos marejados; a história de Black deixara-a perturbada. Afetara Poe também, mas ele tinha uma tarefa a cumprir.

Estava a pensar na melhor forma de lhe perguntar se Elizabeth teria algum motivo para desaparecer durante seis anos. Não sabia como o fazer sem dizer a Black que ela não estava morta.

Foi poupado a tomar uma decisão imediata pela chegada de

dois tipos que claramente não sabiam onde se estavam a meter.

Capítulo 39

Poe estivera a observá-los com a sua visão periférica. Faziam parte de um grupo que estava amontoado a um canto. Se tivesse de adivinhar, diria que eram recetadores e que ele estava a estragar-lhes o negócio. Os dois homens haviam-se afastado do grupo e estavam agora encostados ao balcão a emborcar shots. Poe conseguia perceber que tinham sido pressionados pelo grupo para pôr em prática o que haviam decidido em conjunto, e estavam agora a reunir coragem líquida.

Depois do que pareceu uma eternidade, estavam prontos para recuperar o seu bar.

Aproximaram-se, cheios de uma bazófia pouco convincente, ambos muito nervosos e a desejarem estar em qualquer outro sítio menos ali. Um era gordo; o outro, magro. Ambos usavam t-shirts de manga à cava, calças de fato de treino cinzentas e ténis que pareciam sapatos. Não era um visual muito atrativo, mas, vá-se lá saber porquê, os indigentes de Carlisle haviam-no adotado plenamente. O Gordalhufo tinha uma tatuagem no pescoço; o Lingrinhas tinha uma nas costas da mão.

— O que têm as duas galinhas estado a cacarejar? — perguntou Black, sem levantar os olhos.

O Gordalhufo olhou nervosamente para o Lingrinhas em busca

de apoio. Este acenou com a cabeça em jeito de incentivo.

— Nenhum filho da puta vem para aqui falar com a bófia, Black — disse o Gordalhufo. De certa forma, o impacto das suas palavras foi atenuado pelo tremor audível na sua voz.

Poe suspirou. Já não tinha idade para considerar a fuga como uma opção. Deslocou-se o suficiente para proteger Bradshaw. Se a coisa descambasse, arrastá-la-ia dali para fora e voltaria o mais depressa possível para ajudar Black.

Black pousou lentamente a sua caneca de cerveja, tirou um cigarro do maço e acendeu-o. Atirou o fumo para a cara do Gordalhufo, mas não disse uma palavra.

À exceção do zumbido das moscas, o Dog estava em silêncio. Todos aguardavam com expectativa o desenlace daquele confronto.

Black olhou fixamente para os dois homens. Estava calmo. Assustadoramente calmo.

O Gordalhufo e o Lingrinhas começavam a perder rapidamente a confiança. O Lingrinhas ainda não abrira a boca, mas a sua maçã de Adão movimentava-se como uma boia de pesca. Os olhos do Gordalhufo alternavam a um ritmo alucinante entre Black e o grupo que o pressionara a fazer aquilo, cujos membros pareciam ter um interesse redobrado nas suas bebidas.

Poe acreditava que, se tivessem virado costas naquela altura, Black não os seguiria. Mas eles não viraram costas. Eram demasiado estúpidos para o fazer.

O Gordalhufo selou o seu destino.

Num sotaque demasiado cerrado e gutural — que Poe sabia que Bradshaw não perceberia —, o Gordalhufo disse:

— E quem é esta puta caixa de óculos? Bófia não é de certeza.

Foi nessa altura que Black decidiu que estava farto; tomou a iniciativa e fez aquilo que aprendera na formação que custara dezenas de milhares de libras ao Regimento de Paraquedistas: levou a violência até junto do inimigo.

O que aconteceu a seguir não poderia ser considerado um combate: um combate implica mais de um participante. Nem sequer poderia ser considerado uma refrega, visto que esta implica confusão e caos.

Aquilo com que os clientes do Dog foram brindados foi uma amostra do que Anthony Burgess apelidara de «ultraviolência».

Black não os ameaçou e não lhes deu qualquer aviso. Lançou-se da cadeira contra eles e atacou. O Lingrinhas, porque estava mais perto, sofreu o primeiro golpe. Black agarrou-o pelos cabelos e enfiou-lhe o cigarro aceso no olho. Antes de o Lingrinhas ter hipótese de gritar, Black empurrou-lhe a cabeça para baixo na direção do seu joelho, que subia a grande velocidade. Ouviu-se um som nauseante de algo a partir. O Lingrinhas gorgolejou uma vez e depois ficou em silêncio. Caiu ao chão, inconsciente.

O Gordalhufo tentou fugir, mas era tão rápido como um caracol. Black passou-lhe uma rasteira e o homem caiu redondo na alcatifa imunda. Tentou levantar-se, mas Black manteve-o no chão com um pontapé certo nas costelas carnudas. Enquanto se contorcia de dores, Black pôs-se entre as pernas dele e pisou-lhe as virilhas. Poe estremeceu. Então, Black debruçou-se sobre o homem em lágrimas, levantou-o pela t-shirt de manga à cava e golpeou-lhe a cana do nariz com a testa. Dois jorros de sangue

foram projetados das suas narinas. Black deixou-o cair no chão; tinha a cara feita num bolo.

Foi brutal e chocante. Terminou em segundos. Mesmo se quisesse ter intervindo, Poe não teria tido tempo para o fazer.

O Dog, cuja clientela ainda há menos de meia hora desatara a rir quando um cão mordera uma mulher, permanecia agora em silêncio. Rostos pálidos estavam fixos nas respetivas mesas.

Black deitou o Gordalhufo e o Lingrinhas de lado e sentou-se como se nada se tivesse passado. Acendeu mais um cigarro.

— Peço desculpa por isto — disse. — Onde é que eu ia mesmo?

Capítulo 40

— Ah, sim, estava a dizer-vos que tinha tudo: uma nova carreira e uma miúda que me amava. Agora, olhem para mim. Só me sinto vivo quando acontecem merdas destas. — Black apontou para os dois homens inconscientes.

— Oh, meu Deus! — exclamou Bradshaw. Não conseguia desviar os olhos da cena de devastação ainda estendida no chão. Então, levantou-se e gritou: — Há aqui algum médico?

Poe não sabia bem o que se estava a passar, mas uma coisa era certa: não havia médicos no Dog.

— Senta-te, Tilly — disse com brandura. — Eles vão ficar bem. O Sr. Black colocou-os numa posição de recobro.

— Mas...

— Eles vão ficar bem — confirmou Black.

Pelo menos, Bradshaw conseguiu libertar a tensão que começava a acumular-se. Dois clientes riram-se da pergunta que fez sobre o médico. Pouco depois, o riso já contagiara todo o bar.

No meio da algazarra, o homem que tinha a t-shirt na cabeça gritou:

— Se houver, eu sou o próximo!

O Dog voltou ao seu normal. O Gordalhufo e o Lingrinhas foram arrastados pelos membros do grupo que lhes tinha destinado a

tarefa. Um deles olhou para Black e pediu desculpa com um breve aceno.

Bradshaw continuava preocupada. O mais certo era estar em choque e a precisar de alguma distração.

— Tilly, podes mostrar ao Sr. Black os documentos que retiraste das redes sociais?

Após uma pausa, ela disse:

— Está bem, Poe.

Abriu a mala e retirou o *iPad*. Os gestos familiares pareceram acalmá-la. Percorreu algumas páginas até encontrar a que procurava. Passou o *iPad* a Black, que analisou as imagens. Depois, olhou para os dois, perplexo.

— O que é isto?

Poe fingiu não ouvir.

— Em nenhuma das fotografias mais recentes ela está vestida como as amigas. — Achou por bem não dizer a Black que estivera a ver fotografias de Elizabeth com 15 anos em biquíni. — Presumo que tivesse uns 17 anos quando começou a tapar os braços, supostamente para esconder as cicatrizes de automutilação.

Black olhava fixamente para as fotografias no *iPad* de Bradshaw.

— A Elizabeth não se automutilava.

Poe estava prestes a dizer que isso não era verdade, mas conteve-se. Black não desviara os olhos do *iPad*, nem o seu tom de voz se alterara. Limitara-se a constatar um facto.

— Tem a certeza?

Black acenou com a cabeça.

— Porque é que achou que o fazia?

Poe não respondeu. Se Black tivesse razão, a automutilação de

Elizabeth começara após o seu desaparecimento. Mas, nesse caso, porque usara uma camisola de manga comprida num dia que pedia biquíni?

— Encontraram-na? — perguntou Black. Poe não respondeu. — ENCONTRARAM-NA?!

Bradshaw estremeceu. E Poe também. O Dog voltou a ficar mergulhado em silêncio. Poe fixou os olhos de Black. Sabia que a melhor forma de acalmar a situação era falar abertamente. Também desconfiava que Black se estava a referir aos restos mortais de Elizabeth, não ao facto de poder ter sido encontrada com vida.

— Não, Jefferson, não a encontrámos — disse Poe. Não era uma mentira descarada. Apesar do que acabara de acontecer, ele até gostava de Jefferson Black.

— Então, porque é que...? — Os olhos de Black ficaram rasos de água. — O que não me estão a contar? Porque é que acham que ela se automutilava?

— Não lhe posso dizer — disse Poe. — Pelo menos para já, mas prometo que assim que puder lhe conto.

Black ponderou nas palavras de Poe.

— Esta coisa da t-shirt é importante?

— Talvez — limitou-se Poe a responder.

Esperaram que Black tomasse uma decisão. Sem avisar, ele tirou a camisola. O seu tronco musculado luzia com o suor. No ombro tinha uma tatuagem que remetia para as alturas: uma águia que gritava, com as garras em riste, a atirar-se a uma vítima incauta. As palavras «1 Para: A Morte Chega das Alturas» estavam tatuadas por cima.

Black virou-se para que Poe pudesse ver o seu outro ombro.

Outra tatuagem, mais simples: uma peça de um puzzle. Um quadrado com cerca de 4 centímetros. O contorno era vermelho e no centro lia-se: *Elizabeth*.

Poe olhou fixamente, com o coração a bater descompassado. Esperou alguns instantes para assentar as ideias. *Aquilo significava o que ele pensava?* Se sim, podia mudar tudo.

Tudo.

Manteve o tom de voz o mais calmo possível e fez a única pergunta que interessava:

— A Elizabeth tinha uma tatuagem que encaixava aí, Jefferson?

Black derramou uma lágrima solitária.

— Fizemos as tatuagens juntos. As peças encaixam uma na outra. O meu nome estava no centro da tatuagem dela. O Keaton teria dado em doido se tivesse descoberto. Como ela usava vestidos com alças quando o acompanhava a eventos, teve de fazer a tatuagem num local mais discreto; a dela ficava por cima da anca direita.

Bradshaw pegou no *iPad* e procurou aquilo que Poe já sabia. Flick Jakeman não referira uma tatuagem quando fizera o exame médico. Alguns minutos depois, Bradshaw ergueu os olhos com a perplexidade estampada no rosto.

— O que significa isto, Poe? — perguntou.

Ele quase respondeu que não sabia, mas as palavras morreram-lhe na garganta.

Porque começava a pensar que sabia...

Agradeceram a Black e deixaram-no entregue à bebida. Assim

que saiu para a rua, Poe ligou para Flick Jakeman. Apesar de a médica ter parecido competente, ele queria ter a certeza.

— Estou?

— Dra. Jakeman, fala o inspetor Poe. Desculpe estar a incomodá-la, mas lembra-se se a Elizabeth Keaton tinha uma tatuagem?

Pausa.

— Creio que não, mas tenho de consultar os meus apontamentos. Porque pergunta?

— Foi uma informação que surgiu — respondeu Poe, sem oferecer mais explicações. Não queria dizer-lhe o que procurava, não fosse algum advogado alegar que ele condicionara uma testemunha. — Tem os seus apontamentos à mão?

— Neste momento, estou no consultório, inspetor Poe. Tenho uma cópia no meu computador pessoal, mas terá de esperar até eu chegar a casa. É importante?

— Talvez.

— Está contactável neste número?

— Sim.

— Ligo-lhe assim que chegar a casa.

Ele transmitiu a Bradshaw o que Jakeman lhe dissera.

— Gostas dela, não gostas, Poe?

Ele encolheu os ombros.

— É simpática.

Bradshaw sorriu, mas não acrescentou mais nada.

Poe encaminhou-os para um restaurante que conhecia ali perto. Apesar de terem carnes fumadas e grelhadas na brasa, ele pediu uma salada igual à de Bradshaw; não porque o seu discurso

sobre a alimentação saudável estivesse a surtir efeito, mas porque não queria sentir-se muito pesado quando fosse interrogado por Wardle.

Enquanto aguardavam, Bradshaw abriu os seus e-mails e sorriu.

— A inspetora-chefe Flynn enviou-nos todas as informações que solicitámos, Poe.

Passou-lhe o *iPad*. Havia dois e-mails. O título do primeiro era: «Lauren Keaton: Auto do Acidente». O outro dizia: «Jared Keaton: Esfaqueamento». Ele abriu este primeiro.

Era conciso e direto. Jared Keaton fora esfaqueado, mas, como não apresentara queixa contra o agressor, o episódio fora registado como «acidente» na sua ficha clínica. As agressões prejudicavam a classificação das prisões, por isso, sempre que podiam ser registadas de outra forma, era isso mesmo que acontecia. A lâmina roçara-lhe a bexiga, e ele passara quase um mês no hospital.

Poe procurou informações sobre a pessoa que o esfaqueara, mas não encontrou nada nos registos. Keaton ou não conhecia o homem, ou tinha demasiado medo dele, ou era suficientemente inteligente para saber que os bufos tinham um triste fim.

Crawford Bunney dissera que o bom humor de Keaton era anterior ao esfaqueamento e que as suas lesões não o tinham desanimado. Poe precisava de descobrir o que acontecera para o deixar tão animado. Tinha a sensação de que era importante.

Enviou uma mensagem a Flynn a pedir que aprofundasse as suas averiguações. Não tocou no assunto da tatuagem. Recebeu uma mensagem imediata, mas seca, de concordância com o pedido. Flynn lembrava-lhe ainda que tinha uma reunião marcada

com o inspetor Wardle.

As saladas chegaram à mesa e Poe parou de ler enquanto comiam. No final, abriu o outro e-mail. O resumo de Flynn era mais interessante do que o relatório técnico que ela anexara. Numa noite de chuva, Keaton perdera o controlo do carro numa curva e embatera de frente contra uma árvore. Havia lama na estrada — um fenómeno comum em Cúmbria. Apesar de Keaton ter batido com o peito no volante, o *airbag* do condutor salvara-o de lesões graves. Lauren Keaton não tivera tanta sorte: o seu *airbag* não fora ativado. O inquérito concluía que ela o desativara no dia anterior, quando levava o carro cheio de crianças a ver *Aladdin* num teatro local. A criança que viajava no banco do passageiro seguia sentada numa cadeirinha, e a ideia aceite na altura era a de que os *airbags* faziam mais mal do que bem às crianças mais novas. O auto concluía que Lauren se esquecera de o ativar. O médico-legista concordara e registara a morte como accidental. Poe examinou o relatório técnico, mas chegou à conclusão de que tinham feito a dedução certa: a morte de Lauren Keaton podia ter sido benéfica para Jared, mas não passara de um acidente.

Pediram dois chás e beberam-nos em silêncio.

Poe tinha muito em que pensar. Não se livrava da terrível sensação de que ignorara a sua regra de ouro: pensar que sabemos o que se passa é o indício mais claro de que não sabemos. Apesar de a tatuagem só vir acrescentar caos ao caso, desconfiava que já tinha a maioria das respostas — agora, só lhe faltava reformular as perguntas. Para tal, tinha de regressar a Herdwick Croft.

Mas, primeiro, tinha de se reunir com um cretino.

Capítulo 41

— Está atrasado, inspetor Poe — reclamou Wardle. Poe ignorou-o.

— O que tem andado a fazer?

— A investigar. — Poe não adiantou mais nenhum pormenor.

O interrogatório começou mal e só piorou a partir daí. Poe desconfiava que Wardle queria prendê-lo, mas que não tivera autorização para tal. Cúmbria tinha autonomia no inquérito relativo a Elizabeth Keaton, mas ninguém queria afrontar a NCA.

Em vez de o deter, obrigou Poe a esperar à porta da sala de interrogatório durante 15 minutos.

A pretensão de Wardle começava no fato que vestia e estendia-se ao sorriso que ostentava. O fato não tinha sido feito à medida, pelo que o tecido amontoava-se nos tornozelos das suas pernas atarracadas. Os seus olhos estavam ainda mais encovados do que da última vez que se tinham cruzado. Poe desconfiava que ele passara a noite em claro a preparar-se para o interrogatório. Obviamente, aquilo era muito importante para ele. Poe sabia que precisava de ter cuidado. Wardle era um idiota, mas era também um carreirista — uma combinação perigosa.

Apontou para a cadeira à sua frente e pressionou o botão de gravação na máquina. O agente Rigg estava com ele, mas tudo indicava que seria apenas uma testemunha, sem qualquer outro

tipo de intervenção. Fosse como fosse, ele não podia fazer perguntas — Poe era um inspetor; Rigg, um agente.

— Estou detido? — perguntou Poe, depois de se sentarem.

— Sabe bem que não, inspetor Poe — respondeu Wardle.

— Então, desligue a merda do gravador.

— Não — respondeu Wardle.

— Então, adeusinho.

E esta foi a parte mais agradável do interrogatório.

Depois de Wardle ter desligado o gravador, fez uma série de perguntas para as quais já devia saber que não ouviria respostas de jeito.

— O que foi fazer hoje de manhã ao Dog?

— Está muito calor. Apeteceu-me beber um copo.

— No Dog?

— Gosto daquilo. É um bar porreiro. — Fazia tenções de acatar o conselho de «sem comentários» de Van Zyl, mas primeiro tinha de fazer Wardle perder o fio à meada.

As pessoas zangadas cometem erros.

Wardle esperou que ele desenvolvesse a resposta. Não resultaria. Poe interrogava criminosos há muitos anos e conhecia todos os truques que Wardle tinha na manga. Infelizmente para Wardle, ele não conhecia todos os truques de Poe.

Se estava a entender bem o guião de Wardle, a jogada seguinte seria tentar que ele ficasse irritado. Conforme previsto, o inspetor-chefe virou-se para Rigg e disse:

— E aquela idiota com quem ele estava? Podíamos interrogá-la e ver o que tem para dizer.

Rigg manteve-se em silêncio. Poe sorriu ao imaginar Wardle a interrogar Bradshaw. Se Wardle acreditava que isso seria boa ideia, então não sabia mesmo o que estava a fazer. Bradshaw faria gato-sapato dele. Conhecia o PACE Act de cor; já seria uma sorte se, no final, ele mantivesse o emprego.

— Porque não me diz por que razão me chamou aqui, Wardle?

Wardle franziu o sobrolho, como Poe sabia que faria. O estatuto era tudo para ele.

— Para si, é *inspetor-chefe* Wardle.

— Ou isso — troçou Poe. — Porque não me diz o que tem contra mim?

Wardle respondeu:

— Sabe, inspetor, pergunto-me porque é que alguém como você, que tem uma veia claramente antiautoridade, só escolheu carreiras que obrigam a respeitar as hierarquias. — Poe não respondeu. Há anos que colocava essa questão a si mesmo. — E, se não tenciona respeitar o meu cargo, eu recuso-me a respeitar o seu — ameaçou Wardle.

Oh, não, pensou Poe.

Wardle abriu uma pasta e retirou um documento de uma folha, que entregou a Poe.

— Sabe o que é isto?

Era um relatório de análise de uma estação-base da rede de telemóveis. Poe reconheceu a estação do inquérito ao Imolador do ano anterior. Era a que ficava mais próxima de Herdwick Croft. O número de telefone não lhe disse nada; teria ficado surpreendido se dissesse, já que ele nem sequer sabia o número do seu telemóvel. Antes que pudessem impedi-lo de o fazer, ele

ligou o telemóvel e fotografou a página.

Wardle ficou lívido de raiva, mas não havia nada que pudesse fazer — Poe tinha um *BlackBerry* com encriptação da NCA e fazia parte da equipa de investigadores. Wardle arrancou-lhe o documento das mãos e agarrou-se a ele como se fosse uma recordação preciosa de férias. Poe deixou o telemóvel em cima da mesa, tornando claro que tudo aquilo que lhe mostrassem seria fotografado.

— Reconhece a estação-base, Poe? — perguntou, apontando para o número de referência. Poe não respondeu. Ainda não sabia aonde ele queria chegar com aquilo. — Não? — Wardle prosseguiu, apontando para o número de telemóvel. — Permita-me esclarecê-lo. É a estação-base que prova que este número de telemóvel esteve perto de sua casa há sete dias. Sabe de quem é este número? — Poe cruzou os braços e aguardou. Wardle esboçou um sorriso escarninho perante o silêncio de Poe. — Este, meu amigo presunçoso, é o telemóvel que o Apoio à Vítima deu à Elizabeth Keaton.

E, sem mais, tudo ficou esclarecido.

Apesar de já estar à espera de algo assim, a audácia do plano de Keaton não deixou de o atingir como um rude golpe. O estômago contraiu-se-lhe e a sua coluna ficou rígida.

Wardle sorriu, desfrutando da sua primeira vitória.

Poe não fez caso. Agora, sabia o que estava em causa, e Wardle não fazia parte da equação. Estava na altura de passar ao ataque, de demonstrar que ele não ia aceitar aquilo de forma passiva.

— Reparei que não falou em triangulação — atirou Poe.

— Perdão?

— Disse que o telemóvel esteve «perto» de Herdwick Croft há sete dias. Porque não disse que houve uma triangulação do sinal?

— Wardle movimentou-se na cadeira. — Eu digo-lhe porquê — prosseguiu Poe. — Porque precisa de pelo menos três antenas para triangular o local, mais ainda se quiser restringir a localização a poucos metros, e eu sei que no sítio onde vivo há apenas uma antena, que abrange uma área enorme. Por isso, quando diz que esteve «perto», o que me está a dizer é que o telemóvel esteve num raio de 11 quilómetros da estação-base. — Wardle ficou em silêncio. — Ora bem, não sou nenhuma Matilda Bradshaw, mas até eu sei que a área de um círculo equivale ao valor do raio ao quadrado multiplicado por pi. E 11 vezes 11 são 121. Não sei qual é o valor exato de pi, mas vamos arredondar para três. Alguém tem uma calculadora?

— Dá 363 — disse Rigg de súbito. Wardle lançou-lhe um olhar gélido. Rigg encolheu os ombros. — Ele tem razão, chefe.

— Deixe-me ver se percebi — recomeçou Poe. — O sinal de telemóvel é captado algures numa área de 363 quilómetros quadrados, área na qual a minha casa é abrangida, e acha que provou alguma coisa? Belo trabalho de investigação, Wardle. Ensinar-lhe isso no seu curso de promoção acelerada? Quer algemar-me ou prefere que o faça por si? — Poe estendeu os braços, com os pulsos para cima.

A expressão de raiva estampada no rosto de Wardle era impagável, mas isso de pouco valia a Poe. Elizabeth Keaton desaparecera há sete dias, e a polícia estava a investigá-lo numa tentativa de obter respostas.

Além disso, Poe sabia que o relatório da estação-base era

apenas o início. Keaton tencionava acusá-lo do homicídio com ausência de cadáver da sua filha.

E ele não conseguia pensar numa forma de o impedir.

Wardle começou a descrever os últimos movimentos conhecidos de Elizabeth Keaton. Aprendera com o erro inicial, pelo que manteve Poe longe do documento que estava a ler. Poe tentou concentrar-se. Tinha de se lembrar do que estava a ser dito.

Tal como Rigg comentara ao regressar do estabelecimento prisional de Durham, Elizabeth comparecera às conversas com a polícia e desaparecera logo a seguir. Não faziam ideia do seu paradeiro. Não sabiam onde estava e tão-pouco onde estivera. A última vez que o seu telemóvel dera sinal junto de uma estação-base fora nas redondezas de Herdwick Croft. Teria sido posteriormente desligado ou destruído.

— Pode dizer-me onde esteve nessa noite, Poe?

Poe estava em apuros. Fora a noite em que chegara a Cúmbria — a noite que passara no North Lakes Hotel & Spa. Tomara um copo no bar antes de subir para o quarto. Não tinha sido visto por ninguém até à manhã do dia seguinte. Para uma mente pouco evoluída, podia parecer que ele estivera a encenar um álibi. Estar longe de casa sem motivo aparente era o tipo de coisas que fazia os jurados vacilar em tribunal.

Fosse como fosse, seria esse o argumento do procurador.

O cerco começava a apertar. O seu tempo estava a esgotar-se. Não podia desperdiçá-lo com coisas que fugiam do seu alcance. Precisava de voltar para Herdwick Croft para começar a

investigar a tatuagem desaparecida.

Sem dar satisfações a ninguém, Poe abandonou a sala.

Capítulo 42

Num mundo ideal, Poe teria regressado de imediato para Herdwick Croft para se debruçar sobre as gravações das conversas com Elizabeth Keaton. Tinha de estar a postos se Flick Jakeman confirmasse as suas suspeitas.

No entanto, ele tinha algo a fazer antes disso.

Victoria Hume.

O caso estava a estabelecer vínculos claramente invulgares: a ligação de Jared Keaton ao seu pai, e a relação de Thomas Hume com o Bullace & Sloe. A ligação ao seu pai podia esperar, mas a de Victoria não. Se ela estava envolvida, ele tinha de saber imediatamente.

Concordaram que Bradshaw podia aguardar em Herdwick Croft enquanto Poe se deslocava à quinta dos Humes. Estavam a cerca de 500 metros da quinta quando ela lhe tocou no ombro. Poe parou a moto-quatro. *Edgar* saltou de cima do veículo e começou a farejar. Pouco depois, uma pequena ave de caça grasnou e levantou voo.

Poe virou-se para trás.

— O que foi, Tilly?

Ela apontou para Herdwick Croft.

— Tens alguém à tua espera, Poe.

Ele semicerrou os olhos, mas apenas conseguiu distinguir uma silhueta. Depois de tirar os binóculos da bolsa da mota, levou-os aos olhos.

Mas que raio...?!

Era Victoria Hume.

Confiante de si mesma, sentada à mesa onde eles haviam estado a trabalhar no dia anterior. Tinha inclusivamente reorganizado as suas pedras pisa-papéis.

Desta vez, *ela* fora a casa dele.

Mas porquê?

Apesar do calor e da humidade, Victoria vestia umas calças de ganga e uma camisola grossa. Não usava maquilhagem e o cabelo estava apanhado num rabo de cavalo feito à pressa. Tinha-se deslocado até Herdwick Croft numa das motos-quatro do pai.

Poe saltou da sua.

— Sra. Hume, em que posso ajudá-la? — O seu tom de voz pareceu sobressaltá-la.

As suas primeiras palavras foram gaguejadas.

— Na verdade, é menina. Victoria, se preferir. Eu... queria pedir desculpa pela minha indelicadeza inicial. Eu estava...

— O que pretende? Qual é a sua ligação ao Keaton? — A situação era demasiado grave para estar com rodeios.

— Keaton...? — replicou ela, com a perplexidade estampada no rosto. — Refere-se... Refere-se ao *chef* que matou a filha?

Ele não desviou os olhos dos seus.

— Qual é a vossa ligação? — repetiu.

A perplexidade dela transformou-se em raiva.

— Mas que raio de conversa é essa?! — explodiu. — Não tenho ligação nenhuma...

— O seu pai, *menina* Hume, era o fornecedor exclusivo de gado ovino do Bullace & Sloe.

— Não faço a mínima ideia do que seja o Bullace & Sloe, seu idiota!

Poe resfolegou.

— Deveras? Nunca ouviu falar do único restaurante de três estrelas Michelin de Cúmbria? Não sei se acredito nisso.

Hume cerrou os punhos e cruzou os braços de forma enfática. Cerrando os dentes, disse:

— Estou a marimbar-me para aquilo em que acredita ou deixa de acreditar. Mas, caso esteja interessado, há 12 anos que moro em Devon. — Poe manteve-se em silêncio. — Seu arrogante! — exclamou. — Não faço ideia se o meu pai era fornecedor ou não desse tal Bullace & Sloe, mas uma coisa é certa: ele era o melhor criador da raça Herdwick de Cúmbria. Se diz que ele era fornecedor desse restaurante, então acredito que o fosse. Ele tinha um acordo com o matadouro e fornecia diretamente para talhos e restaurantes. Criava mais de mil animais por ano e vendia-os a todos. Ficaria muito admirada se houvesse um restaurante em Cúmbria para o qual não fornecesse carne!

Poe hesitou. Não lhe pareceu que ela estivesse a mentir, e, se o que acabara de dizer sobre o seu pai era verdade, a ligação ao Bullace & Sloe podia ser apenas uma coincidência. Contudo... havia qualquer coisa que ela não lhe estava a contar.

— Se não tem uma ligação ao Jared Keaton, o que está a fazer aqui?

O seu rosto contorceu-se e ela começou a chorar. Bradshaw entregou um lenço a Poe, que tratou de o fazer chegar a Victoria, mas ela deixou-o cair ao chão. A brisa fê-lo rodopiar pelo ar. *Edgar* achou que seria o início de um jogo e decidiu persegui-lo, ladrando de forma entusiasta.

— Porque não me diz o que veio aqui fazer? — disse Poe, desta vez num tom mais brando.

Quando ela olhou para cima, a dor desaparecera. Os seus olhos estavam afilados e gélidos.

— Vá à merda!

Sem olhar para trás, ela montou a moto-quatro e arrancou.

A charneca mergulhou no silêncio. O único som audível era o barulho do motor de Victoria e os estalidos da sua própria mota, que ia arrefecendo. Poe virou-se para Bradshaw.

— Até correu bem. — Ela abanou a cabeça.

Edgar voltou para junto deles, trazendo o lenço na boca. Rosnou quando Poe tentou tirar-lho, e este desistiu.

— Anda, vamos espreitar aquelas gravações — disse ele.

Antes de entrarem, o telemóvel de Poe tocou. Era um número desconhecido, mas o indicativo 01229 indicava-lhe que a chamada provinha de Barrow-in-Furness e Ulverston. Certamente tratava-se de Flick Jakeman.

Não se enganara. Pô-la em alta-voz.

— Inspetor Poe — disse ela, sem preâmbulos —, revi os meus apontamentos duas vezes e não havia qualquer nota sobre uma tatuagem.

— Teria sido feita na anca ou um pouco mais acima — disse ele.

— Nesse caso, impossível. Fiz um exame minucioso à zona

genital da Elizabeth. Teria reparado se ela tivesse uma tatuagem na anca.

Poe agradeceu e desligou.

— Porque diria o Jefferson Black que a Elizabeth tem uma tatuagem quando não tem, Poe? — inquiriu Bradshaw. — Achas que estava a mentir? Céus, espero que não.

Poe fez uma pausa.

— Não, Tilly, não acredito que o Jefferson tenha mentido.

— O que significa isto então?

— Significa que temos de analisar as gravações.

Capítulo 43

As gravações das conversas com Elizabeth Keaton estavam todas disponíveis através de uma hiperligação que Gamble lhes facultara a partir do momento em que eles se envolveram oficialmente no inquérito. Bradshaw acedeu às gravações e eles acomodaram-se à frente do monitor. Pressionou no botão de reprodução e Elizabeth Keaton surgiu no ecrã.

A última vez que Poe as tinha visto, concentrara-se em ouvir o que Elizabeth estava a dizer. A descrição do ataque na cozinha do Bullace & Sloe. O facto de ter sido atirada para as traseiras de uma carrinha e levada para uma adega algures.

Ouvira atentamente a descrição da sua fuga. Tomara inúmeras notas. Nada do que ela dissera se lhe afigurara contraditório; tudo era plausível.

Porém, desta vez, ele não estava interessado no que ela dizia. Desligou o som e prestou atenção ao que ela fazia.

Quando acabaram de ver a última gravação, teve a certeza de que tinha razão.

Tudo aquilo era extraordinário. Infinitamente complexo, mas extremamente simples. Avassalador.

Perguntou a Bradshaw se conseguiria organizar uma videoconferência em que Flynn pudesse ver no seu computador

aquilo que eles viam no deles. Ela riu-se.

— Já conseguia fazer isso aos 8 anos, Poe.

Flynn encontrava-se na sala de reuniões em Hampshire. Estava acompanhada do diretor dos serviços de informações, Van Zyl. Abriram um ecrã de videoconferência e também viam o computador de Poe espelhado. Aquilo que Poe e Bradshaw faziam em Herdwick Croft, Flynn e Van Zyl viam no seu ecrã.

Poe explicara a Bradshaw como queria mostrar tudo. Assim que ela lhe fez sinal, ele deu início à apresentação. Explicou as coisas pela ordem que fazia mais sentido para ele.

Bradshaw carregou o vídeo com as imagens de Elizabeth Keaton a entrar na biblioteca de Alston.

— Ela usava *leggings*, um gorro de lã e uma camisola de mangas compridas — disse, apontando para o ecrã.

Bradshaw deslocou o cursor para onde o seu dedo apontava. Ampliara a zona para que esta pudesse ser vista facilmente no ecrã espelhado a sul.

Em seguida, ele mostrou imagens e fotografias do bloco de notas do solucionador de problemas Alsop. Poe falara com ele uma hora antes e ele mostrara-se disposto a ajudar.

— O dia estava quente e ela tinha estado presa numa adega durante seis anos, e há quase uma semana que não comia nem bebia nada — prosseguiu Poe. — Porém, quando lhe ofereceram algo para beber, ela recusou. Nem sequer lhe tocou.

Nem Flynn nem Van Zyl fizeram quaisquer perguntas.

A seguir, passou para as conversas que Rigg tivera com Elizabeth Keaton.

— Não estou à espera de que vejam as quatro gravações por inteiro, mas podem acreditar em mim e na Tilly quando vos asseguramos que em momento algum ela toca seja no que for. Nem na bebida, nem no chocolate *Mars* que alguém lhe levou. Nem sequer os manda para trás; simplesmente, deixa as coisas onde estão. — Flynn e Van Zyl trocaram um olhar rápido, mas não disseram nada. — E a sala está muito quente. Se olharem para o copo de água que ela tem à frente, percebem que a condensação escorre pelo copo. Mas... — Ele aponta para o ecrã e espera que Bradshaw o acompanhe com o cursor. — Reparem no que ela traz vestido: um gorro, uma camisola com capuz e calças de ganga. Devia estar prestes a desmaiar com o calor.

Fez uma pausa para que eles pudessem assimilar o que tinham acabado de ouvir.

— Vamos recuar no tempo — continuou Poe. — Seis anos antes. Tilly, podes dizer à chefe e ao diretor dos serviços de informações Van Zyl o que encontraste nas redes sociais da Elizabeth?

Bradshaw falou durante 15 minutos sobre o facto de ter traçado um perfil de Elizabeth e de se ter infiltrado no seu círculo de amigos online. Em seguida, fez uma apresentação ao estilo de Bradshaw sobre os hábitos das jovens nas redes sociais. Dez minutos depois, Poe pôs um travão ao discurso.

— O que a Tilly está a dizer é que as jovens que têm presença ativa nas redes sociais raramente se tornam inativas. E o que reparámos foi que desde a noite em que o Jared Keaton deu parte do seu desaparecimento que não vemos qualquer tipo de atividade nas redes sociais. Nada. Não acedeu a nenhuma das suas contas e não comentou ou olhou sequer para as páginas dos

amigos. Não enviou nem leu e-mails, e não fez qualquer chamada. Nenhum dos amigos afirma ter sido contactado por ela, e o mesmo acontece com o namorado.

— Tem noção de que isto deita por terra a tese de que ela terá simulado o próprio rapto, Poe? — perguntou Van Zyl. — A Bradshaw tem razão. Tenho duas filhas adolescentes e uma coisa é certa: se quisessem brincar às escondidas durante seis anos, seria impossível ficarem afastadas das redes sociais.

— Já não acredito que ela tenha simulado o próprio rapto, senhor diretor — respondeu Poe. — Mas peço-lhe que me ouça mais um pouco. Vamos recuar ainda mais no tempo.

Bradshaw mostrou as fotografias do antes e depois retiradas do *Facebook* e do *Twitter*. Aquelas em que Elizabeth usava biquíni e t-shirts de manga à cava, e aquelas em que se vestia de forma mais conservadora. Poe falou-lhes dos dados de que dispunham que justificavam a mudança e da explicação que Jefferson Black lhes dera.

— Ela tinha uma tatuagem — disse Poe, sem mais rodeios — e escondeu-a em todas as fotografias.

Van Zyl franziu o sobrolho.

— Não vejo o que está a ver, Poe. Não me agrada que as minhas filhas usem maquilhagem; perdia completamente as estribeiras se alguma delas fizesse uma tatuagem.

Poe acenou em concordância.

— Não podia estar mais de acordo, senhor diretor. A Elizabeth e o Jefferson Black fizeram tatuagens iguais, e, temendo uma reação como a que acabou de descrever, a Elizabeth escondeu a tatuagem do pai.

— Então...?

Poe recostou-se e esfregou o pescoço.

— Este caso tem sido um pesadelo desde o início. Ainda não parámos de correr atrás da nossa própria cauda. Confirmei que a cadeia de custódia da amostra de sangue não foi violada, o que sustentava a explicação da Elizabeth para o seu paradeiro nos últimos seis anos. Todos aceitaram essa explicação sem contestar. E depois encontrámos vestígios de trufas no seu sangue, o que sugeria que ela teria simulado o próprio rapto. Mas que versão dos factos era verdadeira? Teria ela sido raptada, ou faria parte de algo mais insidioso?

— Presumo que agora já saiba a resposta.

Poe assentiu.

— Quando o Jefferson Black nos falou, a mim e à Tilly, sobre a tatuagem, tudo mudou. Tínhamos todas as respostas, mas elas só não faziam sentido porque estávamos a fazer as perguntas erradas.

Não era um eufemismo. Nunca tivera um caso com tantas provas a apontar na mesma direção. Só quando ele concebeu o caso como se de um teste de Rorschach se tratasse e revirou tudo, observando o todo de uma nova perspetiva, é que percebeu o que se estava a passar.

— Há duas perguntas relevantes, senhor diretor — continuou Poe. — A uma posso responder já; à outra, não.

— Comece pela que já tem resposta, Poe — pediu Van Zyl. Aproximou-se tanto da câmara que tapou Flynn.

— Com certeza. A minha pergunta é a seguinte: porque é que a médica-legista não viu a tatuagem quando realizou o exame?

As duas salas ficaram em silêncio.

— Porquê, Poe? — perguntou Bradshaw, cortando o silêncio. —
Porque é que a Dra. Jakeman não viu a tatuagem?

Flynn aclarou a garganta e disse:

— Ela não viu a tatuagem porque o Jared Keaton não sabia que a Elizabeth *tinha* uma tatuagem.

— Não estou a perceber...

— A Elizabeth está morta, Tilly. O Jared Keaton assassinou-a há seis anos. A rapariga que vemos nas gravações é uma impostora.

Capítulo 44

— Ela não mexeu em nada nem bebeu durante a conversa para evitar transferências de ADN ou impressões digitais — explicou Poe.

— E usou roupa comprida e gorro para não deixar cabelos ou vestígios de pele — acrescentou Flynn.

— É claro que ela não podia entrar em contacto com ninguém que tivesse conhecido a Elizabeth, e foi por isso que não voltou para o Bullace & Sloe. Limitou-se a aparecer na biblioteca de Alston, a fazer o que tinha a fazer na esquadra da polícia e a voltar a desaparecer.

— Isso explica porque não falou com ninguém nas redes sociais — disse Bradshaw. — Porque ela... Céus, isso é horrível, Poe.

Van Zyl saíra da sala. Recebera uma mensagem de texto e quisera fazer uma chamada. Flynn ficou para trás para coordenar os passos seguintes. Não tinham provas suficientes para travar a libertação de Keaton.

— Alguma tese, Poe?

— Várias, chefe. Mas nenhuma que seja irrefutável. Acabam por embater todas no sangue.

Era a única coisa que ainda não fazia sentido. O sangue pertencia a Elizabeth Keaton, mas não podia ser dela. Todas as

peças com quem falara, e toda a pesquisa que fizera, tudo indicava que uma pessoa não podia simplesmente ter o sangue de outra pessoa no seu corpo. Tratava-se de uma impossibilidade científica. E ele testara pessoalmente todos os elos da cadeia de custódia do sangue. Não houvera troca.

Pela primeira vez na sua vida, Poe compreendeu o termo «duplipensar», cunhado em primeira mão num dos seus livros favoritos: 1984, de George Orwell. Consiste na faculdade de sustentar duas opiniões contraditórias, acreditando nas duas. Elizabeth Keaton estava viva — o sangue era prova disso; mas Elizabeth Keaton também estava morta — tinha a certeza absoluta.

— Temos de descobrir quem é esta impostora — disse Flynn. — Se a encontrarmos, então tudo o resto, incluindo o sangue inexplicável, torna-se irrelevante.

Isso poria também fim à linha de inquérito que assentava na premissa «Elizabeth voltou a desaparecer nas imediações de Herdwick Croft» que Wardle parecia determinado a seguir.

Flynn prosseguiu:

— Temos de partir do princípio de que o Keaton está por detrás de tudo isto, e isso significa que o seu bom humor na prisão se torna ainda mais relevante. Vou indagar sobre o período entre a última vez que sabemos que ele estava deprimido e a primeira vez que sabemos que estava exultante. O Keaton há de ter encontrado esta rapariga de alguma maneira, e, agora que sabemos o que procuramos, pode ter-nos escapado alguma coisa. Um visitante cujo registo não foi bem feito, por exemplo.

— Ou a filha de um recluso. Pode tê-la conhecido enquanto ela

visitava alguém — sugeriu Poe.

Flynn assentiu, mas não tomou nota. Poe sabia que ela já chegara à mesma conclusão.

Van Zyl voltou a entrar na sala. Tinha uma expressão soturna.

— Era o superintendente Gamble. Foi forçado a tirar uma licença e está em crer que dali só sai para a reforma. Seja como for, o seu afastamento já estava pensado para o final do ano. O inspetor-chefe Wardle foi promovido a superintendente interino e está agora à frente do inquérito ao rapto, reaparecimento e desaparecimento da Elizabeth Keaton. Achou por bem avisar-nos.

— Ele sabe a que se deve este afastamento compulsório? — perguntou Flynn.

— Não tem a certeza, mas foi pressionado para convocar o Poe numa base mais formal. Talvez mesmo detê-lo. Liguei à chefe da polícia, mas ela não quer abrir o jogo. E apesar de saberem que a prova da estação-base é pouco sólida e, quando muito, circunstancial, pediram-me que me certificasse de que estava sempre a par do seu paradeiro, Poe.

Raios! O tempo já escasseava, e era impossível convencer Wardle a aceitar que havia uma sócia de Elizabeth Keaton a monte a puxar os cordelinhos.

— Infelizmente, não é só isso — continuou Van Zyl. — O pedido de envolvimento da SCAS foi formalmente rescindido. Já não temos voto na matéria.

Isso não tinha grande importância. Wardle procurava o corpo da jovem que conhecia como Elizabeth Keaton. A dada altura, Keaton arranjará mais provas manipuladas que apontassem para Poe. Havia de arranjar uma autorização para o deter. Entretanto,

Poe procuraria a jovem que sabia que não era Elizabeth Keaton, para refutar todas as provas que estavam a ser passadas a contagotas a Wardle. Talvez não fosse mau de todo que já não estivessem a comparar notas.

Bradshaw mantivera-se em silêncio. Não havia nada óbvio que pudesse fazer. A busca pela jovem tinha de começar com Flynn. O plano de Keaton fora delineado numa cela de prisão, e seria ali que eles encontrariam as respostas.

— O que posso fazer para ajudar, Poe? — perguntou.

— O sangue, Tilly. Não consigo explicar o sangue. Todos dizem que não pode ser alterado. — O olhar de Bradshaw era ainda mais intenso do que o normal. — Descobre como conseguiram, Tilly. Contradiz os peritos e descobre como é que esta rapariga tinha o sangue da Elizabeth Keaton no organismo. Se fizeres isso, prometo que começo a comer fruta.

Ela cerrou os maxilares. O seu rosto assumiu uma expressão que ele não via há algum tempo. Reconheceu-o por aquilo que era. Tudo o que ela fizera até então respeitara os limites por ela impostos; tinha sido quase rotineiro. Encontrar a ligação entre os Keatons e o seu próprio pai, piratear as redes sociais de adolescentes — nada disso implicava grande esforço para ela.

Mas... descobrir como é que alguém podia estar simultaneamente vivo e morto... Bem, isso era uma coisa totalmente diferente. Isso era um verdadeiro desafio.

Dia 12

Capítulo 45

Apesar de viver numa das regiões mais húmidas do Reino Unido, Poe não era pluviófilo: a chuva não lhe trazia prazer e paz de espírito. Mas era natural de Cúmbria, o que significava que o mau tempo o chateava tanto como aos patos. A pele é impermeável e a roupa seca.

A manhã que se seguiu à videoconferência começou com o leve tamborilar dos aguaceiros no telhado de ardósia, que se transformou ao longo do dia no metralhar de um verdadeiro temporal. Não era o tempo destrutivo que fora prometido, mas aparentemente os meteorologistas iam acertar desta vez. Poe ligou o rádio e descobriu que o Instituto de Meteorologia havia emitido um alerta vermelho de temporal para as zonas de Dumfries & Galloway, Cúmbria e Lancashire. Nas 48 horas seguintes, previam cheias localizadas e perturbações na rede elétrica. O alerta vermelho implicava a necessidade de tomar medidas que salvaguardassem a nossa segurança e a de terceiros. Poe não prestou grande atenção. Herdwick Croft fora erguido em Shap Fell muito antes de haver sequer um Instituto de Meteorologia, e por ali continuaria muito depois de o instituto fechar devido a cortes orçamentais.

Abriu a porta e deparou-se com nuvens que se deslocavam a

alta velocidade. Eram nuvens baixas, escuras e carregadas. Provavelmente, estava na altura de fechar as portadas e de se resguardar. Fosse como fosse, não ficara nenhuma tarefa relacionada com o caso por cumprir. Tudo o que podia ser feito estava a ser feito. Flynn vasculhava os registos prisionais para ver se Keaton se cruzara com a rapariga na prisão, e Bradshaw passara a noite em claro a pesquisar anomalias de sangue. Tinha-lhe ligado depois da meia-noite a dizer que não conseguira encontrar nada.

— Resultados negativos não são sinónimo de fracasso, Poe. É uma descoberta científica, e isso significa que já consegui provar 13 formas de como não é possível.

Aquilo soava-lhe a fracasso, mas o que sabia ele? Ela ganhava bolsas de investigação desde a adolescência, ao passo que ele chegou a pegar fogo à própria mão durante uma aula de Química.

Ainda assim, não queria ficar sentado sem fazer nada. Com ou sem mau tempo, não podia ficar parado. Vestiu um impermeável robusto e saiu porta fora. Era como estar debaixo de um chuveiro. Estendeu a mão e viu-a dissolver com a chuva. A terra sedenta absorveu a água como uma esponja. As ervas raquíticas começavam a recuperar a sua tonalidade verde. Em breve, as ovelhas Herdwick poderiam consolar-se com os rebentos novos. Assobiou para chamar *Edgar*. O cão estava encharcado. Abanava a cauda e gania de excitação; *Edgar* adorava a chuva. Poe subiu para a moto-quatro e *Edgar* saltou para trás de si.

Apesar de a visibilidade estar reduzida a poucos metros, Poe chegou a Shap Wells em menos de nada. Ele e *Edgar* entraram no carro alugado e seguiram em direção a Kendal.

Tinha de fazer uma coisa ainda hoje.

A última vez que Poe visitara o cemitério de Parkside fora quando descobrira mais uma vítima de um assassino em série. Hoje, era onde Thomas Hume ia a enterrar. Apesar das desconfianças que tinha em relação à sua filha, queria despedir-se do velhote. Fora generoso para Poe, sempre pronto a dar uma mãozinha ou um conselho; sempre disposto a cuidar de *Edgar*.

A cerimónia junto à campa já começara quando Poe chegou. Deixou-se ficar mais para trás e prestou a sua homenagem. Avistou Victoria Hume. Envergava um fato de calças e casaco preto e estava ladeada por duas mulheres parecidas consigo. Certamente, as restantes irmãs Hume. Enquanto o vigário entregava o corpo de Thomas à terra, Victoria ergueu os olhos e apanhou Poe a olhar para ela. O seu corpo retesou-se; ainda assim ela conseguiu manter a compostura. Em vez de lhe lançar um olhar de ódio, cerrou e descerrou os punhos três vezes e depois levou a mão à boca, recriando o gesto internacional da bebida. Queria encontrar-se com ele dali a 15 minutos para um copo.

Interessante...

Poe apontou para o Bluebell Inn que ficava ali perto e ela assentiu. Logo a seguir, Victoria voltou para o enterro do pai. Poe esperou que os primeiros pedaços de terra encharcada caíssem sobre a madeira do caixão e depois encaminhou-se para o bar.

Victoria só apareceu cerca de 45 minutos depois. Poe achara um quarto de hora uma previsão otimista — havia pessoas com

quem tinha de falar após o serviço fúnebre —, por isso ele já contava com a demora. Foi ter com ela ao balcão e ofereceu-se para lhe pagar uma bebida.

— Um gin com água tônica, por favor — disse ela.

Poe pediu um duplo para ela e uma caneca de cerveja para si. Levaram as bebidas para a mesa. Victoria bebeu um gole e agradeceu--lhe. Tinha as mãos a tremer.

— Ouça, eu queria... — tentou ele dizer.

— Desculpe... — Poe permitiu que ela falasse primeiro. Ficou com a impressão de que ela tinha algo para lhe dizer. — O meu pai era um bom homem, Sr. Poe — disse ela. — Era um excelente agricultor e um pai ainda melhor. Mas... não era bom homem de negócios.

Poucos agricultores o são, pensou Poe. E, com os subsídios europeus prestes a desaparecer, a situação só podia piorar. Era por isso que o Governo estava constantemente a incentivá-los a diversificar. Mas ele julgava que Hume estava bem na vida. Milhares de ovelhas e poucos encargos financeiros — comparado com o gado bovino, cujos criadores tinham muita sorte se tivessem margens de lucro na ordem dos 30 por cento. As ovelhas atingiam perto de 100 por cento de lucro.

— Deu por si com dívidas até às orelhas — prosseguiu Victoria.

— Na última vez que o visitei, ele disse-me uma coisa horrível. Algo que lhe diz respeito. — Poe preparou-se para as más notícias. — Posso fazer-lhe uma pergunta?

— Sim, claro.

— Alguma vez recebeu a contribuição autárquica para pagar?

Poe franziu o sobrolho. Não recebera. Thomas Hume vendera-

lhe Herdwick Croft porque a autarquia decidira que, visto que o chalé era uma habitação cem anos antes, continuava a ser uma habitação nos dias de hoje. O facto de ser inabitável era irrelevante. Poe ficara-lhe com o chalé e com o terreno circundante por um preço que agradava aos dois. Gastou algum dinheiro a torná-lo confortável e autossustentável, mas nunca chegou a receber a carta da contribuição para pagar. E não porque eles não soubessem que ele vivia ali, visto que continuava a receber os boletins de voto para participar nos atos eleitorais locais e afins.

Confirmou que não recebera.

— Sei que um dia vou pagar uma batelada.

Victoria suspirou e abanou a cabeça.

— Não vai, não, Sr. Poe. — Ele engoliu em seco. — Sabia que Herdwick Croft está situado na extensão para sul dos limites do Parque Nacional do Lake District?

Poe não sabia. Por motivos comerciais, os limites do Parque Nacional tinham sido traçados de forma a excluir especificamente a zona de Kendal. E ele disse-lhe isso mesmo.

— Os limites foram alargados, e Herdwick Croft passou a estar abrangido pelo parque — prosseguiu ela, com um ar abatido. — O meu pai mentiu quando lhe disse que tinha recebido um aviso de pagamento da contribuição autárquica, Sr. Poe. Há uns anos, ele precisou de capital, por isso solicitou através do portal de planeamento da autarquia uma alteração de utilização do chalé. Uma autorização de planeamento pré-aprovada facilitaria em muito uma venda. A resposta que obtive foi que «o desenvolvimento imobiliário de Shap e da área envolvente não se

enquadra no atual modelo de negócios da autarquia». Se tivesse feito o pedido antes do alargamento dos limites do Parque Nacional, não teria havido problema.

— Portanto...? — Poe sentiu um terrível aperto no estômago.

— Portanto, ele fez uma coisa horrível, Sr. Poe. Enquanto estava na autarquia a protestar contra a decisão das autoridades, cruzou-se consigo e contou-lhe uma mentira para lhe vender o terreno. É claro que pode solicitar uma autorização de planeamento retroativa. Posso até escrever-lhe uma carta a dar conta da má-fé do meu pai, mas, agora que o Parque Nacional foi considerado pela UNESCO Património Mundial da Humanidade, receio que as hipóteses de sucesso sejam nulas.

Poe sentiu um nó no estômago. Durante todas as convulsões dos últimos 18 meses, Herdwick Croft tinha sido a única constante na sua vida. Transformara o chalé num lar para toda a vida. Renegara os confortos da vida moderna e abraçara uma vida mais simples, e, apesar do que acontecera com a sua mãe, encontrara algo semelhante a paz.

E agora Victoria dizia-lhe que fora tudo uma fantasia. Edifícios como Herdwick Croft não se destinavam a pessoas como ele. Destinavam-se a turistas. Se não preservasse o «caráter da zona» — ou seja, se não mantivesse o aspeto que tinha no tempo de Beatrix Potter —, deixava de ter utilidade.

— O que vai acontecer agora?

— Herdwick Croft e o terreno são seus — respondeu ela. — Isso não muda. Comprou-os legalmente.

— Mas...?

— Mas, a dada altura, a autarquia vai obrigá-lo a restaurar o

edifício tal como estava antes de o ter modernizado. Não conseguirá viver ali.

— E foi por isso que se mostrou tão evasiva?

Ela acenou novamente com a cabeça.

— Pensei que tivesse descoberto, que alguém da autarquia já tivesse entrado em contacto consigo. Sabia que tinha de falar consigo um dia, mas o meu pai tinha acabado de falecer e eu não me sentia preparada.

— Então, não tem mesmo nada que ver com o Bullace & Sloe?

— Não sei o que está a investigar, Sr. Poe, mas garanto-lhe que não tenho nada que ver com isso.

Poe respirou fundo e concentrou-se num dos seus ditados mais irritantes. Aquele que usava para convencer os seus subalternos mais relutantes. Parecia adequar-se à situação. *Não permitas que o que é urgente se sobreponha ao que é importante...*

Por mais desesperante que a sua situação de alojamento se tivesse tornado, Herdwick Croft teria de esperar. A triste notícia podia mesmo consubstanciar uma oportunidade. Nos dias que se seguiriam, à medida que Keaton apertava o cerco à sua volta, ele teria de ser flexível. O cão molhado e malcheiroso que estava agora no seu carro alugado, a ladrar a todos aqueles que tinham decidido ir tomar um copo ao almoço, tornar-se-ia uma preocupação. Deixar *Edgar* com alguém durante alguns dias significaria eliminar um motivo de cuidados.

Perguntou a Victoria se podia ficar com ele, e ela suspirou de alívio.

— Com todo o gosto, Sr. Poe.

— Por favor, trate-me por Washington. Todos tratam.

Terminaram as bebidas num silêncio amigável. Nenhum dos dois se podia demorar: Victoria tinha de voltar para o funeral e Poe tinha de voltar para saber se Bradshaw fizera algum avanço. Despediram-se no parque de estacionamento. Poe transferiu *Edgar* para o carro de Victoria, mais pequeno, e prometeu ir buscá-lo assim que pudesse.

A caminho de Shap Wells, parou nos correios e fez algumas compras preventivas: selos e um envelope almofadado. Esperava não vir a precisar deles.

Quando regressou ao hotel, encontrou um carro no seu lugar habitual.

Um BMW X1.

O seu carro.

Que um dia antes estava em Hampshire.

Só podia significar uma coisa.

Stephanie Flynn estava ali.

Capítulo 46

Flynn e Bradshaw encontravam-se na sala verde — uma zona mais confortável do bar com cadeiras altas forradas a cabedal verde-escuro. O bar nunca tinha muita gente, por isso costumava estar calmo. Bradshaw não gostava de usar aquela sala porque o wi-fi não funcionava muito bem. Estavam a ver um vídeo, e Poe percebeu que não era uma transmissão em direto — havia uma *pen* na entrada lateral do portátil de Bradshaw. Provavelmente, pertenceria a Flynn.

Ambas ergueram os olhos. Flynn levantou-se e sorriu.

— Poe...

Ainda tinha um ar cansado, mas o seu humor parecia ter melhorado. Como nenhum dos dois era muito dado a afetos, Poe ficou tão surpreendido quando ela lhe deu um abraço rápido que manteve os braços estendidos.

— Idiota — disse-lhe ela, enquanto lhe dava um murro no braço.

— Já te sentes melhor? — Ela anuiu, mas não adiantou pormenores. — Obrigado por trazeres o meu carro.

Flynn atirou-lhe as chaves.

— Fazia tenção de vir mais cedo, mas... tinha assuntos a tratar em Hampshire. Uma questão urgente. Entretanto, a Tilly já me pôs a par de tudo.

A relação entre eles não era meramente hierárquica — Poe e Flynn eram amigos. Por isso, Poe fazia questão de tentar perceber o que se passava para ela andar tão tristonha. Conheciam-se há muito tempo, e Poe sabia que ela não sucumbia facilmente ao stress.

No entanto, primeiro, tinha de ver o que ela trouxera. Acenou com a cabeça em direção ao portátil.

— Descobriram alguma coisa?

— Na verdade, não — admitiu ela. — Analisei os registos prisionais do período temporal que o Crawford Bunney te deu, e não há motivo aparente para o Keaton ter ficado tão animado.

Poe inclinou-se para observar o monitor por instantes.

— E o que é isto?

Percebeu que as imagens em pausa provinham de uma câmara de videovigilância da prisão; imagens nítidas e a cores. Partiu do princípio de que se tratava de um período de confraternização, visto que metade dos reclusos estava fora das celas. Dois reclusos jogavam *snooker*. Os outros estavam a conversar e a fumar.

— Lembras-te do motim que houve em Pentonville há uns anos?

— perguntou Flynn.

Poe lembrava-se vagamente. Fora notícia a nível nacional, pois, como os reclusos haviam conseguido chegar ao telhado, os telespetadores puderam ver imagens em direto dos acontecimentos. Tinha sido um evento mediático durante algumas horas. Por fim, fora formada uma unidade «Tornado» com elementos da região — guardas prisionais treinados munidos de equipamento especial — e a prisão fora controlada no espaço de uma hora.

— Na altura, o Keaton estava nesta ala — disse Flynn. — O motim ocorreu noutra zona da prisão, mas... — Ela inclinou-se por cima de Bradshaw e pressionou o *play*. — Atenta no que se passa aqui.

Poe olhou fixamente para o ecrã. A câmara captava uma panorâmica da ala. Todos os reclusos eram visíveis no plano, mas nenhum suficientemente perto para ser identificado. Mas não era isso que ela lhe queria mostrar.

Não havia som, por isso Poe só podia imaginar o que acontecera a seguir. Simultaneamente, todos os reclusos olharam na mesma direção. Seguiu-se um período de alguma confusão. Alguns reclusos pareciam agitados, outros entusiasmados. A maioria regressara às respetivas celas. Alguns deixaram-se ficar onde estavam.

— Foi ativado o sinal para regressarem às celas — explicou Flynn. — Como ocorreu durante o tempo de lazer, os reclusos mais experientes sabiam que se passava alguma coisa.

Poe viu os guardas prisionais a acorrerem à ala e a obrigarem os desgarrados a entrar nas celas. Pouco depois, a ala ficou controlada e os guardas retiraram-se, supostamente para se dirigirem ao local do motim. Poe franziu o sobrolho. Não percebia como é que um motim ocorrido noutra parte da prisão podia ter qualquer relevância.

Flynn reparou no seu ar confuso. Encolheu os ombros.

— Pediste para averiguar anomalias. Aí tens. Essa foi a única.

— E onde estava o Keaton enquanto isto decorria?

Bradshaw fez a sua magia. Focou a imagem até conseguirem ver Keaton. Estava sozinho. Mesmo através das imagens de

videovigilância da prisão, Poe percebia que ele estava de rastos. A sua cabeça pendia como uma flor murcha. Quando foi emitido o aviso para regressarem às celas, ele parecia integrar um grupo de reclusos que se mostravam assustados. Olhava freneticamente em volta. Tentou caminhar na direção do que seria a sua cela, mas uma vaga de reclusos empurrou-o contra a parede. Quando se viu livre deles, já os guardas prisionais tinham entrado na ala, e ele foi empurrado para dentro da cela mais próxima.

— Quem estava naquela cela, Tilly?

Bradshaw focou a identificação por cima da porta: B2 — 42. Pesquisou o número numa lista à qual acedeu.

— É uma cela individual que foi atribuída a um tal Richard Bloxwich, Poe. O Jared Keaton estava na B2 — 14, uma cela partilhada.

— Sabemos alguma coisa desse Bloxwich?

Ela abanou a cabeça, mas os dedos já descreviam movimentos acelerados por cima do teclado. Franziu o sobrolho.

— Estranho... Não há nada sobre ele na comunicação social.

— Restrições de divulgação?

Ela respondeu com um gesto a meio caminho entre o aceno e o encolher de ombros.

— Talvez. Mas podemos aceder aos registos prisionais dele.

Bradshaw imprimiu um documento, que entregou a Poe. Era a folha de resumo. Poe passou-o a Flynn sem olhar para ele. Agora que ela estava presente, já não era ele quem estava ao comando. Ela leu em voz alta.

— Richard Bloxwich. Condenado a sete anos de prisão por fraude contabilística.

— Isso quer dizer o quê? — perguntou Poe. — É um contabilista corrupto?

Flynn olhou por cima do ombro dele. Sem mais explicações, enfiou o papel no bolso de trás das calças.

— Desliga o computador, Tilly.

Bradshaw pressionou uma tecla e o ecrã ficou negro.

Poe virou-se.

Um grupo de polícias fardados e à paisana ocupava a receção do hotel. Um deles olhou para a sala verde e gritou:

— Encontrei-os, senhor inspetor-chefe.

Wardle avançou de modo resoluto para o interior da sala. Ergueu uma folha de papel no ar como se fosse a tocha olímpica.

— Washington Poe — afirmou, com um sorriso triunfante —, tenho em meu poder um mandado de busca para revistar o seu veículo e a sua casa.

Capítulo 47

— Poe, sabes que lhe deste as chaves do teu BMW? — perguntou Bradshaw. — O inspetor-chefe Wardle devia querer as chaves do carro que tens estado a usar.

— Não me digas.

— Ah — disse ela, contendo um sorriso. — Deste-lhe as chaves erradas de propósito.

— Isso não me parece coisa que eu fizesse, Tilly.

Era uma pequena, mas importante vitória. Se encontrassem alguma coisa no BMW, eles podiam provar que tinha sido lá colocado ilicitamente. Poe não achava que Wardle fosse corrupto, mas Keaton tivera vários anos para delinear o seu plano. Era impossível saber qual seria a sua próxima jogada.

Além disso, permitia a Poe ter um veículo para se deslocar.

Flynn acompanhara Wardle até Herdwick Croft para garantir que tudo decorreria no estrito cumprimento da lei. Decidiu que seria melhor que Poe não fosse com ela.

— Tilly, podes fazer-me um favor?

— Claro.

Era mesmo coisa dela. Nem sequer sabia ao que estava a dizer sim.

Poe deu-lhe algum dinheiro.

— Podes ir comprar três telemóveis pré-pagos?

— Descartáveis?

— Sim. Acho que estamos na reta final e preciso de conseguir comunicar o máximo de tempo possível.

— Onde queres que vá comprá-los, Poe?

Poe pensou durante alguns instantes. Tinha de ser um sítio suficientemente recôndito para não estar sujeito a uma cobertura alargada de câmaras de videovigilância, mas suficientemente grande para ter lojas que vendessem telemóveis. E ela tinha de chegar até lá por caminhos onde não captasse a atenção das câmaras da Automatic Number Plate Recognition.

— Sedbergh — disse, por fim. — Não é longe daqui e, se não fores pela M6, escapas à maioria das câmaras da ANPR.

— Queres que vá já?

— Sim, por favor, Tilly — respondeu ele. Não sabia o que Wardle poderia encontrar em Herdwick Croft, mas o facto de estarem a realizar buscas significava que o desfecho estava próximo. — E usa o teu mapa, não o sistema de navegação por satélite do carro — acrescentou.

Os destinos inseridos no sistema podiam ser recuperados, e ele queria ocultar os seus movimentos durante o máximo de tempo possível. Mais cedo ou mais tarde, acabariam por encontrar a loja e descobrir os números dos telemóveis descartáveis, mas não valia a pena ajudá-los com pistas. Entretanto, abriu o seu saco de compras e retirou o envelope almofadado e os selos que comprara. Deixou o *BlackBerry* ligado e colocou-o no interior. Colou mais selos do que os necessários e escreveu o endereço de uma casa em Stornoway, nas Hébridas Exteriores. Sabia que

estava desocupada e pertencia a uma funcionária da NCA que a usava como casa de férias.

Poe não sabia como funcionavam os correios no norte da Escócia, mas duvidava que fossem muito céleres. Se Wardle o localizasse através do telemóvel, pareceria que ele estava a seguir para norte. Isso podia dar-lhe algumas horas de avanço.

Tinha a sensação de que o tempo estava prestes a tornar-se muito precioso.

Como estavam todos ocupados e Flynn não quis que ele a acompanhasse até Herdwick Croft, decidiu voltar a ver o vídeo. Desta feita, prestou atenção aos movimentos de Richard Bloxwich. Não o vira da primeira vez, por isso partiu do princípio de que não saíra da sua cela para o período de confraternização. Enquanto durou o episódio, ele e Keaton terão partilhado a cela.

Poe reviu a parte do vídeo que mais lhe interessava, mas Flynn tinha razão: não havia nada que chamasse a atenção. Estava prestes a voltar atrás e a ver novamente a gravação quando Wardle entrou na sala verde. Não parecia estar nada satisfeito.

— Onde está o seu cão, Poe? — perguntou de súbito.

— Qual cão?

— Este cão, caramba! — gritou Wardle, mostrando a única fotografia que Poe tinha de *Edgar*.

Poe sorriu educadamente.

— É só isso que tem, Wardle? Uma fotografia genérica que vinha com a moldura?

— Você também está na fotografia, Poe!

Poe fez questão de olhar para a fotografia.

— Não. Não se parece nada comigo. — Recostou-se e sorriu.

Não queria que Wardle soubesse onde estava *Edgar*. Victoria tinha mais em que pensar; não precisava de uma visita daquele palhaço.

— Na verdade, Poe, não é só isto.

Poe lançou-lhe um olhar fulminante.

— Ora diga lá.

— O seu reboque. Está molhado. Além disso, parece ter sido limpo recentemente.

Poe levantou-se. Wardle deu um passo atrás.

— Está a ver aquelas coisas grandes e cinzentas ali no céu, Wardle? — Poe apontou na direção da janela. — Ainda não parou de chover desde ontem à noite. Viu alguma garagem dupla em Herdwick Croft? Não? É por isso que tenho o reboque na rua. É claro que está molhado!

— Veremos — disse Wardle, mantendo uma postura rígida. — Já sabe da minha promoção?

— É, literalmente, o assunto de que ninguém fala.

Atrás de Wardle, Rigg conteve um sorriso.

— A minha subida na hierarquia pode ter sido meteórica, Poe — disse Wardle —, mas não pense por um segundo que não sei o que estou a fazer. Se houver alguma coisa naquela barraca a que chama casa que o ligue ao desaparecimento da Elizabeth, vai passar o resto dos seus dias na prisão.

Poe bocejou e esticou os braços.

— O que sobe são os asteroides, Wardle, não os meteoros. Os meteoros entram na nossa atmosfera e estatelam-se contra a Terra numa grande bola de fogo. Será um prenúncio? — Tanto quanto se lembrava, era a primeira vez que a cultura geral de

Bradshaw se revelara útil.

Wardle ficou entufado como um peixe-balão. Uma veia latejava na sua testa cada vez mais vermelha.

— Mantenha-se sempre contactável, Poe. Posso voltar a convocá-lo.

— Irei a correr ter consigo.

— Cretino — murmurou Wardle, enquanto saía do bar.

Rigg, que estivera por perto, ficou para trás. Não parecia nada satisfeito.

— Há alguma coisa que me queira dizer, inspetor Poe? — Não era uma pergunta agressiva. Ele parecia estar a oferecer uma trégua, o que era uma pena. Wardle tinha um objetivo: garantir a sua promoção. Poe não podia confiar em quem trabalhava com ele.

— Não. Pode ir andando. — Rigg não se mexeu. Teve o pundonor de parecer constrangido. Poe compadeceu-se. Mas pouco. — Fazemos assim, agente Rigg. Se quiser entrar no jogo, comece por se perguntar porque é que a rapariga com quem falou não tinha uma tatuagem.

Rigg semicerrou os olhos.

— Está a dizer que devia ter?

— Não; estou a dizer que, em vez de ser o pau-mandado do Wardle, devia experimentar ser um polícia a sério.

Poe voltou a concentrar-se no portátil. Pouco depois, ouviu Rigg a sair do bar.

Esquecera-se de pressionar o botão da pausa quando Wardle entrara de rompante pelo bar, e o vídeo avançara mais do que tinha visto com Bradshaw e Flynn. A zona de lazer da ala estava

vazia. Os reclusos ainda estavam nas suas celas e os guardas continuavam ocupados noutra zona. Só por curiosidade, Poe avançou para ver quanto tempo tinham ficado trancados. Supostamente, teriam de sair para comer, com ou sem motim.

Eram 11h15 quando soou o aviso. Só sete horas depois é que as portas das celas foram abertas. Os reclusos começaram a sair das celas e a encaminhar-se para fora da ala. Deviam ser horas de jantar. Poe esperou para ver quando é que Keaton e Bloxwich saíam da cela. Keaton deixou-se estar onde estava até que um guarda prisional passou por ele. Poe viu-o acompanhar o guarda até ficar fora do ângulo de todas as câmaras.

O seu desânimo inicial desaparecera. Ele estava a sorrir.

Poe ainda não tinha visto Bloxwich. Viu o vídeo até a ala ficar vazia e ter sido trancada pelos guardas. Bloxwich não estivera na sua cela. Curioso por saber onde estava o contabilista desaparecido, Poe avançou até à altura em que os reclusos regressaram. Desta feita, Bloxwich vinha com eles. Devia estar fora da ala quando soou o aviso. Entrou diretamente para a cela e fechou a porta atrás de si. Keaton regressou para a sua cela e fez o mesmo.

A jactância que parecia ter tomado conta de si recentemente ainda era visível.

Acontecera alguma coisa na cela de Bloxwich. Poe tinha a certeza disso.

Estivera lá sozinho durante sete horas.

E saíra de lá a sorrir.

Capítulo 48

Poe quis perceber se aquela fora a primeira vez que Keaton estivera na cela de Bloxwich. Felizmente, as gravações que constavam da *pen* não eram apenas do dia do motim. Então, recuou uma semana para confirmar.

Só nesse período acontecera três vezes, e, apesar de os dois não parecerem ser amigos, a verdade é que se conheciam. Ao que parece, trocavam livros ocasionalmente.

Poe entrou no bar principal e pediu uma cafeteira, que levou de volta para a sua mesa. Desta vez, avançou no vídeo, até aos dias e semanas após o confinamento causado pelo motim.

Pediria a Bradshaw para confirmar, mas, só a julgar pelas gravações, era evidente que Keaton passara a ir muito mais vezes à cela de Bloxwich depois do motim. Porém, não havia um aumento da interação social entre os dois. Se, antes, Bloxwich deixava ocasionalmente um livro na cela de Keaton, o aumento do número de visitas de Keaton à cela dele não teve reciprocidade. Ele parecia estar a forçar a sua presença junto de Bloxwich.

A situação manteve-se até ao dia em que Keaton deixara de ser visto.

Poe consultou os seus apontamentos e confirmou que coincidiu com as datas em que ele estivera no hospital. Teria Bloxwich

esfaqueado Keaton para travar o assédio? Não parecia ser capaz disso. Na verdade, ele era o estereótipo de um contabilista. Óculos, franzino e uma careca reluzente. Poe supôs que ele podia ter pagado a alguém para o fazer. Não teria sido difícil arranjar um voluntário. Com o seu ar juvenil, atitude arrogante e conta bancária recheada, Keaton devia ter gerado antipatias assim que entrara na prisão. E provavelmente por isso teria tentado passar o máximo de tempo possível resguardado na ala hospitalar.

Uma consulta rápida ao SCAS confirmou que Bloxwich ainda estava em Pentonville. Poe ligou para o departamento de visitas especiais e marcou uma visita para a tarde do dia seguinte. Seria uma viagem longa, e porventura infrutífera, mas não tinha alternativa — era para ali que o caso apontava.

Estava a pensar na melhor forma de se deslocar para sul quando Flynn entrou no bar.

— Malditos idiotas — disse, quando se sentou ao seu lado.

— Onde está o Wardle? — perguntou ele.

— Onde está a Tilly? — retorquiu ela.

— Foi fazer um recado.

Flynn fulminou-o com o olhar.

Não era a melhor altura para esconder coisas à sua inspetora-chefe. Disse-lhe o que pedira a Bradshaw para ir comprar e o que ia fazer ao *BlackBerry*.

Para sua grande surpresa, ela anuiu em sinal de aprovação.

— Não te vou dizer que sei o que se passa, Poe, mas eles estão a fazer uma análise forense lá em cima. Os técnicos do CSI estão a passar a casa a pente fino e, se estiveres a ser tramado por alguém que plantou lá alguma coisa que indicie que a Elizabeth

Keaton esteve no teu chalé, não há nada que o Van Zyl possa fazer para os impedir de te acusarem de rapto.

— E, mais cedo ou mais tarde, de homicídio — acrescentou Poe.

— E, mais cedo ou mais tarde, de homicídio... — Flynn levantou-se com uma expressão determinada no rosto. — Muito bem, vou pedir umas bebidas, e não saímos daqui enquanto não tivermos uma pista sólida.

— Poe, diz-me lá outra vez porque é que não podemos contar ao inspetor-chefe Wardle o que descobrimos? — perguntou Bradshaw.

Poe esboçou-lhe um sorriso ternurento. Bradshaw estava a ter dificuldade em perceber por que motivo a sinceridade podia ser contraproducente.

— Não temos provas de nada, Tilly — explicou-lhe. — Da perspetiva do Wardle, e lembra-te de que ele não tem qualquer motivação para ver as coisas à nossa maneira, uma vez que isso significaria que o superintendente Gamble regressaria ao seu cargo, vai parecer que estamos a tentar dificultar a investigação, a preparar uma defesa antecipada para o caso de eu ser acusado.

— Uma defesa antecipada?

— Uma nova versão dos acontecimentos. Os jurados são mais propensos a não ter certezas absolutas se houver uma alternativa plausível à tese da procuradoria.

— E, como ainda não conseguimos explicar como é que esta rapariga tem o sangue da Elizabeth Keaton, é um debate que ainda não conseguimos ganhar — acrescentou Flynn. — Nós temos conjeturas e eles têm factos.

Bradshaw pareceu ter ficado magoada. Apesar da certeza que tinha de que a descoberta científica é simplesmente o processo de eliminação daquilo que não funciona até encontrarmos aquilo que funciona, ela estava a começar a ceder ao desalento. Poe precisava da sua ajuda e, até ver, ela estava a falhar. Ajeitou os óculos no nariz, abriu o portátil e mergulhou de cabeça no trabalho.

Flynn e Poe continuaram a debater o caso em voz baixa.

— Se não conseguirmos explicar o sangue, só nos resta uma alternativa — disse Flynn.

Poe assentiu e concluiu o raciocínio:

— Precisamos da rapariga. O plano do Keaton cai por terra se a encontrarmos.

Nem sequer ajudaria muito descobrir o nome dela. Mais artimanhas, clamariam os advogados de Keaton, agitando no ar o perfil de ADN que provava que Elizabeth Keaton tinha estado naquela sala. Precisavam de encontrar a jovem e precisavam que ela explicasse como falsificara o sangue. Tudo o resto seria uma vitória para Keaton.

— Amanhã arranco para Pentonville — anunciou Poe.

Flynn franziu o sobrolho.

— Porquê?

Poe explicou o que encontrara no final das imagens da câmara de videovigilância da prisão. Flynn visionou-as e concordou.

— Sem dúvida que há uma mudança na sua atitude — anuiu. — Queres que vá contigo...?

O seu telemóvel interrompeu-a. Mostrou o ecrã a Poe. Um número desconhecido.

— Inspetora-chefe Flynn.

Poe só conseguia ouvir um lado da conversa, mas era evidente que Flynn não estava contente. Pediu permissão para colocar o seu interlocutor em alta-voz. Poe identificou-se. Bradshaw não desviou os olhos do computador.

— Fala a inspetora-chefe Barbara Stephens — anunciou uma voz sumida, com vestígios de um sotaque do nordeste de Inglaterra; um daqueles sotaques ligeiros que os habitantes de Newcastle assumem depois de serem obrigados a deixar a sua estimada cidade durante algum tempo. — Também pertenço à NCA. Inspetor Poe, marcou uma visita com o recluso Richard Bloxwich. Posso perguntar qual é o seu interesse nele?

— O nome dele surgiu relacionado com um caso em Cúmbria.

— Acho isso pouco provável. Que eu saiba, o Richard não tem quaisquer ligações a essa zona.

— Ele esteve em contacto com o Jared Keaton — disse Poe.

— Ah. O *chef* que matou a filha. Ouvi dizer que havia novidades relativamente a esse caso. Não sabia que estávamos envolvidos. Parti do princípio de que era uma burrada local que tinha de ser resolvida.

Poe fez o ponto da situação.

Depois do que pareceu uma eternidade, Stephens disse:

— Compreendo a sua situação, inspetor Poe, mas infelizmente não posso autorizar a visita.

Ela disse-lhes em que departamento da NCA trabalhava. Isso explicava a razão por que o caso de Bloxwich tinha restrições de divulgação. Poe nem sequer podia alegar ter prioridade — o mais certo era não ter. Todos os casos em que a NCA estava envolvida

eram importantes. Alguns eram cruciais.

— Mas se me disser o que precisa — prosseguiu Stephens —, posso ir falar com ele pessoalmente, para ver se ele pode ajudar.

O mau humor de Poe desvaneceu-se. Aquilo era ainda melhor. Stephens já tinha uma relação com Bloxwich, por isso estaria em melhor posição de descobrir alguma coisa. Poe contou-lhe o que tinham visto nas imagens de videovigilância da prisão. Stephens disse que entraria em contacto com eles depois de as ver também.

Bradshaw enviou-lhas num ficheiro comprimido. Tiveram de esperar 30 minutos de grande nervosismo. Como ninguém dizia nada, quando o telemóvel de Flynn tocou finalmente, todos eles saltaram. Flynn voltou a colocá-la em alta-voz.

— Concordo — disse Stephens. — Parece que o vosso alvo viu algo na cela do Bloxwich. É estranho, visto que eu sei que não há lá contrabando.

— Como pode ter tanta certeza? — perguntou Poe. Os reclusos eram exímios a esconder coisas. Era por isso que os telemóveis constituíam um grande problema.

— Simplesmente tenho. — O seu tom de voz não admitia réplica.

Poe ponderou no que ela não lhe estava a dizer. Stephens minimizara a importância de Bloxwich. Apenas mais um contabilista corrupto, dissera ela. Alguma coisa não batia certo. Os contabilistas corruptos não eram sinalizados no sistema prisional. Nem tão-pouco tinham direito a celas individuais em estabelecimentos prisionais lotados. Talvez estivesse envolvido num caso de fraude de maiores dimensões. Ou talvez fosse

testemunhar num caso de fraude de maiores dimensões.

Não valia a pena estar a especular. A NCA trabalhava em silos e com diferentes autorizações de acesso. Bem vistas as coisas, a SCAS estava muito próxima do fundo da hierarquia. Nem mesmo Van Zyl saberia a que se dedicava a unidade de Stephens.

— Mais tarde, vou encontrar-me com o meu marido, Trevor, em Londres — continuou. — Vou falar com o Richard hoje à noite e amanhã entro em contacto convosco.

— Pode ser hoje à noite — sugeriu Flynn. — Nenhum de nós vai dormir.

— Muito bem, hoje à noite.

Capítulo 49

Stephens não faltou à sua palavra. Eram quase 11 da noite quando ligou, mas eles ainda estavam acordados. Tinham jantado às 20 horas e continuado a trabalhar a seguir.

Bradshaw estava a ficar cada vez mais frustrada. Tinham-lhe apresentado um problema, e aparentemente não seria capaz de o solucionar. Balbuciava como alguém que perdera as chaves do carro.

— Não consigo perceber como conseguiram fazer tal coisa — dissera, de sobrolho carregado. — Nem mesmo o sangue sintético mais avançado seria capaz de enganar um cientista forense, Poe.

Maldição. Apesar de todos terem dito a mesma coisa, ele pensava que Bradshaw seria capaz de deslindar o mistério. Agora, ela parecia concordar com eles. Poe não acreditava nos outros, mas acreditava nela.

No entanto, também sabia que tinha razão.

Duplipensar.

Foi por isso um alívio receber o telefonema de Stephens. Uma pausa do seu problema singular.

— Infelizmente, não descobri nada de muito útil. O Richard conhecia o Keaton, mas não eram amigos. Ambos gostavam de ler e, apesar de terem gostos distintos, a biblioteca da prisão era

limitada. Partilhavam os livros que tinham.

— Ele confirmou que as visitas do Keaton aumentaram após o confinamento?

— Sim. Mas não sabe porquê.

— E não havia nada de ilegal na cela com que o Keaton pudesse ter deparado?

— Posso assegurar-lhe que não.

Mais uma ponta solta...

A menos que... A menos que estivessem a ver aquilo do ângulo errado. Procuravam uma rapariga, e Poe tinha conhecimento de um artigo que não era contrabando, mas que os reclusos escondiam mesmo assim.

Fotografias de família. Por vezes, escondiam-nas para que os outros reclusos não as encontrassem. Sobretudo se fossem crianças ou raparigas. Ninguém queria pensar nos seus entes queridos a serem usados como material masturbatório de terceiros.

— Entrou na cela dele? — perguntou Poe.

— Sim.

— As fotografias de família dele estavam escondidas ou à vista de todos?

Seguiu-se uma longa pausa.

— Ah... — disse ela.

— Exatamente — reforçou Poe.

— Ele tem uma filha. Chloe. Deve ter 20 e poucos anos.

— Quanto tempo demoraria a confirmar que ele tem fotografias escondidas? — indagou Flynn. — É de extrema importância.

— Não deve demorar muito. O seu esconderijo deve ser de

tecnologia simples, visto que precisa de aceder a ele facilmente.

Stephens prometeu que passaria revista à cela assim que a prisão abrisse no dia seguinte. Se houvesse alguma fotografia, ela enviá-la-ia logo de manhã. Poe agradeceu-lhe, apesar de pensar que não seria necessário. Agora que Bradshaw tinha um nome, encontraria a Chloe Bloxwich nas redes sociais.

Haveria umas quantas, mas eles tinham uma vantagem: possivelmente, já sabiam qual era o seu aspeto. Teria sido ela a marcar presença em Cúmbria para se fazer passar pela rapariga assassinada...

Enquanto aguardavam que Bradshaw fizesse a sua magia, Poe e Flynn programaram os três telemóveis descartáveis que ela comprara. Eram baratos, toscos e exatamente aquilo de que necessitavam. Se Poe tivesse de desaparecer rapidamente, conseguiriam comunicar sem que ninguém os ouvisse ou localizasse através de tecnologia de rastreamento.

Enquanto trabalhava, Bradshaw explicou-lhes o que mais tinham de fazer para ficarem em segurança.

— Não vamos deixar mensagens de voz no gravador nem escrever SMS uns aos outros. As duas coisas podem ser recuperadas — disse, sem desviar os olhos do ecrã. — Como não sabem que temos estes telemóveis, não há necessidade de os desligar e tirar a bateria, mas... se receberem uma mensagem, partam do princípio de que um ou todos foram expostos. Retirem a bateria e destruam-na.

— E falamos para esta parte aqui? — perguntou Poe, apontando para o microfone do telemóvel.

— Estás a brincar comigo...! — Olhou para ele. — Estás a gozar comigo. Engraçadinho...

— Comporta-te — disse Flynn, agarrando no telemóvel com que ele estava a brincar, incapaz de encontrar a função de voice mail. Eliminou tudo aquilo de que não precisavam e pôs os três telemóveis a carregar na tomada mais próxima. — Tens algum sítio para onde possas ir se recebermos a chamada? — perguntou ela. — Nada de muito complicado, Poe. Por experiência dos meus tempos passados a tentar localizar agressores sexuais desaparecidos, sei que quanto mais simples, melhor. Um sítio onde nunca tenhas ido. Vai para lá. Mantém-te longe das estradas principais.

Poe não respondeu. O comentário de Flynn de que «quanto mais simples, melhor» evocou-lhe algo que Stephens dissera — «tecnologia simples» — ao descrever a solução mais provável para Bloxwich esconder as fotografias de família.

Tecnologia simples...

Todas as tentativas de resolver o dilema do sangue tinham sido de alta tecnologia: mutações genéticas e sangue sintético. Ele persistira naquela ideia, mas talvez estivesse na altura de dar ouvidos aos peritos — não havia uma forma altamente tecnológica de trocar o sangue de uma pessoa pelo de outra.

E porque teria de haver?

Keaton concebera o plano na prisão. Além disso, não era um cientista, mas um cozinheiro. Inteligente, sim, mas não a ponto de conseguir rescrever o genoma humano a partir de uma cela de prisão.

Deviam ter procurado uma solução de tecnologia simples.

Poe estava prestes a transmitir os novos parâmetros de busca a Bradshaw quando esta fez algo invulgar. Praguejou.

— Mas que merda!

Flynn e Poe inclinaram-se para olhar para o ecrã dela. Bradshaw acedera ao *Facebook* e ao *Pinterest*, mas foi no *Instagram* que ela a encontrou. Chloe Bloxwich tomara medidas para reduzir a sua própria pegada nas redes sociais, mas não conseguia apagar coisas que outros tinham nas suas contas.

A fotografia fora tirada à noite e num bar. Todos tinham os olhos vermelhos. Uma noite de copos. Não fazia diferença. A imagem era tão nítida como uma fotografia de passaporte.

Chloe estava à frente e ao centro com os braços a envolver os ombros de um rapaz mais ou menos da sua idade. Chamava-se Ned e tinha sido na sua conta que tinham publicado a fotografia. Por baixo, uma breve descrição: «Adoro esta miúda, fds!»

Poe passara horas a estudar a rapariga que entrara na biblioteca de Alston Library, e reconheceu-a de imediato. Não havia a menor dúvida na sua mente. A cabeça estava inclinada tal como estivera durante as conversas com a polícia. Até o cabelo estava preso atrás da orelha esquerda.

Ele olhou fixamente para o monitor — para a rapariga que se fazia passar por Elizabeth Keaton.

A rapariga que estava a tentar libertar Jared Keaton e destruir a vida de Poe.

Parecia um anjo.

Dia 13

Capítulo 50

Um passo para a frente, dois pontapés no estômago para trás. Foi isso que sentiram quando estavam a tomar o pequeno-almoço e Flynn recebeu a chamada que todos receavam.

Era Gamble. Tentara ligar a Poe, mas o seu telemóvel estava em modo silencioso e enfiado dentro de um envelope almofadado.

Flynn ouviu sem interromper, com a sua expressão a endurecer à medida que os segundos passavam. Por fim, disse:

— Obrigada, Ian. — Terminou a chamada e virou-se para Poe e Bradshaw. — Parece que o superintendente Gamble ainda tem amigos na esquadra. O CSI encontrou vestígios de sangue no reboque da tua moto-quatro. Estão a acelerar a análise ao ADN, mas o Wardle vai hoje ao tribunal de Kendal pedir um mandado de detenção sem possibilidade de fiança em teu nome.

— Sem possibilidade de fiança?! — ripostou Poe. — Parece-me improvável. Só isso não seria suficiente. Basta procurarmos bem para encontrarmos sangue em toda a parte.

— O Wardle alega que foram feitos esforços para o limpar.

— Tem estado a chover e eu tenho o reboque na rua! Eu disse-lhe isso mesmo.

Flynn levantou a mão, e a raiva de Poe abrandou. Ela não tinha culpa. De qualquer forma, Wardle estava a fazer precisamente o

que ele teria feito: antecipar o mandado para garantir o resultado pretendido.

Merda.

Tinha esperança de ter mais tempo. Por norma, os polícias eram detidos com conhecimento prévio. Compareciam numa esquadra a uma hora específica e com a defesa preparada. Sem dramas, confusões e, mais importante ainda, sem pedidos de mandados sem possibilidade de fiança num tribunal público com jornalistas entediados estacionados à espera de um escândalo. Um mandado daqueles a ser emitido em nome de um polícia chegaria à Internet no espaço de uma hora, e às manchetes dos pasquins locais nessa mesma tarde.

Sendo essa, obviamente, a intenção de Wardle.

Poe não sabia a quem pertencia o sangue. Apesar de ser quase de certeza de *Edgar* — o *spaniel* frenético estava sempre a cortar-se —, não podia descartar a hipótese de pertencer a Elizabeth Keaton. Aparecera como por magia nas veias de Chloe Bloxwich, por isso seria uma ingenuidade pensar que não podia aparecer no seu reboque. E ele não podia correr o risco de ficar à espera para descobrir.

Flynn não tinha alternativa. Van Zyl precisava de ser informado. Bradshaw preparou mais uma videoconferência.

— Qual é o ponto de situação? — inquiriu, sem qualquer tipo de preâmbulo.

Flynn informou-o.

O diretor manteve-se em silêncio. Poe sabia que Van Zyl tinha muito que ponderar. A NCA era mais eficaz quando os cidadãos e

as outras agências confiavam nela. Van Zyl não lhe viraria as costas, mas teria limites para o que podia fazer.

— Presumo que não ache que o inspetor-chefe Wardle mude de ideias se lhe mostrarem aquilo que descobriram — disse, por fim.

— Não, senhor — respondeu Flynn. — E podemos estar a prejudicar-nos se o fizermos. Se o Keaton descobrir que sabemos da Chloe Bloxwich, nunca a localizaremos. — Van Zyl afagou o queixo. Não tivera tempo para fazer a barba, e o som áspero da barba de um dia tornou-se audível através dos altifalantes. — Além disso, o Wardle não se poupará a esforços — acrescentou Flynn. — Quer o cargo do Gamble, e qualquer recuo no envolvimento do Poe neste caso seria desastroso para ele.

— E a chefe da polícia tem a imprensa acampada à sua porta — replicou Van Zyl. — Quando se souber do mandado de captura sem possibilidade de fiança, ela não estará em posição de o anular. Deve ter sido por isso que o Wardle fez isso às claras. Está a ver se compromete a chefe da polícia nas suas decisões.

— Exatamente, senhor diretor — concordou Flynn. — O Wardle pode estar a apostar tudo ao mesmo tempo, mas tem bons trunfos.

— O que sugere, Flynn? Não creio que eu possa mexer muitos cordelinhos neste caso.

— Oficialmente, ainda não fomos informados de nada, senhor diretor. O superintendente Gamble só nos alertou porque acredita na inocência do Poe. Para o Wardle, o mandado sem possibilidade de fiança ainda está no segredo dos deuses. Julgo que devíamos seguir em frente como se não soubéssemos de nada, uma vez que, oficialmente, não sabemos.

— E acredita que conseguem encontrar a rapariga?

— Acredito — anuiu Flynn. — Está implicada num caso que está nas mãos de uma das nossas unidades, por isso já temos dados que podemos aproveitar.

Van Zyl não perguntou qual era a outra unidade da NCA. Era óbvio que estava a par da inspetora-chefe Barbara Stephens. Isso não foi surpresa para Poe — ninguém chegava à posição de Van Zyl por uma questão de sorte.

— E o sangue? — indagou Van Zyl. — Se não conseguirem encontrar a Chloe Bloxwich, teremos de explicar como foi trocado. — Virou-se para Bradshaw e disse: — Menina Bradshaw, julgo saber que é uma impossibilidade científica.

Bradshaw não compreendia o conceito de respeito pela hierarquia. Não quando a ciência estava a ser posta em causa. Deixou escapar um som de escárnio.

— A ciência é mais do que apenas um resultado, diretor Edward van Zyl. É também empenho. A descoberta é apenas o resultado; a ciência é o processo, as teorias, as hipóteses. — Van Zyl não respondeu. O som de desprezo em combinação com a algaraviada científica seria suficiente para calar qualquer um. Ela prosseguiu: — Os metadados sugerem que é uma impossibilidade científica, mas, como bem sabemos, os metadados não incluem toda a informação disponível.

— Ah, não? — disse Van Zyl.

Bradshaw abanou a cabeça de forma entusiasta.

— Não. Porque a Chloe Bloxwich tinha o sangue da Elizabeth Keaton dentro de si; e isso não só é cientificamente possível, como é comprovável. Tem de ser, uma vez que foi um facto que

aconteceu. Hei de descobrir como fizeram isso, diretor Edward van Zyl. Não vou deixar o Poe ficar mal.

— Pois... muito bem. Continue. — Van Zyl tinha o mesmo ar de estupefação que todos aqueles que haviam sido sujeitos a uma avalanche de Bradshaw.

Poe sorriu e estendeu-lhe os dois polegares. Naquele momento, Bradshaw era a pessoa ideal para zelar por ele.

Van Zyl tomou uma decisão.

— Quando for informado oficialmente de que existe um mandado de detenção em nome do inspetor Poe, a NCA fará todos os possíveis para ajudar os colegas de Cúmbria. Até lá, esta conversa nunca teve lugar. — Flynn assentiu. — E o Poe fica de fora deste caso, Flynn — acrescentou Van Zyl. — Você e a jovem Bradshaw têm de fazer isto sem ele. Poe, a sua única tarefa é manter-se longe do Wardle. Sei que não é o que quer ouvir, mas não é negociável. — Poe franziu o sobrolho para o ecrã. — Isto não vai ser um problema, pois não, Poe?

Poe não respondeu.

Flynn esboçou um sorriso cansado ao diretor.

— Se for, tenho a certeza de que ele vai guardá-lo para si mesmo.

— Tens muita piada, Steph — murmurou Poe.

— Estamos de acordo, Poe? — perguntou Van Zyl. Poe manteve-se em silêncio. — Poe? — insistiu Van Zyl.

— Estamos, senhor diretor.

— Estamos o quê?

— Estamos de acordo que deixarei a inspetora-chefe Flynn e a Tilly fazerem o seu trabalho.

— Muito bem.

Capítulo 51

Dez minutos depois, Poe estava na estrada. A chuva parara, mas as nuvens pareciam estar ainda mais baixas. Ele conduziu o seu pequeno carro alugado — aquele que Wardle desconhecia — até ao primeiro marco do correio que sabia não estar a ser vigiado pelas câmaras de videovigilância, e ali despachou o envelope com o seu *BlackBerry*. Mais valia começar já a deixar o rasto falso. Em seguida, inverteu a marcha e dirigiu-se para Herdwick Croft. No entanto, não tencionava voltar para casa. Precisava de um sítio onde pudesse estabelecer a sua base local, e conhecia alguém que lhe devia um favor...

Flynn aguardou na berma da estrada. Queria ficar descansada quanto ao isolamento do sítio onde ele ia ficar. Também precisava de saber como chegar até lá rapidamente, caso fosse necessário. Tinha consigo o telemóvel descartável, mas deixara o telemóvel de trabalho com Bradshaw. Parecia que estavam num filme de Jason Bourne. Até seria divertido, se a situação não fosse tão grave.

Poe passou por ela e encaminhou-a pelo caminho lamacento até à quinta. Estacionou e saiu. Flynn fez o mesmo.

Da última vez que ali estivera, havia quatro carros naquele

pátio. Agora, havia apenas dois: o *Mercedes* de Thomas Hume e um *Ford Focus* vermelho.

Poe bateu à porta, com Flynn a seu lado.

Victoria Hume veio abrir. Parecia estar a fazer limpezas. Tinha o cabelo apanhado, as mangas arregaçadas e luvas de borracha amarelas calçadas.

— Washington — disse ela. — Veio buscar o *Edgar*?

Flynn virou-se para Poe com as sobrancelhas arqueadas.

— Washington?

Ele encolheu os ombros e corou ligeiramente. Flynn não sabia que ele descobrira a origem do seu nome. Tanto quanto ela sabia, ele ainda odiava aquele nome.

Victoria olhou com nervosismo para Flynn. Poe percebeu porquê: ele fora enganado pelo pai dela, e ali estava ele com uma mulher de fato que tinha todo o ar de ser advogada.

— Preciso da sua ajuda — disse-lhe.

Feitas as apresentações, Poe explicou que precisava de um sítio para ficar que ninguém conhecesse. Ela não estaria a fazer nada de ilegal e podia pedir-lhe que se fosse embora quando quisesse.

Ela disse-lhes para entrarem e encaminhou-os para a cozinha. Era uma divisão ampla aquecida por um fogão a lenha. Uma mesa em madeira de carvalho do tamanho de um portão de garagem dominava o espaço. Ela já tinha uma chaleira ao lume e tratou de servir três chávenas.

Victoria fez meia dúzia de perguntas pertinentes. Eles responderam a algumas, mas a outras não puderam dar resposta. Poe concluiu dizendo que não devia sentir-se obrigada a ajudar se isso a deixasse desconfortável.

— Tendo em conta as circunstâncias, é o mínimo que posso fazer — disse ela.

Mais uma vez, Flynn lançou um olhar de perplexidade a Poe — também desconhecia o recente problema com a sua casa.

— Obrigada — disse Flynn.

— Ele pode ficar o tempo que quiser e precisar. Parece ser um tipo às direitas.

— Ah, mas isso é porque não o conhece há muito tempo.

Poe respondeu por entre dentes quando o telemóvel de Flynn deu sinal de vida. A tensão tomou conta de si, mas depressa percebeu tratar-se do telemóvel descartável, o que significava que só podia ser Bradshaw.

Flynn ouviu o que ela tinha a dizer e não demorou muito até que o seu sobrolho franzisse.

— É a Tilly — disse, baixando ligeiramente o telemóvel. — Diz que te enviou o relatório que pediste por e-mail.

— Mas qual relatório? — perguntou Poe. Não se lembrava de ter pedido algo que ainda não tivesse recebido.

— Qual relatório, Tilly? — perguntou Flynn, por sua vez. Voltou a olhar para Poe. — Um relatório sobre trufas?

Claro. A forma como Keaton encontrara o local onde apanhava trufas despertara a sua atenção, até isso ter ficado em segundo plano quando surgiram coisas mais importantes.

— Diz-lhe que leio quando tiver tempo.

Flynn repetiu a sua resposta e lançou-lhe um olhar que denotava impaciência.

— Sim, Tilly — suspirou —, já podes desligar.

Quando Flynn se foi embora, Victoria insistiu em levar Poe até ao seu quarto, que ficava num anexo antigo. Era espartano, mas confortável. Uma cama de casal, uma mesinha de cabeceira e um roupeiro. Estava colado à casa principal, mas só era acessível através de uma entrada autónoma. Provavelmente construído para albergar os trabalhadores da quinta, imaginou Poe. Era um quarto para dormir e pouco mais.

— Vou buscar o *Edgar*.

Quando ela regressou com o *spaniel* frenético, entregou-lhe também um papel.

— A senha do wi-fi — explicou, tocando na parede adjacente. — Creio que o sinal é suficientemente forte para chegar aqui.

Poe agradeceu-lhe.

Abriu o tablet que Bradshaw lhe emprestara. Já estava configurado para que ele pudesse utilizá-lo, e ele inseriu a senha do wi-fi. O sinal era forte e o e-mail de Bradshaw descarregou em menos de nada.

Mas Poe tinha um problema.

Era inspetor há tempo suficiente para saber que as incursões no terreno rapidamente se transformavam em turnos de 72 horas longe de casa. Apesar de o ritmo na SCAS ser mais calmo, ele nunca perdeu o hábito de ter uma mala com bens essenciais sempre pronta. Assim que chegara a Cúmbria, preparara uma mala e guardara-a na bagageira do carro alugado. O problema é que arrumara a mala em piloto automático: garrafas de água, alimentos não perecíveis, mudas de roupa, lanterna e pilhas, luvas forenses; artigos que podiam ser necessários em longos períodos passados em locais de crime. Os mesmos artigos que arrumava há

anos.

Mas não guardara os óculos. Não precisava deles há tempo suficiente para esse gesto ser natural. Levou a mão ao bolso do casaco, mas sabia que não estariam ali. Lembrou-se de os ver em cima da mesa quando saíra da sala verde em Shap Wells.

Raios.

O texto era demasiado pequeno para o conseguir ler e, quando tentou aumentar a letra com os dedos em pinça como Bradshaw fazia, não aconteceu nada. Frustrado, atirou com o tablet para cima da cama.

Um som abafado proveniente do outro lado da parede recordou-o que não era a única pessoa na casa. Se conseguisse que Victoria imprimisse o e-mail de Bradshaw, tinha a certeza de que conseguiria ler qualquer coisa numa folha A4.

Mas, primeiro, um duche.

Victoria sorriu quando ele bateu à porta e entrou na cozinha. Deixara as limpezas e andava de volta dos tachos.

— Ia agora ver se queria almoçar comigo, Washington. Tenho o guisado de ontem no forno.

Poe estava prestes a dizer que tomara o pequeno-almoço há pouco tempo, mas o estômago falou mais alto do que o cérebro. Há muito tempo que não comia um belo guisado.

— Com todo o gosto, Victoria. Obrigado.

Então, sentou-se à mesa e ela serviu-lhe uma porção generosa. Inclinou-se para a frente e inalou aquele aroma inebriante. Dos deuses. Levou uma colher cheia de borrego untuoso, morcela e batata à boca. Fechou os olhos e suspirou. Estava delicioso —

incomparavelmente melhor do que qualquer coisa que tivesse comido no Bullace & Sloe. Em menos de nada, Poe devorou a tigela, que Victoria voltou a encher.

Depois de repetir pela terceira vez, Poe deu-se por satisfeito. Victoria passou-lhe uma chávena de chá e serviu-se de outra. Beberam num silêncio sociável. Por fim, Poe disse:

— O seu pai tinha impressora, Victoria? Tenho um documento no meu tablet que preciso de ler.

— Não. Ele só tinha wi-fi para tratar da gestão da quinta.

Raios.

Ela reparou na sua desilusão.

— Mas vou a Kendal mais tarde. Posso pedir para imprimirem lá.

Poe abanou a cabeça e agradeceu-lhe. Era um relatório sobre trufas, não seria nada de relevante.

O silêncio voltou a instalar-se. Pouco depois, Poe disse:

— Sabe muito sobre mim, ou pelo menos sobre os meus problemas de alojamento, mas eu não sei quase nada sobre si.

— Não há muito para contar.

Poe recostou-se na cadeira confortável enquanto Victoria lhe falava da sua infância na quinta e sobre a desilusão que Thomas sentira quando nem ela nem as irmãs tinham mostrado vontade de perpetuar a tradição agrícola da família. Fora a última a sair de casa, mas fora também a que se deslocara para mais longe: Chudleigh, em Devon, onde dava aulas.

— Adoro aquilo, mas agora que voltei não sei se me apetece partir de novo. A agricultura não me interessava na altura, mas agora estou mais velha. Talvez me veja a fazer isto, a perpetuar o legado do meu pai.

Poe compreendia perfeitamente: Cúmbria entranhava-se numa pessoa como mais nenhum condado. Sobretudo quando já se passara a flor da idade e as prioridades eram outras.

— Mas... adiante — atalhou ela. — Que documento é esse que quer imprimir?

Poe falou-lhe do relatório e da questão dos óculos.

— Vou trazer-lhe um par logo à tarde. Mas o meu pai tinha um computador. Se me enviar o documento por e-mail, pode lê-lo no ecrã, que é maior.

Poe hesitou. Duvidava que houvesse algo de confidencial num relatório sobre fungos subterrâneos, mas não podia enviar documentos encriptados para redes inseguras. Bradshaw já lhe explicara porquê. Aparentemente, tinha algo que ver com cavalos de Troia. Já desligara muito antes de ela terminar a explicação, por isso nunca veio a saber porque é que uma manobra militar da mitologia grega o impedia de encaminhar um e-mail, mas partiu do princípio de que ela sabia do que estava a falar.

— Infelizmente, não posso. — Logo a seguir teve uma ideia que o deixou mais animado. — Mas posso deixá-la lê-lo.

Capítulo 52

Victoria leu as primeiras linhas em silêncio e, em seguida, olhou para ele, intrigada.

— É um relatório sobre trufas.

Poe sabia que era um relatório sobre trufas. Tinha sido ele a pedi-lo a Bradshaw.

— O que diz aí?

Ela percorreu as páginas no tablet.

— Quer a versão à David Attenborough?

— E porque não? — Poe sorriu. Victoria Hume era uma mulher interessante...

— *Tuber aestivum*, também conhecida como trufa de verão ou trufa negra de verão, é uma variedade nativa do Reino Unido. Estabelece uma relação simbiótica e micorrízica com as raízes das árvores hospedeiras.

Poe franziu o sobrolho.

— Micorrízica?

— Sabe aqueles peixes que se acoplam ao dorso dos tubarões e os mantêm limpos? — Poe assentiu. — A simbiose micorrízica é mais ou menos isso, mas nas plantas. Segundo... — avançou para a última folha do relatório — a menina Matilda Bradshaw... Caramba! Ela tem muitos doutoramentos! — exclamou. —

Segundo ela, a trufa alimenta-se das células das plantas mortas.
— Continuou a ler. — Basicamente, acondicionam o solo e as raízes, o que mantém a árvore saudável. Uma árvore com trufas é capaz de absorver mais água e nutrientes do que as árvores sem elas.

— Como é que sabe isso?

— Dou aulas de Biologia.

Poe sentiu vontade de se penitenciar. Ela dissera-lhe que dava aulas e ele nem sequer perguntara de que disciplina ou a que anos. Há muito tempo que ele não tinha uma conversa normal com uma mulher...

— Devia ter perguntado — disse.

— E o meu pai devia ter-lhe dito a verdade sobre Herdwick Croft — contrapôs ela. Voltou a concentrar-se no relatório. — Ao que parece, as trufas negras de verão preferem árvores como a faia, a bétula ou o carvalho viradas a sul. Precisam de solos secos e drenáveis e uma altitude de pelo menos 30 metros acima do nível do mar. São mais comuns a sul do que aqui.

Por instantes, Poe ponderou nos pensamentos que tivera quando pedira o relatório. Em nenhum dos seus cenários mentais Keaton teria capacidade para encontrar uma zona com trufas sozinho. Mas Bunney afirmava que sim. Alguma coisa não batia certo.

Bem vistas as coisas, teria assim tanta importância?

Encontrar a Chloe Bloxwich era importante.

Descobrir como o sangue fora trocado era importante.

Não passar o resto dos seus dias na prisão era importante.

Saber onde Keaton arranjava as trufas não era.

— Quão valiosas são? — perguntou ele.

— Segundo o que leio aqui, custam entre duas mil e duas mil e quintas libras por quilo.

Poe assobiou. Não era algo de que se abdicasse facilmente. Não admirava que Keaton não tivesse querido partilhar a localização com Crawford Bunney. Valia uma fortuna.

— É esta a função da National Crime Agency? Investigar o roubo de trufas?

— Só estou a tentar descobrir como é que alguém que cresceu em Carlisle conseguiu encontrar um bosque com trufas.

O sorriso desapareceu dos lábios dela.

— É uma investigação séria?

— Muito.

Victoria recostou-se na cadeira e bebeu o resto do chá. Apontou para a dele.

— Mais chá?

— Sim, por favor.

Enquanto estava de volta da chaleira, perguntou:

— Isso está relacionado com o tal restaurante que referiu no outro dia?

Poe estremeceu ao recordar. Não se comportara corretamente.

— Sim.

— Sabe que, no início, o meu pai vendia os animais em leilão, tal como todos os outros criadores, e, como eram os matadouros que compravam quase exclusivamente a carne, eram eles que controlavam os preços. Os animais do meu pai, por melhores que fossem, eram simplesmente amontoados com os outros. Podia não ser lá grande homem de negócios, mas acabou por perceber

que obteria um preço muito superior se eliminasse os intermediários. Levava os animais para o matadouro para serem abatidos em condições, mas vendia ele próprio a carne. Na altura, ainda não tinha uma carteira de clientes, mas sabe o que ele fez? — Poe abanou a cabeça. — Ofereceu amostras a todos os restaurantes e talhos dignos desse nome em Cúmbria. Deu-lhes uma lista de preços e disse o que podia fornecer. Em menos de nada, passou a vender tudo o que produzia, e a procura suplantou a oferta.

Fez-se luz.

— Então... está a dizer que não deve ter sido o Keaton a encontrar o bosque com trufas, mas sim alguém que lhe vendeu a localização ou lhe passou a fornecer trufas que ele vendia como suas?

Ela encolheu os ombros.

— Se o meu pai tinha um produto que conseguia vender diretamente aos restaurantes, porque havia de ser o único a fazê-lo?

— E, se as ofereciam a um restaurante, podem ter feito o mesmo a outros — concluiu Poe.

Fazia sentido. Keaton não encontrara o bosque sozinho, obviamente. Alguém lhe mostrara o local e ele decidira ficar com o mérito da descoberta. Mais um exemplo do seu egocentrismo exacerbado.

No entanto, Poe não via qual seria a utilidade daquela informação. Respondia à pergunta que ele fizera, mas era irrelevante. Manter a localização de um bosque com trufas em segredo era prudente em termos financeiros.

Só que não era.

Muito pelo contrário.

Keaton continuava a ser o único proprietário do Bullace & Sloe, e todo o dinheiro que era gasto em trufas saía do seu bolso. É claro que podia ter guardado segredo da localização para o caso de alguém sair para um novo restaurante e levar essa informação valiosa consigo.

Mas e se a razão fosse outra...?

Capítulo 53

Que se foda.

Foi a expressão curta, mas libertadora, que deu a Poe autorização para fazer aquilo que ele sabia que não devia fazer. Tinha sido expressamente proibido de deixar a quinta dos Humes. Apesar de ele ter um enorme respeito por Van Zyl e Flynn, deviam estar loucos se julgavam que ele não ia ignorá-los por completo. Se não podia ajudar Flynn a encontrar Chloe Bloxwich, agora tinha a sua própria pista para seguir.

Disse a Victoria que tencionava visitar alguns restaurantes para comprovar a sua teoria da venda de trufas porta a porta. Ela insistiu para que levasse o velho *Land Rover* do pai. Estava estacionado num dos celeiros, mas trabalhava lindamente.

— Se anda gente atrás de si, nunca pensarão em procurá-lo ao volante de um chão velho coberto de esterco de ovelha — disse ela. — Seja como for, aproxima-se um temporal, e aquele carrito de aluguer seria levado com qualquer possível enxurrada.

Contra factos não havia argumentos. O céu estava da cor de uma nódoa negra e o vento soprava forte. O ar já não estava húmido. A tempestade Wendy estava prestes a devassar a costa oeste e, quando isso acontecesse, seria uma verdadeira monção. *Podem ficar com os vossos todo-o-terreno modernos*, pensou. Se o

Instituto de Meteorologia estivesse certo, um *Land Rover* simples mas robusto era exatamente aquilo de que ele precisava.

Bradshaw teria sido muito útil a Poe. Teria compilado uns quantos dados e criado uma lista de prioridades. Mas não podia envolvê-la naquilo; ela ficaria preocupada por ele ter desobedecido às ordens, talvez mesmo a ponto de contar a Flynn.

Desenhou um círculo à volta do Bullace & Sloe no mapa — semelhante ao que Bradshaw desenhara quando calculara a distância que Elizabeth Keaton/Chloe Bloxwich podia ter percorrido depois de fugir da sua cave imaginária. Ela usara equações num computador; Poe usou uma caneta de feltro vermelha. Começaria pelos restaurantes mais próximos do Bullace & Sloe e estender-se-ia para as áreas limítrofes. Se isso não resultasse, alargaria o raio de ação.

Contou quantos se inseriam na sua primeira área de busca. Nove. Três restaurantes e seis *pubs*. Temeu vir a descobrir que os *pubs* eram afinal *gastropubs* — esses híbridos sem personalidade que eram metade *pub* e metade restaurante e que se tinham erguido das cinzas das antigas tascas de aldeia. Infelizmente, o mais certo era todos afirmarem que serviam comida de qualidade, o que implicava que todos tivessem de ser visitados.

Comprou um par de óculos numa estação de serviço e dirigiu-se para o primeiro *pub* da lista.

Foi um tiro ao lado.

— Comida que não seja frita não vende, amigo — informou-o o proprietário com um ar seboso.

— E nunca ninguém lhe ofereceu trufas?

— Isso come-se?

Poe esclareceu-o.

O proprietário atirou uma ementa a Poe. A opção mais saudável era um *Scotch egg*. Um feito digno de nota, tendo em conta que se tratava basicamente de um ovo panado recheado com carne picada.

Os dois *pubs* que se seguiram serviam comida, mas tudo à base de hambúrgueres, filetes com batatas fritas, lasanha, empadas de carne — o costume. Boa qualidade, mas nada de trufas.

O primeiro restaurante que visitou parecia ser mais promissor. Serviam um prato que incluía trufas na ementa e tinham-se na conta de restaurante de alta gastronomia, mas a cronologia não batia certo. O *Salted Pig* ainda não existia quando Keaton começara, alegadamente, a apanhar as suas próprias trufas. O *chef* perguntou a Poe se sabia onde havia trufas e se estaria interessado em comprá-las.

Quando Poe saiu do restaurante, desabou um temporal. Permaneceu debaixo do toldo do *Salted Pig* durante alguns instantes, impressionado com a ferocidade dos elementos. O som da chuva a bater no toldo era revigorante. Acabou por se deixar ficar ali durante cinco minutos a desfrutar da purificação do ar. Respirou fundo e absorveu o cheiro a terra molhada.

Aproveitou uma aberta e correu para o *Land Rover*. Ainda considerou voltar para junto de Victoria — andar na rua com um temporal daqueles era imprudente —, mas ainda só ia a meio da lista. A robustez do *Land Rover* dava-lhe confiança, e a chuvada ainda não estava na fase em que fazia os rios galgarem as margens e inundarem as estradas. Continuaría a investigação

enquanto fosse possível.

Os dois *pubs* que se seguiram eram em tudo semelhantes aos anteriores. Um ainda não servia comida naquela altura, e a ementa do segundo era a mesma dos restantes: comida razoável para forrar o estômago. Tanto quanto os *chefs* ou proprietários se lembravam, ninguém lhes tentara vender trufas. Visitou mais dois restaurantes, mas a história repetia-se. Um dos restaurantes servia comida italiana e o outro vendia sobretudo para o parque de campismo e caravanismo ali perto. Depois de passarem o dia a caminhar pelas montanhas, os turistas queriam comida nutritiva, não coisas finas.

O último *pub* ficava nos arredores da aldeia de Wetheral, a poucos quilómetros do Bullace & Sloe. Poe decidiu que aproveitaria para beber um copo e que alargaria o raio de ação em mais um quilómetro e meio. O *pub* chamava-se Gamekeeper's Kitchen e afirmava que a sua especialidade eram os pratos de caça. O parque de estacionamento ficava nas traseiras, pelo que Poe ficou encharcado ao percorrer a curta distância até à porta da frente. O *pub* estava vazio.

Sentou-se ao balcão e pediu uma caneca de *Spun Gold*. A empregada do bar ficou contente por ter o que fazer. Enquanto esperava, Poe usou um pano da louça para secar o cabelo. Não tinha fome, mas decidiu comer qualquer coisa. Não sabia a que horas regressaria à quinta e não queria abusar da hospitalidade de Victoria. Pediu a ementa à empregada. Pratos de caça não faltavam. Ela informou-o de que um colega viria atendê-lo. Poucos segundos depois, surgiu um homem com um bigode fino que lhe perguntou se já tinha decidido. Poe pediu a empada de

coelho com puré de pastinaga amanteigado, mostrou a sua identificação da NCA e perguntou-lhe se podia falar com o *chef*. Foi encaminhado para a cozinha.

A cozinha parecia uma versão em miniatura das instalações do Bullace & Sloe: equipamento semelhante, só que mais pequeno e em menor quantidade. A *chef* chamava-se Gayle Kidmister. Tinha 40 e poucos anos e estava na casa há mais de uma década.

Poe fez-lhe a mesma pergunta que passara a tarde a fazer e ficou surpreendido quando ela respondeu afirmativamente.

— Veio aqui alguém oferecer-lhe trufas?

— Sim. Há já alguns anos. Pelo menos oito. Um homem encardido. Sinceramente, parecia mais um vagabundo do que um apanhador de trufas. Mas as trufas tinham acabado de ser colhidas, a julgar pela quantidade de sujidade que lhe vi debaixo das unhas.

— E recusou?

— Sim — respondeu ela. — Não fazia sentido para nós. Na altura, éramos uma churrasqueira americana. Carnes de churrasco cozinhadas lentamente e a baixa temperatura, hambúrgueres artesanais, esse tipo de coisas. Ainda pensei em servi-las no hambúrguer da casa, mas implicaria aumentar o preço quase 70 por cento. Acabei por lhe dizer para ir a um restaurante chamado Bullace & Sloe. Conhece?

— Já ouvi falar.

— Estavam a começar a ficar conhecidos e eu sabia que usavam trufas. Ele agradeceu-me, e nunca mais o vi.

— Uma empada de coelho! — gritou outro *chef*, da cozinha.

— É para mim — disse Poe. — Vou tratar dela. Se tiver mais

perguntas, posso voltar aqui quando terminar?

— Claro — disponibilizou-se a *chef*.

Poe não era grande fã de coelho por achar a carne demasiado magra, mas a empada estava deliciosa. A sutileza do coelho combinava na perfeição com o bacon e o alho-francês, tudo envolto num creme de ovo denso. O puré de pastinaga era substancial e saciante. Ironicamente, a única coisa que podia ter melhorado a refeição seria umas lascas de trufa.

Enquanto comia, Poe refletiu sobre o que acabara de ouvir. Um homem contactara Gayle Kidmister oito anos antes com a intenção de lhe vender trufas e ela remetera-o para o Bullace & Sloe. Dissera também que ele não tinha cara de apanhador de trufas. Talvez não fosse. Podia tê-las encontrado por acaso, mas talvez tivesse o discernimento suficiente para saber o que tinha em mãos e qual o seu valor.

Poe foi arrancado aos seus pensamentos e obrigado a voltar ao presente. Gayle, ainda de jaleca vestida, tinha-se sentado no banco ao lado dele. A empregada de bar serviu-lhe uma limonada.

— Uma das minhas *chefs* ouviu a nossa conversa — explicou. — Ela diz que o homem comeu no restaurante. Sabe disso porque foi o primeiro prato a sair e, como os empregados ainda não tinham chegado, ela teve de o servir pessoalmente.

— Então, ele tentou vender-lhe trufas na cozinha e depois veio sentar-se na sala a comer um hambúrguer e uma cerveja?

— Parece que sim. Mas não foi só isso. Quando ela lhe trouxe a comida, ele estava sentado com um dos nossos clientes habituais: um carteiro chamado Brian Wratten. Pareciam estar em amena

cavaqueira.

— E esse tal Brian Wratten ainda é vosso cliente?

— Se esperar meia hora, ele vai aparecer por aí.

Poe olhou para trás dela. A chuva era tão intensa que parecia que alguém estava a lavar as janelas com uma mangueira.

— Mesmo com este tempo?

Ela riu-se.

— Quando tivemos uma inundação, ele sentou-se na esplanada de galochas e um chapéu impermeável na cabeça. Se não aparecer, é porque está morto.

— Nesse caso, vou esperar.

Quando terminou a refeição, já Brian Wratten chegara. Ninguém precisou de lhe dizer, Poe adivinhou. Os *pubs* têm clientes habituais, e aquele que acabara de entrar era um cliente habitual. A empregada de bar começou a tirar uma caneca assim que ele cruzou a porta, e ainda antes de pendurar o casaco impermeável já a cerveja estava à frente de um banco ao fundo do balcão.

Poe esperou que ele desse o primeiro gole antes de o abordar.

— Brian Wratten?

— Sou eu. — Estendeu-lhe uma mão sapuda e coberta de pelos.

Poe cumprimentou-o e mostrou-lhe a sua identificação.

— Gostava de lhe pagar uma cerveja.

— Ah, sim?

— Em troca, talvez me possa falar de um homem com quem conversou há alguns anos. O que foi à cozinha tentar vender trufas...

Brian Wratten tinha uma memória de elefante. Poe desconfiava que aquela era uma característica comum entre os carteiros, sobretudo em Cúmbria, onde o sistema de numeração das casas podia ser eufemisticamente considerado como... informal.

Wratten lembrava-se bem do dia e do homem.

Poe perguntou-lhe sobre o que tinham falado.

— Trufas — disse ele. — Mostrou-me uma e perguntou se não queria um pouco para acompanhar o meu almoço, mas eu recusei. Era demasiado parecida com uma poia de cão seca. Ainda hoje ninguém me convence de que não se tratava disso mesmo.

Poe sorriu. Compreendia-o perfeitamente. Nas fotografias do relatório que Bradshaw lhe enviara, tinham mesmo a aparência de excrementos. O primeiro ser humano a prová-las teria sido efetivamente muito corajoso.

— Ele disse-lhe como as arranjou?

Wratten abanou a cabeça.

— Não. Foi bastante evasivo em relação a isso.

Poe sentiu um formigueiro nas orelhas. Palavras como «evasivo» exerciam esse efeito nos polícias.

— Como assim?

— Bem, começámos a falar sobre trufas. O que eram, onde cresciam, como se aguentavam, esse tipo de coisas. Pareceu-me natural perguntar se apanhar trufas era um passatempo ou uma profissão.

— E ele?

— Disse que nem uma coisa nem outra, Sr. Poe. Isso não tem nada de estranho. Quando vou passear o meu cão, muitas vezes apanho cogumelos ou alho-selvagem quando é tempo deles, mas

nunca diria que faço disso vida.

— Mas ele foi evasivo quando o Brian lhe perguntou como as arranjou?

— Sim.

— Será que tinha sido a passear o cão? — sugeriu Poe.

— Perguntei-lhe isso mesmo, mas ele respondeu que não.

— E não lhe disse o que estava a fazer...?

— Não.

Curioso. O facto de ser evasivo sugeria ocultação. Não remetia necessariamente para um ato criminoso, mas essa hipótese não podia ser descartada.

— Presumo que ele não tenha dito como se chamava.

— Les Morris. Era um tipo simpático, Sr. Poe. Pagou-me um copo e falámos uns bons 40 minutos. À exceção de não referir como e onde tinha encontrado as trufas, ele era bastante conversador.

— Era daqui?

— Sim.

Ótimo. Pediria a Bradshaw para compilar uma lista de Les, Leslies, Lesleys e L. Morris que vivessem naquela zona. Estava a pensar numa forma de conseguir convencê-la de que ainda estava a levar a coisa da «discrição» muito a sério quando Wratten tornou tudo isso irrelevante.

— Por acaso quer a morada dele?

— Tem-na?

— Ele esqueceu-se do lenço, e eu sou carteiro. Fiz algumas perguntas no centro de triagem até que uma colega reconheceu o Les Morris a que me referia. Devolveu-lhe o lenço na ronda

seguinte. Um serviço assim não arranjam vocês nas vossas cidades grandes, Sr. Poe.

— Eu sou de Shap.

Wratten sorriu e pediu desculpa. Em seguida, passou a morada a Poe. Ficava a oito quilómetros do sítio onde se encontrava.

Agradeceu a Wratten e deixou-lhe uma cerveja paga. Estava prestes a sair para enfrentar a chuva quando o seu telemóvel descartável tocou.

Raios... Bradshaw insistira para que só comunicassem quando fosse estritamente necessário. *Não pode ser coisa boa...*

Ele tinha razão, não era.

— Poe, temos um problema — disse Flynn mal ele atendeu.

Capítulo 54

Poe, temos um problema...

Ouvia aquela frase tantas vezes que mais valia usá-la como toque do telemóvel. Da última vez, fora Van Zyl a dizer-lhe que seria interrogado; antes disso, fora Gamble a dizer-lhe que Elizabeth Keaton regressara do mundo dos mortos.

Desta vez, era ainda pior.

O pedido de audiência privada tinha sido aprovado e Keaton fora libertado sob fiança. O Ministério Público já insinuara que não apresentaria quaisquer provas no seu julgamento.

E essa não foi a pior coisa que Flynn lhe dissera.

Estava confirmado que o sangue encontrado no reboque de Poe pertencia a Elizabeth Keaton. Poe passara a ser oficialmente um suspeito num inquérito de homicídio. Van Zyl instruíra Flynn para que o detivesse pessoalmente, sendo que já lhe arranjava um advogado.

Poe disse que não iria a lado nenhum.

Flynn perguntou onde estava.

Poe desligou. Lembrou-se do aviso de Bradshaw sobre os telemóveis descartáveis poderem ficar expostos e apressou-se a retirar a bateria do seu.

Para todos os efeitos, não fazia diferença. O corpo policial de

Cúmbria andava à sua procura. O mandado de detenção sem possibilidade de fiança de Wardle era garantia disso mesmo.

Nada mudara.

Eles tinham de encontrar Chloe Bloxwich ou conseguir explicar o sangue.

Les Morris vivia em Armathwaite, uma povoação muito semelhante a Cotehill, a aldeia onde ficava o Bullace & Sloe. Pequena, bonita e inserida num cenário deslumbrante composto por prados e terrenos de pasto. Nas entradas das casas encontravam-se estacionados reboques para cavalos e veículos todo-o-terreno. A aldeia tinha inclusivamente uma cabina telefónica vermelha.

Era idílica, saída de um poema de Rupert Brooke.

Cricket no parque da aldeia e mel com o chá...

Morris morava num *bungalow* com janelas de ambos os lados da porta. O relvado estava perfeitamente aparado e o jardim era delimitado por canteiros de flores perenes de cores vivas. Havia um comedouro para pássaros empoleirado numa macieira.

Uma mulher abriu-lhe a porta. Poe mostrou a sua identificação.

— Posso falar com o Sr. Morris, por favor?

— Eu sou a Sra. Morris — respondeu ela.

Não lhe disse o primeiro nome. Parecia estar zangada, e ele ainda nem lhe dissera o que fazia ali. Era alta e irritante, de 40 e muitos ou 50 e poucos anos, e parecia ser o tipo de mulher que sorria quando matava um animal na estrada. O coque grisalho que lhe encimava a cabeça estava tão apertado que lhe esticava a cara.

Apesar do dilúvio que teimava em não dar tréguas, só depois de examinar ao pormenor a sua identificação é que ela o convidou a entrar. Foi a resmungar até à cozinha, fazendo-lhe saber, sem margem para dúvidas, que lhe estava a sujar a casa toda. A bem da verdade, estava mesmo.

Ela sentou-se na única cadeira disponível, e não lhe perguntou se aceitava uma bebida quente.

— Contava falar com o Sr. Morris. Ele está a trabalhar?

Ela soltou um riso escarninho.

— Como quer que saiba? Não vejo esse mandrião vai para oito anos.

Poe pestanejou para tentar afastar a água da chuva dos olhos. Acabou por desistir e pedir para usar uma toalha. Foi como se tivesse pedido para urinar na chaleira. Ela resmungou por entre dentes e atirou-lhe um pano de cozinha húmido. Poe não deixou de agradecer. Afadigou-se a tentar tirar a maior parte da água do cabelo.

— O que quer com esse imprestável? — perguntou, enquanto ele se secava.

— O nome dele surgiu num inquérito.

Ela ficou ligeiramente mais animada.

— Quer dizer que ele está em apuros?

Poe estava prestes a responder que não, mas percebeu que não era isso que a Sra. Morris queria ouvir. Lembrou-se de repente da palavra alemã *Schadenfreude*: rejubilar com o infortúnio alheio.

— É muito provável — respondeu, com cautela.

Foi a decisão certa. Um sorriso retorcido começou a formar-se nos cantos da boca da mulher.

— Vou pôr a chaleira ao lume — anunciou.

— Diz que não vê o Sr. Morris há oito anos — sondou Poe, enquanto ela preparava o chá.

— Exatamente. Saiu uma tarde e nunca mais voltou. A polícia não demonstrou grande interesse. Pensaram que ele estaria metido com uma galdéria qualquer. Uma daquelas de nariz empinado do clube dele.

Poe acrescentou «clube» à sua lista de perguntas.

— E acha que ele fugiu?

Ela virou-se e levou as mãos às ancas escanzeladas.

— Ele há de voltar um dia quando ela se fartar dele. Com o rabinho entre as pernas, vai ver.

Poe tinha as suas dúvidas. Se Morris tinha de facto fugido, Poe duvidava que voltasse. A Sra. Morris era o tipo de mulher que, se estivéssemos acorrentados a ela, roeríamos o próprio braço só para conseguir escapar.

Ele mudou de assunto.

— O Sr. Morris costumava apanhar trufas?

— O que é isso? — indagou ela, respondendo assim à sua pergunta. Poe explicou-lhe o que eram trufas e onde se apanhavam. — E só se encontram nos bosques? — perguntou, trocista. — O meu Les é mais aquele género de homem que gosta de ficar sentado no clube a beber cerveja artesanal, inspetor Poe. Muito me espantaria se ele soubesse o que isso é.

Pelo menos, batia certo com o que lhe tinham dito. Nem a *chef* nem o carteiro achavam que ele fizesse da apanha das trufas profissão.

A Sra. Morris voltou a sentar-se e serviu duas chávenas de um

chá muito ralo, acrescentando leite para o chá ganhar a mesma tonalidade branca. Até Bradshaw sabia fazer um chá melhor do que aquele. Poe agradeceu mesmo assim e bebeu um gole daquela mistela insípida e tépida. Tentou não fazer um esgar.

— Ele tinha um cão?

A Sra. Morris sorriu.

— O meu Les? Com um cão? Não me parece. O pelo fazia-lhe mal por causa da asma.

— Era amigo de alguém que tivesse cães?

Ela encolheu os ombros.

— Toda a gente tem cães.

Estava bem visto. De repente, surgiu-lhe uma ideia. A Sra. Morris dissera que era possível que o marido tivesse um caso com uma «galdéria». Talvez a tal galdéria tivesse um cão. Os homens eram capazes de aguentar quase tudo quando se deixavam guiar pelas partes baixas. Sem dúvida que isso incluía peitos fartos. Um caso com uma mulher casada também explicaria a sua hesitação em dizer a Wratten como encontrara as trufas.

Mas Poe não podia perguntar isso à Sra. Morris. Se o fizesse, não lhe arrancaria mais nada.

— Ele tinha um percurso preferido para caminhar? Talvez um que passasse por um bosque?

A Sra. Morris repetiu o sorriso escarninho.

— O meu Les não se interessava por bosques e muito menos por caminhadas, inspetor Poe. — Aquilo estava rapidamente a tornar-se um beco sem saída. — No entanto, se fosse um campo...

Ela deixou a frase em suspenso. Poe mordeu o isco.

— Um campo?

— Por causa do tal clube de que lhe falei.

Falara num clube, mas não especificara de que tipo era. Ele sabia disso e ela sabia disso. Basicamente, ela estava armada em parva. Mas ele era um polícia e os polícias lidam constantemente com gente idiota.

— Recorde-me.

Ela sorriu, feliz da vida com a sua pequena vitória.

— Ele pertencia à delegação de Cúmbria da ROCA.

— Rock?

— Não é *rock* como em *punk rock*. É ROCA, Royal Observer Corps Association. ROCA.

Poe estava perdido. Não fazia ideia do que era a Royal Observer Corps Association. Teria perguntado à Sra. Morris, mas, como esta já percebera que o marido não estava em apuros, o seu humor voltara a azedar.

— Não quero falar desse maldito clube. Já era suficientemente mau que ele passasse os dias lá enfiado; não preciso agora que um polícia abelhudo me venha lembrar essas tristezas.

Poe levantou-se. Estava prestes a despedir-se quando viu um barracão no quintal. O quintal estava bem cuidado, mas ele duvidava que fosse a Sra. Morris a responsável pela manutenção. Era demasiado... afetada. Demasiado implicante. O mais certo era ter um jardineiro.

E os jardineiros têm o seu próprio equipamento.

Já os barracões britânicos são o paraíso dos homens de meia-idade. As mulheres afetadas nunca entravam em barracões. Tinham demasiada sujidade. Demasiadas aranhas.

— Aquele era o barracão dele?
— O que tem?
— Acha que ele guardava ali material da Royal Observer Corps Association?

Ela soltou um suspiro exasperado.

— Nem consigo entrar ali, de tanta tralha que está lá dentro.
— Importa-se que vá lá dar uma vista de olhos?
— O que ganho eu com isso? — sondou ela, com um sorriso matreiro.

Ganha a sua liberdade, foi o que Poe quase deixou escapar. Em vez disso, levou a mão à carteira e deu-lhe três notas de 20 libras. Ela guardou-as no bolso do casaco de malha e entregou-lhe a chave do barracão.

— Mas olhe que não pode tirar nada — gritou-lhe quando ele já ia a sair. — O meu Les há de voltar um dia e não vai gostar de saber que andaram a mexer nas coisas dele.

Poe saiu para o quintal pela porta da cozinha. Abriu o cadeado do barracão e entrou.

Ficou estarrecido. O barracão mais parecia um museu. Havia centenas de mapas, documentos e fotografias afixados às paredes, alguns deles amarelecidos com o passar dos anos, outros muito mais recentes. Havia prateleiras abauladas com o peso de instrumentos estranhos, fardas antigas e objetos de coleção da ROCA. Um antigo medidor Geiger e uma sirene manual assumiam o lugar de destaque num expositor de pinho. Era uma verdadeira arca do tesouro.

Com que então é isto que significa ter uma obsessão, pensou Poe.

Dia 14

Capítulo 55

Flynn andava de um lado para o outro no quarto de hotel como uma advogada no tribunal.

— Por que raio voltaste para aqui? — perguntou.

Poe estava sentado na cama e Bradshaw na secretária. Ele perguntara como estavam a correr as investigações, mas não obtivera uma resposta satisfatória: Bradshaw estava amuada — as suas pesquisas ainda não tinham resultado em nada que se assemelhasse a uma tese sobre como é que o sangue fora trocado — e Flynn achava que Chloe Bloxwich desaparecera da face da Terra. O seu único pequeno êxito era saber onde estava o namorado de Chloe, Ned. Encontrava-se a percorrer a Ásia de mochila às costas, incontactável, mas, mesmo que não estivesse, saíra do país meses antes de aquela história ter começado.

Eram 3 da manhã, e, há menos de 15 minutos, Poe ligara para o telemóvel descartável de Flynn a pedir para ela se encontrar com ele no quarto de Bradshaw. Cinco minutos antes disso, subira pela escada de incêndio do hotel e batera à porta de Bradshaw. Com força suficiente para a acordar, mas não tanta que acordasse os hóspedes dos quartos adjacentes. Ele já devia saber que Bradshaw não estava a dormir; ainda estava de volta do sangue.

— Presumo que tenhas um bom motivo para me arrancares da

cama — disse Flynn. — E onde raio te meteste? Parece que dormiste na merda do carro.

— Senta-te, chefe — disse Poe, com um sorriso. — Tenho uma história para te contar, e não é bonita.

Flynn sentou-se.

Bradshaw levantou a cabeça do ecrã e olhou para ele.

Poe começou a falar.

Poe contou-lhes o que descobrira, que a Observer Corps era uma organização de defesa civil formada em 1925, cuja missão era identificar, monitorizar e informar sobre as aeronaves que sobrevoassem a Grã-Bretanha. Fora-lhes concedido o estatuto de «Royal» após o seu desempenho na fase da Batalha da Grã-Bretanha da Segunda Guerra Mundial. Em 1955, fora-lhes conferida a tarefa adicional de detetar e informar sobre explosões nucleares — uma necessidade da Guerra Fria.

Enquanto a sua missão consistia apenas em monitorizar aeronaves, os postos de observação acima do solo eram perfeitamente satisfatórios. Eram construídos em tijolo com plataformas de observação a céu aberto. Contudo, as bombas nucleares da Guerra Fria tinham a capacidade de produzir ondas de choque e de calor que se deslocavam a 8000 quilómetros por hora. O calor transformava os seres humanos em carvão e a explosão pulverizava-os. Tudo o que fosse combustível derreteria ou explodiria. Os postos de observação acima do solo eram inúteis. O Governo precisava de estruturas capazes de resistir à explosão e que, durante um período de pelo menos 14 dias, permanecessem operacionais num ambiente pós-nuclear.

Por isso, explicou Poe, fizeram a única coisa que podiam.

— Construíram abrigos subterrâneos.

Oficialmente designados por postos de observação subterrâneos do Royal Observer Corps (ROC), eram suficientemente profundos para resistirem a uma explosão nuclear e limitarem simultaneamente os efeitos da radiação. E eram suficientemente amplos para albergar três voluntários, assim como todo o equipamento necessário para transmitir informações sobre potência, altura, distância e propagação de uma explosão nuclear para um posto de comando.

— O Governo construiu centenas de postos destes — prosseguiu Poe. — Mais de 1500 no total, por toda a Grã-Bretanha. Basicamente, eram caixas de betão subterrâneas cobertas por terra compactada. — Bradshaw e Flynn ouviam com atenção. — Os abrigos originais tinham uma sala de monitorização, uma casa de banho com sanita química e um quarto com beliches. Só eram acessíveis através de uma conduta com quatro metros e meio.

— Como é que sabes isso tudo? — perguntou Flynn.

Poe contou o que descobrira. Em 1991, com o fim da Guerra Fria, o Governo desmantelara os últimos abrigos que restavam. Tinham sido desmontados, selados e abandonados. Na sua maioria, haviam-se tornado ruínas e as suas localizações tinham sido esquecidas.

— Mas os britânicos têm orgulho na sua história, e o trabalho do ROC não havia de ser enterrado nos anais da História — prosseguiu. — Foi fundada uma organização para antigos voluntários: a Royal Observer Corps Association. O seu objetivo

era promover o trabalho do ROC, ajudar no restauro dos antigos abrigos e estabelecer um fundo de apoio para antigos elementos que estivessem a passar necessidades. Mas era sobretudo uma forma de os antigos membros do ROC se reunirem com pessoas que tinham passado pela mesma experiência.

» O Morris pertencia à delegação de Cúmbria da ROCA. Nunca tinha sido um voluntário do ROC (era demasiado novo para isso), e, por conseguinte, era um associado e não um membro de pleno direito. Não obstante, o seu barracão estava pejado de artigos de coleção do ROC. — Fez uma pausa para eventuais perguntas, mas elas permaneceram em silêncio. — Passei uma hora a ler o material, mas não encontrei nada que sugerisse a descoberta de um bosque com trufas. Estava prestes a desistir quando encontrei um diretório de membros. Já tem alguns anos, mas inclui o nome de um membro da ROCA que vivia na mesma aldeia que o Morris. Chamava-se Harold Hayward-Price e tinha integrado as hostes do Royal Observer Corps.

Poe contou-lhes que agradecera à Sra. Morris, atravessara a aldeia e batera à porta de Harold. O homem estava na casa dos 70, mas era ainda muito vivaz. Tinha cabelos brancos a delimitar uma careca reluzente e unhas semelhantes à casca do queijo. Poe explicara-lhe o que fazia ali e Harold convidara-o a entrar. Enviuvara há pouco tempo e ansiava por companhia.

Era também um perito no ROC e na ROCA.

Durante as horas que ele e Harold passaram juntos, Poe aprendera tudo o que havia para aprender sobre o ROC e a associação. Poe contara-lhe que Morris encontrara trufas e perguntara se por acaso ele sabia onde.

Para seu grande espanto, Harold sabia.

Mais ou menos.

E não tinha nada que ver com uma *amiga* que Morris quisesse manter em segredo.

Era algo muito mais interessante.

Harold explicara que Morris nunca gostara de ser um mero associado e que, para tentar elevar o seu estatuto na delegação local, assumira uma missão que a maioria dos membros considerava ser uma caça aos gambozinos: começou a procurar o «abrigo perdido».

O abrigo perdido era um mito junto da delegação de Carlisle da ROCA. Supostamente, teria sido um abrigo construído num local imediatamente considerado como impróprio. Um rumor alegava que se tratava de um local demasiado suscetível a sofrer inundações; outro, que não tinha as essenciais vistas a 360 graus. Morris achava que fora preenchido com cascalho, selado e enterrado pouco depois de ter sido construído. Ficara obcecado com a ideia e acreditava que encontrá-lo seria a solução para se tornar membro de plenos direitos.

Porém, não passava de um rumor. Todos os abrigos de Cúmbria estavam inventariados. Alguns haviam sido recuperados e abriam ocasionalmente ao público.

Mas... cerca de um ano antes do seu desaparecimento, Morris começara a insinuar que encontrara o abrigo. Nada de muito concreto, apenas comentários esporádicos, como o facto de em breve vir a ser membro da associação, coisas assim.

Harold achava que era possível que, durante as suas buscas pelo abrigo subterrâneo inexistente, Morris tivesse encontrado trufas.

Não havia nada no barracão que sugerisse que Morris tivesse encontrado alguma coisa, mas Harold descartara imediatamente essa hipótese. Como os membros da ROCA eram presença constante nos barracões uns dos outros, ele esclarecera que, se Morris tivesse encontrado algo relacionado com o abrigo, não o deixaria por ali exposto à vista de todos. Tê-lo-ia sempre consigo.

Foi nessa altura que terminara o noticiário *News at Ten*, que passava silenciosamente em pano de fundo, dando lugar ao noticiário local *Border News*, afetuosamente designado por «Notícias da Nossa Terra». A cara de Poe preencheria o ecrã. Não conseguia ouvir o que o pivô estava a dizer, e, obviamente, não podia dizer a Harold para aumentar o som, mas a mensagem era clara. Estavam a solicitar aos cidadãos que ficassem atentos a um possível avistamento. Provavelmente, terminava com avisos para não se aproximarem dele e para entrarem em contacto com as autoridades. O plano passara para imagens da polícia a retirar objetos da sua propriedade. Um após outro, uma série de artigos guardados em sacos de provas eram transferidos de Herdwick Croft para a bagageira de um *Range Rover* do CSI, provavelmente o único veículo capaz de percorrer o terreno agreste. Continuava a chover, e os sacos de provas transparentes refulgiam com as gotas da chuva.

Embora na altura não fosse evidente, algo naquela cena abria uma porta na sua mente que começara a perturbá-lo, como os relógios digitais que ficam intermitentes depois de faltar a luz.

Depois do noticiário, Poe despedira-se. Não tinha para onde ir, mas sabia que não podia ficar nas redondezas de Armathwaite. Harold não veria mais noticiários naquela noite, mas era possível

que a Sra. Morris tivesse visto a notícia e já tivesse chamado a polícia.

Enfrentara as primeiras investidas da tempestade Wendy, saíra de Armathwaite sem ser visto e encontrara uma área de estacionamento isolada onde tentara descansar um pouco.

Sem surpresa, o sono não viera. A chuva a fustigar o tejadilho do *Land Rover* mais parecia uma tarola. Não lhe fazia muita diferença; fosse como fosse, tinha muito em que pensar.

Apesar de a notícia de um possível abrigo ser interessante e potencialmente importante, eram os sacos de provas que estavam a ser guardados no *Range Rover* do CSI que assombravam a sua memória. Algo lhe dizia que era naquilo, e não no abrigo perdido, que ele devia concentrar a sua atenção.

Estirara-se na parte de trás do *Land Rover* e recuperara os acontecimentos daquela noite enquanto vasculhava os recantos da sua mente para evocar tudo o que vira.

Às 2 da madrugada, chegara lá, ou assim lhe parecera: o CSI usara um *Range Rover* e, seis anos antes, Keaton também.

Mas... não podia ser isso. O veículo de Keaton fora confiscado e sujeito a um exame forense minucioso. Não havia nada que ligasse aquele carro ao desaparecimento da filha. Se Keaton tivesse usado o seu *Range Rover*, eles teriam encontrado sangue. Havia demasiadas coisas no local do crime para evitar que houvesse transferência forense, mesmo que a tivesse enfiado em sacos do lixo.

Depois de descartar a ligação ao *Range Rover*, começara a pensar nos sacos de provas que vira a serem transportados para fora de Herdwick Croft. Inquietavam-no, mas ele não sabia

porquê.

Não conseguia chegar a uma conclusão. Por mais que tentasse, o que quer que fosse queria ficar escondido. Em vez de se concentrar no significado dos sacos de provas, tentara concentrar-se no que eram.

Eram de plástico.

Eram impermeáveis.

Eram completamente selados.

Eram transparentes.

Os que vira na televisão estavam a pingar com a água da chuva.

A pingar.

Tal como...

Sentara-se direito muito de repente. Sustivera a respiração. Não queria afugentar o pensamento. Vasculhara a sua memória recente. Alguém a explicar um processo. Não estivera a prestar atenção, mas aquilo ficara no seu pensamento de alguma maneira.

Quando surgira, a resposta fora simultaneamente repentina e aterradora. E só não conseguira ver aquilo antes por ser tão hediondo e tão inverosimilmente depravado — a sua mente não conseguia simplesmente conceber tal coisa.

Não era possível...

Ou seria?

Ele pusera a tese à prova, todos os passos, na esperança de encontrar uma falha fatal na cadeia de acontecimentos tal como os conhecia. Não queria ter razão.

Era nojento.

Era obsceno.

Era inacreditável.

Porém, Poe nunca estivera tão convicto de nada na sua vida.

Capítulo 56

— Porque usamos sacos de provas, chefe?

— São quase 5 da manhã, Poe — resmoneou Flynn. — Não tenho tempo para essa merda de perguntas!

Voltara a andar de um lado para o outro no quarto. Poe não a censurava. Ela estava numa posição impossível. Ao não o deter, estava a cometer um delito — cumplicidade.

— Quer uma bebida energética, inspetora-chefe Flynn?

Poe esboçou um sorriso.

— Isto não tem piada nenhuma, Poe. E em que medida é que isto é relevante?

— Faz-me a vontade.

— Não é só a vontade que te vou fazer — disse ela por entre dentes.

Ele repetiu a pergunta anterior.

— E então, porque usamos sacos de provas? Qual é a sua função básica?

Flynn abriu os braços, exasperada.

— Proporcionar uma cadeia de custódia incontestável.

— Mais básica ainda.

Ela uniu as sobrancelhas.

— Conter as provas num ambiente absolutamente estéril e

isento de contaminantes.

— Exatamente. Assim que o saco é selado, pelo menos os de plástico, nada entra e nada sai.

— Vai direto ao assunto, Poe — pediu Flynn.

— Recua seis anos e imagina que estás na cozinha do Bullace & Sloe. És o Jared Keaton e, por motivos desconhecidos, acabaste de matar a tua filha. — Flynn olhou-o fixamente. Assim como Bradshaw. Aquilo já era mais interessante. — Não tencionavas matá-la, mas és um psicopata, por isso não tens uma reação normal. Em vez de entrares em pânico, comesças a pensar. Na tua perspetiva, tens duas opções: ou outra pessoa assume as culpas, ou tudo cai por terra.

— Mas, sem qualquer tipo de planeamento, culpar outra pessoa é perigoso. É demasiado incontrollável — sugeriu Flynn.

— Exatamente. Por isso, decides fazer desaparecer o problema.

Poe abriu o minibar de Bradshaw. Estava cheio de garrafas de POW, a sua bebida energética preferida. Continha apenas os açúcares naturais da fruta e cafeína natural extraída do guaraná, uma planta trepadeira proveniente do Brasil. Abriu a tampa de uma garrafa e bebeu um longo gole. Era enjoativa de tão doce, mas sentiu de imediato os efeitos da cafeína. Um acréscimo de energia que pagaria mais tarde, e com juros.

— Agora, volta dois anos mais atrás. És abordado por um homem chamado Les Morris. Tem trufas valiosas para vender. Compras algumas porque é um bom negócio. Mas... seria um negócio ainda melhor se pudesses ser tu a apanhá-las. — Fez uma pausa para que elas pudessem acompanhá-lo.

— Achas que o Keaton matou o Les Morris?

— Acho que é possível. Desde então que ninguém o vê.

— Pensei que tinhas dito que o abrigo não existia.

— Eu não disse que o abrigo não existia, o Harold é que disse isso. E o Keaton é um dos homens mais persuasivos que alguma vez vais encontrar na tua vida. Teria sido muito fácil para ele convencer o Morris a contar-lhe onde tinha encontrado as trufas.

— E, enquanto estava lá, o mais certo é não ter resistido a mostrar o abrigo secreto ao seu novo amigo — acrescentou Flynn.

— Acredito que sim — disse Poe.

— Então, achas que ele o matou e deixou o cadáver no abrigo?

— Nem mais. Provavelmente, encenou tudo para que parecesse um acidente, caso o Morris tivesse contado a alguém. Talvez o Keaton tenha fechado a escotilha e o tenha deixado ali a morrer à fome; talvez lhe tenha dado uma pancada na cabeça e o tenha atirado lá para baixo.

— E o Keaton ficou com as trufas só para ele — disse Flynn.

— E com um esconderijo, para o caso de alguma vez precisar de um.

— Muito bem. Ele tem um local de depósito, o que acaba por resolver o problema de o solo estar demasiado gelado para ser escavado, mas sabemos que não usou o carro para transportar o corpo da Elizabeth. Eu li o relatório forense. Não encontraram nenhuma prova incriminatória.

— Concordo. E ele não podia ter usado mais nenhum veículo.

— Portanto...?

— Portanto, voltamos aos sacos de provas.

Flynn voltou a franzir o sobrolho.

— Acaba lá com os enigmas, Poe. Diz-me o que sabes de uma

vez.

— Vi-me na televisão quando estava em casa do Harold. Uma série de sacos de provas a serem levados de minha casa para a bagageira do *Range Rover* do CSI. E estava a cair uma chuvada.

— Eu estava lá — recordou-lhe ela.

— Enfim, havia algo de familiar naqueles sacos. O facto de serem transparentes e estarem encharcados. Fizeram-me lembrar de algo que não me saía da cabeça. Por volta das 2h10, cheguei lá. — Flynn manteve-se em silêncio. — Os sacos de *sous-vide*, Steph. Os que saíam da máquina de cozer a vácuo do Bullace & Sloe...

Capítulo 57

- Isso é nojento, Poe. Estás a dizer-me que ele comeu a filha?
- Não, é claro que não.
- Mas estás a dizer que ele a cozinhou?
- Não.
- Então?
- Acho que ele a selou num daqueles sacos de *sous-vide*, lavou-o, levou-o para o abrigo e atirou-o lá para dentro.
- Flynn olhou para ele, embasbacada.
- Isso é... absurdo, Poe.
- Será? Enquanto forma de transportar uma vítima de homicídio, os sacos de *sous-vide* são absolutamente perfeitos. Foram concebidos para preservar a carne durante horas a fio sem permitir a entrada da água quente ou a saída dos sucos. Não haveria qualquer transferência forense no carro. Nenhuma.
- Não, não pode ser, Poe — disse Bradshaw, abanando a cabeça.
- Eu vi a máquina de selar a vácuo deles. Não tem dimensão suficiente para selar um corpo inteiro.
- Um corpo inteiro, não — replicou Poe.
- Não estás a insinuar...? — alvitrou Flynn.
- Ele acenou com a cabeça.
- O que é que me fez desconfiar do Keaton logo à partida?

— Discrepâncias na cronologia. O facto de o *Match of the Day* não ter dado naquele dia.

— E?

Silêncio. Poe não o quebrou.

A centelha da compreensão surgiu nos olhos de Flynn, que se foram esbugalhando. A sua respiração tornou-se mais acelerada e ela empalideceu. Levou as mãos aos lábios, em choque.

— Meu Deus, tens razão — sussurrou.

— O que mais, Poe? — perguntou Bradshaw. — O que é que a inspetora-chefe Flynn percebeu que eu ainda não apanhei?

— As facas, Tilly — esclareceu Poe. — O Keaton encomendou um conjunto de facas, um serrote de talhante e um cutelo.

— Não estou a perceber.

— Tilly, o Jared Keaton desmembrou a filha, selou as partes do corpo a vácuo em sacos de *sous-vide* e depositou-a no abrigo que o Les Morris encontrou.

Por mais aterrador que tudo aquilo fosse, batia certo. Os três debateram a tese. Analisaram-na de todos os ângulos. Concordaram que, além do corpo da filha, Keaton teria selado a vácuo as roupas que vestia e os utensílios que usara para a desmembrar em porções manuseáveis e que coubessem na máquina.

Se estivesse certo, e ele sabia que estava, havia algures um abrigo subterrâneo que guardava o cadáver de Les Morris, os restos mortais desmembrados da filha de Keaton e todas as provas de que necessitavam para garantir a sua condenação no novo julgamento. Tudo o que tinham de fazer era encontrá-lo...

Encontrá-lo e evitar a polícia de Cúmbria. Flynn saiu para fazer um telefonema. Não disse para quem, mas Poe sabia que era para Van Zyl. Com ou sem novas informações, ela simplesmente não tinha autoridade para ignorar um mandado de detenção. Se Van Zyl decidisse seguir toda a tramitação legal, Poe teria de aceitar a decisão. Permitiria que Flynn e Bradshaw cumprissem o seu dever. Agora que tinham uma pista concreta, apostariam todas as fichas no abrigo. Com ou sem Poe, haviam de o encontrar. Poe nunca poria em risco a carreira de Flynn apenas para não passar algum tempo em prisão preventiva.

Fosse como fosse, o mais certo era ele ser supérfluo. Les Morris não era homem de grandes caminhadas — se encontrara o abrigo perdido, então conseguira-o seguindo um rasto de papel. A localização do abrigo original estaria enterrada num registo ou arquivada algures.

Flynn entrou no quarto e acenou com a cabeça. O significado era óbvio: pelo menos para já, ele estava safo.

As coisas estavam a melhorar.

As coisas estavam a piorar.

Era meio-dia e ainda não tinham feito progressos. Bradshaw acedera a todos os registos públicos que teriam estado disponíveis para Morris, e até a alguns a que ele não teria tido acesso. A localização dos abrigos desativados não era facilmente acessível. Havia informações dispersas, mas Bradshaw não encontrou nada em nenhuma base de dados do Governo. Ainda assim, confirmou que provavelmente haveria um abrigo perdido.

— Descobri uma irregularidade — anunciou.

Depois de emborcar uma garrafa inteira de POW, explicou-lhes do que se tratava. Era o tipo de coisas que só Bradshaw podia ter encontrado. Num formulário de requisição do equipamento necessário para a construção dos abrigos, ela reparara que as peças encomendadas para Cúmbria não correspondiam ao número de abrigos conhecidos. Havia uma escada e uma escotilha a mais.

Mas era só isso. Apesar de todos os seus esforços, não havia nada em nenhuma base de dados que apontasse para a sua localização.

Mas Poe sabia porquê. Quando Bradshaw referira as ordens de requisição, ele lembrara-se de outra coisa que Harold lhe contara. Fora o Governo a gerir o processo, mas a execução ficara a cargo de empreiteiros locais. Tinha a certeza de que Morris vasculhara os arquivos das construtoras locais até descobrir aquela à qual fora atribuído o contrato de construção do abrigo perdido.

Agora, eles seriam capazes de fazer o mesmo, evidentemente, e acabariam por encontrar a construtora e assim obter a localização do abrigo. Não tinha a menor dúvida em relação a isso. Flynn e Bradshaw eram demasiado competentes para falharem.

Mas isso levaria tempo. Tempo de que não dispunham.

A preocupante realidade daquela situação tomou conta dele.

Keaton estava em liberdade. Dentro de mais ou menos uma semana, a imprensa perderia o interesse no caso e ele seria capaz de se escapulir para eliminar todas as provas de forma adequada.

Tal como teria sido sua intenção, não se tivesse dado o caso de ter sido preso. O mais certo era todos os minutos dos seis anos que vivera na prisão terem sido passados com medo de que o abrigo fosse encontrado. A temer o dia em que um miúdo qualquer desse com ele por acaso. Atormentado com o facto de poder haver por aí outro Les Morris, igualmente obcecado, igualmente determinado a encontrá-lo.

Não conseguiria manter-se afastado durante muito tempo. Estaria desesperado para concluir o que começara seis anos antes.

Poe sabia de tudo, mas não tinha provas de nada. Não estava melhor agora do que há uma semana.

Para Wardle, Elizabeth Keaton continuava desaparecida e Jared Keaton fora vítima de um erro judicial grave. Encontrar Chloe Bloxwich podia ajudá-los, mas não tanto como tinham pensado inicialmente. Flynn realçou que Bloxwich negaria tudo, e sem dúvida que agora estaria diferente do que estava há duas semanas. E não havia provas físicas que provassem o contrário. E, apesar de Rigg e Flick Jakeman poderem dizer que Chloe Bloxwich se fizera passar por Elizabeth, isso seria irrelevante.

Porque não seriam capazes de explicar como é que o sangue de Elizabeth tinha sido recolhido durante as conversas com a polícia. O ADN era a melhor de todas as provas. Aos olhos de qualquer tribunal do país, Elizabeth Keaton era a rapariga que entrara na biblioteca de Alston. Para a ciência, não podia ter sido outra pessoa.

Pensar em Chloe Bloxwich recordou a Poe que falhara um

passo. Ainda não determinara como é que Keaton entrara em contacto com ela. Barbara Stephens dissera-lhes que as visitas de Bunney não tinham coincidido com as visitas de Chloe ao pai. Nunca tinham estado no centro de visitantes em simultâneo. O que não deixava de ser estranho. Jared Keaton podia precisar apenas de minutos para dar a volta a qualquer um, mas mesmo ele teria dificuldade em fazê-lo sem um encontro cara a cara.

O som de um estrondo fê-lo dar um pulo.

Bradshaw atirara uma garrafa vazia de POW contra a parede.

— Não consigo perceber como é que ela fez aquilo!

— Não te preocupes, Tilly — disse ele, sentando-se ao seu lado.

— Seja como for, era um tiro no escuro.

— Isto é muito mau, não é, Poe?

— Não é ótimo.

— Vais ser preso?

Ele prometera-lhe que nunca lhe mentiria, e não queria faltar à verdade agora.

— Talvez. Se a Elizabeth tivesse aparecido e voltado a desaparecer, muitas pessoas teriam feito perguntas. O Keaton podia ganhar a liberdade, mas não recuperaria a sua reputação. Mas... se um inspetor ressentido, humilhado por ter cometido um erro, fosse condenado pelo seu homicídio... aí o caso mudaria de figura. É uma história capaz de conquistar o apoio de toda a gente.

— Estou cheia de peninha, Poe! — resmoneou Flynn. Saíra para fazer outra chamada e voltara a entrar sem que nenhum dos dois tivesse percebido. — Estás a ouvir-te a ti mesmo? Eu e o diretor não estamos a pôr em risco as nossas carreiras para que atires a

toalha ao chão.

— Não vamos atirar a toalha ao chão, Steph. Mas sejamos realistas: não temos tempo suficiente para encontrar o abrigo.

— E o Poe vai ser detido e mandado para a prisão — acrescentou Bradshaw.

— Por amor da santa! — exclamou Flynn, impaciente. — Ouve, não te ia contar já, mas há um motivo para eu andar um bocado mais irritada ultimamente.

— Um bocado?

— Sim, Poe, um bocado! Só porque não desato numa cantoria de dez em dez minutos, não significa que eu... — Ela parou, respirou fundo e acalmou-se.

Parecia ser grave. Poe esperava que ela não estivesse doente. Não seria capaz de aguentar. O número de pessoas de quem gostava contava-se pelos dedos de uma mão, e duas delas estavam naquele quarto com ele.

Ela mordeu o lábio e disse:

— Eu e a minha companheira, a Zoe, temos tentado engravidar.

— Devia ter pedido ao Poe para ser dador de esperma, inspetora-chefe Flynn — disse Bradshaw de chofre. — Terias dado algum do teu esperma à chefe, verdade, Poe?

Poe resfolegou. Podia sempre contar com Bradshaw para piorar uma situação já de si constrangedora.

Flynn sorriu.

— Vamos finalmente avançar com um ciclo de fertilização *in vitro*, Tilly. A Zoe não conseguiu engravidar quando estava casada com o Tim, e eu... Bem, digamos que também não consigo dar à luz da forma convencional. — Poe colocou a mão no ombro de

Bradshaw, olhou para ela e abanou ligeiramente a cabeça. Esperava que ela tivesse percebido o recado: esta não era a altura de fazer perguntas. — Seja como for, estávamos dispostas a pagar no privado, mas deparámos com um problema com que nenhuma das duas contava. Sem sequer tocarmos no assunto, ambas estávamos preocupadas com as repercussões que um filho teria nas nossas carreiras.

Poe manteve-se em silêncio. Não era justo, mas ainda havia discriminação nesta área. A NCA era uma das melhores empregadoras, mas era um facto incontestável: em termos estatísticos, as mulheres que pediam licença de maternidade ficavam em desvantagem. As pausas temporárias na carreira depressa se tornavam permanentes. Com a maternidade acontecia o mesmo. Em tribunal, alguns empregadores admitiam que as mulheres que regressavam após a licença de maternidade não eram levadas a sério, que se partia do princípio de que as suas prioridades tinham mudado.

— Nenhuma de vocês queria tirar licença de maternidade — concluiu ele.

Não as recriminava; eram ambas excelentes profissionais. Zoe trabalhava em Londres, num emprego relacionado com a análise do preço do petróleo. Era muito bem remunerada, com um salário milionário. Além do facto de ter sido casada com um homem antes de decidir que não era isso que queria para si, a verdade é que Poe não sabia muito sobre ela. Flynn era muito ciosa da sua vida privada.

— Não, Poe, estás a ver o filme ao contrário. Ambas queríamos ter a criança. Ambas queríamos proteger a carreira da outra. —

Poe não respondeu. Não lhe pareceu correto dar uma opinião. — Queria ser eu a ter a criança, visto que a carreira da Zoe é muito importante.

— A tua carreira também é importante, Steph — ripostou Poe. Na verdade, o que ele pensava era que uma inspetora-chefe da SCAS era dez vezes mais importante do que alguém que trabalhava na City. Mas não o disse. Estava a ser sensível. Por estranho que pareça, Bradshaw também.

— É por isso que tenho andado mais irritadiça. Estamos a passar por um mau bocado.

— E o assunto já está resolvido? — perguntou Poe.

— Sim.

— E então?

— E então, o quê?

— Como é que resolveram? — Flynn olhou para ele e Poe percebeu que dali não levava mais nada por agora. Ninguém podia acusá-la de partilhar demasiado. — Folgo em saber, Steph. E posso apresentar já a minha candidatura para padrinho?

Flynn sorriu.

— Se te portares bem... talvez um dia te mostre uma foto do bebé.

Poe retribuiu o sorriso. Estavam feitas as pazes.

— Mas o que tem isso que ver com o caso?

O queixo de Flynn voltou a ganhar firmeza.

— A minha questão é a seguinte, Poe: até eu ter decidido pegar no touro pelos chifres e tomar uma decisão, eu e a Zoe estávamos a ir por um mau caminho.

— E então?

- Então, para de sentir pena de ti próprio e faz alguma coisa!
- Mas nós...

Flynn ergueu a mão e cortou-lhe a palavra. Olhou para Bradshaw e disse:

- Para quem trabalhamos, Tilly?
- Trabalhamos para a Serious Crime Analysis Section, inspetora-chefe Stephanie Flynn.
- E o que fazemos?
- Traçamos perfis para ajudar a polícia a apanhar os criminosos.
- Exatamente.
- Mas não há mais ninguém a quem traçar o perfil — protestou Poe.
- Achas que não?

Poe parou para pensar. Pensou em todas as pessoas envolvidas no caso e não se lembrou de ninguém. Encolheu os ombros.

- Não resta ninguém.
- Não é uma pessoa, é uma coisa — retorquiu ela. — O rasto de papel pode ter arrefecido, mas o que temos é mais do que suficiente para investigar.

Ah... claro.

Poe sorriu. Bradshaw também.

- Exatamente — disse Flynn. — Vamos traçar o perfil do abrigo perdido.

Capítulo 58

Flynn assumiu o comando.

— Tilly, ficas ao computador.

— *Duh*, havia de ser o Poe a fazer isso? — Ambos olharam espantados para ela. — Desculpem.

— Não te preocupes, estamos todos exaustos — disse Flynn. Virou-se para Poe. — Dizes que todos os abrigos de Cúmbria foram contabilizados?

Ele assentiu e verificou os seus apontamentos.

— Segundo o Harold, os abrigos locais estavam aglomerados em polos estratégicos. Os observadores locais prestavam contas ao Carlisle Control Group, que transmitia as informações para a sede do setor ocidental, em Preston. Por sua vez, Preston prestava contas a uma organização chamada «NATO Strike Command Operations Centre», que ficava algures a sul.

— E, na tua opinião, o Morris terá encontrado as trufas perto do Bullace & Sloe?

— Desconfio de que tenha sido mais perto do Gamekeeper's Kitchen. Foi lá que ele as tentou vender primeiro.

— Será que ia de carro a caminho de casa? Pode tê-las encontrado a quilómetros de distância, no meio do nada.

— Não me parece. A *chef* do Gamekeeper's Kitchen disse que o

Morris tinha um aspeto «encardido» e que as trufas pareciam frescas e acabadas de apanhar. E o abrigo ficaria próximo de um já existente. Só foi substituído porque o sítio específico onde foi construído não era apropriado, mas a localização era boa. Se tivesse ficado operacional, teria integrado o polo original.

Bradshaw exibiu um mapa da zona.

— O abrigo mais próximo do Gamekeeper's Kitchen é este — disse Poe, apontando para o ecrã. — No registo, é-nos dito que fica situado em Armathwaite, que é onde o Morris morava, mas o Harold disse-me que fica mais próximo da aldeia de Aiketgate.

— Presumo que esse não seja o abrigo que procuramos — sugeriu Flynn.

Poe abanou a cabeça. Era uma pergunta sensata, que ele próprio fizera a Harold.

— Não. Este abrigo está intacto e é conhecido. E fica num campo de cultivo, não num bosque.

— Mas, tendo em conta que o Morris visitou restaurantes nas redondezas, é provável que tenha sido o abrigo de Aiketgate a substituir o desaparecido — argumentou Bradshaw. — Nesse caso, o abrigo perdido não pode ficar longe.

— Concordo — disse Poe. — Estará certamente num bosque nos arredores da aldeia de Aiketgate.

— Muito bem — rematou Flynn. — Precisamos de um diagrama de Venn com as necessidades das trufas negras de verão de um lado e com os requisitos dos postos de observação nuclear do ROC do outro. Assim, podemos ver o que têm em comum.

Uma hora depois, já tinham uma lista.

Flynn fez-lhes um resumo.

— O posto do ROC tinha de ficar situado numa posição que tivesse um campo de visão de 360 graus.

— Sim. Ao contrário dos postos de observação de aeronaves originais que necessitavam apenas de uma vista desimpedida para o céu, os abrigos nucleares também precisavam de vistas desobstruídas ao nível do solo, de modo a permitirem a medição de ondas de choque e calor. Quase todos ficavam situados em campos de cultivo. E, como os terrenos desta região não são planos, significava que tinham de ficar situados em posições elevadas — explicou Poe.

— Portanto, foi construído num campo. Mas esse campo é agora um bosque?

— Parece que sim. Um bosque recente.

— Mas não tão recente que as árvores não tenham maturidade suficiente para ter trufas — disse Bradshaw.

— Não compreendo porque haveria um agricultor de plantar árvores — comentou Flynn. — Um campo de cultivo não seria mais útil?

Poe sabia a resposta a essa pergunta. Tinha-lhe sido dada por Thomas Hume.

— O solo arável exposto em posições elevadas começa a sofrer erosão. Os agricultores plantam árvores para impedir que o solo se torne árido e rochoso. Os bosques também protegem os terrenos em declive absorvendo parte da água durante a época das chuvas. E, além de fornecerem abrigo para os animais e as colheitas ao constituírem uma barreira natural contra o vento, muitas das quintas em Cúmbria dedicam-se agora à prática da

caça, e os bosques e arvoredos são o habitat ideal para faisões e outras aves de caça.

— Muito bem. Portanto, precisamos de árvores de rápido crescimento que sustentem trufas.

— Carvalhos, não — esclareceu Bradshaw. — São árvores de crescimento lento. Restam as faias e as bétulas. São as únicas que crescem com a rapidez desejada e que têm as raízes que as trufas preferem.

— Acho que podemos eliminar as faias — disse Poe. — Muitos dos habitantes locais não aceitam as faias como árvores nativas desta zona. Mais a sul, sim, mas a norte não são consideradas nativas. Os agricultores desta zona são tradicionais, sobretudo quando isso não lhes sai do bolso.

— Como é que sabes? — Bradshaw parecia divertida com o facto de ele saber factos de cultura geral que ela não sabia.

Poe encolheu os ombros.

— O deputado eleito por Kendal fez parte de um grupo que visava alterar a sua classificação. Saiu nos jornais há uns anos. — O quarto ficou em silêncio. — Acho que temos de nos preocupar com alguma coisa — concluiu ele.

— A bétula é uma boa escolha — sugeriu Bradshaw. — Tem um crescimento rápido e é barata. A subespécie mais provável é a bétula-branca. Necessitam de solos com boa drenagem, o que encaixa na posição elevada que procuramos.

— Então, procuramos um bosque de bétulas recente numa posição elevada perto do abrigo da aldeia de Aiketgate?

Poe anuiu.

Bradshaw também.

— Pois bem — disse Flynn. — Vamos encontrá-lo. — Poe encarou-a com o olhar vazio. — E quando digo «vamos», é claro que me refiro à Tilly...

Com todos os instrumentos aéreos e de satélite que Bradshaw tinha à disposição, encontrar um bosque de bétula-branca numa área circunscrita não devia ser muito difícil. E, se estivessem em Manchester, Sheffield ou Birmingham, não seria.

Mas ela estava a procurar em Cúmbria.

Encontrar bosques de bétulas não era difícil; a sua casca prateada e friável era distinta. Já encontrar o bosque de bétulas certo era muito mais difícil.

Por fim, conseguiu reduzir os candidatos a nove.

Três deles pareciam mais antigos e não continham apenas bétulas. Poe descartou-os, uma vez que, se um agricultor estava a plantar um bosque do nada, o mais certo era comprar árvores por atacado. Não havia razões para misturar as espécies. Dois bosques ficavam próximos do rio Eden, o que indicava que eram dados a inundações.

Restavam quatro.

Bradshaw apresentou as melhores imagens de satélite numa grelha no seu portátil. Os três debruçaram-se sobre o ecrã. Durante alguns instantes, ninguém abriu a boca.

Poe verificou a sua localização no mapa. Decidiu que um deles sobressaía como o favorito. Ficava perto da aldeia, tinha bons acessos por estrada e ficava próximo do abrigo existente. Os bosques números dois e três também eram uma possibilidade. Não tinham a facilidade de acesso por estrada como o primeiro,

mas cumpriam todos os outros critérios. Poe pensou em descartar o quarto. Implicava uma caminhada através de três campos e mais dois bosques. Não ficava nos arredores de Aiketgate nem perto da casa de Les Morris. Estava também coberto por vegetação rasteira. Mas acabou por deixá-lo ficar. Realisticamente, podia ser qualquer um deles ou nenhum.

— Achas que a Chloe Bloxwich está ali escondida? — perguntou Flynn em surdina, com os olhos ainda cravados no ecrã.

Ele não pensara nisso. Era um sítio tão bom como outro qualquer. Um sítio seguro onde ela se pudesse esconder durante uns tempos, à espera da recompensa, fosse ela qual fosse, que Keaton lhe tivesse prometido.

Um trovão lembrou-o de algo que Harold lhe dissera. Espreitou por cima do ombro de Flynn para a janela desfocada pela chuva. O céu negro como carvão disparava chuva como balas. Os trovões ribombavam, dando provas do seu poder indómito. A tempestade Wendy estava a cumprir todas as expetativas.

— Se estiver, espero que tenha um bom par de galochas — disse Poe. — Aqueles abrigos não tinham drenagem, apenas fossas. É por isso que a maioria dos que foram abandonados sofreram inundações.

Foi então que Bradshaw gritou do nada:

— DRENAGEM! — Sem dar explicações, fechou as imagens dos bosques e começou a escrever furiosamente. Os seus óculos refletiam páginas e mais páginas de uma busca desenfreada. — Oh, meu Deus, oh, meu Deus, oh, meu Deus... — repetia ela, sem cessar.

Vinte segundos depois, parou de escrever e leu o que estava no

ecrã. Saltou da cadeira e correu para a impressora. Saltitava alternando os pés enquanto aguardava que o documento surgisse em formato de papel.

Poe e Flynn trocaram olhares.

— Estamos a gostar muito deste silêncio constrangedor, Tilly — disse Flynn.

A impressora terminou o seu trabalho e Bradshaw entregou a cada um deles um documento de duas páginas. Também entregou a Poe os óculos que ele deixara em Shap Wells.

— Aqui está. Foi assim que a Chloe Bloxwich manipulou a análise ao sangue.

Poe olhou para o papel. Era uma entrada da Wikipédia sobre um cidadão canadiano criado na Rodésia chamado John Schneeberger. Poe franziu a testa para Bradshaw, confuso. Com um aceno, ela indicou-lhe que lesse.

E foi o que ele fez.

Antes de Poe chegar ao fim da primeira página, a sua respiração ficou em suspenso.

Porque John Schneeberger tinha sido o homem que tornara possível o impossível — descobrira uma forma de ter o sangue de outra pessoa no seu corpo. Em 1992, depois de ser acusado de violação, conseguira manipular duas vezes o teste de ADN que fora ordenado pelo tribunal, e a queixa fora retirada. Só quando a sua mulher o denunciara à polícia por violar a filha do seu primeiro casamento é que foram recolhidas múltiplas amostras, incluindo esfregaços de saliva e folículos capilares. Dessa vez, o seu ADN correspondera ao ADN encontrado na primeira vítima de violação. Poe retomou a leitura e ficou a saber como o homem

o conseguira fazer. Tinha razão — tratava-se de uma solução de tecnologia muito simples. Brilhante, na sua simplicidade.

Poe comparou o método de Schneeberger com o seu próprio caso, passo a passo, para garantir que se enquadrava nos factos.

E enquadrava mesmo.

Tudo batia certo.

Tudo estava explicado.

Foi quando se fez luz. Olhou fixamente para Bradshaw.

— Mas isto significa...

— Sim, Poe — disse Bradshaw, compungida. — Sinto muito.

Capítulo 59

A tempestade conseguia ser mais estrondosa do que a guerra.

Era esse o pensamento de Poe enquanto olhava para lá da escada de incêndio do hotel. A chuva metralhava a terra. Os trovões eram feros, ensurdecedores e contínuos, como ouvir a estática na rádio no volume máximo. Os relâmpagos — nada parecidos com o ziguezaguear intermitente a que estava habituado — riscavam os céus com incessantes explosões de luz intensa que faziam da noite dia. Poe pensou que se assemelhavam mais a flashes de máquina fotográfica celestiais do que a relâmpagos, como se os próprios deuses não resistissem a fotografar a voragem espiralada aos seus pés. As árvores não se limitavam a balançar — como algas num remoinho, o vento vergava-as e esticava-as, testando os limites das suas raízes. Os ramos cobriam o parque de estacionamento como membros decepados.

Era a noite ideal para não sair de casa.

Poe apertou o casaco até cima, despediu-se de uma Flynn de rosto fechado e de uma Bradshaw aterrorizada, e saiu para a rua.

Wardle podia estar a perseguir um envelope almofadado na Escócia, mas nem todos os polícias de Cúmbria eram idiotas. Se

ele fosse avistado, seria imediatamente detido. Por isso, mesmo ao volante do *Land Rover* de Victoria, Poe receou usar as estradas principais.

Não tinha alternativa. Não as usar com aquele temporal levantaria suspeitas. As estradas mais secundárias estariam intransitáveis ou suficientemente perigosas para estarem a ser vigiadas pela polícia de trânsito.

Apanharia a M6.

A via com uma só faixa que saía de Shap Wells tinha-se transformado num ribeiro de corrente forte. Poe seguiu-o colina acima, contente por estar a conduzir um *Land Rover* e não o seu carro de aluguer. Os pneus de grandes dimensões cravavam-se na lama e nos detritos da estrada e impulsionavam o carro para a frente.

A visibilidade resumia-se a poucos metros. Mesmo na velocidade máxima, os limpa-para-brisas não davam conta da água que fustigava o vidro. Com mais sorte do que perícia, ele conseguiu chegar ao fim da via. Virou à direita para a A6 e pressionou o pedal até atingir uma velocidade constante de 50 quilómetros por hora. Alguns minutos depois, estava na autoestrada.

Aumentou a velocidade para 65 quilómetros por hora enquanto seguia para norte. Suficientemente lento para conseguir controlar a pressão do vento inclemente e evitar os detritos, e suficientemente veloz para ir galgando terreno.

Só teve um momento mais complicado. Um quilómetro e meio após a saída para Wigton, avistou as familiares sirenes azuis dos veículos de emergência. Parecia ser mais de um. Se fosse uma

operação com o intuito de o deter, tinham acertado na mosca. Estavam ainda muito perto da saída, a ponto de se juntarem reforços caso fosse necessário, mas também longe o suficiente para ele não os ter avistado antes de passar a saída da autoestrada.

Abrandou para os 50 quilómetros por hora.

E depois para os 30.

Não havia motivos de preocupação. Tratava-se de um camião capotado. Bloqueara a faixa de travagem de emergência, assim como a faixa da esquerda. O camionista estava desconsolado, sentado na parte de trás de uma ambulância enquanto ouvia um valente sermão de um polícia de trânsito sobre a loucura de conduzir veículos de caixa alta naquelas condições.

Poe suspirou de alívio, passou para a faixa da direita e esgueirou-se por entre os carros da polícia e as ambulâncias. Ninguém olhou duas vezes para ele.

Meia hora depois, já estava a virar para a saída 42. Mais um relâmpago rasgou os céus e iluminou o rio Petteril. Normalmente lânguido, nessa noite as águas transbordavam, impetuosas e tão lamacentas que parecia que o rio estava virado de pernas para o ar. Estava pontilhado por vórtices e arrastava à sua passagem vegetação, árvores arrancadas e, se Poe não estava enganado, o que parecia ser uma mesa de jardim.

Dez minutos depois, virou à direita na direção de Cotehill. Cinco minutos depois, entrou no parque de estacionamento vazio do Bullace & Sloe...

Capítulo 60

Poe deixou-se estar sentado no *Land Rover*. O parque de estacionamento estava vazio e o restaurante estava mergulhado na escuridão. Por momentos, pensou ter-se enganado — nem mesmo os gastrónomos mais convictos saíam de casa numa noite daquelas. Só quando se lembrou dos avisos do Instituto de Meteorologia sobre os cortes de energia é que decidiu ver com mais atenção.

Havia luz no interior. Era ténue e bruxuleante. O Bullace & Sloe estava iluminado por velas.

O restaurante estava aberto.

Era agora ou nunca.

Poe abriu a porta do condutor e pisou a gravilha molhada. Teve de proteger a cara da chuva implacável. Correu os cerca de 30 metros até à entrada e parou. O alpendre proporcionava alguma proteção contra a tempestade. Espreitou pelos vidros artisticamente pintados.

Jared Keaton estava sentado a uma mesa, sozinho.

Vestia um fato azul-claro. O colarinho subido e curto estava abotoado até ao pescoço. Um colarinho mandarim.

Beberricava um copo de vinho e lia aquilo que parecia ser a ementa. Ergueu os olhos e viu Poe. Não pareceu surpreendido.

Quando muito, contente. Fez-lhe sinal para entrar.

— Ah, Poe — disse Keaton, com um sorriso cordial. — Até que enfim que chegou. Já estava a ficar preocupado.

Apesar da monção, a boca de Poe estava seca como um deserto. Tentou aclarar a garganta, mas o resultado foi uma tosse roufenha. Olhou em volta. Um empregado impecavelmente vestido encontrava-se parado a um canto. De resto, estavam apenas eles os dois.

— Vai jantar sozinho hoje, Jared? — As suas palavras eram roucas. Pegou na garrafa de água que estava numa mesa ali perto, tirou a tampa e levou a garrafa aos lábios, bebendo um longo gole.

Keaton não perdeu o sorriso.

— Tenha calma, meu caro. — Empurrou um copo de vinho vazio na direção de Poe. — Se tem sede, beba um copo de vinho.

Poe continuou a beber da garrafa.

Keaton levantou a mão e o empregado aproximou-se deles.

— Enche o copo do inspetor Poe, por favor, Jason.

— Sim, *chef* Keaton.

Jason encheu o copo com vinho branco. Poe não lhe tocou. Keaton encolheu os ombros. Olhou para as calças de ganga cheias de lama de Poe e para as suas botas encharcadas, o cabelo que se colava à testa e a água da chuva que pingava das suas roupas para o piso em mosaico.

— Parece estar a testar os limites do nosso código de indumentária, inspetor Poe. — Olhou fixamente para Poe antes de esboçar um sorriso escarninho. — Estou a brincar. Hoje vamos ter um jantar privado, daí estar sozinho, por isso pode vestir o que

quiser. — Indicou a cadeira à sua frente.

Poe puxou a cadeira e sentou-se. Pegou num guardanapo de pano e usou-o para enxugar o máximo de água do cabelo. Keaton observou-o num silêncio estupefacto.

Quando Poe terminou, Keaton voltou a chamar o empregado.

— Avisa a *chef* de que vamos ser dois a jantar, por favor.

— Sim, *chef* Keaton.

O empregado saiu da sala.

— Não vou ficar, Keaton — disse Poe.

— Veio falar comigo, verdade? — Poe anuiu. — Então, terá de jantar comigo. Recuso-me a conversar de estômago vazio. — Poe não respondeu. — Julgo saber que almoçou aqui recentemente.

— É verdade.

— Posso garantir-lhe que o que comeu nesse dia não se compara com o que vai comer hoje. A minha antiga mentora, a *chef* Jégado, veio de carro de Paris para cozinhar para mim hoje. Um mimo especial depois de tudo aquilo por que passei.

Poe franziu o sobrolho. As coisas não estavam a correr conforme o esperado.

— Muito bem, mas apenas um prato. Não vou voltar a comer 15 pratos.

— Combinado. — Keaton esboçou o que parecia ser um sorriso de genuíno prazer.

— Porque é que...?

Keaton ergueu a mão.

— Depois de comermos, inspetor Poe. Só depois de comermos.

Poe desistiu. Era óbvio que Keaton não abdicaria dessa condição. Não quando estava a divertir-se tanto. Decidiu beber

um gole do vinho que Jason servira. Raramente bebia vinho, por isso duvidava que fosse capaz de distinguir um bom vinho de um vinho excelente. Aquele não parecia mau. Era diferente de tudo o que já bebera.

— Onde arranjou este vinho? — Mais valia fazê-lo falar sobre alguma coisa.

— O meu fornecedor adquiriu este vinho numa vinha em França há quase dez anos. Não foi barato, mas a verdade é que as coisas boas da vida nunca são.

Poe não conseguiu pensar numa resposta, e a sala mergulhou num silêncio constrangedor.

Foi Keaton quem o quebrou.

— Sabe do que mais senti falta nestes últimos seis anos, inspetor Poe?

— Da sua filha?

Keaton sorriu e abanou o dedo em jeito de admoestação.

— Flores frescas — respondeu. Fechou os olhos e inspirou fundo. — Compõem mesmo uma sala, não acha? — Poe olhou em volta da sala de jantar. O brilho sinistro das velas ocultava-as parcialmente, mas havia de facto muitas flores espalhadas pela sala. Não se lembrava de serem tantas quando ele e Bradshaw ali tinham comido. — E graças a leis de trabalho infantil cada vez mais abusivas, são surpreendentemente económicas — acrescentou Keaton, com um sorriso. Voltou a inspirar fundo. — O perfume da miséria humana. A metáfora perfeita para o que nos traz aqui hoje, não concorda, inspetor Poe? — Antes de Poe poder responder, a porta da cozinha abriu-se. — Ah, excelente! Aqui está o primeiro prato. — O empregado aproximou-se com

dois tachos de cobre. Ainda estavam a crepitar. — Tenho a certeza de que vai gostar. É uma ave canora chamada sombria. A *chef* Jégado trouxe-as ela própria de Paris e há coisa de 15 minutos afogou-as em brandy...

Capítulo 61

Assim que ele surgiu por debaixo do guardanapo, com sangue e gordura a escorrer pelos lábios, Poe decidiu que aquela era a melhor altura para apanhar Keaton desprevenido.

— Identificámos a rapariga que alegou ser a sua filha, Jared. — O sorriso de Keaton vacilou, mas ele recuperou rapidamente. — Chloe Bloxwich. É a filha de um recluso com quem partilhou a ala no estabelecimento prisional de Pentonville.

— Não me diga.

— E sabemos onde está o cadáver da sua filha.

Keaton abriu os braços.

— E que sítio é esse?

Poe olhou fundo nos seus olhos antes de responder.

— Um abrigo de observação nuclear do Royal Observer Corps abandonado, nos arredores da aldeia de Aiketgate.

Ali estava!

O pulsar de uma pálpebra. Foi tão rápido que podia ter-lhe passado despercebido.

Conseguiu apanhá-lo de surpresa.

Mas Keaton recuperou rapidamente. O choque esmoreceu, sendo substituído pelo charme fácil. Olhou em volta com trejeitos exagerados.

— Não está a falar com um simplório, Poe — disse. — Está aqui sozinho, o que significa que o seu mandado de detenção ainda deve estar em vigor. Por isso, presumo que esteja aqui para... me convencer a confessar alguma coisa? Talvez esteja a gravar esta conversa.

— Não preciso que confesse, Keaton. Sabe tão bem como eu que quando encontrarmos o abrigo, e vamos encontrá-lo, descobriremos os restos mortais da sua filha e os restos mortais do homem que lho mostrou.

Keaton descontraíu ligeiramente.

— Na verdade, sei umas coisas sobre abrigos do ROC desativados. Mesmo que tivesse uma lista com a sua localização, aquele que afirma procurar não constaria dessa lista.

— O chamado «abrigo perdido».

— Vejo que tem andado ocupado, inspetor Poe.

— Vamos encontrá-lo.

— Mas julgo saber que em breve será detido. — Poe não disse nada. Provavelmente, era verdade. — E, quando resolver os seus problemas legais iminentes, já eu terei sido ilibado do crime de que você vai ser acusado: o homicídio da Elizabeth.

— Não trabalho sozinho, Keaton. Tenho uma equipa de analistas a quem posso recorrer. E agora temos uma lei de dupla incriminação. Pode ser julgado duas vezes pelo mesmo crime.

— Que bom para vocês. Mas o abrigo de que fala não consta de nenhum registo. O Governo não é capaz de confirmar a sua existência e os peritos têm a certeza de que nunca existiu. E, mesmo que a sua equipa persista em procurá-lo, trata-se de uma caixa de betão que esteve enterrada durante 70 anos. Num

condado com as dimensões do nosso, mil homens podiam procurar durante mil anos e mesmo assim nunca dar com ele. Admita, Poe, não há abrigo algum.

Poe manteve-se em silêncio durante alguns instantes.

— É capaz de ter razão, Keaton. Esse abrigo pode nunca vir a ser encontrado. — Keaton sorriu como um homem que tem todos os trunfos na mão. — Mas, durante as minhas indagações, conheci um homem que serviu no ROC. — Poe pegou no copo e bebeu o vinho de um trago. — Muito falador e conhecedor desta matéria. Ensinou-me muitas coisas sobre esses tais abrigos. — Poe fez uma pausa. — E também conhecia o Les Morris. — Keaton retesou os músculos. — Quer saber o que ele me disse? — Keaton anuiu. — Disse-me que o Morris não era um amante da vida ao ar livre. A mulher dele confirmou. Assim como a *chef* a quem ele tentou vender as trufas primeiro.

A irritação toldou o rosto de Keaton. Poe não sabia se era por ele estar a chegar muito próximo ou se por o Bullace & Sloe não ter sido a primeira escolha de Morris.

— O que podemos concluir de tudo isto? — perguntou Poe.

— Sou todo ouvidos, inspetor Poe.

— Bem, podemos concluir que deve haver um rasto de papel que desemboca no abrigo perdido. Seria impossível que o Sr. Morris o tivesse encontrado se assim não fosse.

Keaton descontraiu.

— Já lhe disse que não há registo... — Calou-se subitamente. — Já percebi o que está a fazer, inspetor Poe. Não me vou incriminar. «Porque andaria ele à procura de abrigos do ROC?» Seria uma pergunta válida para o Ministério Público fazer no meu

novo julgamento.

— Já vi que deposita uma grande confiança na burocracia do Governo, Keaton. Na realidade, eles perderam o rasto a este abrigo.

Keaton encolheu os ombros e sorriu.

— Eu disse-lhe, inspetor Poe, mil anos. É o tempo que teria de procurar. Tem mil anos?

— Mas o que o membro do ROC também me disse foi que, apesar de o Governo ter supervisionado a construção dos abrigos, a execução da obra foi feita por empreiteiros locais. — O sorriso de Keaton resvalou. Era óbvio que ele não sabia disso. — E o que me parece que aconteceu foi o seguinte: o Sr. Morris procurou nos arquivos das construtoras locais que operavam na década de 50 até encontrar exatamente aquilo que procurava: a fatura do «abrigo perdido». — O desconforto no fundo dos olhos de Keaton aumentou. — E amanhã bem cedo uma equipa dos meus analistas vai deslocar-se ao Serviço de Arquivos do Condado da Cúmbria. Já temos um mandado. Se foi assim que o Sr. Morris encontrou o abrigo, teremos a localização até ao final do dia.

Os olhos de Keaton perderam o foco. Parecia estar a considerar as suas opções. Durante um minuto, nenhum dos dois disse uma palavra.

— É uma história interessante — disse ele, por fim. — Mas, infelizmente, vamos ter de ficar por aqui. Parece que temos companhia. — Poe virou-se para trás. Rigg e um polícia fardado estavam parados à porta. Virou-se para Keaton. — Foi por pouco. — Keaton instou Rigg a entrar.

Rigg aproximou-se da mesa.

— Senhor, vou pedir-lhe que me acompanhe.

Poe, aturdido, procurou uma saída. O empregado e a *chef* francesa de Keaton ainda estavam na cozinha, por isso travariam a sua fuga.

O agente que estava com Rigg já tinha o bastão a postos.

— Não faça nenhum disparate — disse Rigg.

— Tarde demais — rosnou Poe. Agarrou na garrafa de vinho pelo gargalo e brandiu-a como um bastão. O vinho escorreu-lhe pela camisa ainda molhada. Por instantes, ninguém se mexeu. — Têm de me deixar explicar! — sibilou Poe, com os olhos postos no bastão do polícia fardado.

— Terá a oportunidade de explicar tudo amanhã — retorquiu Rigg.

O polícia fardado deslocou-se para a esquerda de Poe. Este acompanhou o movimento com a garrafa em riste.

A porta da cozinha abriu-se. O empregado entrou na sala. Segurava uma bandeja de ostras. Viu aquela cena e deixou cair a bandeja metálica com o susto. Cubos de gelo espalharam-se pelo piso de mosaico.

Era a distração de que eles precisavam. O polícia fardado atirou-se às pernas e Rigg atirou-se à cara. O bastão ceifou os joelhos de Poe e o punho de Rigg acertou-lhe no queixo.

Poe caiu de joelhos e, em seguida, tombou no chão.

Quando recuperou os sentidos, já estava algemado atrás das costas. Tentou debater-se, mas o polícia fardado cravou-lhe um joelho nas costas e comprimiu-lhe a cabeça contra os mosaicos. Poe sentiu o frio na cara.

Só Keaton não estava ofegante.

Rigg inclinou-se para Poe.

— Washington Poe, está detido por suspeita de homicídio. Pode permanecer em silêncio, mas tenha em consideração que será prejudicial para a sua defesa se não referir, quando interpelado nesse sentido, factos que venham a ser provados em julgamento. Tudo o que disser pode ser considerado prova em tribunal.

Keaton levantou-se. Esvaziou o copo de vinho e aproximou-se deles, olhando de cima para Poe.

— Mas como...?

— Chamei a polícia assim que chegou — disse Keaton. — Ganhei, inspetor Poe.

Poe soltou um gemido e fechou os olhos. Não aguentava olhar para a cara de Keaton nem mais um segundo.

Capítulo 62

O polícia fardado empurrou Poe até ao carro-patrolha que os aguardava e atirou-o para o banco de trás. Em seguida, sentou-se ao volante e ficou à espera de Rigg, que estava a esclarecer algumas dúvidas com Keaton. Este gesticulava de forma teatral. Rigg fazia os possíveis para acalmar o *chef* irado. Depois, juntou-se ao colega no carro. Assim que fechou a porta, arrancaram.

O pior da tempestade Wendy já passara. Os relâmpagos, os trovões e a ventania — tudo amainara. A chuva já caía na vertical e não ao sabor do vento. A viagem desta vez foi mais curta.

Um quilómetro e meio depois, o carro abrandou e parou. Rigg virou-se para trás.

— Vamos pedir a alguém para ir buscar o seu *Land Rover* amanhã, Poe.

Poe esfregou o queixo, que deu um estalido. Sentia o sabor a sangue na boca.

— Tinha de me bater com tanta força?

— Você é que disse que queria que parecesse realista.

Estendeu o braço e abriu as algemas.

Poe fletiu os pulsos para fazer o sangue circular. Olhou para o condutor.

— E você, qual foi a ideia do bastão nos joelhos? Doeu como o

caraças!

— Desculpe, inspetor. O Andy disse para lhe dar uma bastonada se pegasse numa arma. São as normas.

— Tem razão — anuiu Poe.

O sorriso de Rigg desapareceu.

— Acha que ele acreditou?

Poe suspirou.

— Raios me partam se sei.

— Deve ser um fartote de rir lidar com o Poe, inspetora-chefe Flynn — disse Rigg.

Estavam os dois no bosque que Poe descartara inicialmente. O quarto bosque. O que estava coberto de vegetação rasteira e arbustos e que ficava a quilómetros de tudo. O que parecera não bater certo no início fazia agora todo o sentido. Ele só não sabia porquê.

Por vezes, temos de seguir os nossos instintos.

Flynn tinha ido ter com eles depois da detenção encenada. Poe preferira dividir os quatro bosques por todos, mas uma das condições de Rigg fora nunca o perder de vista. Se a noite não trouxesse o resultado desejado, Rigg dar-lhe-ia voz de prisão a sério. Poe não tinha alternativa senão concordar com as condições. E Flynn fazia tenção de estar com ele, caso a situação chegasse a esse ponto. Não queria que passasse por aquilo sozinho.

Polícias da confiança de Rigg estavam nesse momento a bater os outros três bosques.

Horas antes, depois de Bradshaw ter descoberto como a análise ao sangue podia ter sido manipulada, a realidade abatera-se sobre eles. Sabiam de tudo, mas não podiam provar nada.

As opções eram limitadas.

Podiam ir falar com Wardle, contar tudo o que sabiam e esperar que ele colocasse as suas ambições pessoais de parte em prol da verdade dos factos. Poe não gostou dessa opção. Naquela fase do inquérito, Wardle não daria ouvidos à razão. Tinha demasiado a perder.

Podiam solicitar fundos de vigilância e operar em Cúmbria sem o conhecimento da chefe da polícia. Flynn não gostou dessa opção. O condado fora usado como centro de treino de terroristas no passado, e a NCA não se podia dar ao luxo de pôr de lado a polícia de Cúmbria — como sempre, os conhecimentos locais eram fulcrais para a recolha de informações.

Bradshaw queria que Poe continuasse escondido na quinta de Victoria enquanto ela e Flynn tentavam encontrar o abrigo, antes que Keaton arranjasse maneira de destruir as provas. Essa era a ideia que menos agradava a Poe. Se tivesse de ser preso, não seria enquanto estivesse escondido num buraco como um ditador destituído.

Nenhuma das opções satisfazia.

— Está tudo contra nós — disse Poe. — Não podemos ganhar este jogo. Está viciado.

A expressão de Flynn mudou. Parecia estar a ouvir algo na sua mente. Por fim, disse:

— Nesse caso, vamos mudar as regras do jogo. É assim que vamos ganhar.

Poe olhou fixamente para ela.

Mudar as regras...

É claro que era isso que deviam fazer. Estavam a braços com o criminoso menos convencional com que alguma vez se haviam deparado. As regras normais não se aplicavam.

Tinham de ir ainda mais longe — mudar apenas as regras não seria suficiente. Aquele ainda seria o jogo de Keaton. Ele continuaria a ter os trunfos mais altos.

Mas e se não fizessem o jogo de Keaton?

E se fizessem o seu próprio jogo?

E se naquela noite fizessem um jogo de desorientação?

Foi assim que Flynn ligou a Rigg, pedindo-lhe que fosse ter com ela a Shap Wells. Disse-lhe que não se arrependeria. Wardle estava na Escócia a perseguir o BlackBerry de Poe, por isso Rigg conseguiu ir sozinho ao encontro.

Quando Rigg viu Poe, tentou detê-lo. Poe não ofereceu qualquer resistência.

Poe não se enganara em relação a Rigg. À medida que o inquérito avançava, ele começava a duvidar cada vez mais da inocência de Keaton e a estranhar que ninguém a pusesse em causa. O rumo seguido por Wardle e a sua recusa terminante em ponderar outras teses não lhe agradavam, a ponto de estar disposto a desrespeitar as hierarquias.

Afinal de contas, era um profissional demasiado competente para não ter ideias próprias.

Por isso aceitou ouvir o que eles tinham para dizer.

Bradshaw começou.

Começou por lhe explicar a sequência de acontecimentos: a refeição no Bullace & Sloe que os levou a Jefferson Black; a tatuagem em falta; a identificação de Chloe Bloxwich; as trufas e o abrigo; e, por fim, a explicação da possível manipulação da análise ao sangue.

Rigg reconheceu que eram argumentos convincentes. Também confirmou o que eles já sabiam: sem provas, não passava de uma boa tese.

— Presumo que estou aqui porque precisam de que faça alguma coisa — disse Rigg. — O quê?

— Não vai gostar disto — disse Poe.

Tinha razão.

Rigg não gostou.

Era uma vigilância invulgar. Por norma, o suspeito era vigiado desde o momento em que era identificado até lhe ser dada voz de prisão.

Nada no caso de Keaton era normal. A vigilância aérea — a forma mais segura de seguir um suspeito em zonas rurais — estava fora de questão. Não tinham autorização para tal, e, mesmo que tivessem, a tempestade Wendy obrigara todos os helicópteros e aviões ligeiros a ficar em terra.

A vigilância terrestre também não era uma opção. À luz do dia, se fossem em número suficiente, podiam usar carros. Mas até isso seria arriscado. As estradas rurais eram como tocas de coelhos. Algumas nem sequer surgiam no mapa. Caso se aproximassem em demasia, podiam ser avistados pelo alvo. Se ficassem muito para trás, perdiam-no. À noite, era impossível.

Com os faróis ligados, os carros de vigilância destacam-se como preto no branco.

Poe arriscara, confiante de que Bradshaw identificara todos os bosques plausíveis. Apesar de estarem no pico do verão e de os dias serem compridos, desta vez a tempestade Wendy estava a ajudar. As nuvens eram densas e baixas, e proporcionavam uma escuridão fora de época.

O condutor de Rigg deixara-os o mais perto que conseguira, mas ainda tinham quase um quilómetro de terreno agreste e escorregadio para percorrer antes de chegarem ao bosque elevado. O vento amainara e as bétulas prateadas erguiam-se a direito. Àquela luz ténue, a casca parecia luzir.

O bosque não era muito grande, mas era guardado por um anel de tojos. As bétulas estavam bem espaçadas entre si e as copas deixavam passar luz suficiente para que a vegetação rasteira crescesse forte e viçosa. À distância, parecia ser impenetrável, mas mais ao perto Poe percebeu que não era assim. Carreiros naturais, provavelmente abertos por ovelhas em busca de abrigo no inverno, irrompiam pelas silvas e espinheiros.

Poe, que preservava a visão natural de um antigo soldado de infantaria, depressa encontrou um sítio que lhe agradou. Ficava mesmo no meio de um arbusto sem espinhos que ele não conseguia identificar. Fornecia uma cobertura adequada. Começou a abrir uma clareira suficientemente grande para caberem os três. Quando viram o que ele estava a fazer, Rigg e Flynn ajudaram.

Em menos de cinco minutos, tinham terminado. Agora, só lhes restava esperar.

O tempo passava muito lentamente. Fazia lembrar a expressão usada pelo exército britânico: «Despacha-te e espera.»

Estavam naquele bosque há três horas e, à exceção de apanharem uma valente molha, não acontecera nada. Quando já passava da meia-noite, a tempestade já cessara por completo. A noite estava quente, silenciosa e húmida. A terra, molhada; e o ar, ionizado. Além do som dos pingos da chuva a caírem das folhas e do ocasional bater de asas invisíveis, reinava um silêncio sepulcral. A luz ténue fora substituída por uma escuridão suficientemente cerrada para bloquear as silhuetas. Era desnorteador e opressivo. A humidade tornou-se cada vez menos suportável. Poe sacudiu a camisa para criar uma brisa, mas o suor e a chuva escorriam-lhe pelas costas.

— Isto é um desperdício de tempo — sussurrou. Estava nervoso. Começava a sentir espasmos nos músculos do pescoço. Não tinham margem para erro. Se estivessem a vigiar o bosque errado, ou se Keaton conseguisse combater o nervosismo, era o fim da linha.

— A única coisa que desperdiçámos até agora foi o combustível de Sua Majestade — sussurrou Rigg. — Dê-lhe tempo. Sabe que estas coisas nunca correm exatamente como esperamos.

No entanto, uma hora depois, os seus piores medos tornaram-se realidade.

Capítulo 63

O telemóvel de Rigg começou a vibrar. Ele tapou o ecrã e sussurrou.

— Repita, por favor.

De alguma forma, Poe sabia que o telefonema era sobre si.

Rigg baixou a mão e o ecrã iluminou-lhe a cara. Os sulcos na sua testa eram ainda mais pronunciados. Os seus olhos reluziam. Terminou a chamada e o bosque voltou a mergulhar na escuridão.

— Era da sede. O inspetor-chefe Wardle está a voltar da Escócia neste momento. Apesar de já contarmos que o Keaton nos ligasse quando chegou ao Bullace & Sloe, o tipo que estava na sala de controlo não tinha sido informado e pensou que se tratava de uma detenção efetiva, e inseriu-a no sistema. Um dos elementos da equipa do Wardle estava a fazer serão, recebeu um alerta e ligou-lhe.

Poe fez um esgar.

— Ele não tentou ligar-lhe? — perguntou Flynn.

— Provavelmente, mas hoje só tenho o meu telemóvel pessoal. O inspetor Wardle não tem este número, nem eu quero que tenha.

— O Wardle tinha algum recado para si?

— Devo detê-lo até à sua chegada. Quer ser ele a dar-lhe voz de

prisão. — Poe abanou a cabeça. Estavam tão perto... — Mas há pior — acrescentou Rigg. Poe não via o que podia ser pior. Preparou-se para o que ia ouvir. — Ele mandou retirar todas as equipas de vigilância. À exceção deste bosque, nenhum dos outros está a ser vigiado.

Foda-se!

Poe tinha vontade de gritar, mas contentou-se em esmurrar uma árvore. Levou a mão à boca e chupou o sangue dos nós dos dedos. Flynn pôs-lhe a mão no ombro.

— Quais são as suas intenções, agente Rigg? — perguntou-lhe.

— O inspetor-chefe Wardle está do outro lado de Dumfries. Significa que está a pelo menos uma hora de caminho. Ele quer que o detenha, mas não me disse onde. Cá para mim, este sítio é tão bom como qualquer outro.

Poe suspirou de alívio. Ainda tinham uma hipótese.

Poe aguardou. O tempo — praticamente inerte antes da chamada — começou a correr mais depressa do que os rios cheios por que haviam passado a caminho do bosque. Voltou a consultar o relógio. Tinham passado dez minutos desde a última vez que ele o consultara.

Tentou calcular onde estaria Wardle. Pensou que, durante o tempo que Rigg demorara a explicar-lhes a situação, ele podia ter chegado à circunvalação de Dumfries. Conseguia imaginá-lo — Wardle, agarrado ao volante, com os olhos postos na estrada enquanto acelerava cada vez mais, o ódio a Poe a fazê-lo ignorar as condições de condução perigosas.

Rigg calculou que demoraria uma hora. Mas Poe achou que ele

estava a ser generoso. Duvidava que tivesse mais de 40 minutos.

O tempo continuou a andar.

Voltou a consultar o relógio.

Mais dez minutos passados.

O desânimo fazia-se sentir cada vez mais.

Keaton sairia vencedor.

O telemóvel de Rigg vibrou novamente. Desta vez, nem se preocupou em tapá-lo. Mostrou-lhes o ecrã. Tinha escrito «Anne».

— Rigg.

Ficou à escuta.

— Repete lá isso, Anne. — Não fez o menor esforço para falar baixo. Em seguida, tapou o microfone e disse: — A Anne Hawthorne é uma das agentes que destaquei para fazer vigilância. Também é minha companheira, por isso cuidado com o que lhe dizem. — Afastou a mão do microfone. — Importas-te de dizer à inspetora-chefe Flynn e ao inspetor Poe o que acabaste de me dizer, Anne? Estás em alta-voz.

A sua voz débil ganhou volume no bosque silencioso.

— Estou à porta da casa do alvo, conforme as instruções que recebi.

Para Poe e Flynn aquilo era um pouco confuso.

— Pensei que o inspetor-chefe Wardle tivesse mandado retirar todos os agentes da operação de vigilância, agente Hawthorne — disse Flynn.

— Ah, sim? Não recebi essa mensagem. Devo estar com problemas no rádio. — Poe tinha a certeza de que ela estaria a sorrir. Se escapasse ileso daquela situação, ficaria a dever um

copo a Anne Hawthorne. — Seja como for, mesmo que tivesse recebido a mensagem, coisa que não aconteceu, assim que o inspetor-chefe Wardle cancelou a operação de vigilância, eu larguei o serviço. Ele não tem nada que ver com o que faço no meu tempo livre.

— Podes repetir o que me disseste? — pediu Rigg.

— O alvo está em movimento. Saiu menos de 30 segundos antes de eu vos ligar.

Fez-se um silêncio atordoadado.

Estava a acontecer.

Agora.

Só que... Só que Wardle ia chegar primeiro.

Flynn disse que podia ficar para trás enquanto Poe ia para a esquadra de Carlisle com Rigg.

— Pelo menos a vigilância não vai ser posta em causa.

Era uma boa ideia, e Poe verbalizou isso mesmo.

Rigg concordou. Com uma pequena alteração. Então, disse a Anne:

— Podes ligar para a sede? Diz-lhes que vou levar o Poe para a esquadra de Kendal, não para Carlisle. Ah, e diz-lhes que fiquei sem bateria, por isso não estarei contactável até lá chegar.

— Com todo o gosto — respondeu ela, antes de desligar.

— Isso vai dar-nos algum tempo — disse Rigg, de expressão fechada. — Não vou sair daqui. Para o bem e para o mal, estamos juntos nisto.

Poe expirou lentamente. Era o problema de chefes como Wardle, que exigiam lealdade que nada haviam feito por merecer: só tinham direito a uma versão superficial dessa lealdade. Os

agentes não os respeitavam. Na primeira oportunidade que tinham de os lixar, faziam-no. E aquela era uma boa solução — obrigando-o a passar por Carlisle e a seguir para Kendal, Rigg acrescentara mais uma hora à viagem de Wardle. Quando percebesse que tinha sido enganado, de uma forma ou de outra, já tudo estaria acabado.

Eles tanto podiam ter escolhido o bosque certo como não.

Ouviram a porta do carro a fechar.

Poe preparou-se. Havia inúmeras razões para uma pessoa escolher sair do carro naquela zona, àquela hora da noite, com aquele tempo. Um pneu furado, uma necessidade imperiosa de urinar, sexo desenfreado.

Tudo isso era possível.

Só que não.

Não naquele contexto.

Eles sabiam que a porta do carro a fechar assinalava o início do fim.

Alguém se aproximava.

O som provinha do sítio onde eles próprios tinham sido deixados. Fazia sentido. Tinham feito o caminho mais curto, e quem quer que fosse que se aproximasse estava a fazer o mesmo.

O campo que tinham atravessado para chegar ao bosque era composto predominantemente por ervas macias que serviam de pasto às ovelhas. E, por causa do dilúvio, não faziam barulho ao serem pisadas. Durante 10 minutos, não ouviram nada.

Até que... alguém acendeu uma lanterna. Estava próxima e era extremamente brilhante. Poe sentiu que Flynn e Rigg retesaram

os músculos. O seu couro cabeludo ficou tenso. Colou-se ainda mais à vegetação rasteira. Os outros imitaram-no.

Então, a lanterna incidiu à esquerda e à direita, varrendo os tojos protetores.

Em seguida, incidiu sobre o bosque. Feixes fraturados de luz cortavam as árvores como um laser.

Cada vez mais próximo.

Vinte metros mais à frente, imobilizou-se. Tinha sido pousada em cima de qualquer coisa.

Alguém resfolegou. Não viam o que se estava a passar, mas parecia que alguém estava a afastar lama e folhas.

A escotilha do abrigo estava a ser limpa.

— Agora? — sussurrou Rigg.

— Ainda não — respondeu Poe. — Vamos esperar até que a escotilha seja aberta.

— Muito bem. À sua ordem.

Poe tentou calcular o que se estava a passar 20 metros mais à frente. Tentou perceber que quantidade de terra e folhas haviam sido usadas para ocultar a entrada do abrigo. Pouca, certamente. Não seria necessário. O bosque era isolado e praticamente impenetrável.

Dois minutos depois, ouviu-se um som metálico e um baque sólido. Sentiram um leve odor pútrido e sinistro.

Era agora ou nunca.

Poe saltou dos arbustos e ligou a sua lanterna. Apontou-a diretamente para a cara da pessoa que segurava um jerricã vermelho com combustível. Ouviu-se um grito de surpresa. Rigg e Flynn correram na sua direção de algemas em punho. A pessoa

não ofereceu resistência.

— Queria muito não ter razão neste ponto — disse Poe.

A pessoa que Rigg e Flynn tinham detido não era Jared Keaton.

Era Flick Jakeman, a médica-legista.

UMA SEMANA DEPOIS

Capítulo 64

Poe, Flynn e Bradshaw assistiram a uma transmissão em direto do interrogatório a Jared Keaton. Era um caso da polícia de Cúmbria, por isso fazia todo o sentido que fossem eles a encabeçá-lo. Estavam em Durrannahill, o centro de comando da área norte de Carlisle e a maior esquadra policial de Cúmbria. A sala de interrogatório era moderna e espaçosa.

A porta abriu-se e o superintendente Gamble entrou na sala. Acenou a Poe.

— O que se passa?

— O agente Rigg está a fazer o trabalho de sapa.

— O Keaton continua sem falar?

Poe assentiu.

— Não parece muito preocupado.

Poe não comentou. Era verdade. Keaton não transparecia qualquer sinal de preocupação.

— Como é que o Wardle viu o seu regresso?

Gamble sorriu.

— Já alguma vez viu um reitor no momento em que descobre que um dos seus professores é um pedófilo?

— Já.

— Foi assim.

— Como está a Chloe Bloxwich?

A cara de Gamble fechou-se.

— Continua nos cuidados intensivos. Acreditam que, se tivessem demorado mais três horas, ela teria morrido. Os médicos dir-nos-ão quando ela estiver a salvo. Vamos pedir ao Ministério Público que considere acusar o Keaton de tentativa de homicídio, além de tudo o resto.

Quando a escotilha fora aberta e Flick Jakeman fora detida, Poe descera para dar uma vista de olhos ao interior do abrigo. Queria confirmar as suas suspeitas. Os restos mortais desmembrados de Elizabeth e o cadáver ressequido de Les Morris estavam lá em baixo. Também encontrara Chloe Bloxwich. Moribunda e a alternar entre a consciência e a inconsciência.

Poe certificara-se de que Flick Jakeman era obrigada a esperar enquanto os bombeiros e a equipa de salvamento retiravam Chloe do abrigo e os paramédicos prestavam os primeiros socorros de emergência. Ele precisava que ela visse aquilo que ajudara a fazer.

Assim que vira Chloe, ela colapsara aos gritos.

— A Chloe já disse alguma coisa? — perguntou Poe a Gamble.

— Muito pouco — respondeu ele. — Mas a miúda está toda queimada. Começou a descarrilar quando a mãe morreu de cancro há uns anos. Parece que o pai gostava muito dela, mas não era capaz de o expressar. Ele queria que ela fosse contabilista; ela quis ser rebelde e tornou-se atriz. Vivia do dinheiro que a mãe lhe dava. Quando esta morreu, a Chloe envolveu-se com um traste que a viciou em heroína. Entrou numa fase de automutilação. Não conhecia a Elizabeth ou o Keaton. Nunca conheceu nenhum dos dois. Mas teve a infelicidade de se parecer com a Elizabeth numa

fotografia que o Keaton encontrou na cela do pai. Desempenhou o papel dela para a câmara da polícia e foi parar àquele abrigo ainda antes de você chegar.

Foi *aprisionada* naquele abrigo, emendou Poe em silêncio. A escada original do abrigo não tinha sido montada — teria sido levada pelos empreiteiros da obra ou requisitada para outro fim —, por isso Morris usara uma escada de enrolar de escalada para entrar e sair. Certamente, prendê-la-ia ao anel de ferro que estava junto à escotilha e que serviria esse propósito. Poe supunha que, depois de Morris ter mostrado o abrigo a Keaton, este teria subido cá para fora e trocado os pontos de fixação da escada do anel de ferro para a parte interior da escotilha. Em seguida, tê-la-ia fechado, trancando Morris no interior. O peso do seu corpo manteria a escotilha fechada. Como a escada estava pendurada na própria escotilha, ele nunca teria conseguido subir e empurrá-la em simultâneo.

Mesmo que o seu corpo tivesse sido descoberto, pareceria simplesmente que ele cometera um erro trágico. O médico-legista decretaria um «óbito por infortúnio» num piscar de olhos.

Chloe Bloxwich dera por si na mesma situação — enterrada num abrigo e impossibilitada de fugir ou gritar por ajuda. Após o recobro, passaria algum tempo na prisão por obstrução à justiça. Mas do que ela precisava mesmo era de um psiquiatra.

— Ela já falou com o pai? — perguntou Poe.

Gamble franziu o sobrolho.

— Sim. A prisão autorizou um telefonema. Porquê?

— Por nada — disse Poe, voltando a concentrar-se no monitor.

Rigg estava a mostrar a Keaton uma fotografia que fora tirada

no interior do abrigo...

Era o local de crime mais complexo que qualquer um deles já tinha visto. Depois de Chloe Bloxwich ter sido resgatada, Flynn voltara a selar a escotilha e aguardara que Rigg contactasse todos os recursos da polícia de Cúmbria. Não tardara muito até que o bosque estivesse iluminado como Glastonbury.

O patologista forense no local era o mesmo que mudara de opinião sobre a quantidade de sangue que fora derramado na cozinha do Bullace & Sloe seis anos antes. Rigg dissera-lhe para desaparecer.

Por fim, e por especial favor a Poe, Estelle Doyle conduziu desde Newcastle para supervisionar o local do crime. Munidos de fatos de proteção, ela e a equipa demorariam dois dias a retirar o cadáver de Les Morris e os restos mortais desmembrados de Elizabeth Keaton do inferno em que se tornara o abrigo de observação nuclear do ROC.

No caso de Les Morris, o processo foi simples. Bem, tão simples como seria num abrigo subterrâneo com paredes de betão a cair, material biológico perigoso em todas as superfícies e com os elementos do CSI a terem de fotografar tudo aquilo em que tocavam ou queriam deslocar. Morris estava em avançado estado de decomposição, mas a pele mantivera a estrutura óssea intacta, pelo que pôde ser retirado todo de uma vez e sem incidentes.

O resgate dos restos mortais de Elizabeth fora mais complexo. O seu corpo estava espalhado por 43 sacos de *sous-vide* distintos, alguns dos quais tinham rebentado ou estavam a vazar líquidos pútridos e perigosos. Estelle Doyle recolhera cada um deles

cuidadosamente. Enquanto outros elementos da sua equipa vomitavam, ela não mostrava sinais de nojo ou desagrado.

Doyle levava depois os dois corpos para Newcastle para realizar os exames *post mortem*.

Não demorara muito a determinar que Les Morris morrera de desidratação. Também tinha um tornozelo partido, quase de certeza por ter caído da escada durante uma tentativa vã de sair do abrigo. Os seus exames *post mortem* levaram seis horas.

Os de Elizabeth levaram três dias.

Estelle Doyle tivera de abrir cada um dos sacos de *sous-vide* — que eram, por si só, locais de crime que tinham de ser manuseados como tal — antes de determinar de que parte do corpo se tratava. Mesmo para um perito em anatomia humana, que era seguramente o caso de Doyle, teria sido um quebra-cabeças complicado de montar, mas como a carne de Elizabeth se tinha desfeito e liquefeito, e os seus ossos e cartilagens eram agora macios e esponjosos, revelara-se quase impossível. Um patologista comum não saberia por onde começar.

Ao terceiro dia, ela chamara Poe, Flynn, Rigg e o regressado superintendente Gamble à sua morgue em Newcastle. Dispusera os restos mortais de Elizabeth sobre uma marquesa de aço inoxidável.

Durante uma hora, enquanto eles estavam por trás do vidro da sala de observação, ela expusera cuidadosamente o que acontecera.

Elizabeth morrera de uma hemorragia causada por um único ferimento de perfuração no coração. Com pouco mais de sete centímetros, o ferimento não era muito profundo, e Doyle

acreditava que para o efeito fora usada uma faca curta. Igual àquela que tinham encontrado no abrigo...

Depois de determinar a causa e o modo da morte, ela passara a descrever o que Keaton fizera a seguir. Começara pela cabeça de Elizabeth, que fora cortada ao meio com recurso a um serrote de talhante e depois martelada com um cutelo — outro dos utensílios de cozinha selados que tinham encontrado — até estar suficientemente achatada para ser embrulhada a vácuo.

O resto do corpo tinha sido desmanchado — não havia outra forma de o descrever — como se de um porco se tratasse. Os joelhos, ombros, cotovelos, ancas e tornozelos tinham sido desarticulados. Os ossos maiores e mais volumosos, como o fémur e a tíbia, tinham depois sido serrados em partes mais pequenas, de modo que Keaton pudesse enfiá-los na máquina a vácuo. Os ossos mais longos e finos, como o perónio e o úmero, tinham sido partidos ao meio.

Poe assistira à explicação de Estelle Doyle sem demonstrar qualquer tipo de emoção. Só quando Doyle apontou para uma zona de carne pútrida no exterior da pélvis desfeita de Elizabeth é que ele se permitiu dar ao luxo de derramar uma lágrima solitária.

Com uma análise mais atenta e aproximada, era possível discernir os contornos da tatuagem — a peça do puzzle que Jefferson Black descrevera e que encaixava na sua própria tatuagem. Supostamente, Keaton não a vira enquanto desmembrava a filha. Era difícil ver uma tatuagem vermelha no meio de tanto sangue.

Poe sorriu para Keaton quando este se sentou na sala de interrogatório. Keaton encarou-o de rosto vazio. Rigg estava sentado ao lado de Poe. O agente aceitara não falar durante esta fase.

Findas as formalidades, David Collingwood, advogado de Keaton, tentou controlar a conversa. Era um homem gordo com uma cara bolachuda.

— Meus senhores, creio que está na altura de dizerem ao Sr. Keaton que provas julgam ter contra ele. Quanto mais depressa o fizerem, mais depressa poderemos desmascarar esta farsa.

Poe colocou uma fotografia virada para baixo em cima da mesa.

— Vou dizer-lhe o que julgamos que aconteceu, Sr. Keaton. Em seguida, vai esclarecer as partes que ainda nos levantam dúvidas.

— Ele ergueu os olhos e sorriu. — E garanto-lhe que vai confessar.

A expressão de Keaton alternou de neutra para maliciosa. Não abriu a boca.

Poe virou a fotografia.

— O falecido Les Morris. Morreu de desidratação há cerca de oito anos. O seu cadáver foi transferido para a divisão que seria a casa de banho do abrigo. Quer dizer-me como o prendeu lá em baixo?

Silêncio.

— Nesse caso, permita-me que prossiga — disse Poe. Keaton olhou para as unhas e poliu-as na camisa. — Como desconfiávamos, o Sr. Morris encontrou o abrigo através dos registos de empresas construtoras que operavam na zona nas décadas de 50 e 60. Havia cópias no abrigo com ele. Presumimos que estivesse a preparar a sua divulgação.

Keaton manteve-se em silêncio.

— É um palpite — continuou Poe —, mas acreditamos que, quando ele estava a limpar a terra e os detritos para tentar localizar a parte superior do abrigo, acabou por se deparar com as trufas negras de verão. — Poe interrompeu o discurso para beber qualquer coisa. — E, durante algum tempo, essa solução agradou aos dois. Ele obtinha dinheiro para financiar o projeto de restauro secreto dele e você tinha acesso a ingredientes caros muito abaixo do preço de mercado. Mas... você é um psicopata, Keaton, pelo que essa relação tinha os dias contados. Terá oportunidade de o confirmar mais tarde, mas deixe-me dizer-lhe o que eu acho que aconteceu. Usou o seu famoso charme para o convencer a mostrar-lhe o bosque. E, já que estava ali, obviamente, ele não resistiu a mostrar-lhe o abrigo. Embora você não estivesse interessado, ainda assim desceu. E percebeu que, se o Morris morresse ali, nunca seria encontrado. Ele não partilhara com ninguém a localização do abrigo, e as únicas pessoas que podiam dar-se ao trabalho de o procurar não acreditavam na sua existência. Terá sido uma decisão tomada em cima do joelho, mas decidiu sair dali e encurralá-lo lá em baixo, sujeitando-o a uma morte aterradora. — O indício de um sorriso assomou ao canto dos lábios de Keaton. — Como me estou a sair?

Nada.

Colocou outra fotografia em cima da mesa. Esta era do acidente de viação que vitimara Lauren Keaton.

Keaton mexeu-se na cadeira.

Poe colocou mais uma fotografia à sua frente. Desta feita, de um portátil. Destruído.

— Este é o seu computador, Sr. Keaton. Destruíu-o. Estava guardado a vácuo num saco de *sous-vide*. Encontrámo-lo na mesma divisão onde estava o Sr. Morris.

— Se está destruído, como é que consegue provar que pertenceu ao meu cliente? — inquiriu Collingwood. — É uma marca comum; pode ser de qualquer pessoa.

— Eu disse destruído, Dr. Collingwood, não pulverizado — respondeu Poe. — É que eu trabalho com uma mulher brilhante, sabe? Às vezes, dá connosco em doidos, mas o que ela não souber sobre computadores... Acho que está a perceber. No espaço de uma hora, ela conseguiu extrair as informações do disco rígido e carregou-as para o seu próprio computador. — Os olhos de Keaton denotaram medo pela primeira vez. Não contava com aquilo. — E, pasme-se, o histórico mostrou-nos que uma das pesquisas foi «como matar alguém num acidente de viação e escapar impune». A página que visitava mais frequentemente descrevia motivos legítimos para desativar os *airbags*. Havia ainda outra página que explicava como impedi-los de reiniciar depois de o motor voltar a pegar. — Keaton resfolegou. — Que vergonha, Keaton! Matou a sua mulher para manter uma estrela Michelin.

— Isso nem chega a ser circunstancial, inspetor Poe — disse Collingwood.

Poe ignorou-o.

— Resumindo e concluindo, o médico-legista alterou o parecer relativamente à morte da sua mulher de morte accidental para homicídio. Ah, e caso queira saber, vai considerar-se culpado pela morte dela. Pelas três, aliás. Lauren Keaton, Elizabeth Keaton e Les Morris.

— Está a ameaçar o meu cliente, inspetor Poe?

— Ouviu-me a ameaçar o seu cliente, Dr. Collingwood? Não, chamemos-lhe... prever o futuro.

O sorriso escarninho de Keaton desapareceu. Estava nervoso.

— Com a morte da sua mulher — prosseguiu Poe —, a Elizabeth começou a estar mais envolvida no negócio. Segundo a minha amiga Tilly, foi quando a Elizabeth usou o seu computador para confirmar uma discrepância na folha de pagamentos que ela encontrou as mesmas provas que nós: o método que usou para assassinar a mãe dela. — Poe olhou fixamente para o homem que tinha à sua frente. Keaton virou a cara. — Confrontou-o com aquilo que tinha descoberto e você assassinou-a por causa disso.

Capítulo 65

O advogado de Keaton pediu que se fizesse um intervalo, e o PACE Act concedia-lhe esse direito. Depois de todos terem comido e de Keaton ter descansado, Poe prosseguiu.

— É claro que tinha um problema em mãos. Não podia enterrar a Elizabeth: o solo estava demasiado duro para ser escavado e, mesmo que assim não fosse, não conseguiria transportar o seu corpo para uma distância suficientemente grande do Bullace & Sloe de modo que ele não fosse encontrado. E tinha conhecimentos suficientes sobre transferência forense para saber que não podia usar o seu carro sem deixar vestígios que pudéssemos detetar. — Poe olhou para Keaton. Estava assustadoramente calmo. — Não sei se já tinha voltado ao abrigo desde que lá trancara o Les Morris, mas sabia que, se conseguisse meter lá dentro o corpo da Elizabeth sem deixar vestígios no carro, nunca a encontraríamos.

Então, pôs o conjunto de fotografias seguinte em cima da mesa. Keaton não olhou para elas. Collingwood olhou e quase vomitou o almoço.

— E agora... a coisa mais horrível que alguma vez investiguei — prosseguiu Poe. — Usou as suas aptidões para desmanchar animais para desmembrar a sua filha. Cortou-a, picou-a e serrou-

a em 43 pedaços. Guardou o corpo a vácuo em sacos de *sous-vide* e lavou os sacos a quente para remover o sangue e quaisquer outros vestígios. Fez o mesmo com os utensílios que usara para a cortar em pedaços, com o computador que continha as provas relativas ao homicídio da sua mulher e com a roupa que tinha no corpo. Depois de limpar tudo muito bem, levou tudo para o abrigo.

— Isso é um absurdo! — exclamou Collingwood.

Poe ignorou-o.

— Mas pensou no futuro e achou por bem preservar parte do seu sangue. Usou um daqueles doseadores de molhos para sugar algum sangue e escondeu-o num congelador na cozinha laboratorial. Presumo que tencionasse incriminar o jovem Jefferson Black quando fosse a altura certa.

— É tudo o que tem, inspetor Poe? — perguntou Collingwood. — Porque não tem grande fundamento. Um advogado estagiário seria capaz de inutilizar estas provas em tribunal.

Poe continuou a ignorá-lo.

— Vamos avançar seis anos. O seu plano não resultou. Foi condenado pela morte da Elizabeth e acabou por cumprir pena no estabelecimento prisional de Pentonville. Ocorre um motim numa das alas da prisão, fica preso na cela de outro recluso e, nas horas que se seguem, aproveita para bisbilhotar. — Rigg passou-lhe uma fotografia; a que Barbara Stephens encontrara na cela de Richard Bloxwich. — Depara com a fotografia de família do Richard e nem acredita no que vê. A filha dele é muito parecida com a sua. Até têm a mesma idade. — Keaton olhou para baixo. — Mas como podia tirar proveito disso? Ela podia ser parecida com

a Elizabeth, mas não podia provar que ela era a Elizabeth. Precisava de uma maneira de apresentar provas de sangue. Mas como? — Poe fez uma pausa, mas apenas para irritar Keaton. Havia de falar, mas não para já. — É nesta altura que entra em cena outro interveniente — disse Poe. — Desde que foi condenado que todos os agentes que lhe foram destacados afirmam que tem pavor de estar junto dos outros reclusos. A ponto de fazer qualquer coisa para passar tempo na ala hospitalar da prisão. Foi lá que conheceu a Flick Jakeman. É médica no London's University College Hospital, e eu acredito que mais para ter algo que fazer do que outra coisa qualquer decidiu galanteá-la. Conseguiu convencê-la da sua inocência. Quando refere o que viu na cela do Richard Bloxwich, e que ainda tem acesso a parte do sangue da sua filha, ela fala-lhe sobre um homem chamado John Schneeberger, que tinha conseguido ludibriar um teste de ADN. O plano era simples, mas brilhante. Porém, para ter a oportunidade de encetar algo semelhante, teria de sair da prisão durante algum tempo para vocês os dois poderem falar à vontade sem serem ouvidos. Por isso, depois de ser devidamente instruído por Flick Jakeman relativamente ao procedimento, esfaqueou-se. O resultado foi um ferimento demasiado grave para ser tratado no hospital da prisão.

Poe fez uma nova pausa e olhou fixamente para Keaton.

Entregou-lhe um depoimento.

— Façam um intervalo de uma hora, meus senhores — disse Poe. — É uma leitura fascinante.

Quando Jakeman vira o corpo moribundo de Chloe Bloxwich a

ser transportado do abrigo, colapsara por terra em desespero.

«Meu Deus, o que é que eu fiz?!», gritara.

Quando percebera que os seus atos quase tinham causado a morte de Bloxwich e ao ver as fotografias dos cadáveres que estavam no abrigo, entendera até que ponto fora explorada por Keaton. Apesar de ter sido manipulada e de, nas suas palavras, estar «um pouco obcecada por ele», não era daquelas pessoas que se recusavam a acreditar nas coisas que têm à frente.

Decidira contar-lhes tudo.

Assumira que não era justificação, mas contara que na altura andava a tomar comprimidos para a depressão. O divórcio afetara-a mais do que ela dissera a Poe quando conversaram no consultório em Ulverston. Antes de partir, o marido acumulara uma dívida substancial em seu nome. Uma dívida que ela não tinha como pagar.

Conhecera Keaton no hospital da prisão. Na altura, estava recetiva a promessas de um final feliz e, apesar de saber que o amor era apenas um desequilíbrio químico que acabava invariavelmente por se corrigir e que o que ele lhe estava a pedir era ilegal, a promessa que Keaton lhe fizera de ser capaz de lhe resolver os seus problemas financeiros revelara-se demasiado sedutora. Ela era médica, o que significava que era pragmática.

Chegaram a acordo e começaram a delinear o plano.

Primeiro, Jakeman tinha de recrutar Chloe Bloxwich. Não fora muito difícil. Chloe era uma aspirante a atriz sem grande sucesso na sua carreira. Quando Jakeman lhe prometera um papel tipo Debbie McGee num programa de culinária que Keaton dissera que tencionava fazer depois de sair da prisão, ela não deixara

escapar a oportunidade.

Em seguida, Jakeman mudara-se para Cúmbria. Não fora difícil. Estava prestes a perder a casa em Londres, gostava de fazer caminhadas pela montanha e visitava a região dos lagos pelo menos uma vez ao ano. Além de que o condado precisava de médicos. Garantir que era inscrita na lista de médicos forenses fora ainda mais fácil — não havia muita concorrência para o cargo.

Nas palavras de Jakeman, ela e Keaton debatiam os avanços do plano quase todas as noites por telefone. Os *serviços prisionais têm muitas contas a prestar*, pensou Poe. Tinham mesmo de melhorar a sua atuação no que dizia respeito ao uso de telemóveis ilegais.

O passo seguinte consistia em recuperar e reparar o sangue que Keaton escondera no Bullace & Sloe. Keaton dissera-lhe que o guardara para garantir a condenação do assassino da sua filha. E que manipularia de bom grado quaisquer provas para esse efeito.

Era um frasco doseador de molhos de 50 mililitros. Explicara-lhe que fizera uma reentrância no gelo de um congelador da cozinha laboratorial para esconder o frasco, tendo inclusive disfarçado as fissuras pulverizando água. Dissera-lhe também onde guardavam a chave sobresselente e ela foi lá buscá-lo certa noite.

Porém, surgira um problema. Não se pode congelar sangue que não seja tratado. Quando descongela, as paredes dos glóbulos vermelhos são danificadas pelos cristais de gelo que se formaram entretanto. Mas Jakeman era médica e sabia como corrigir isso.

Comprara uma máquina centrifugadora em segunda mão, daquelas usadas por laboratórios e hospitais para decompor o sangue em glóbulos vermelhos, glóbulos brancos e plaquetas. Descongelara o sangue com todo o cuidado e retirara todas as células dos glóbulos vermelhos que tinham sido danificadas. Como os glóbulos vermelhos não têm ADN, tudo o que tinha de fazer era substituí-las pelas suas e adicionar anticoagulante para impedir a formação de coágulos. Consequira assim criar sangue com o ADN de Elizabeth.

Mas agora vinha a parte mais interessante, a parte impossível: o truque que convencera toda a gente de que Chloe era Elizabeth. Ela colocara o sangue no corpo de Chloe.

Quando Poe mencionara a falta de escoamento nos abrigos, isso fez soar alarmes na mente de Bradshaw, levando-a a recordar o caso de John Schneeberger. Ele ludibriara o teste de ADN inserindo um dispositivo cirúrgico denominado dreno de Penrose — normalmente utilizado para remover líquidos após uma cirurgia — no seu próprio braço. O dispositivo estava cheio com o sangue de outro homem e com anticoagulante para evitar a formação de coágulos. Por duas vezes, conseguira enganar o técnico de laboratório, de modo que este fizesse a colheita de sangue na zona onde ele tinha o dreno de Penrose.

Jakeman tinha acesso a equipamento mais moderno e conseguira refinar o processo. Em vez de um dreno de Penrose, ela usara uma veia artificial com a ponta tapada com resina cirúrgica e inserira a ponta bloqueada no braço de Chloe. Bastavam poucos centímetros de profundidade, o suficiente para ficar escondida e para Jakeman conseguir encontrá-la com a sua

agulha. A outra ponta, aquela que não estava dentro do corpo, estava fixa à parte exterior do braço e ligada a um saco de sangue preso à axila. Assim que estava tudo a postos, Jakeman acionava a válvula no saco de sangue e a gravidade enchia a veia.

O sangue era recolhido no seu braço sem nunca ter estado dentro do corpo. Nem por um segundo que fosse.

Era uma solução de tecnologia simples do princípio ao fim. Brilhante, na sua simplicidade. Se não fosse pelas proteínas das trufas negras que se fixaram nos glóbulos brancos, o mais certo era terem conseguido escapar incólumes.

Depois de o sangue ter sido colhido e de a mentira ter sido contada, era essencial que Chloe desaparecesse antes que alguém que conhecesse Elizabeth pudesse cruzar-se com ela. Keaton já revelara a localização do abrigo a Jakeman e dissera-lhe que montara uma escada de escalada no interior da escotilha, de modo que quem estivesse no interior pudesse subir até ao exterior. Jakeman não pusera sequer isso em causa. Levara Chloe até lá e ajudara-a a descer, sem se aperceber de que a escada estava montada de forma a não permitir a abertura da escotilha por dentro. Em seguida, tapara a escotilha com algumas folhas e terra. Chloe devia aguardar três dias e depois seguir para casa, para Birmingham. Keaton entraria em contacto com ela após ser libertado da prisão.

Jakeman também admitira ter posto um pouco do sangue de Elizabeth no reboque de Poe. Keaton dissera-lhe que Poe seria exonerado depois de apanhar o verdadeiro assassino, mas que precisavam de explicar o desaparecimento de Chloe. Ela caminhara até Herdwick Croft ainda antes de ele ter regressado a

Cúmbria e escolhera o reboque como o melhor sítio para espalhar o sangue.

Agora, ela já sabia que era tudo mentira. Sabia que Chloe tinha de desaparecer de vez e que alguém tinha de acartar com as culpas. O facto de a filha de Keaton ter sido assassinada pelo polícia que havia caído em desgraça com o seu ressurgimento era mais plausível do que ela aparecer e depois voltar a desaparecer sem qualquer tipo de explicação.

Keaton também fizera com que ela se certificasse de que o telemóvel de Chloe estava nas imediações de Herdwick Croft na noite em que Poe chegasse a Cúmbria. Um amigo de Jakeman na polícia avisara-a quando Gamble solicitara a presença de Poe.

Também ligara a Keaton depois de Poe lhe ter perguntado se Elizabeth tinha uma tatuagem na anca. Quando Keaton confirmara que Elizabeth não tinha tatuagens, Jakeman transmitira a informação a Poe.

Jakeman percebia agora que a atitude de tolerância zero de Keaton em relação aos riscos significava que também ela própria havia de desaparecer mais cedo ou mais tarde. Não tinha qualquer ilusão de que escapara por sorte.

— Assim que percebemos como a análise ao sangue tinha sido falseada, e que a Dra. Jakeman tinha de ter estado envolvida, decidi falar com o seu cliente — disse Poe. — Convenci-o de que a minha equipa encontraria o abrigo assim que tivesse acesso aos arquivos.

Estavam de volta à sala de interrogatório. Keaton continuava com um semblante imperturbável. Poe estava convencido de que

sabia a razão, mas não se importou de esperar que Collingwood lho comunicasse oficialmente.

— Sabíamos que ele não se deslocaria até ao abrigo pelo próprio pé, visto que podíamos estar a vigiá-lo — prosseguiu Poe. — Em vez disso, ele convenceu a Jakeman de que as provas da estadia de três dias de Chloe Bloxwich tinham de ser destruídas. Caso contrário, tudo aquilo teria sido em vão. Pelo menos, era para isso que ela acreditava que servia o combustível: para destruir os vestígios. Mas é claro que o que ele lhe estava a pedir para fazer era para destruir tudo: os cadáveres da Elizabeth e do Sr. Morris e o presumível cadáver da Chloe; o portátil e os utensílios usados por si. Tudo. — Keaton encarou-o com uma expressão vazia. — Por isso, não o vigiámos a si, mas a ela. E ela levou-nos direitinhos até ao abrigo. — Poe aguardou por uma reação. Nada. — E aqui estamos nós. Dois cadáveres e duas testemunhas vivas. Estamos ansiosos por ouvir a sua versão dos factos.

Collingwood pigarreou.

— É uma história muito bonita, inspetor Poe — disse. — No entanto, não passa de um monte de disparates, evidentemente.

Capítulo 66

Uma particularidade do sistema jurídico britânico conferia aos acusados uma vantagem peculiar. Como todas as provas que existiam contra eles tinham de ser do seu conhecimento, estas podiam ser rebatidas pela defesa após o crime. Era por isso que os advogados aconselhavam sempre aos seus clientes que respondessem «Sem comentários» antes de estar tudo em cima da mesa. Podiam, então, avançar com uma explicação dos factos e com a apresentação de teses alternativas sempre que possível.

— É verdade que o meu cliente conheceu a Dra. Jakeman na ala hospitalar e que ela o visitou no London's University College Hospital depois de ele ter sido agredido — disse Collingwood. — Também é verdade que eles encetaram uma breve amizade enquanto ele esteve internado. Ela visitava-o diariamente e certificava-se de que o recobro estava a decorrer da melhor maneira.

Poe manteve-se em silêncio. Já contava com aquilo. Keaton planeara a sua fuga durante anos e, tal como um mestre de xadrez, estava sempre a pensar dez jogadas à frente. Além disso, nunca tivera pudor em sacrificar os peões...

— Ainda bem que a Dra. Jakeman admitiu que está obcecada pelo meu cliente — prosseguiu Collingwood —, mas essa obsessão

é maior do que imagina. Muito antes de se conhecerem na prisão, muito antes de ele ser esfaqueado, até mesmo muito antes de ser injustamente condenado pela morte da filha. Ela disse-lhe que visitava o Lake District amiúde, verdade? — Poe assentiu. Não considerava aquilo relevante. — O que ela não lhe deve ter dito é que comeu no restaurante do meu cliente. Várias vezes, na verdade. O meu cliente não se recorda disso, obviamente, mas um dos *chefs* do restaurante, Stuart Scott, já confirmou esse facto.

Stuart Scott? Certamente, seria o «Scotty» que Jefferson Black acreditava ser o responsável por contar a Keaton que ele mantinha uma relação com a sua filha. O homem que ele espancara a ponto de lhe danificar o baço. Black confidenciara que Scotty era um carreirista. Por isso, Poe duvidava que ele pudesse ter problemas em mentir por Keaton.

— Por favor, continue — disse Poe.

— Acreditamos que a probabilidade de a Dra. Jakeman ter matado a Elizabeth é grande.

Collingwood recostou-se na sua cadeira.

— A Dra. Jakeman matou a Elizabeth? — repetiu Poe.

— O mais certo é nunca virmos a saber porquê. É possível que, no seu estado obsessivo, ela acreditasse que o Sr. Keaton podia ser só dela se a filha não estivesse por perto. Acreditamos também que ela manteve uma parte do sangue da Elizabeth e que desencadeou a sucessão de acontecimentos que têm estado a investigar ao longo desta semana. E acreditamos ainda que foi ela quem mandou esfaquear o Sr. Keaton. Como bem sabe, ela passava muito tempo na ala hospitalar; não teria sido difícil para

uma pessoa tão manipuladora convencer um recluso a esfaquear outro. E, obviamente, foi apanhada em flagrante delito a tentar matar a única testemunha que podia ter provado a sua culpa.

— Nesse caso, porquê esperar seis anos? — perguntou Rigg. Parecia preocupado, mas não sabia o que Poe sabia.

— Não me compete fazer o seu trabalho, agente Rigg.

— Como é que ela encontrou a Chloe Bloxwich? — Collingwood encolheu os ombros, mas não respondeu. — As impressões digitais do seu cliente estão em todos os sacos que contêm partes do corpo da Elizabeth.

— A cozinha é do meu cliente, agente Rigg. Imagino que as suas impressões estejam em praticamente todos os centímetros.

— E o computador portátil onde consta a pesquisa sobre a morte da mulher dele?

— Nunca saberemos porque é que a Elizabeth andou a ver essas coisas. Talvez tenha sido ela a desativar o *airbag*. O mais certo é nunca virmos a saber.

— Pois, mas creio que vamos saber — disse Poe. Levantou-se. — A conversa fica por aqui.

Rigg saiu atrás dele e acompanhou-o até à sala de observação, onde Gamble, Flynn e um procurador do Ministério Público estavam à sua espera. Bradshaw estava agarrada ao portátil.

Gamble parecia preocupado.

— O que se passa, senhor superintendente? — perguntou Rigg.
— Não acredita naquelas tretas, pois não?

— É claro que não. Mas este senhor aqui... — disse Gamble, apontando para o procurador.

— Eu não disse que acreditava — esclareceu o procurador —,

mas agora que sei qual é a tese da defesa confesso que me parece que eles têm boas hipóteses. A Dra. Jakeman já admitiu estar envolvida na conspiração. Admitiu que estava obcecada pelo Keaton, que entrou em contacto com a Chloe Bloxwich e que a ajudou a obstruir o curso da justiça.

— Mas o Keaton... — começou Rigg.

— Além do tempo que passou no hospital, não há provas de que os dois tenham estado juntos. Os registos prisionais vão dar conta disso mesmo.

— Ter acesso a um telemóvel na prisão é mais fácil do que arranjar quem faça um broche! — exclamou Rigg.

O procurador anuiu.

— E sem dúvida que foi assim que tudo se passou. Só que não temos provas. Os advogados do Keaton vão dizer que ela agiu sozinha e nós não temos como contradizer essa teoria.

— A Chloe Bloxwich vai confirmar a história da Dra. Jakeman.

— Já confirmou. Mas também admitiu que nunca falou pessoalmente com o Keaton. Todas as instruções vieram da Jakeman.

Ficaram todos em silêncio. Rigg encarou o procurador. Gamble fez o mesmo.

— Convenhamos que o Keaton manipulou a Dra. Jakeman na perfeição. É quase certo que esteja por detrás de tudo, mas vai ser ela a arcar com as culpas.

Poe tinha de dar a mão à palmatória — Keaton era um homem inteligente. Só o seu total desinteresse pela vida de terceiros é que seria a sua ruína. O resto do plano era perfeito.

— Vejo-o muito calmo, Poe — comentou Gamble.

— Calma é o meu nome do meio, senhor superintendente.

— Pensei que não tinhas nome do meio, Poe — disse Bradshaw.

Ele piscou-lhe o olho e o silêncio voltou a dominar a sala. O seu telemóvel deu sinal e ele leu a mensagem que acabara de receber.

— Ótimo, ela já chegou.

— O que anda a tramar, Poe? — perguntou Gamble.

Poe ignorou-o e virou-se para o procurador.

— Do que precisa?

— A menos que ele assine uma confissão, não sei o que mais possa ajudar-nos nesta fase. — respondeu.

Poe sorriu.

— Então, sai uma confissão.

Capítulo 67

Poe regressou à sala de interrogatório. Desta feita, em vez de ir acompanhado de Rigg, levava uma mulher. Sentaram-se os dois.

— Quem é esta, Poe? — perguntou Keaton, num tom de voz desdenhoso.

Collingwood parecia estar satisfeito com a forma como a manhã estava a correr.

— A menos que tenha provas novas, inspetor Poe, julgo que só voltaremos a falar no julgamento do meu cliente. Vamos explicar a nossa tese diante dos jurados. Vocês podem explicar a vossa.

— Se chegarmos a estar diante dos jurados — disse Keaton.

Poe esboçou um sorriso educado.

— Tem razão, Sr. Keaton, este caso não vai chegar a ser julgado.

— O sorriso de Keaton tornou-se mais rasgado. — Se me permitem, gostaria de falar de uma pessoa que ainda mal referimos — disse Poe. — Essa pessoa é o pai da Chloe, Richard.

— Esse? Mas o que pode ter ele a acrescentar a tudo isto? Mal o conheço!

— Isso, Sr. Keaton, é mais do que evidente. — Keaton manteve-se impassível. — Autorizámos que a Chloe falasse com ele. Sabia disso?

Keaton encolheu os ombros.

— E porque é que isso haveria de me importar?

— Gostava de saber o que pensa dele. Aqui entre nós, todos sabemos que tentou matar a filha dele. Ele vai sair em liberdade dentro de poucos anos. Não receia que ele queira vingar-se?

Keaton riu-se.

— Mesmo que tudo isso fosse verdade, e não estou a admitir nada, o que poderia o Richard Bloxwich fazer contra mim? É um fraco. Um contabilista manga de alpaca. O que vai ele fazer? Atirar-me uma calculadora à cabeça?

Poe anuiu.

— Acho que tem razão. Ele não seria capaz de fazer isso.

— Exatamente.

— Só me pergunto porque é que, numa prisão sobrelotada, ele teve direito a uma cela individual.

A arrogância de Keaton resvalou. Collingwood ficou pensativo.

— Fazemos assim, porque não voltamos a esse assunto mais tarde? Parece-me que está na altura de apresentar a inspetora-chefe Barbara Stephens.

Stephens era uma mulher elegante e segura de si. Usava um corte de cabelo curto e espetado e calçava um par de luvas caras. Fez um ligeiro aceno a Keaton e a Collingwood.

— Olá.

Poe virou-se para Collingwood.

— A inspetora-chefe tem uma fotografia que gostaria de lhe mostrar, Dr. Collingwood. Depois de a ver, terão de tomar uma decisão.

Keaton franziu o sobrolho.

— O que se passa aqui, Poe? Que truque é que tem na manga?

— Não tenho truques, Sr. Keaton. É apenas... Nunca deve partir do princípio de que sabe tudo o que eu sei. — Olhou para a câmara posicionada num dos cantos do teto e fez sinal com o polegar. A luz verde mudou para vermelha. — Já não estamos a ser gravados, Dr. Collingwood. Já, já, perceberá porquê. — Virou-se para Stephens. — Agora é consigo.

Stephens tirou uma fotografia impressa em papel *couché* de uma pasta. Tinha sido tirada a longa distância, mas as caras dos dois homens que constavam da fotografia eram nítidas. Um dos homens era Richard Bloxwich. O outro homem, Poe só conhecia de reputação.

— Esse à direita é o Richard Bloxwich. Sabe quem é o homem da esquerda?

Collingwood olhou para a fotografia e ficou lívido. A sua respiração tornou-se rápida e esforçada. A sua testa pálida ficou pegajosa. Ele limpou-a com um lenço de seda e acenou com a cabeça.

— Sei.

— O seu escritório já lidou com a organização a que ele pertence, verdade? — perguntou Stephens. — E agora parece que está a intentar uma ação contra eles.

O advogado gordo não conseguia tirar os olhos da fotografia.

— Tenciona continuar a representar o Sr. Keaton? — perguntou Poe.

Collingwood abanou a cabeça como uma criança que se recusa a comer espinafres. Estava apavorado. Virou-se para Keaton.

— Conte-lhes tudo, Sr. Keaton. Não esconda absolutamente nada. E faça isso agora.

O sorriso de Keaton desapareceu tão depressa que parecia que alguém lhe cortara os músculos faciais.

— O que se passa, Poe? — exigiu saber. O seu sotaque francês afetado desaparecera; agora falava como um verdadeiro nativo de Carlisle. — Quem é este homem?

— A NCA é uma igreja com muitas denominações, Sr. Keaton. A minha função é apanhar pessoas como você. A função da inspetora-chefe Stephens é trabalhar em conjunto com a brigada transnacional de combate ao crime organizado.

— Brigada...

— Já ouviu falar de uma organização chamada Entity B? — atalhou Stephens. A expressão de Keaton era vazia. — Nem há motivos para ter ouvido. Mas o seu advogado já ouviu falar. Quer explicar, Dr. Collingwood? — O advogado voltou a abanar a cabeça. — Não? Pois bem, permita-me que o faça — disse ela. — A Entity B é o maior e, por definição, o mais perigoso grupo dedicado ao crime organizado a operar atualmente na Europa. Tráfico humano, cibercrime, tráfico de droga, claro, armas, incluindo o tráfico de artigos proibidos para países que constam de listas negras. A Entity B está envolvida em tudo.

Keaton pareceu ter esboçado um trejeito no queixo.

— A maioria das pessoas não acredita na sua existência — prosseguiu Stephens —, mas infelizmente estão enganadas. A Entity B existe e está em alta. — Ela usou a caneta para fazer um círculo na fotografia. — E este homem aqui, o que parece estar a falar com o Richard, é um dos homens de topo da organização no Reino Unido.

Poe tomou as rédeas.

— Sabe, Keaton, as pessoas julgam que o poder que estas organizações exercem provém das coisas horríveis que eles fazem, mas o verdadeiro poder deriva da capacidade de reter o dinheiro que ganham com as coisas horríveis que fazem.

— No ano passado, a Entity B terá faturado mais de dois mil milhões de euros — acrescentou Stephens. — É muito capital para branquear.

Fez-se luz na mente de Keaton. Poe anuiu.

— Está a ver aonde queremos chegar, Keaton? Estas organizações só existem por causa do génio anónimo dos branqueadores de capitais. O Richard Bloxwich, o «contabilista manga de alpaca», como lhe chamou, está a cumprir uma pena de sete anos por um crime desses. Uma coisa de pequena monta, mas ele tem informações que podiam ter sido úteis à unidade da inspetora-chefe Stephens. — Poe fez uma pausa antes de continuar. — Ele chegou a falar consigo, inspetora-chefe?

— Não, inspetor. Nem mesmo quando lhe oferecemos um acordo que o livrava da prisão. O Richard é um bom menino, muito leal à organização.

Keaton começou a tamborilar com os dedos. Parou para esfregar a nuca. Não abriu a boca.

— A Chloe falou com o pai, por isso ele está a par do que se passa. Podemos partir do princípio de que ele já cobrou o favor que a Entity B lhe deve — disse Poe. — Cá para mim, tem duas opções. Pode continuar com esta farsa e ver como correm as coisas lá fora, ou assina já uma confissão.

Os olhos de Keaton estavam perdidos algures. Poe não sabia se ele ainda conseguia ouvi-lo.

Collingwood aclarou a garganta.

— Se o meu cliente vos der aquilo que querem, podem garantir a sua segurança?

Poe abanou a cabeça. Stephens fez o mesmo.

— A confissão apenas permitirá que tenha o mesmo estatuto que proporcionamos às testemunhas que protegemos. Ele terá um nome novo e vai cumprir a sentença num CSC — explicou Stephens, esclarecendo logo em seguida: — O CSC é um centro de reclusão supervisionada. Basicamente, é uma prisão dentro da prisão. É o nível de segurança mais elevado de que dispomos. E mesmo isso pode não ser suficiente.

— Estão a mentir — sussurrou Keaton, esboçando o sorriso forçado de um refém.

Poe fincou os nós dos dedos em cima da mesa, inclinou-se para a frente e fixou os seus olhos azul-celeste.

— Ah, sim? Quer apostar a sua vida?

Capítulo 68

Tinha acabado de anoitecer quando Poe regressou a Shap Wells. Foi buscar o correio, despediu-se de Flynn e Bradshaw, e deixou-se cair em cima da moto-quatro, sentindo-se curiosamente vazio.

Não sabia quanto tempo demoraria o interrogatório, por isso Victoria aceitara cuidar de *Edgar*. Iria buscá-lo de manhã. Flynn e Bradshaw ficariam por ali, e já tinham combinado todos ir jantar caril a Kendal na noite seguinte. Poe tencionava convidar Victoria, como forma de agradecimento.

O procurador do Ministério Público demorara seis horas a escrutinar a confissão de Keaton e a garantir que era incontestável.

Richard Bloxwich nunca falara com o tipo que aparecia na fotografia. Era arraia demasiado miúda. As chefias da Entity B não se encontravam com branqueadores de capitais. No entanto, não era isso que parecia na fotografia, graças ao software de manipulação de imagem de Bradshaw. E nem Poe nem a inspetora-chefe Stephens referiram explicitamente o que estava na fotografia. Limitaram-se a sugerir a possibilidade e a deixar que Keaton preenchesse as lacunas.

Resultara. Keaton confessara tudo. Que matara Les Morris.

Poe tinha razão nas suas suspeitas: ele transferira a escada do

anel de fixação para a parte interior da escotilha. Morris não conseguira sair de lá. Keaton voltara lá três meses depois para transferir o cadáver para a casa de banho.

Contara-lhes que matara a mulher para manter a estrela Michelin e que depois matara Elizabeth quando esta descobrira as provas no seu portátil. E que usara a máquina de *sous-vide* para selar o cadáver desmembrado antes de o depositar, juntamente com tudo o resto, na divisão do abrigo onde já estava Morris.

O sangue que guardara serviria para incriminar Jefferson Black.

O resto estava em consonância com o que já tinham ouvido de Chloe Bloxwich e Flick Jakeman. Recrutara Jakeman enquanto estava no hospital e depois esfaqueara-se para poderem ter algum tempo para planear as coisas — os guardas prisionais tinham de deixar os médicos e os doentes a sós, quando estes se deslocavam a hospitais no exterior da prisão, de modo a salvaguardar o sigilo profissional. Keaton admitira que Jakeman não sabia que estava a aprisionar Chloe no abrigo, e que pensava que a gasolina serviria para queimar os vestígios da sua passagem pelo local. Não fazia ideia de que estaria a destruir cadáveres.

Flick Jakeman e Chloe Bloxwich cumpriram uma pena de prisão. Mais duas vidas arruinadas para juntar ao rol de três pessoas que tinham sido assassinadas por Keaton.

Keaton seria acusado do homicídio de Les Morris, assim como do da mulher e da tentativa de homicídio de Chloe Bloxwich. Já apresentara uma admissão de culpa antecipada pelo homicídio de Elizabeth. O Ministério Público tencionava pedir pena de prisão

perpétua, o que era raro. Sem possibilidade de sair em liberdade condicional.

Poe perguntara a Keaton se tentara incriminá-lo porque o seu pai se recusara a vender-lhe a propriedade em Kendal. Keaton não sabia do que é que ele estava a falar. Fora uma coincidência, algo que ele estava disposto a aceitar de bom grado. Keaton escolhera Poe pelo simples facto de que tinha de escolher alguém, e o inspetor era o único que não se deixara enganar anos antes.

Antes de sair de Carlisle, Poe apertara a mão a Rigg e a Gamble. Os dois homens não haviam desiludido. E não só a ele. Tinham garantido justiça para Elizabeth, Morris e Lauren. A justiça não era célere, mas naquele caso havia sido cumprida.

Enquanto seguia pela M6, ligou a Jefferson Black a dar-lhe a notícia. Talvez o facto de saber o que acontecera a Elizabeth desse finalmente alguma paz de espírito ao ex-paraquedista. Poe tinha as suas dúvidas, mas era o mínimo que podia fazer. Involuntariamente, Jefferson Black fora o responsável por desbloquear a investigação.

Poe transpôs a cumeeira e avistou a sua casa. Fez uma travagem brusca. As luzes estavam acesas. Não todas, mas algumas. Estava alguém lá dentro. Já falara com Victoria, e acabara de deixar Flynn e Bradshaw.

Não conhecia mais ninguém.

Usou os binóculos, mas não conseguiu detetar movimento no interior. Acelerou um pouco a moto-quatro e aproximou-se de casa com cautela. Estacionou no lugar habitual e desmontou. Continuou a não haver movimento.

Reparou num documento que estava dentro de um plástico e colado à porta. Arrancou-o e leu-o. Era da autarquia. Desconfiava que haveria um documento igual no correio que acabara de recolher. Rasgou o plástico com os dentes.

Era uma ordem oficial para restaurar a propriedade nas condições iniciais.

Filhos da mãe. Victoria tinha razão: era uma ordem de despejo.

Verificou a correspondência e deu com uma carta que se destacava das demais. Um envelope pardo normal com o seu nome impresso na parte da frente. Tinha sido entregue por estafeta no hotel. Abriu-o.

Era um pedido em branco de revisão das autorizações de planeamento de edifícios no Parque Nacional do Lake District. Virou a folha e leu a mensagem: «Vá-se foder, Poe», com um «W» impresso por baixo. Wardle, aquele sacana vingativo — qual ratazana que fareja uma poia não vigiada, descobrira o novo ponto fraco de Poe.

Mas... isso não explicava o facto de haver gente dentro da sua casa.

Poe abriu a porta e permitiu que os seus olhos se habituassem à penumbra. Um homem dormia no seu sofá. Não podia ser... pois não?

Olhou mais de perto.

Mas era.

Poe estava chocado por ele parecer tão mais velho.

Acendeu as luzes todas e o homem acordou sobressaltado. Semicerrou os olhos com a luminosidade súbita.

— Assustaste-me — disse.

Poe passou por ele e abriu o frigorífico para tirar uma cerveja. Estava cheio com fruta e água engarrafada, o que o fez esboçar um sorriso trocista. Bradshaw ainda insistia em cuidar dele. Pegou em duas cervejas, abriu as respectivas tampas e entregou uma ao homem.

— Acho que temos de falar, Washington — disse o velho, depois de beber um gole.

— Amanhã, pai — respondeu Poe. — Podemos falar amanhã.

Agradecimentos

Um primata semialfabetizado como eu necessita invariavelmente de uma grande equipa atrás de si para transformar um fluxo de pensamento incoerente e aleatório num romance legível. E, invariavelmente, esta equipa gosta que lhe seja reconhecido o mérito. Seguem-se os agradecimentos por ordem de altura.

À minha editora, Krystyna Green, pelo seu apoio constante, entusiasmo desenfreado e energia inesgotável. Obrigado por correres o risco e obrigado por veres a floresta quando eu só consigo ver as árvores.

O Martin Fletcher tem direito a um agradecimento especial pelos seus conhecimentos e bons conselhos. Temos uma visão comum relativamente àquilo que o Poe e a Tilly conseguem alcançar. Martin, acho que estamos a chegar lá.

Ao Howard Watson, que põe as minhas palavras na ordem certa e confirma os factos de forma diligente. Foi o Howard quem detetou que, segundo a cronologia estabelecida em *Teatro de Fantoques*, o Poe teria entrado para a polícia com 11 anos...

À Joan Deitch, a minha revisora, por caçar e matar as minhas persistentes gralhas.

O Sean Garrehy tem direito a uma menção especial por mais

uma capa fantástica. Nunca pensei que pudesses superar a capa de *Teatro de Fantoques*, mas excedeste as minhas expectativas com esta capa.

À Rebecca Sheppard, certamente uma das melhores editoras do universo, pela sua capacidade de gerir os nomes que referi acima. Todas as equipas precisam de alguém que consiga manter a calma quando todos os outros andam a correr de um lado para o outro.

E, por fim, à Beth Wright e à Brionee Fenlon da Constable. Sem publicidade e marketing, nunca ninguém teria lido os meus escritos. Por isso... para todos os efeitos, a culpa é vossa.

Como já é costume, guardei a pessoa mais importante para o meio da lista de agradecimentos. David Headley, meu agente e amigo, és uma força da natureza. Era capaz de roer o meu braço só para ter metade da tua energia e motivação; não sei mesmo como consegues. Obrigado por me manteres no bom caminho, obrigado pela tua amizade e obrigado por fazeres chegar o Poe e a Tilly ao maior número de leitores possível.

E, aproveitando que estou na DHH Literary Agency, a muitas vezes «saco de pancada» Emily Glenister merece uma menção especial. É ela que aguenta o peso das minhas inseguranças e neuroses, sempre com um sorriso nos lábios. Obrigado, Em!

Há duas pessoas em quem confio para lerem os meus livros antes de ter a coragem de os enviar para o David: os meus dois leitores beta, a Angie Morrison e o Stephen Williamson — obrigado por despenderem o vosso tempo para me darem a vossa opinião sincera e construtiva. São uma parte fulcral do meu processo, e os livros não seriam o que são sem o vosso

inestimável contributo.

A minha mulher, Joanne, merece uma página de dedicatórias só para ela. Mas já confirmei e isso não é possível. Por isso, digo apenas o seguinte: nada disto seria possível sem ti, Jo. O teu incentivo durante os primeiros dias, o teu olhar profissional durante os últimos, agradeço-te por tudo. A minha gratidão é tal que estou a pensar em dizer-te onde escondo as batatas fritas.

Há algumas pessoas que me ajudaram com a pesquisa para *Verão Negro* a quem devia agradecer (caso contrário, elas reclamam).

Ao Stuart Wilson, meu amigo há mais de 40 anos e camarada apreciador de cerveja, por me explicares com toda a paciência como é que um agricultor pode eliminar os intermediários e fazer chegar os seus borregos e ovelhas diretamente ao consumidor.

Ao Harold Archer, do 22 Group ROCA, pelas suas informações inestimáveis sobre os abrigos de observação nuclear do ROC, a forma como eram construídos, como era estar de vigia, etc. Conferiu ao livro um nível de autenticidade que eu nunca teria alcançado se me tivesse limitado a fazer pesquisa na Internet.

À Katie Douglass, a minha sobrinha brilhante, por me ajudar a encontrar uma solução para um problema aparentemente insolúvel. Teve um toque de Tilly na sua sagacidade. Por favor, Katie, nunca queiras ser um génio do mal — serias exímia nisso.

O Brian Price merece uma salva de palmas pelos seus valiosos conselhos científicos.

Aos meus consultores na polícia, Jude e Greg Kelly. Como sempre, as minhas perguntas aleatórias são sempre motivo de risota, mas, como sempre, nunca ficaram sem uma resposta sagaz

e ponderada.

E, por fim, a parte por que todos aguardavam: agradecimentos variados.

Ao Crawford Bunney, por me permitires descrever os teus braços como «simianos pálidos, peludos e desproporcionalmente longos». A tua amizade tem sido um dos pontos altos da minha vida nestes últimos 20 anos.

A todos os *bloggers*, críticos e leitores — um livro só é um livro quando as palavras escritas na página se tornam imagens na mente. Continuem a fazer o que fazem. Garanto-vos que não há escritor no mundo que não esteja grato por isso.

A Fiona Sharp, da Waterstones Durham, merece um agradecimento especial. O seu entusiasmo por *Teatro de Fantoques* foi avassalador. Aonde quer que fosse no ano passado, escritores e agentes, todos referiam a tua permanente promoção do livro.

A Barbara Stephens merece uma referência especial pelo seu donativo extremamente generoso para a Cumbrian Charity Safety Net (Reino Unido). Foi uma honra batizar uma personagem com o seu nome, Barbara.

Mary Jackson, a minha sogra, merece uma referência por comprar um exemplar de *Teatro de Fantoques* sempre que apanha um nas livrarias. Neste momento, tem mais exemplares do que aqueles que existem nos armazéns da Little, Brown.

O pessoal da Moffat Crime Writers e da Crime & Publishment merecem aplausos pelo seu apoio, amizade e camaradagem.

Os Iron Maiden merecem um agradecimento por terem uma *playlist* para todos os estados de espírito de escrita. Cresci *punk*,

mas vou morrer fã dos Maiden. Força, Irons!

E, por fim, ao *Bracken*, a minha versão do *Edgar*. Sem os teus latidos a anunciar que alguém abriu uma porta a três quilómetros de distância, sem dúvida que este livro teria sido terminado em metade do tempo.

Obrigado a todos. Temos de repetir um dia destes.

Mike

P. S.: Não faço ideia de quanto é que vocês medem. Só sei que o Crawford é incrivelmente magro.

Edição original

Título: *Black Summer*

Texto: © 2019 M. W. Craven

Capa: Sean Garrehy – LBBG

Fotografia da capa: © Andrzej Kwolek/Arcangel

Publicado pela Constable,
uma chancela do Little, Brown Book Group, Londres.
Todos os direitos reservados.

Edição em português

Título: *Verão Negro*

Tradução: Pedro Póvoa

Revisão: Teresa Antunes

Paginação eletrónica: Wonder Studio

ISBN edição impressa: 978-989-564-587-9

ISBN edição ePub: 978-989-564-626-5

1.^a edição: maio de 2021

Versão 1.0: maio de 2021

© 2021 **Topseller**, uma chancela da **20|20 Editora**.

Todos os direitos reservados. Proibida a reprodução total ou parcial desta obra sem
prévia autorização da editora.



Rua Alfredo da Silva, 14 • 2610-016 Amadora • Portugal

Tel. +351 218936000 • GPS 38.742, -9.2304

contacto@topseller.pt • www.topseller.pt • [f topseller.pt](https://www.facebook.com/topseller.pt)

Garantia incondicional de satisfação e qualidade: se não ficar satisfeito com a
qualidade deste livro, poderá contactar diretamente a Topseller, juntando a fatura, e
será reembolsado sem mais perguntas. Esta garantia é adicional aos seus direitos de
consumidor e em nada os limita.

Verão Negro é uma obra de ficção. Nomes, personagens e episódios resultam da

imaginação do autor ou são usados de forma fictícia. Qualquer semelhança com pessoas, acontecimentos ou locais reais é pura coincidência.